

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE DIREITO

BETINA WARMLING BARROS

“TRAFICANTE NÃO É VAGABUNDO”: TRABALHO LÍCITO,
PROFISSIONALIZAÇÃO E TRÁFICO DE DROGAS NA PERSPECTIVA DE
ADOLESCENTES INTERNADOS.

Porto Alegre

2017

BETINA WARMLING BARROS

“TRAFICANTE NÃO É VAGABUNDO”: TRABALHO LÍCITO,
PROFISSIONALIZAÇÃO E TRÁFICO DE DROGAS NA PERSPECTIVA DE
ADOLESCENTES INTERNADOS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Ana Paula Motta Costa

Porto Alegre

2017

BETINA WARMLING BARROS

“TRAFICANTE NÃO É VAGABUNDO”: TRABALHO LÍCITO,
PROFISSIONALIZAÇÃO E TRÁFICO DE DROGAS NA PERSPECTIVA DE
ADOLESCENTES INTERNADOS.

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção de grau de
Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela
Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Vanessa Chiari Gonçalves

Dr. Pablo Rodrigo Alflen da Silva

Dra. Ana Paula Motta Costa

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

“Diante da lei está parado um porteiro. Um homem do campo chega até esse porteiro e pede para entrar na lei”. Assim se inicia um conto reproduzido na célebre obra de Franz Kafka o qual narra a história do homem que, na tentativa insistente de *entrar na lei*, é constantemente barrado por um certo porteiro cujos recorrentes questionamentos sempre são concluídos com a negativa do ingresso. “Ele era nada mais do que um porteiro, e nessa condição não fez mais do que cumprir sua obrigação”¹; é como o sacerdote responde a K após ser interrogado por qual razão o guardião teria iludido o pretendente a ingresso na lei. A ficção parece se traduzir como metáfora da vida de uma estudante de Direito que encontrou nas previsões de um futuro como guardião da lei a certeza insuportável de se limitar a conhecer apenas as noções infantis do *interior*, “somente o caminho que tem de percorrer continuamente diante da entrada”.

O trajeto que culmina neste Trabalho de Conclusão de Curso se iniciou quando me deparei com a materialização das fábulas narradas em “O processo” nos procedimentos de apuração de ato infracional na cidade de Porto Alegre, a partir da atuação no projeto de extensão “G10 - Assessoria à Juventude Criminalizada”, logo no primeiro ano da graduação. Por tal razão, o primeiro agradecimento se destina aos adolescentes que passaram pelo G10 e com os quais pude aprender tanto sobre resistência. Conviver com eles, mesmo que em momentos tão difíceis diante de um sistema que massacra, foi certamente o maior aprendizado desses seis anos de graduação, o qual me transformou em uma outra pessoa e me fez redirecionar todos os caminhos da minha vida profissional e pessoal. L, F, S, M, I, Y, C, T, D e B, personagens reais dessa história que eu tento contar, vocês me deram muito mais do que eu pedi e foram muito mais acolhedores, pacientes e generosos do que eu podia imaginar. As palavras de vocês nem sempre foram fáceis de ouvir, de transcrever e de “interpretar”, mas, se esse trabalho tem algum valor, são elas as únicas responsáveis por isso. Espero ter conseguido, em algum nível, transmitir um pouco do relato coletivo de vocês e com isso, quem sabe, contribuir para que ela chegue em outros ouvidos e mostre o outro lado de uma história que normalmente só tem uma versão.

Agradecer aos adolescentes significa também agradecer a quem permitiu entrar em contato com o mundo da justiça juvenil. Aos integrantes do G10 e do PIPA, todas e todos que passaram por esse coletivo que voa e que fizeram dele um pouco mais potente e atuante, meu

¹ KAFKA, Franz. *O processo*. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 248.

muito obrigada. Me formar só foi possível porque eu vi em vocês a possibilidade de termos uma Universidade efetivamente empenhada em promover Direitos Humanos. Àqueles que um dia vão instituir a ONG PIPA (vocês sabem quem são), fica meu agradecimento por tudo que foi compartilhado, por acreditarem comigo que caminhos profissionais não tradicionais são possíveis, por dedicarem a paciência de vocês nos momentos de desespero e por estarem sempre presentes nesse 2017 tão turbulento. Vocês também escreveram esse trabalho.

À Mariana, ao Eduardo e ao Georjão por terem sacudido uma adolescente de 18 anos e feito dela alguém que, como diz o Duda, “pelo menos muito mal não ta fazendo”. Ter professores de vida como vocês sanou quase todas as lacunas que essa Faculdade deixou e me fez querer, no final das contas, tomar decisões com o seguinte critério: o que eles iriam pensar disso? É assim que a gente faz com os mestres e vocês são os meus.

Preciso ainda agradecer à Prof. Ana Paula por ter aceito viver comigo todas as dificuldades que se impuseram à realização deste trabalho e ter feito mais do que o possível pra me ajudar a encontrar o campo de pesquisa e a vencer todas as burocracias colocadas. Além disso, as tuas orientações e correções foram essenciais para a construção dessa pesquisa, a qual é também fruto de tudo que a gente trocou em tantos espaços desde que eu entrei nessa Faculdade.

E agora, o mais difícil. Não sei nem se agradecer é a palavra correta, mas na falta de outra, agradeço ao Lucas, a minha mãe e ao meu pai. Pra ti amor, dentre tantas coisas que são sempre ditas entre nós, uma é preciso ressaltar: muito obrigada por andar comigo. Tu escutou todas as minhas inseguranças sobre esse trabalho, sentiu muito de perto meu medo de não dar certo, não dar tempo, não ficar bom. Ouviu meu choro, me deu colo e sempre, em todos os momentos e apesar de tudo, acreditou. Acreditou mais em mim do que eu mesma e quis tanto quanto eu que esse projeto chegasse nesse dia final, mas não só por tu também ser parte dele, mas porque tu, como ninguém, apostou comigo nos meus próprios sonhos. Tu me ensina muito sobre generosidade e humildade e, mesmo nas dificuldades que esse anos nos impôs, tu me ensinou ainda mais sobre *estar ao lado*. Te amo e obrigada.

Ao meu pai por, desde sempre, me permitir viver meus sonhos da forma como eu entendi melhor, mesmo que nem sempre eles tenham correspondido às expectativas criadas. Tu não foi só meu ponto de apoio durante toda a graduação, e nem só a certeza de que alguém no mundo sempre estaria lá por mim não importasse o que acontecesse, mas tu foi minha inspiração como profissional ético, que coloca o bem coletivo na frente do individual. Talvez tu não imagine, mas tu me ensina muito mais agindo do que falando, desde muito pequena quando tu já me

tratava com igualdade, ouvia meus desejos e considerava minha voz no momento de tomar as decisões. A coerência e a generosidade colocadas em tudo que tu faz são um norte pra alguém que também aprendeu contigo a ter fé, se não em Deus, na vida. Obrigada por sempre ter me feito acreditar que eu era uma mulher capaz e que eu nunca estaria sozinha.

Por fim, à minha mãe por ser, no final das contas, meu maior exemplo de mulher e de profissional. Ter vivido contigo todas as dificuldades de ser, ao mesmo tempo, mãe e professora universitária foi o que, paradoxalmente, me fez também querer ser uma. Não sei se foi porque eu vi o teu empenho, porque presenciei a tua força em abrir mão de viver momentos com a tua família ou porque aprendi contigo que era preciso falar nos espaços “de cima” por aqueles que estão sempre “embaixo”. Não sei se foi por me levar a pronunciar Foucault desde que tenho sete anos ou por me fazer argumentar diante das nossas disputas pra fazer valer uma opinião. Acho que foi tudo isso, misturado com toda a força que tu sempre me deu pra seguir meus desejos e com toda a exigência que tu me impôs. Afinal, no fim, foi também tu quem me ensinou que éramos ambas privilegiadas e que, apesar de às vezes tortuoso, nosso caminho ainda era possível e muito mais fácil do que tantos outros. Foi tudo isso e foi também a tua, às vezes torta, forma de expressar amor. Cheguei até aqui por isso. Obrigada.

Não, eu não aceito essa indisciplina
Acho que você não me entendeu
Meus meninos são o que você teceu
Em resistência ao mundo que Deus deu
(Menino Mimado - Criolo)

P: É pode botar trabalho ou pode botar do jeito que tu quiser.

D: Vo bota trabalho.

I: Trabalho na vida pode ser.

D: Trabalho que?

I: Na vida.

C: Trabalho na vida (*risadas*)

I: Claro é sobre a vida.

D: Trabalho.

I: Na vida. Bota uma letra bonita ai...

RESUMO

O presente trabalho analisa como um grupo de adolescentes do sexo masculino internados em uma Unidade Socioeducativo na FASE-RS e participante do curso profissionalizante do Projeto Pescar compreende a categoria trabalho a partir das atividades do trabalho lícito, da profissionalização e do tráfico de drogas. A problemática foi desenvolvida em razão da hipótese de que a adesão por adolescentes ao tráfico de drogas pode ser mais bem compreendida através da aproximação da atividade ilícita à noção de trabalho. Para tanto, a pesquisa toma o trabalho não só como atividade produtora de bens de uso, mas também como categoria essencial à construção do ser social e como principal responsável pela distinção do indivíduo na hierarquia social. Metodologicamente, realizaram-se grupos focais com dez adolescentes, os quais foram orientados a discutir sobre trabalho, profissionalização e tráfico de drogas. A análise foi dividida em quatro eixos (significado das atividades, como elas são aprendidas e descritas, os prós e os contras de tais atividades, e como elas se relacionam com as competências comportamentais desenvolvidas pelo Projeto Pescar). Assim, observou-se uma percepção ambivalente na relação entre o tráfico de drogas e o trabalho. Por um lado, os adolescentes aproximam o tráfico à noção de trabalho, na medida em que a atividade é indicada como produtora de bens, responsável por possibilitar a materialização de ideias abstratas, e, sobretudo, atuante na distinção dos indivíduos, os quais estariam acima na hierarquia social em relação, por exemplo, ao “vagabundo”. Em contrapartida, o tráfico de drogas é afastado da noção de trabalho quando a violência da atividade ilícita é exaltada, sobretudo a violência letal e a sua ameaça produzida pelos sujeitos pertencentes aos grupos rivais no mercado de drogas.

PALAVRAS-CHAVE: adolescentes; trabalho; tráfico de drogas; medida socioeducativa; profissionalização.

ABSTRACT

This paper analyzes how a group of male adolescents confined at a house arrest and participant in the professionalizing course of the Pescar Project comprises the category of work based on the activities of legal work, professionalization and drug trafficking. The problematic was developed from the hypothesis that the adhesion by adolescents to the drug traffic can be better understood through the approximation of the illicit activity to the notion of work. Therefore, research takes work not only as an activity producing goods of use, but also as a category essential to the construction of the social being and as the main responsible for the distinction of the individual in the social hierarchy. Methodologically, focus groups were executed with ten adolescents, who were instructed to discuss work, professionalization and drug trafficking. The analysis was divided into four axes (meaning of activities, how they are learned and described, the pros and cons of such activities, and how they relate to the behavioral competencies developed at Pescar Project). Thus, there was an ambivalent perception of the relationship between drug trafficking and work. On the one hand, adolescents approach trafficking to the notion of work, once the activity is indicated as a producer of goods, responsible for enabling the materialization of abstract ideas and, above all, acting on the distinction of individuals, which would be above in the social hierarchy in comparison with the "tramp", for example. On the other hand, drug trafficking is kept away from the notion of work when the violence of the illicit activity is exalted, especially the lethal violence and its threat produced by the subjects belonging to the rival groups in the drug market.

KEYWORDS: youth offenders; work; professionalization; juvenile measures; drug trafficking.

LISTA DE ABREVIATURAS

CASE POA I - Centro de Atendimento Socioeducativo POA I

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas

CREAS - Centro de Referência Especializado em Assistência Social

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FASE-RS - Fundação de Atendimento Socioeducativo no Rio Grande do Sul

FEBEM - Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

FUNABEM - Fundação Nacional para o Bem Estar do Menor

ICPAE - Internação Com Possibilidade de Atividade Externa

LEP - Lei de Execuções Penais

PEMSEIS - Programa de Execução de Medida Socioeducativas de Internação e Semiliberdade

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

SAM - Serviço de Assistência ao Menor

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

SUS - Sistema Único de Saúde

TA - Termo de Assentimento

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL.....	16
2.1 UMA BREVE RETOMADA HISTÓRICA DO TRÁFICO DE DROGAS.....	16
2.2 AS TEORIAS DAS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS.....	20
2.3 ADOLESCENTES E A VENDA DE DROGAS.....	25
3 A PROFISSIONALIZAÇÃO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO BRASILEIRO...32	
3.1 A SOCIOEDUCAÇÃO NO BRASIL: PANORAMA HISTÓRICO E REALIDADES...32	
3.2 A PROFISSIONALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE SOCIOEDUCAÇÃO.....38	
3.3 A CRÍTICA CRIMINOLÓGICA SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO-PUNIÇÃO43	
4 TRÁFICO, TRABALHO E PROFISSIONALIZAÇÃO: A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES INTERNADOS NA FASE-RS.	51
4.1 A CATEGORIA TRABALHO.....	51
4.2 A ENTRADA NO CAMPO E A ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	57
4.3 ANÁLISE DA CATEGORIA TRABALHO A PARTIR DOS GRUPOS FOCAIS.....	65
4.3.1 Significado de trabalho, profissionalização e tráfico de drogas.....	66
4.3.2 Como os adolescentes aprendem as atividades e como as descrevem.....	72
4.3.3 Os prós e os contras das atividades.....	79
4.3.4 Como as atividades relacionam-se com as “Competências do Projeto Pescar”.....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICES.....	102

1 INTRODUÇÃO

“Isso é uma empresa, dizia Lulu, você tem de pagar os fornecedores, os empregados, a família de quem morre, a família de quem vai preso, festas e comemorações (...)e, claro, propina para a polícia” (GLENNY, 2016, p. 213). É desse modo que o jornalista Misha Glenny resume a forma como um conhecido traficante da favela da Rocinha no Rio de Janeiro compreendia o funcionamento do tráfico de drogas do qual era líder. A ideia de que aquele que participa do tráfico de drogas é um “empregado” do crime não é exclusiva do sujeito em questão e já foi mobilizada por diferentes correntes da literatura das ciências sociais e sociais aplicadas do Brasil principalmente após a década de noventa, quando o fenômeno ganhou intensidade na realidade urbana do país. Conjugada com a ideia de que crianças e adolescentes são aliciados para a organização do tráfico, a participação no tráfico de drogas ganha contornos de trabalho infantil, conforme dispõe a Convenção 192/99² da Organização Internacional do Trabalho, em seu art. 3º, ítem “c”.

Entretanto, o que se pretende com essa pesquisa não é a constatação simples de que a atividade ilícita pode ser considerada um trabalho, pois tal afirmação levaria a uma compreensão ainda categórica e, em certo sentido, simplista, de um fenômeno com alto nível de complexidade social como tem se apresentado, na realidade brasileira contemporânea, o mercado ilícito de drogas. O que se busca, por outro lado, é a mobilização dos conhecimentos dos adolescentes diretamente afetados por essa realidade para, somente então, iniciar um percurso de compreensão sobre o significado que o “ser” do tráfico adquire para esses sujeitos, em todos seus vieses muitas vezes paradoxais e repletos de múltiplas ambiguidades.

É preciso ainda apontar os motivos que fazem desta pesquisa um estudo sobre adolescentes do sexo masculino. Embora a análise do tráfico de drogas pelo viés da categoria

²“Para efeitos da presente Convenção, a expressão ‘as piores formas de trabalho infantil’ abrange: c) a utilização, recrutamento ou a oferta de crianças para a realização de atividades ilícitas, em particular a produção e o tráfico de entorpecentes, tais com definidos nos tratados internacionais pertinentes”.

trabalho pudesse ser estendida para os sujeitos homens³ jovens⁴ e adultos, optou-se por manter a análise da pesquisa em acordo com o critério legal de responsabilidade penal definido pelo ECA, restringindo o objeto de estudo aos adolescentes. Apenas dessa forma seria possível concentrar o acesso ao grupo social objeto da pesquisa em apenas uma instituição sancionadora, qual seja, certa Unidade da FASE-RS destinada aos meninos.

Ademais, optou-se pela realização de pesquisa que buscasse emergir vozes regularmente não consideradas no processo de compreensão de um fenômeno social. Essa escolha se deu em razão de que, apesar da vinculação entre violência e juventude não ser propriamente uma novidade no campo das ciências sociais, as perspectivas tendem a trazer o jovem ora como um “problema social”, ora como um fator de “risco” (PIMENTA, 2014, p. 706). Conforme bem observa Pimenta, essa dicotomia acaba contribuindo para que esses sujeitos não sejam percebidos como “sujeitos ativos”, responsáveis pelas escolhas que orientam suas trajetórias de vida (2014, p. 706), o que acaba produzindo uma percepção, tanto do senso comum como de algumas vertentes da teoria social brasileira, de que o tráfico é um ente em si, e não um fenômeno social formado por sujeitos com desejos e limitações próprias.

Para qualificar a análise da atividade ilícita de drogas como um trabalho, percebeu-se necessário utilizar certo referencial comparativo que também possuísse um sentido de trabalho na realidade dos sujeitos da pesquisa, possibilitando assim a delimitação do objeto de análise da presente investigação nos seguintes níveis: a) o tráfico de drogas é estudado nos limites da sua compreensão como trabalho; b) o estudo do tráfico de drogas como trabalho é compreendido nos limites da comparação com outras atividades laborais e com a profissionalização. Assim, chegou-se ao seguinte problema de pesquisa: como a categoria trabalho se reflete nas atividades de trabalho lícito, tráfico de drogas e profissionalização na perspectiva de adolescentes internados?

Dessa forma, após descartada a possibilidade de realização de pesquisa com adolescentes trabalhadores aprendizes, como será esclarecido no capítulo 4.2, optou-se pela realização da pesquisa com adolescentes internados na FASE-RS que viviam a profissionalização no decurso do cumprimento da medida socioeducativa. A abordagem

³Entende-se que é possível que a compreensão do tráfico como um trabalho também possa ser ampliado às mulheres e meninas participantes da atividade. Entretanto, como o paradigma do gênero estabelece muitas particularidades a essa população, os quais não são objeto deste trabalho, esta pesquisa, desde a construção da hipótese de investigação até a formulação das conclusões finais, ateu-se somente ao universo de adolescentes do sexo masculino.

⁴ Segundo o Estatuto da Juventude - Lei 12.852 de 2013 - juventude é a faixa compreendida entre os 15 e os 29 anos (art. 1º, §1º) enquanto a adolescência, conforme dispõe o art. 2º do ECA se limita ao período entre os 12 e os 18 anos.

metodológica utilizada foi aquela do grupo focal, pois se entendeu que, em grupo, os adolescentes iriam se sentir mais confortáveis para discutir assuntos normalmente de difícil tratamento como o tráfico de drogas. Assim, os questionamentos realizados na mediação do grupo visavam estabelecer possíveis comparações e diferenciações entre o chamado “pólo de trabalho legal”, constituído pela profissionalização e pelo trabalho lícito, e o “pólo de trabalho ilegal”, representado pelo tráfico de drogas.

Com esse objetivo em mente, o presente trabalho se divide em três grandes tópicos. No primeiro capítulo, busca-se uma retomada bibliográfica sobre o tema do tráfico de drogas no Brasil, limitada às seguintes vertentes: histórico do fenômeno social no país; análise do tráfico a partir das teorias das organizações criminosas e intersecções entre tráfico de drogas e adolescência. Assim, no primeiro subcapítulo, localiza-se o fenômeno na ordem econômica mundial (DEL OLMO, 1999); analisa-se a incidência do tráfico na realidade brasileira (MISSE, 1999; DOWNDAY; 2003) e, por fim, aborda-se a incidência da legislação brasileira de repressão ao fenômeno e suas consequências sociais (CARVALHO, 2014; VALOIS, 2016). Já no segundo subitem, a temática se desloca para um paralelo entre os autores que entendem o tráfico de drogas sob a lógica das organizações criminais (OLIVEIRA, 2006; LESSING, 2008) e aqueles que negam tal vinculação (POLI, 2002; ZAFFARONI, 1996). Por fim, no tópico denominado “Adolescentes e a venda de drogas”, busca-se a correlação entre a temática do tráfico com as especificidades de uma faixa etária específica. Para tanto, parte-se de uma análise sociológica das mudanças que o tráfico de drogas impôs à juventude periférica brasileira (FELTRAN, 2008; 2014; ZALUAR, 1994; 2002; 2012; LYRA, 2013); introduz-se certas compreensões sobre o ser jovem (PIMENTA, 2007) e, a essas compreensões, alia-se certas teorias sobre a violência urbana brasileira em intersecção com a juventude (SILVA 1999; 2008; 2010).

No segundo capítulo, a temática chave revisitada é a profissionalização no sistema socioeducativo brasileiro. Para tanto, parte-se de uma retomada histórica do microsistema jurídico no país (MÉNDEZ, 1998; RIZZINI, 2008; ALVAREZ, 1989) com ênfase nos aspectos de mudança trazidos pela entrada em vigor do ECA, destacando também as concepções das antigas legislações que se mantiveram na prática dos atores jurídicos (PAULA, 2011). Em um segundo momento, delimita-se a análise à temática da profissionalização, reconstituindo seu percurso histórico de consolidação como ferramenta socioeducativa e observando as atuais disposições legais que regem a sua execução (Brasil, 2014). Para finalizar o segundo capítulo, retomam-se três obras da criminologia crítica mundial (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004;

MELOSSI, PAVARINI, 2010; GARLAND, 2008) para se apresentar as críticas produzidas por tal corrente ao binômio trabalho-punição.

Por fim, naquele que se constitui como capítulo de análise dos dados empíricos coletados, inicia-se com uma exposição narrativa sobre a entrada no campo de pesquisa, além da constituição dos parâmetros metodológicos base do trabalho. Em seguida, sobretudo a partir do diálogo entre duas correntes teóricas (LUKÀCS, 2013; SOUZA, 2003), constrói-se uma ideia geral da categoria trabalho utilizada por esta pesquisa como alicerce na comparação operada entre as atividades de trabalho lícito, profissionalização e tráfico de drogas na perspectiva dos adolescentes participantes do grupo focal. Assim, finalmente adentra-se na análise dos dados empíricos produzidos com adolescentes internados na FASE-RS e participantes de curso profissionalizante do Projeto Pescar. Para fins de organização, a análise encontra-se dividida em quatro subitens, os quais possuem o objetivo de apresentar ao público leitor deste trabalho certas compreensões que foram produzidas na interlocução entre os grupos focais realizados e as perspectivas teóricas mobilizadas.

Com base nesse percurso teórico, em alguma medida espera-se ter alcançado o objetivo principal que provocou subjetivamente a pesquisadora a realizar a presente pesquisa: trazer para as páginas de um Trabalho de Conclusão de Curso em Direito a perspectiva de sujeitos normalmente concebidos como objetos passivos do sistema jurídico, sem voz e sem entendimento próprio. As descobertas do último capítulo apontam para a direção oposta de tal concepção, na medida em que os adolescentes participantes dos grupos focais apresentaram concepções pessoais e, em muitos casos, distintas do que se esperava.

Assim, instituições normalmente estigmatizadas por não serem valorizadas por jovens com esse perfil foram exaltadas, como no caso da escola. Por outro lado, os sentidos conferidos ao tráfico de drogas apresentaram mais ambiguidades do que poderia se imaginar, além de terem se aproximado do sentido de trabalho por razões distintas daquelas inicialmente supostas. Conforme os próprios adolescentes afirmaram ao fim de um dos grupos focais, a importância de pesquisas como essa justificar-se-ia “porque às vezes as pessoas não querem nem falar só julga”. Questionados se suas opiniões sobre assuntos como o tráfico de drogas e as formas legais de trabalho poderiam influenciar o juiz, os adolescentes indagaram a si próprios e, então, concluíram: “de repente ia entender até um pouco né”.

2 O TRÁFICO DE DROGAS NO BRASIL

2.1 UMA BREVE RETOMADA HISTÓRICA DO TRÁFICO DE DROGAS

Conforme se observa na literatura sobre o tráfico de drogas no país, os estudos normalmente optam por analisar o fenômeno sob o ponto de vista jurídico, esmiuçando as consequências penais da política de drogas brasileira (CARVALHO, 2014), ou sob o pano de fundo das ciências sociais, fazendo interlocuções do fenômeno com diversas outras categorias, como juventude (ZALUAR, 1994; 2004; 2012), violência (MISSE, 1999; SOARES, 2000) e organizações criminosas (LESSING, 2008; OLIVEIRA 2006). Nesse sentido, a despeito da grande relevância dos estudos já realizadas na área, a pesquisa teórica no país no que concerne ao assunto ainda é bastante limitada, sobretudo em tratando-se de investigações empíricas com os sujeitos participantes do tráfico⁵. Essa deficiência, justificada em certa medida pela dificuldade de acesso a tais sujeitos, leva ao questionamento sobre até que ponto as afirmações feitas sobre fenômenos como aquele do crime organizado, por exemplo, não é antes produto de um saber do que de um dado objetivo (BRODEUR, 2002 *apud* DIAS, 2011, p. 360).

Na busca por uma explanação devidamente fundamentada sobre o contexto em que os sujeitos desta pesquisa se encontravam quando se aproximaram do contexto do tráfico de drogas, inicia-se uma retomada histórica do tema, estabelecendo as reconfigurações no interior da organização, as quais foram sendo produzidas em paralelo às inovações da intervenção do Estado no mercado de drogas e da sua atuação repressiva sob os agentes desta organização. É através da análise deste percurso que será possível estabelecer como se constituem as relações dos sujeitos adolescentes que se identificam como parte do tráfico de drogas.

Em primeiro, é necessário atentar para a limitação geográfica desta abordagem teórica. Assim, a despeito da óbvia interferência de outras nações neste fenômeno - sobretudo quando pensa-se o tráfico de drogas como sendo um mercado ilícito de amplitude internacional - exalta-se a importância da compreensão da legislação e da lógica interna do país no exercício de compreensão da questão, em acordo com aquilo que Del Olmo afirmou sobre as diferenças na forma de abordar “entre o centro e a periferia do capitalismo mundial - assim como dentro de cada país e segundo cada droga, que responde a condicionantes sócio-políticos e

⁵Nessa linha, destaca-se a pesquisa realizada por Luke Dowdney com crianças e adolescentes inseridos em contexto de violência armada no Rio de Janeiro (2007), e aquela produzida por Diogo Lyra, em que os sujeitos da pesquisa são adolescentes em cumprimento de medida de semiliberdade (2013).

econômicos” (DEL OLMO, 1990, p. 27). De todo modo, destaca-se a guinada proibicionista que instalou a “guerra às drogas” no centro da política norte-americana, no início da década de setenta com o governo do presidente Nixon (DEL OLMO, 1990, p. 42). É nesse período que tanto o discurso jurídico-político como o estereótipo político-criminoso da droga passaram a ser exportados para além dos Estados Unidos, observando-se em muitos países latino-americanos, ainda nos primeiros anos da década de setenta, “a regulação do discurso jurídico” (DEL OLMO, 1990, p. 44), o que no Brasil se configurou pela promulgação da Lei de Drogas de 1976. Assim, através dos meios de comunicação, instaurou-se o pânico em torno da droga, também nas fronteiras mais ao Sul do continente americano.

No contexto específico brasileiro, a década de setenta marcou um maior incremento do comércio de drogas ilícitas, ainda muito marcado pela predominância da maconha e de outros mercados ilegais, como o “jogo do bicho” (MISSE, 1999, p. 304). Contudo, com o fortalecimento do chamado “movimento”⁶ no Estado do Rio de Janeiro, paulatinamente aumentaram os números relacionados à incriminação por uso e por tráfico de drogas, além de um crescimento gradual na quantidade de substâncias apreendidas (MISSE, 1999, p. 312), sendo a maconha praticamente a única droga apreendida até o final da década de oitenta. O produto costumava ser importado do Nordeste brasileiro e possuía uma distribuição relativamente organizada, com uma estrutura não-sofisticada, muitas vezes vendido por membros da comunidade para uma clientela local (DOWNDAY, 2003, p. 27). Contudo, os dados apresentados por Misse levam à conclusão de que a consolidação do tráfico de drogas na capital carioca se deu somente a partir da formação do Comando Vermelho e do ingresso da cocaína como principal mercadoria do mercado recém instalado, entre os anos de 1984 e 1986 (1999, p. 315).

Apenas na década seguinte é que o discurso de guerra às drogas se internacionalizou efetivamente, levando a uma virada na política estadunidense, que até então centralizava suas ações na repressão interna, para uma transnacionalização das ações combativas, voltada sobretudo para os países latino-americanos. Essa mudança de estratégia surge no momento em que a cocaína passou a ser a preocupação fundamental, e se firmou principalmente nos aspectos econômicos e políticos do tráfico desta droga (DEL OLMO, 1990, p. 55). É interessante lembrar que países como Colômbia e Bolívia despontaram como produtores e distribuidores da droga,

⁶O autor utiliza o termo “movimento” como “nome que se deu ao mercado local de drogas - inicialmente a maconha - nas favelas, conjuntos habitacionais, vilas e outras áreas da periferia urbana habitadas por populações de baixa renda” (MISSE, 1999, p. 308).

movimentando montantes na casa dos bilhões de dólares e levando o país norte-americano ao “abandono” da perspectiva médica sobre as drogas e à adoção de ações voltadas ao rastreamento dos valores movidos no comércio da cocaína. Chama atenção a informação de que o negócio das drogas era estimado, no ano de 1983, como sendo responsável pela movimentação de cem bilhões de dólares dentro dos Estados Unidos, o que significaria 10% da produção industrial do país à época (DEL OLMO, 1990, p. 57).

Evidente, portanto, que corriam em paralelo duas preocupações extraoficiais: a) o fortalecimento de países do Terceiro Mundo, vizinhos aos Estados Unidos, por meio dos lucros desse mercado ilegal; b) a circulação de imensos montantes por fora das redes de domínio do Estado. É também neste momento que se vulgarizou o uso do prefixo “narco” (narcotraficante, narcoterrorismo, etc), como forma de romper as barreiras idiomáticas (DEL OLMO, 1990, p. 69), em um discurso que, conforme apresenta Del Olmo, “por seu conteúdo geopolítico, já não estabelece diferenças entre doente-consumidor e delinquente-traficante como antes, mas entre *países vítimas e países vitimários*” (1990, p. 69). Nesse momento histórico, portanto, o problema das drogas passou a ser visto como uma fragilidade do próprio poder do Estado, razão pela qual são também incorporados postulados da Doutrina da Segurança Nacional (DEL OLMO, 1990, p. 68).

No contexto brasileiro, a cocaína mudou absolutamente a lógica da venda de drogas percebida até então. Segundo Downday, foram cinco as principais causas dessa virada, a partir da década de oitenta: a) o crescimento da demanda por drogas ilegais; b) a chegada da cocaína colombiana a baixo preço e sua alta rentabilidade em relação à maconha; c) o aumento do policiamento violento e repressivo durante a ditadura; d) a chegada de armas leves de uso militar; e) o estabelecimento e a organização de facções da droga (2003, p. 28). Acrescenta-se que o país viveu no período uma das piores crises econômicas, com índices de desemprego altíssimos e com o salário mínimo atingindo o ponto mais baixo desde o governo de Vargas (ZALUAR, 1994, p. 136). Por essas e outras razões, o Rio de Janeiro tornou-se um ponto primordial na distribuição da droga na Europa e na África, fazendo o intermédio entre a produção na América Latina e o consumidor final (GLENNY, 2016, p. 65).

O trânsito, contudo, não impediu que a droga permanecesse na cidade, sobretudo em razão do consumo que também aumentava nas classes mais altas. A venda no varejo na cidade representaria em torno de 20% da quantidade total do que passava pelo país, o que significaria um montante de 44,4 toneladas, no valor total de U\$ 171,4 milhões entrando na cidade por ano (DOWNDAY, 2003, p. 25). Dadas as gigantescas proporções desse comércio, evidente que toda

a estrutura do mercado de drogas foi reestruturada a partir da década de oitenta, primeiramente na cidade do Rio de Janeiro e após, em outras capitais do país, como São Paulo e Porto Alegre. Assim, entre 1980 e 1990, diz-se que, durante a transição democrática do Brasil e dos países vizinhos, instalou-se a primeira “empresa multinacional da América Latina e o primeiro exemplo de genuína integração econômica: a produção, o processamento e a distribuição da cocaína” (REID, 2014, p. 18 *apud* GLENNY, 2016, p. 89).

Evidente que esta transformação paradigmática em um mercado criminalizado produziu efeitos escalonados na ordem social das grandes metrópoles da época, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, produzindo um aumento significativo dos números da violência urbana. Assim, mesmo que as razões explicativas para tanto sejam diversas e variem de acordo com a localidade estudada, a lógica de atuação estatal obedeceu a um padrão bastante homogêneo de recrudescimento das legislações penais e de sistematização da repressão policial como *modus operandi* da importada “guerra às drogas”. Assim, a opção legislativa em 2006, com a promulgação da Lei 11.343, levou, de forma mais ou menos direta, a consequências reais, observáveis por diferentes prismas sociais, conforme apresenta Carvalho (2014).

Em primeiro, no que diz respeito às consequências econômicas, observou-se que a criminalização incidu no aumento, por um lado, do preço das substâncias para os consumidores e, por outro, dos gastos públicos para a manutenção do sistema repressivo (CARVALHO, 2014, p. 210-211). São, entretanto, os custos sociais da ilegalidade o problema que se instalou a partir de então, sobretudo em razão da criação da criminalidade secundária, “envolvendo profissionais das próprias agências repressivas em delitos como corrupção e extorsões” (CARVALHO, 2014, p. 213). O problema operou também a partir da estigmatização e da autossegregação dos usuários, os quais acabaram por serem alocados no sistema de punição, a partir do processo de inflação do sistema carcerário oriundo da alteração específica no rumo da política antiproibicionista (CARVALHO, 2014, p. 215).

Segundo os últimos dados disponíveis sobre as características da população carcerária do Brasil, no ano de 2014, os crimes relacionados ao tráfico de drogas ilícitas foram responsáveis por 35,1% do total de presos do país (DE VITTO, 2014, p. 71). Nesse contexto, a principal hipótese construída por Carvalho é a de que “a política de repressão ao tráfico de entorpecentes representa o carro-chefe da política criminal brasileira” (CARVALHO, 2014, p. 217), isto é, não se limita à incidência numérica nas prisões dos acusados e condenados por tráfico de drogas, mas conforma “regras e metarregras de compreensão do funcionamento das agências de punitividade” (CARVALHO, 2014, p. 217).

Outro argumento necessário para a análise das consequências da Lei de Drogas no Brasil é a amplitude dos tipos legais que definem o crime de tráfico de drogas na lei. A ideia já aparecia na Convenção para a Repressão do Tráfico Ilícito das Drogas Nocivas, ocorrida em Genebra em 1936 e liderada pelos Estados Unidos (VALOIS, 2016, p. 419). A intenção era justamente aquela que se verificou na realidade brasileira, mais de meio século após: “tornar o mais abstrato possível o tipo penal de tráfico de drogas, tentando evitar fosse obrigatória a comprovação do dolo de comércio para a pessoa envolvida com as drogas (...)” (VALOIS, 2016, p. 419-420). Assim, os 18 verbos existentes no tipo penal demonstram uma preocupação do legislador em tornar crime o maior número possível de ações relacionadas ao simples contato com substância ilícita, tornando, nas palavras de Valois, “o uso do direito penal como medida de polícia” (2016, p. 421). Nesse sentido, o hiperencarceramento relacionado à política de combate às drogas não se explica apenas pelas violações aos direitos dos indivíduos criminalizados, mas antes pela própria estrutura da norma criminalizadora, tida como irracional por natureza (VALOIS, 2016, p. 424).

Por certo que as consequências da criminalização do comércio das substâncias ilícitas e da política criminal de drogas adotada com força total a partir da vigência da Lei 11.343/2006 vão muito além daqueles trazidas por este trabalho. O hiperencarceramento é apenas a ponta final de um sistema que molda os modos de vida de todos aqueles que, em que pese não participem efetivamente do tráfico de drogas, circunscrevem esta realidade, presenciam a violência extrema nos seus espaços de convívio e sofrem com uma atuação policial pautada no estigma do “menino pobre traficante”. O histórico deste fenômeno social no país mostra que esta não é uma realidade restrita ao Brasil, sobretudo pela influência da “guerra às drogas” norte-americana em todo o mundo ocidental. As particularidades do tráfico de drogas brasileiro, entretanto, denotam uma realidade bastante complexa e imbricada por diferentes atores sociais, cujo aspecto principal a ser analisado neste trabalho é aquele que a vincula a uma atividade laboral. Participar das redes de produção e venda de drogas, no Brasil, afinal, pode ser considerado um trabalho?

2.2 AS TEORIAS DAS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS

Como já mencionado, o desenvolvimento do tráfico de drogas no Brasil a partir dos anos oitenta passou a estabelecer-se de forma cada vez mais organizada, em níveis muito mais abrangentes de arrecadação de lucros e de diversificação de agentes envolvidos na empreitada.

Por certo que o incremento do consumo interno de cocaína e a arrancada do país como pólo de distribuição da droga para outros mercados, como Estados Unidos e Europa, são responsáveis importantes neste momento de guinada do negócio das drogas no Brasil. Ocorre que, a complexidade dos mecanismos de funcionamento do tráfico de drogas brasileiro é um objeto de estudos ainda pouco explorado pelas ciências sociais e sociais aplicadas no país. De todo modo, apesar da literatura dominante acabar abordando o tráfico de drogas de forma secundária (OLIVEIRA; ZAVERUCHA, 2006, p. 6), há boas referências sobre o assunto, as quais costumam explicar a constituição do tráfico de drogas a partir das correlações entre traficantes individuais, traficantes pertencentes às organizações criminosas, agentes estatais atuando na coerção direta ao crime e responsáveis pela “lavagem de dinheiro” (OLIVEIRA; ZAVERUCHA, 2006, p. 7).

Há ainda a abordagem do fenômeno do tráfico de drogas a partir do viés da organização criminosa, na qual se demonstra ser a atividade um empreendimento de alta rentabilidade, hierarquicamente organizado e com agentes estrategicamente dispostos nas atividades de importação, distribuição e comércio das substâncias ilícitas. Nesse sentido, para Oliveira o tráfico de drogas pode ser tido como organização criminosa, na medida em que atua em cooperação com o poder institucional, o qual se traduz como um elemento essencial na distinção do maior ou menor alcance dos grupos criminosos (2006, p. 139). No que se refere ao exemplo específico do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, o autor indica a existência de uma divisão hierárquica dos sujeitos que constituem a organização, além de uma vinculação essencial com o seu território de atuação, possibilitando relações de baixa, média ou alta complexidade entre as “bocas-de-fumo”, os traficantes-fornecedores e também possíveis financiadores (OLIVEIRA, 2006, p. 152). Seria possível, portanto, na visão de Soares, sujeito entrevistado na pesquisa de Oliveira, entender o arranjo deste mercado ilícito sob duas vertentes: o “atacado” - acesso a redes transnacionais de importação de droga e manejo de sistemas financeiros complexos - e o “varejo” - recrutamento de força de trabalho jovem ou infantil, instalada em território específico onde há o controle de certo mercado (OLIVEIRA, 2006, p. 153).

Em relação à realidade carioca, o trabalho de Misse visa abordar o tráfico de drogas como sendo um “mercado informal criminal”, e a partir deste ponto de partida, explicitar as principais dimensões da acumulação social da violência no Rio de Janeiro (1999, p. 288). A novidade da pesquisa está na hipótese de que a violência da cidade se explica pela interlocução de dois fatores: redes de venda à varejo de mercadorias ilícitas, cuja cocaína se tornou a principal a partir da década de oitenta, sobrepostas à grande oferta de “mercadorias políticas”.

Seria nesta sobreposição de mercados, portanto, que residiria a compreensão do problema da violência do Rio de Janeiro (MISSE, 1999, p. 289). Para o autor, as chamadas “mercadorias políticas” seriam “o conjunto de diferentes bens ou serviços compostos por recursos “políticos” (...) que podem ser constituídos como objeto privado de apropriação para troca (livre ou compulsória, legal ou ilegal, criminal ou não) por outras mercadorias, utilidades ou dinheiro” (MISSE, 1999, p. 288). A corrupção seria um dos principais exemplos desta categoria.

Assim, quando se trata de um mercado cuja mercadoria principal é criminalizada, as relações complexas entre a lógica econômica do mercado e as regulamentações legais por óbvio que acabam sendo influenciadas pela criminalização do produto. Para o autor, portanto, a característica do mercado de drogas no Brasil é a sua dupla informalidade, eis que é necessariamente um mercado informal de trabalho - a criminalização da mercadoria impossibilita qualquer tipo de regulamentação do mercado de trabalho - além da própria informalidade da circulação das mercadorias ilícitas na medida em que são criminalizadas (MISSE, 1999, p. 293). Conforme se vê, portanto, o autor fundamenta sua pesquisa sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro a partir da correlação de categorias normalmente entendidas pela lógica econômica como mercadorias, mercado e força de trabalho, acrescentando a esta rede de relações, o elemento “criminalização” e “informalidade”.

Nesse sentido, para que seja possível compreender as consequências da atuação do tráfico de drogas no Brasil, antes de afirmá-lo como uma organização criminoso mais ou menos abrangente, conforme o fez Oliveira, para Misse, seria necessário fundamentar a análise nestas categorias econômicas por excelência (1999). E conforme já dito, é justamente nesta sobreposição de mercadorias ilegais e políticas que emerge a violência inerente ao fenômeno social do tráfico de drogas, sendo estas, portanto, categorias que não apenas explicam o funcionamento do tráfico, mas possibilitam compreender as razões daquele que talvez seja o principal problema de segurança pública atualmente no contexto brasileiro.

Para Lessing (2008), em pesquisa comparativa dos mercados de drogas nas diferentes capitais do Brasil, essas organizações deveriam ser categorizadas como “empresas”, das quais seria possível extrair a estratégia e os níveis de concentração de mercado específicos. Tais características poderiam ser mensuradas a partir da estrutura e do comportamento das chamadas empresas de tráfico locais (LESSING, 2008, p. 44). Na pesquisa realizada pelo autor, foram analisadas as lógicas de comportamento do tráfico de drogas nas cidades de Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, no ano de 2005, da onde se concluiu que a concentração do mercado gerava uma necessária organização das empresas que o compunham (LESSING, 2008,

p. 47). Em sua escrita, portanto, o autor acaba optando pela escolha de diversos termos que levam a uma compreensão realmente mercadológica do tráfico de drogas, como “empresa”, “concorrência” e “competição de mercado”, e, nesse sentido, acaba dialogando com a sistematização das organizações criminosas realizada por Oliveira (2006). Ambos dividem as organizações em alta, média ou baixa complexidade, mas Lessing fala em organização da “empresa”, enquanto Oliveira opta por incluir o tráfico de drogas na já conhecida categoria das “organizações criminosas”.

O interessante da análise realizada por Lessing (2008) é que, se retirado o aspecto militar como uma das categorias utilizadas na comparação das localidades estudadas, seria efetivamente possível que o autor estivesse tratando da concorrência de empresas cujas mercadorias não são criminalizadas, de forma muito semelhante a análises de mercado comumente exercidas por agências de publicidade e de marketing. O autor vai além e especifica também as possíveis formas de adesão dos sujeitos a essas “empresas”, isto é, as maneiras de realizar o pagamento da força de trabalho empreendida. Assim, em contextos de maior complexidade, onde há uma hierarquia interna destes agentes, como no caso do Rio de Janeiro, existiriam cargos pagos com salários fixos, como aqueles vinculados à segurança do território (LESSING, 2008, p. 50). Para aqueles mais abaixo na hierarquia, o pagamento se daria pela lógica da comissão, mas sem impedir a ascensão na carreira, sobretudo nos cenários em que se vislumbra “estabilidade duradoura dos monopólios locais e consolidação da divisão de trabalho hierárquica” (LESSING, 2008, p. 50). O controle do “quadro de funcionários” de uma “empresa de tráfico” que está em ascensão, na visão de Lessing, pode inclusive tornar-se uma força fragmentadora, no sentido que colocam sob os gerentes a responsabilidade de tarefas complexas e decisivas de supervisão (2008, p. 57), gerando um problema organizacional que ocorre com todas as empresas (ilícitas ou não) na medida em que vão crescendo.

Conforme se demonstra, portanto, na bibliografia brasileira o fenômeno social do tráfico de drogas já foi abordado sob o ponto de vista de um aparelho que integra a lógica mercantil seja quando compreendido como organização criminosa e, nesse sentido, dependente do poder econômico e institucional para a realização da ligação entre o produto e o mercado consumidor, seja quando entendido a partir da influência na lógica deste mercado da criminalização das mercadorias, seja ainda quando é explicado como uma empresa com diferentes níveis de complexidade a depender da sua forma de organização no território em que atua. Em que pese suas diferentes formas de abordagem, interessa notar que autores como Lessing, Oliveira e Zaverucha optam por uma abordagem que, de um jeito ou de outro, afirma o tráfico de drogas

brasileiro como exemplo da categoria mais ampla organização criminosa. Não obstante o mérito deste tipo de análise, na medida em que busca demonstrar as engrenagens que movem e direcionam o mercado ilícito de drogas, é possível questionar os paradigmas adotados por essa corrente.

Assim, optar por uma noção de que o tráfico de drogas se organiza em uma empresa com uma identidade coletiva bem definida e estruturada por uma divisão de trabalho de seus integrantes não se sustentaria, segundo Poli, na medida em que o próprio suprimento de mercadorias ilícitas é desorganizado por natureza em razão dos constrangimentos repressivos que sofre, devido ao fato de que os atores dos mercados ilegais são obrigados a operar “sem” e “contra” o Estado (2002, p. 64). O segundo argumento utilizado pela autora constrói a afirmação de que, apesar dos membros serem fortemente envolvidos no mercado ilegal hoje, nem o desenvolvimento nem a organização interna das associações do tipo “máfia” são produto de mercados ilegais (POLI, 2002, p. 71). Assim, para a autora, seria somente através do abandono das evidências empíricas que se tornaria possível singularizar apenas uma função ou um objetivo que caracterize tais organizações criminosas durante todo o seu funcionamento (POLI, 2002, p. 72). Para tal concepção, apesar das organizações criminosas não serem reduzidas às atividades ilícitas, seria justamente a partir da construção de laços não econômicos - como de confiança, de lealdade e de sangue - que seriam superadas as barreiras postas pelo caráter ilícito do negócio.

Além das organizações criminosas do tipo “máfia”, Poli chama atenção para as especificidades das “gangues juvenis”, que acabam entrando na concepção consensual de organização criminosa na medida em que seu objetivo primeiro não é econômico, apesar de acabarem, posteriormente, sendo fortemente envolvidos pelos negócios ilegais. Tais grupos, além de requerem um absoluto comprometimento de seus membros, impõem uma completa subordinação destes aos objetivos da coletividade (POLI, 2002, p. 82). Assim, em alguma medida, os grupos vinculados ao mercado ilícito de drogas no Brasil poderiam, na concepção “senso comum” desconstruída pela autora, ser enquadrados nessa categoria, principalmente através da constatação, no contexto do tráfico de drogas brasileiro, de um sistema próprio de regras e mecanismos e do uso da violência para fazê-lo imperar.

Nesse mesmo sentido, Zaffaroni pactua com a concepção de que, apesar de não se duvidar da existência de uma máfia, deve haver muitas ressalvas ao chamado paradigma mafioso na abordagem do crime organizado (1996, p. 51). A desconfiança justifica-se uma vez que a afirmação da estrutura organizacional, hierarquizada e sofisticada destes grupos opera no

fortalecimento de um senso de conspiração semelhante àquele mobilizado contra as organizações socialistas do tempo da Guerra Fria (ZAFFARONI, 1996, p. 52). Ademais, a transferência do modelo de “máfia” para toda e qualquer criminalidade vinculada ao mercado ilícito de bens e serviços seria, no mínimo, precipitada. De acordo com o autor, as observações empíricas produzidas no contexto norte-americano, por exemplo, já mostraram que as atividades normalmente consideradas como manifestações do crime organizado, como no caso do tráfico de drogas, “são organizadas de modo subcultural e local e não tem organização rígida e burocrática” (ZAFFARONI, 1996, p. 53).

Assim, o que se nota, a partir da revisão bibliográfica sobre a temática do tráfico de drogas brasileiro, é a existência de diversas linhas de abordagem, desde aquelas mais voltadas ao histórico da constituição do fenômeno social no Brasil, até as reflexões que pautam a influência do contexto mundial de combate à venda de drogas na realidade específica brasileira. No viés da análise “organizacional” do tráfico de drogas, percebe-se, portanto, a existência de duas linhas de argumentos: a) há aqueles que compreendem o tráfico como uma empresa ligada a aparatos internacionais de produção e distribuição, da qual é possível extrair linhas de atuação sistematizadas, incluindo uma certa divisão do trabalho interna dos membros participantes da atividade; b) há quem negue essa concepção, a qual estaria fundada em uma crença conspiratória, pouco calcada nos dados empíricos já produzidos até o momento. Em todo caso, para o desenvolvimento desta pesquisa, importa frisar que os estudos realizados indicam que, em menor ou maior grau, a adesão ao que, em alguns contextos, é chamado de “movimento” pode ser compreendida como a opção por uma atividade que gera lucros ao sujeito, e nesse sentido, como uma decisão que possui motivação próxima àquela de quem ingressa em uma atividade laboral lícita. Quando a pesquisa pretende abordar a realidade específica de adolescentes, entretanto, é preciso ainda realizar o encadeamento dos paradigmas gerais da criminologia crítica e da sociologia da violência referente ao fenômeno do tráfico de drogas com as especificidades do ser jovem.

2.3 ADOLESCENTES E A VENDA DE DROGAS

Conforme visto, a centralidade da presença do tráfico de drogas nas comunidades periféricas, a partir da década de noventa, acabou produzindo certa reconfiguração das categorias sociais, como trabalho, família e religião, que até então pareciam manter seus significados mais tradicionais. Essa nova realidade teria propiciado uma expansão sem

precedentes na história brasileira da sociabilidade do “mundo do crime” (FELTRAN, 2008, p. 45). Para Feltran, a mudança seria mais ampla, na medida em que modificaria, na realidade brasileira, o conflito social próprio da “era neoliberal”, normalmente pautado pelo desmanche de garantias ao trabalhador e pelo conseqüente crescimento dos mercados informais em todo o mundo (2014, p. 499). Assim, no caso brasileiro, esse conflito estaria antes representado pela expansão da “violência urbana” e da “marginalidade” do que pelas questões relativas ao trabalho e aos direitos sociais. Seriam os jovens moradores dessas localidades os principais alvos da reconfiguração social, na medida em que o projeto de ascensão social baseado no modelo operário perdera sua viabilidade (FELTRAN, 2008, p. 46). A isso, somaram-se as carências das disposições necessárias à construção do *habitus* do “empreendedor” e o surgimento das novas alternativas de vida, mais individuais e heterogêneas, das quais “os difíceis ganhos fáceis” (BATISTA, 2003) no tráfico de drogas, representaria a mais presente delas.

Nesse sentido, a interlocução específica entre juventude e tráfico de drogas foi o tema de diversas pesquisas no âmbito da sociologia da violência, principalmente no final do século passado, quando o mercado ilícito de drogas começou a ser tornar o alvo principal para as explicações a respeito da produção da violência urbana. Uma das primeiras a realizar pesquisa empírica de maior amplitude, Zaluar inovou ao relacionar a adesão dos jovens ao tráfico de drogas a partir do conceito da masculinidade violenta, inicialmente formulado como “etos da masculinidade” (1994, p. 101). Diferentemente dos significados estabelecidos por outras abordagens sociológicas, no Brasil a configuração da masculinidade violenta, segundo a autora, estaria mais vinculada à “exarcebação de localismos” do que propriamente às questões raciais, ao aumento da informalidade do trabalho ou à mudança do modelo de família das classes pobres (ZALUAR, 2004, p. 385). No desenvolvimento da sua teoria, portanto, a autora passou a compreender a masculinidade violenta encontrada nas favelas brasileiras pela sua exteriorização através de um “etos guerreiro”, cuja vinculação com a nova criminalidade do tráfico de drogas seria tão incontestável quanto a sua caracterização pelo uso da violência instrumental, na medida em que visa o lucro, ou expressiva, configurada pela necessidade do homem de intensificar as respostas ao outro, afirmando assim a sua vitória (ZALUAR, 2004, p. 387).

O conceito do “etos guerreiro” construído a partir da teoria de Elias poderia ainda ser entendido como a exteriorização de uma alteração na sensibilidade destes sujeitos, em contraponto ao processo civilizador percebido pelo sociólogo alemão, o qual consistiria na

sensibilização para o sofrimento e no controle das emoções do homem ocidental (ZALUAR, 2012, p. 332). A autora defende, portanto, que os modos de operar o poder no interior das classes subalternas seriam fortemente marcados pela segmentação geracional desta população, sendo os jovens os principais sujeitos a serem atraídos à prática da violência (ZALUAR, 2012, p. 331). Assim, para a autora, o estilo de masculinidade destes jovens mais claramente vinculado à ação violenta seria marcado pelo consumo exarcebado, exaltado pela necessidade da posse de valores em dinheiro, além de joias e demais artigos de luxo, como armas e roupas de marcas famosas. Seria esse estilo de “masculinidade exarcebada” que acabaria produzindo o “conflito armado localizado”, sobretudo a partir da desumanização do inimigo (ZALUAR, 2012, p. 349).

Para Lyra, Zaluar (1994; 2004; 2012) situa-se como uma importante representante dos estudiosos que vinculam a adesão dos jovens brasileiros ao tráfico de drogas a um desejo de “ter”, na medida em que a autora destaca a precariedade material destes sujeitos como um fator relevante para a explicação do fenômeno (2013, p. 72). A partir dessa categorização, no pólo oposto, encontrar-se-iam aqueles autores que focam suas análises nos processos pela busca do reconhecimento por parte destes adolescentes (ou pela busca do “ser”), como seria o caso de Soares, por exemplo (2000). Ao proceder nessa distinção, portanto, Lyra ressalta a importância de superar essa dicotomia e compreender o fenômeno da adesão do tráfico de drogas não como a simples satisfação de um desejo (de “ter” ou de “ser”), mas entendido “como parte de um processo singular, no qual esses mesmos desejos estão presentes, sem que, contudo, sejam considerados por si mesmos” (2013, p. 72). Sob esse paradigma, Lyra mobilizou o material empírico produzido na interação com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade no Rio de Janeiro para aprofundar algumas compreensões sobre o “processo de adesão”, entendido como a “culminação de uma trama social” mais ampla (2013, p. 73).

Uma categoria importante na pesquisa do autor é aquela do “sujeito-homem” a qual se compreende pela condição de respeito, independência e aceitação por parte daquele que, apesar de jovem, desempenha papéis adultos na comunidade em que vive (LYRA, 2013, p. 91). Para proceder na construção desta categoria, o autor recompõe a trajetória de vida deste grupo social, dividindo-a em três fases: infância, individuação e autonomia (LYRA, 2013, p. 75). Na fase da infância, destaca-se a importância das instituições tradicionais, como a família e a escola, na organização da rotina destes indivíduos, assim como seria esperado encontrar na vida de uma criança com melhores condições socioeconômicas. Em razão da constatação de que, na medida do possível, nesta primeira fase a família manteve um papel de cuidado e proteção, os jovens

acabam, portanto, atribuindo um valor simbólico importante a esse período (LYRA, 2013, p. 77). Já na etapa da individuação, há uma certa liberdade que começa a ser permitida ao jovem, para além do espectro familiar, colocando-o em relação direta com demais indivíduos da sua idade e “constituindo a primeira rede não adulta de sua trajetória” (LYRA, 2013, p. 80). Nesse momento, o autor observa a entrada dos jovens no mundo do trabalho informal, inicialmente como uma resposta à demanda familiar de complemento de renda, transformando-se após em uma necessidade individual do próprio jovem.

Na derradeira etapa do desenvolvimento do sujeito-homem, há uma predominância daquilo que o autor chama de “satisfação do agora”, isto é, da necessidade simbólica de impor um status de homem adulto perante outros jovens, fundamentando o desejo de traçar seu próprio caminho nas experiências adquiridas até então (LYRA, 2013, p. 83). Em algum sentido, portanto, o autor compreende a existência de uma “maturidade precoce”, reflexiva e emocional, que dialoga com os desejos para este jovem emanados pela própria sociedade na qual ele se insere, na medida em que ela atesta a consagração deste novo ser. A partir das experiências vividas no interior da trajetória que constitui o “sujeito-homem”, este acaba por ser despertado a um caminho de independência e realização que o impulsiona “a ocupar um lugar simbólico diferenciado na realidade de submissão e falta de liberdade da favela” (LYRA, 2013, p. 93). Assim, o requisito para a adesão ao movimento do tráfico de drogas seria antes a sua aptidão do que propriamente sua idade, permitindo, na visão dos “meninos do morro”, o ingresso e o reconhecimento no mundo adulto mesmo por aquele que ainda não viveu os processos tradicionais de transição (LYRA, 2013, p. 94).

Destaca-se que tais processos se inserem em um contexto mais amplo do estudo das formas de transição para a vida adulta, sobretudo a partir da década de 1990, quando essas formas se tornaram cada vez mais marcadas por trajetórias “individualizadas” em detrimento das padronizadas (PIMENTA, 2007, p. 106). Portanto, ao questionarem as escolhas dos jovens em relação ao trabalho que irão exercer, ao modelo de família que pretendem adotar, ao local em que irão instalar residência, os pesquisadores da área da juventude têm identificado jovens que se responsabilizam por suas biografias. Ao apresentar essa tendência teórica no campo da sociologia da juventude, Pimenta estabelece a possibilidade da indagação, por parte destes sujeitos jovens do novo século, quanto ao próprio significado do “ser adulto” (PIMENTA, 2007, p. 107). Esse processo, segundo a autora, provoca uma menor adesão às trajetórias tradicionais das famílias destes jovens, levando-os a se orientarem a partir de valores pessoais de realização, com uma maior ênfase, portanto, aos projetos individuais (PIMENTA, 2007, p. 108).

Conforme aponta a autora, as formas alternativas e mais individualizadas de busca pela ascensão social são encontradas também nas classes menos favorecidas, a partir da demanda por “estratégias diferenciadas de controle sobre seus percursos escolares, profissionais, familiares e afetivos” (PIMENTA, 2007, p. 451). A constatação de Pimenta dialoga com a ideia de que para os jovens nascidos na década de noventa a crise das categorias tradicionais, como trabalho, família e religião, tornou-se um elemento constitutivo da vida destes sujeitos (FELTRAN, 2008, p. 45). Para alguns, a “estratégia diferenciada” mobilizada foi justamente a aposta no “mundo do crime” como espaço de maior recepção para seus projetos individualizados de ascensão social. Essas constatações teóricas a respeito do contexto mais amplo da juventude podem, portanto, servir também de base para a análise dos processos de transição dos jovens autores de violência, como aqueles vinculados ao tráfico de drogas.

Nesse contexto específico, os estudos sobre a transição para a vida adulta na realidade brasileira têm confirmado a pluralidade de possibilidades para essa transição, sendo algumas delas marcadas pela exposição recorrente do jovem à violência. Entretanto, ao contrário do que se poderia imaginar, Pimenta afirma que as barreiras estruturais postas a estes sujeitos não impedem que eles mobilizem suas redes de sociabilidade no sentido da conquista de objetivos e da realização de suas aspirações pessoais, nem que isso signifique o envolvimento em atividades ilícitas (PIMENTA, 2014, p. 709) - constatação também afirmada por Lyra (2013). Nota-se que, além destas diferentes formas de transição, a intersecção entre juventude e tráfico de drogas ora mobilizada tem como pano de fundo teórico a própria possibilidade desta não ocorrer, na medida em que para muitos adolescentes vivendo em certos contextos urbanos marcados pela violência extrema - como aqueles objeto desta pesquisa - a própria expectativa de alcance da vida adulta é posta em questão (PIMENTA, 2014, p. 723).

Por fim, é necessário discorrer sobre alguns possíveis pontos de contato entre o fenômeno do tráfico de drogas e a ocorrência de eventos violentos nos espaços urbanos, no sentido de verificar se a adesão dos jovens à rede ilícita de venda de drogas pressupõe a sua vivência como autor e vítima de situações constitutivas do fenômeno da “violência urbana”. Assim, ao adentrar na noção de “cultura da violência”, retomam-se algumas lições da teoria de Machado da Silva (2008). O sociólogo firma sua divergência com os teóricos cujas razões explicativas para o fenômeno do tráfico de drogas aliam-se à ausência do Estado nos espaços urbanos nos quais o tráfico de drogas se instala, a qual teria possibilitado o estabelecimento do que ficou conhecido como “Estado paralelo”, ou “baronato feudal clandestino”, nos termos de Soares (2000, p. 269). Na crítica realizada pelo autor, esse viés explicativo demonstra a

emergência das novas formas de criminalidade como simples consequência do aproveitamento pelos criminosos da desorganização dos sistemas de justiça e pela incapacidade das agências estatais de exercer o controle social direto e indireto sobre estas populações (SILVA, 2008, p. 39-40).

Para Machado da Silva, portanto, não seria possível assumir a explicação do domínio das facções criminosas pela simples ausência estatal, apesar desta também constituir parte do problema, na medida em que os dois fenômenos não se apresentam como causa e efeito, mas se constituem como processos independentes (1999, p. 120). Por tal razão, seria necessário realizar uma separação entre a crise institucional e a organização da criminalidade, a qual melhor se demonstraria, na hipótese do autor, pela formação de uma nova sociabilidade, externa àquela compreendida pela teoria social até então (SILVA, 1999, p. 120). A violência urbana, nesse sentido, é entendida como um conjunto de práticas de uma certa ordem social e reconhece um padrão específico de sociabilidade, o qual o autor denomina de “sociabilidade violenta” na qual:

a força física, com ou sem instrumentos e tecnologias que a potencializam, deixa de ser um meio de ação regulado por fins que se deseja atingir, para se transformar em um princípio de coordenação (um “regime de ação”) das práticas (SILVA, 2010, p. 286).

A fim de constatar a existência de tal padrão de sociabilidade, ensina o autor que se deve considerar como se distribuem os agentes pelas diferentes posições hierárquicas, pois há quem seja “portador” da ordem social, há quem esteja na condição de dominado e há ainda as situações intermediárias (SILVA, 2008, p. 42). Nesse sentido, existem diferentes posições perante à ordem social da violência urbana, na medida em que “não se nasce portador da sociabilidade violenta” (SILVA, 2008, p. 43), mas se aprende a portá-la. Segundo o autor, para compreender esse processo, as trajetórias de vida destes sujeitos podem fornecer indicativos da maneira como se conduz ao engajamento nesta forma de vida. Instrumentaliza-se a categoria “sociabilidade violenta”, portanto, na medida em que são interrogadas as justificativas para os comportamentos dos agentes da violência letal, as quais podem levar à compreensão dos significados culturais por elas exteriorizados (SILVA, 1999, p. 121).

Se na teoria de Machado da Silva a mais forte incidência da “sociabilidade violenta” é observada nos jovens do tráfico de drogas, para que se compreendam as minúcias deste padrão de socialização seria necessário, então, deter-se aos modos de adesão dos jovens a tais redes criminosas. Ao ater-se a esse aspecto, Oliveira estabelece a importância do olhar sociológico às redes de interações nas quais o jovem se envolve, na medida em que estas possuem papel central na construção identitária deste (2008, p. 276). Em suma, é possível afirmar que para a

perspectiva teórica de Machado da Silva, do confronto entre duas “ordens sociais” autônomas (ordem estatal e violência urbana) nasce a construção típico-ideal chamada de “sociabilidade violenta”, compreendida como um processo específico de sociabilidade resultante de um certo isolamento do sujeito que acaba por ressignificar a linguagem corrente com o objetivo de expressar uma “forma de vida” contraposta à ordem estatal, consolidando-se como um caso limite do individualismo moderno (SILVA, 2004, p. 74).

Evidente que é possível tecer certas críticas à concepção teórica do autor, questionando a autonomização destas ordens quando em muitos casos elas atuam em conjunto, bem como a atuação também da ordem estatal a partir da instrumentalização da violência. De todo modo, a perspectiva é válida sobretudo na compreensão de que atos violentos deveriam ser pautados não pela simples correlação entre a ação e a desobediência a uma proibição legal, mas no sentido do uso da força como princípio de coordenação específico de um padrão de sociabilidade do qual emergem emoções como o triunfo sobre o outro, o orgulho pela sua destruição e a consequente euforia oriunda da liberdade adquirida ao transpor-se o impedimento (ZALUAR, 2004, p. 389). Tendo em vista que essa violência acaba por desarticular a sensibilização adquirida com a socialização, provocam-se consequências especialmente custosas no Brasil como, por exemplo, a interiorização dos comportamentos violentos nas subjetividades (ZALUAR, 2004, p. 390). É este o processo vivido pelos jovens que se vinculam ao tráfico de drogas nas metrópoles urbanas, os quais, na transição para o mundo adulto, a partir da incorporação de disposições violentas e de símbolos de masculinidade - sendo a arma de fogo o principal - acabam assumindo posições de destaque na organização criminosa (ZALUAR, 1994, p. 75).

Na medida em que o exercício laboral no contexto do tráfico de drogas fere o ordenamento jurídico posto, seja pela criminalização deste mercado, seja pelos atos violentos vinculados a esta ordem social, o Estado passa a deter a justificativa legal para exercer o controle social que lhe é próprio, sobretudo a partir da criminalização destes adolescentes e da sua institucionalização em unidades de cumprimento de medida socioeducativa. A socioeducação, como um subsistema jurídico com procedimentos e paradigmas específicos, gere a vida destes sujeitos a partir de alguns pilares de sustentação, como a garantia à educação e aos direitos mínimos da pessoa em desenvolvimento. Nesse contexto, o trabalho - sob a nomenclatura de profissionalização - retorna para a vida destes adolescentes, desta vez sob os olhos das garantias legais de proteção. Entretanto, o histórico da socioeducação no Brasil, a partir da utilização da profissionalização de jovens criminalizados como um dos pilares da

ressocialização, vem demonstrando interesses e resultados outros, como será possível demonstrar a seguir.

3 A PROFISSIONALIZAÇÃO NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO BRASILEIRO

3.1 A SOCIOEDUCAÇÃO NO BRASIL: PANORAMA HISTÓRICO E REALIDADES

Do ponto de vista da legitimação social, a Medida Socioeducativa apresenta-se como um “resgate” dos adolescentes, uma oportunidade de desvio da trajetória de vida até então pautada pelas atividades realizadas no tráfico de drogas. A criminalização desses sujeitos obedece a um procedimento previamente determinado, que adota normas processuais e materiais próprias e, nesse sentido, estabelece-se como um microsistema jurídico específico a determinar os caminhos institucionais que o adolescente irá percorrer a partir do momento em que é acusado do cometimento de um ato infracional. O principal amparo legal desse procedimento é o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90), mais especificamente no que está estabelecido no Título III (Capítulo I a V). São 37 artigos responsáveis por determinar o tratamento estatal para sujeitos entre 12 e 18 anos acusados do cometimento de fato tipificado em lei como crime ou contravenção penal. Ao observar as disposições legais, nota-se que a legislação produziu algumas mudanças em termos já concretizados no âmbito jurídico-penal: crime passou a ser “ato infracional”, a resposta estatal denomina-se “medida socioeducativa” e o acusado é intitulado “adolescente infrator”.

A modificação de tais termos linguísticos não é uma realidade exclusiva do contexto brasileiro, mas se insere em uma “construção sistemática da semântica eufemística” (MÉNDEZ, 1998, p. 26) dos sistemas de justiça latino-americanos. A criação, portanto, de uma nova forma de agir do Estado, em acordo com a redemocratização que ocorria nesses países, pretendia desvincular-se ao que já existia até então, incluído nesse rol os vocábulos. A crítica realizada por MÉNDEZ (1998; 2008) é de que esse contexto eufemístico das novas legislações sobre Criança e Adolescentes da América Latina no século XX tratava-se de uma tentativa de demonstrar uma diferenciação extrema no tratamento estatal conferido a esse grupo social, quando na realidade ele acabou por se moldar aos instrumentos legais que já existiam.

O problema do eufemismo no interior do ECA é apenas uma das questões oriundas daquele que talvez seja o debate mais importante no interior do campo da socioeducação no Brasil e no continente latino-americano: as rupturas e continuidades dos paradigmas da Situação

Irregular e da Proteção Integral, ou as formas como estes marcos teóricos que fundamentaram as legislações específicas de Criança e Adolescente no Brasil se apresentam na prática socioeducativa atual (desde o Código de 1927 à Lei 8.069/90). Assim, a oposição entre esse dois pólos teóricos, por um lado, em contraposição à continuidade de algumas práticas baseadas na Doutrina da Situação Irregular, gera inúmeros debates acadêmicos não apenas sobre a constituição do campo da justiça juvenil no país, mas também sobre seus porvires possíveis e ideais. Para o objeto da presente pesquisa, esse debate é importante na medida em que o paradigma da “profissionalização” dos adolescentes como instrumento chave da medida socioeducativa explica-se pela forma como a natureza desta se firmou no ordenamento e na realidade institucional brasileira.

Com o início do período republicano no Brasil, instalou-se uma ideia esperançosa de que seria possível a construção de uma “nação brasileira”, a qual prescindia de uma coesão social entre os diversos segmentos sociais do país, incluídas as crianças abandonadas e instruídas “nos caminhos da ociosidade e do crime” (RIZZINI, 2008, p. 123): os chamados “populares”. O remédio para o problema social não poderia ser outro que a inserção desses “menores” no contexto laboral, o que passou a ganhar força no início do novo século. Nas palavras de Paula, operacionalizou-se uma “pedagogia do (e para o) trabalho” (2011, p. 23), a qual consistia em uma vigilância reiterada das rotinas dos sujeitos. É importante frisar a emergência do sistema produtivo de mão-de-obra assalariada, em substituição àquele escravista que vigorava no país até sua abolição em 1888. Assim, a formação de mercado de trabalho livre no Brasil exerceu grande influência nas experiências institucionais adotadas à época (ALVAREZ, 1989, p. 38), o que se torna bastante visível ao observar-se a mudança de tratamento conferida às crianças abandonadas. Se até então os Códigos Penais previam apenas a punição como resposta ao problema da criminalidade infantil, as mudanças sociais do início do século XX impuseram a busca por novas soluções, construídas sobretudo na “organização da justiça”, com inspiração nos momentos humanitários do século XIX e nos moldes da moderna civilização o século XX (RIZZINI, 2008, p. 126).

A busca por um “novo direito” que “expandia a ação da Justiça para além do caráter punitivo do cárcere” (RIZZINI, 2008, p. 124) encontrou no campo do saber da assistência a moradia perfeita para se instalar. Assim, nas primeiras duas décadas do século XX, foi construindo-se um marco discursivo de que era necessário a criação de uma especialidade centrada entre a justiça e a assistência, áreas de conhecimento que fundamentariam um novo “sistema de proteção aos menores”, com legislação própria, com ação tutelada pelo Estado e

em conjunto com iniciativas privadas de amparo à infância. As primeiras manifestações desse novo paradigma podem ser traduzidas na promulgação de legislações como a Lei n. 947 de 1902, no Distrito Federal, a qual autorizava o Poder Público à criação de “colonias correccionales”, voltadas à reabilitação de “mendigos, vagabundos ou vadios, capoeiras e menores viciosos” por meio do trabalho e da instrução (RIZZINI, 2008, p. 131). Entre o período de 1906 e 1927, as chamadas “Leis de Assistência e Protecção aos menores” previam a implementação de instituições voltadas ao ensino do trabalho, seja no contexto urbano - os “estabelecimentos industriais” destinados aos delinquentes absolvidos - seja no âmbito rural - os “patronatos agrícolas” voltados aos menores condenados (RIZZINI, 2008, p. 133). As experiências deixavam claro o desejo social de que esses jovens, o quanto antes e o mais rápido possível, incorporassem o “*ethos* de trabalhador” (PAULA, 2011, p. 26).

Nesse sentido, o contexto sócio-histórico que antecedeu a promulgação do Código de Menores de 1927 estava muito vinculado a dois paradigmas centrais: a) a produção de cidadãos ordeiros e moralizados, prontos à submissão ao trabalho assalariado e industrial⁷ que começava a se instaurar como sendo o motor principal do desenvolvimento da nação recém criada, e b) a emergência da assistência como instrumento central na tarefa de recuperação dos ‘menores’ para a vida em sociedade, colocando-na em interlocução com a justiça na solução do problema social da criminalidade juvenil. Assim, em uma tentativa de agrupar e conferir certa coesão às leis de assistência e protecção aos menores, que já vinham sendo promulgadas nos últimos anos, em 1926 aprovou-se o Decreto que instituiu o Código de Menores de 1927. O Código previa diversas situações relacionados aos infantes e menores abandonados, suas relações familiares e possibilidades (quase irrestritas) de intervenção do Poder Público (RIZZINI, 2008, p. 139).

Salienta-se que o Código de 1927 tinha como um dos principais marcos a criação da categoria jurídico-institucional do menor, síntese de todo um novo projeto de institucionalização para esses sujeitos (ALVAREZ, 1989, p. 58). A lista dos que se enquadravam no conceito de menor abandonado é extensa, cabendo à autoridade competente a sua apreensão, educação e vigilância. Segundo afirma Rizzini, o rol de sujeitos que poderiam sofrer a intervenção foi flexibilizado, na medida que incluiu-se a frase “ou em perigo de o ser” à categorização de menor abandonado ou pervertido (2008, p. 141). O recolhimento de vadios e mendigos e a posterior apresentação à autoridade judicial também eram possibilidades previstas em uma lei que,

⁷ Conforme traz Alvarez, a mão-de-obra do menor passou a ocupar lugar de destaque na composição da força de trabalho, juntamente com a mão-de-obra feminina (1989, p. 48).

(A) o destacar da criança, a figura do ‘menor’, este representando a infância perigosa (ou em perigo de o ser...), foi fácil justificar o tratamento ‘moralizador e saneadora’ deste grupo através da ação concebida nos moldes da Justiça-Assistência, priorizando-se a reeducação/regeneração/reabilitação como fórmula socialmente legitimada para a meta de civilizar o Brasil (RIZZINI, 2008, p. 147).

Em acordo com as noções que já se estabeleciam desde o início do século, com o Código de Menores de 1927, o trabalho passou a ser central também no momento de avaliação do cumprimento da medida socioeducativa imposta pelo magistrado. O conteúdo de decisões de Juízes de Menores da época demonstra quanto a adesão ao trabalho era ferramenta inclusive de encurtamento da pena (BATISTA, 2003, p. 72), mostrando-se como a única alternativa para a juventude pobre. A realidade das decisões judiciais mantinha, portanto, relação muito próxima com aquilo que se imaginava ideal durante a implementação do Estado Social brasileiro. A incorporação forçada das massas urbanas ao projeto nacional - ou ao menos na ideia que almejava Getúlio Vargas - tem na implementação da SAM, seu maior símbolo no que se refere aos ‘menores’: orientação correcional repressiva, sobretudo na década que precedeu o golpe militar (BATISTA, 2003, p. 73).

Contudo, a ideia de tornar realidade as novas noções de institucionalização das crianças abandonadas, enfatizando a educação para o trabalho como a ferramenta capaz de atingir a proteção dos ‘menores’ e o desenvolvimento da mão-de-obra assalariada e disciplinada do país, encontrou resistência das mais diversas ordens, a começar pelas práticas que foram se enraizando nas instituições criadas, como a tortura, a violência e os maus-tratos, reforçadas nas dificuldades financeiras de manutenção dos serviços e na própria superlotação das unidades (PAULA, 2011, p. 43). Ademais, acentuado pela força das reformas trabalhistas da Era Vargas, o ramo da assistência às crianças e aos adolescentes se fragmentou em duas vertentes: aqueles que serviam ao trabalho e aqueles que estavam abandonados, mas que poderiam vir a servir, caso fossem socializados e disciplinados nesse sentido. Esse último grupo, para além de “não-trabalhadores”, passaram a ser registrados como “pobres”, destituídos de cidadania na medida que não se adaptavam às necessidades do mercado formal de trabalho, constituindo o que Telles chamou de “pobreza incivil” (2001, p. 37 *apud* PAULA, 2011, p. 36).

Destaca-se que na Era Vargas, despendeu-se grande esforço na promulgação de legislações dedicadas ao problema trabalhista e social, culminando na promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943 (CARVALHO, 2004, p. 110). Nesse sentido, a influência de uma corrente positivista nos anos anteriores, baseada nas ideias de Augusto Comte e defensora da adoção de ampla legislação social, foi essencial na criação de uma mentalidade favorável à política de proteção do trabalhador (CARVALHO, 2004, p. 111). O resultado veio

apenas anos mais tarde, quando Vargas assumiu o poder e possibilitou a imposição na legislação trabalhista de alguns limites à atuação patronal, como a jornada de trabalho de oito horas e o estabelecimento de salários iguais para homens e mulheres (CARVALHO, 2004, p. 112). O trabalho dos menores foi efetivamente regulado apenas em 1932, em que pese a primeira regulação tenha se dado já no âmbito do Código de Menores, cinco anos antes, e com grande resistência dos industriais à época (CARVALHO, 2004, p. 62), constituindo uma primeira tentativa estatal de regular as relações entre capital e trabalho.

Com o golpe militar de 1964, as tendências intervencionistas nas camadas vulneráveis da sociedade se intensificaram. A tutela estatal dos pobres se justificava não mais na necessidade de voltá-los ao mercado de trabalho, uma vez que já havia sido realizada a seleção daqueles passíveis de se tornarem “trabalhadores”, mas na sua incapacidade e impotência, definidas pela não-inserção no mercado econômico, e que os impediam de “participar da sociedade política *a priori*” (PAULA, 2011, p. 45). Do mesmo modo, emergem leituras biopsicosociais do fenômeno da criminalidade juvenil que passam a mover as engrenagens legislativas no sentido da necessidade de um novo Código de Menores, o que vem a acontecer no ano de 1979. A nova legislação, se por um lado muito pouco inovou em relação às práticas que já se faziam presentes, por outro solidificou a chamada Doutrina da Situação Irregular.

Definidos como infratores, abandonados ou órfãos, os sujeitos-objetos de intervenção previstos no Código de 1979 (COSTA, 2005, p. 59) eram mais objetos do que sujeitos, os quais pouco tinham a fazer contra a discricionariedade do Estado “protetor”. O aparato teórico que baseava a lei se fundamentava nos três pilares da defesa social: pobreza, desvio e delinquência (PAULA, 2011, p. 47). A criação da FUNABEM, em nível nacional, e das FEBEM’s, nos estados do país, talvez seja a marca mais palpável do que pretendia ser o novo paradigma adotado. Assim, é possível afirmar que, se as práticas repressivas foram revigoradas com a promulgação do novo código, os discursos continuavam centrados na explicação da delinquência juvenil através da pobreza, das relações familiares e da hereditariedade (PAULA, 2011, p. 50), justificativas que, em certa medida, também se faziam presentes na criminologia correccionalista norte-americana do mesmo período (GARLAND, 2008, p. 144).

As práticas, contudo, mantinham-se alinhadas com o que já vinha sendo estabelecido pelas instituições anteriores, como “o distanciamento da equipe técnica em relação ao cotidiano das unidades, a desatenção à escolarização e a maior importância dada à educação profissional de baixa qualificação” (PAULA, 20011, p. 50). A manutenção deste tipo de atuação estatal, na visão de Paula, para além de representar a opção por um certo método educacional, implicava

em uma estratégia de gestão da população pobre, articulando ao mesmo tempo táticas para deslegitimar o poder familiar - com a adoção do estigma da “família desestruturada” - e atuação repressiva para manter, crianças e adolescentes, sob a submissão da ordem estatal (2011, p. 53). Tais táticas repressivas serviam ainda a uma terceira razão, isto é, a produção o estigma do marginal e do bandido como espelho a ser evitado pelos trabalhadores pobres.

Entretanto, com a redemocratização do Estado brasileiro e a promulgação da conhecida “Constituição Cidadã”, passou-se a buscar não só a retomada dos direitos civis, mas a ampliação e efetivação destes. Nesse contexto, os movimentos dos direitos da infância e juventude⁸, emergidos daqueles que buscaram a retomada dos direitos políticos (PAULA, 2011, p. 55), e pautados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, puderam influenciar o texto da Constituição Federal de 1988, vindo a nela estabelecer os princípios que após deram força à promulgação do ECA, em 1990. A sociedade brasileira, portanto, passou a buscar a concretização no campo da infância e da juventude com quase meio século de atraso, daquilo que os Estados Unidos já começavam a presenciar o esfacelamento: o Estado de bem-estar social voltado para a universalização da cidadania e para a integração social, políticas sociais norte-americanas típicas do período pós-guerra (GARLAND, 2008, p. 123), conforme será retomado mais à frente.

Assim, com a promulgação do ECA, instaurou-se no plano normativo a concepção oficial na qual o adolescente não é mais visto como “menor em situação irregular” - ou “mero objeto do processo” (SARAIVA, 2003, p. 18) - mas como sujeito de direito, principalmente a partir do direito fundamental da condição peculiar de pessoa em desenvolvimento⁹. A partir do novo paradigma incorporado, portanto, começou-se a distinguir os programas destinados a adolescentes autores de ato infracional daqueles previstos para crianças e adolescente em situação de risco. Nesse contexto, o Estado passou a compor o grupo de “adultos” responsáveis pela proteção integral dos sujeitos “adolescentes”, juntamente com a família e a sociedade

⁸As mudanças que a Constituição Federal de 1988 operaram na garantia do Estado de Bem-Estar social são para além daquelas na temática da proteção da criança e do adolescente. Neste âmbito, apenas para fins de contextualização, é possível citar a inauguração de um novo sistema de proteção social pautado na concepção de Seguridade Social que universaliza os direitos sociais concebendo a Saúde, a Assistência Social e a Previdência como questão pública e de responsabilidade do Estado (BRAVO, 2000, p. 1). Dentre as inovações da chamada Constituição Cidadã, pode-se destacar: a criação do SUS; a definição de um piso mínimo para os benefícios; a criação do seguro-desemprego; e a extensão da previdência rural, que teve seu sistema unificado com a previdência urbana e estendeu os benefícios às mulheres; além da redução da idade de aposentadoria (60 para homens e 55 para mulheres) (BENEVIDES, 2011, p. 65).

⁹Art. 227, § 3º, inciso V, CF.

(COSTA, 2012, p. 131). Essa construção teórica que culmina nas disposições do ECA, de certa forma, é resultado da adaptação das concepções antigas relacionadas ao tema às novidades da área do conhecimento trazidas pelos novos anseios sociais do novo século.

A separação no interior da legislação dos problemas de ordem social daqueles típicos de responsabilização penal inaugura na ordem jurídica brasileira tratamento específico aos adolescentes acusados de cometimento de ato infracional, estabelecendo que a resposta estatal só é legítima em se tratando da prática de atos típicos, antijurídicos e culpáveis. Passou-se, portanto, a buscar também para as crianças e adolescentes um modelo jurídico de garantias contra a atuação estatal, estendida a temática para além do âmbito doméstico. A partir da legislação brasileira, portanto, inaugurou-se no contexto latino-americano a criação de um modelo jurídico-institucional de responsabilidade penal aplicado para os adolescentes, no qual estes sujeitos deixam de ser punidos pelo que são para passar a serem pelo que fazem - “e isso só quando este fazer implica uma infração às normas penais” (MÉNDEZ, 2008, p. 21).

Com base nesse contexto histórico, a importância da implementação do paradigma da proteção integral a partir do ECA vai muito além do simples simbolismo. A mudança significou ganhos reais aos adolescentes destinatários do sistema, sobretudo no que se refere à expansão da profissionalização dos agentes executores, com o fortalecimento de profissionais especializados das áreas da assistência social e da psicologia, por exemplo. Contudo, o desencadeamento dessas atuações estatais profissionalizadas manteve-se subordinado à incidência do Poder Judiciário, isto é, necessariamente vinculada à constituição de um procedimento de apuração de um crime (entendido agora como “ato infracional”), no qual a figura central ainda é o juiz. O paradigma implantado, portanto, já naquele momento - e até os dias atuais - apostava nos agentes do campo judicial como promotores de cidadania e de ascensão social, além de garantidores dos direitos humanos. A ressocialização unificava esses objetivos, mas mantinha-se sendo instrumento estritamente jurídico, ainda completamente vinculado à sanção. Conforme traz Paula, ao fazê-lo, “a doutrina da proteção integral aposta na instituição de caráter mais conservador do Estado Moderno como propagadora de mudanças” (2011, p. 61).

3.2 A PROFISSIONALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE SOCIOEDUCAÇÃO

O ideal reabilitador como paradigma central da punição acompanha a racionalidade moderna da punição, ao menos no discurso oficial das grandes potências mundiais, do início do

século até a década de setenta (GARLAND, 2008, p. 104). Para essa concepção, o tratamento da questão da criminalidade deveria ser individualizado, dando ênfase ao aspecto ressocializador do encarceramento. Pensava-se na importância de regimes de custódia especializados, como reformatórios para jovens infratores, prisões-escola e estabelecimentos correccionais. Essa realidade correccionalista muito influenciou na prática com adolescentes em situação de conflito com a lei, sobretudo a partir da consolidação no campo da justiça criminal da América Latina do modelo norteamericano de separação entre as varas criminais e juvenis, ainda no início do século XX (BELOFF; MAXIMO, 2015, p. 205).

Nesse sentido, a concretização do sistema de justiça juvenil é uma realidade que ultrapassa não apenas o continente latino-americano, mas o contexto mundial. Em estudo que pretendia trazer as realidades de diversos países na questão do tratamento jurídico-penal dos adolescentes (LANGER; ZIMRING, 2015), foi possível afirmar a predominância mundial de separação estrita do tratamento penal de adultos e de jovens. Os ganhos da especialização da justiça juvenil, portanto, sustentaram-se na verificação prática de que jovens restam encarcerados por menos tempo e em condições melhores que os adultos. Para que essa realidade “positiva” persista, a manutenção do ideal reabilitador é imprescindível, eis que é ele que justifica a necessidade da especialização, na medida que não seria possível que o mesmo julgador aplicasse a pena nas suas vertentes opostas, a depender do caso: servindo de um lado à reabilitação dos jovens, de outro à retribuição pelos adultos (LANGER; ZIMRING, 2015, p. 388). A especialização, portanto, só legitima-se na distinção das respostas estatais, tendo em vista que, caso todos estivessem sujeitos a penas - afastada a centralidade da ressocialização - não haveria razão para mantê-la.

Sobre a questão, entende-se que, uma das grandes marcas do ideal ressocializador, já identificada por Garland (2008, p. 381), é a sua sustentação no trabalho como paradigma de reintegração social, em conjunto com o necessário apoio da família e da previdência social, em termos gerais. No microsistema socioeducativo brasileiro, essa tendência é bastante visível, havendo uma centralidade da inserção no mundo do trabalho e da profissionalização na construção dos planos de atendimento para os adolescentes. Assim, no Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul, o aspecto profissionalizante da medida traduz-se “em uma proposta com atividades de trabalho educativo que tenham o compromisso com a formação humana e emancipação dos sujeitos e não com a ocupação de tempo ou com o ganho temporário” (Brasil, 2014, p. 93).

O programa que estabelece as políticas referentes à execução das medidas socioeducativas de internação e semiliberdade no Rio Grande do Sul, antes citado, justifica a inclusão da profissionalização na importância da aproximação destes sujeitos com o mundo do trabalho e toda a socialização dele decorrente. Nesse sentido, o primordial é o aspecto educativo da ação, e não aquele da produção de bens e serviços. O trabalho, portanto, é apenas um meio de atingir um fim mais nobre, muito mais próximo à aprendizagem do que à acumulação de renda, esta, por sua vez, entendida também para além do seu valor material, mas como “um espaço propício para a equipe de trabalho incidir no que diz respeito à tolerância, responsabilidade, comprometimento e administração do recurso recebido nas atividades de aprendizagem e trabalho” (Brasil, 2014, p. 92-93)

Veja-se que a construção histórica da justiça juvenil brasileira explicitada no subitem anterior expõe como a inserção social dos “menores” - ou, nos termos atuais, dos adolescentes em conflito com a lei – por meio do trabalho é uma temática presente nas legislações e nas concepções sociais desde o Código Republicano de 1890, até a sua reformulação em “aspecto profissionalizante da medida socioeducativa”, pela lei atual. Neste antigo código¹⁰, constava autorização para os policiais encaminharem as crianças e os adolescentes pobres das ruas diretamente aos industriais do local. Esses, por sua vez, enxergavam, na transformação desses jovens em pura força de trabalho disciplinada e desqualificada, o melhor instrumento para a sua inserção na sociedade (PAULA, 2011, p. 21). A centralidade do trabalho na execução da medida socioeducativa, portanto, percorre a linha cronológica das políticas estatais para jovens em situação de violência, seja como forma de disciplina dos corpos, seja a partir da sua importância na construção da subjetividade dos indivíduos.

Assim, em razão tanto de fatores externos ligados à estrutura econômica, como de noções de construção do ser social, o fato é que o trabalho e, mais recentemente, a profissionalização dos adolescentes, constitui um pilar de sustentação da medida socioeducativa, motivo pelo qual é possível afirmar sua relevância neste momento de “transição”. Evidente que, nos termos legais atuais, não se cogita mais a ressocialização através da entrega dos adolescentes apreendidos pela polícia diretamente aos “industriais” da cidade. A atividade laboral idealizada pelo ECA pretende alcançar a profissão, e nesse percurso,

¹⁰ No Código Penal de 1890, eram consideradas inimputáveis as crianças menores de nove anos. Aqueles compreendidos na faixa etária de nove a 14 anos poderiam ser punidos se restasse demonstrado terem agido com “discernimento”. Para os adolescentes entre 14 e 17 anos, presumia-se o discernimento (PAULA, 2011, p. 21).

contribuir com a socialização e a organização do socioeducando. Para tanto, as unidades executoras devem buscar o desenvolvimento de parcerias com unidades do ensino profissional, além de “empresas prestadoras de serviços, indústrias, comércio em geral, Programa Jovem Aprendiz, no sentido de oportunizar aos socioeducandos a iniciação, finalização profissional, geração de renda e/ou colocação no mercado de trabalho em geral” (Brasil, 2014, p. 93). Também na recente Lei 12.594/2012, que institui o SINASE, e que, portanto, estabelece os paradigmas da execução da medida socioeducativa em âmbito nacional, a capacitação para o trabalho foi dedicada todo o Capítulo VIII da lei, com a possibilidade de reserva de vagas do SENAI, SENAC e SENAR para os usuários do SINASE.

No que diz respeito à medida de internação, o PEMSEIS possibilita três modalidades para o alcance do ideal da profissionalização: oficina ocupacional, educação profissional e aprendizagem (Brasil, 2014, p. 40). A oficina ocupacional é a mais ampla das três possibilidades, podendo ser executada pelos técnicos em educação ou por equipe de voluntários e encobre atividades vinculadas ao artesanato, à cultura, à expressão artística, à educação ambiental e à formação humana, de modo geral. Já a educação profissional, volta-se para uma tentativa mais efetiva de transição do jovem para o mercado de trabalho, a partir da oferta de cursos profissionalizantes, tanto de iniciação como de qualificação profissional (Brasil, 2014, p. 43). Os cursos oferecidos podem ser tanto de iniciação quanto de qualificação profissional, utilizando-se a oferta de vagas do PRONATEC Socioeducativo, SENAC e Institutos Federais, por exemplo. Por fim, a Aprendizagem constitui-se como a terceira possibilidade prevista, regulada pelo Decreto Federal n. 5.598/2005. Os adolescentes inscritos em tais cursos devem ser contemplados pelo sistema de concessão de cotas de aprendiz.

Contudo, em que pese a existência da profissionalização constar no âmago da medida socioeducativa, entendida esta como um processo educativo de auxílio à construção da profissão do sujeito, pouco se alcança em relação à construção de uma verdadeira profissão para os socioeducandos. Segundo apresenta Pimenta, entre os jovens de classe baixa, há possivelmente uma clivagem entre os termos “profissão” e “trabalho” (2007, p. 408). Enquanto o primeiro conceito é quase consequência lógica da formação educacional, requerendo certa especialização ou aprendizado e com potencial de auxiliar no alcance da realização pessoal, o segundo “compreende as atividades que não requerem um saber específico e são executadas por falta de opção, por necessidade e como fonte de subsistência” (PIMENTA, 2007, p. 409). Há, portanto, uma distinção entre as atividades que exprimem “realização” e aquelas que denotam mera “obrigação”, já que o “trabalho” não possibilitaria a construção de planos, pois

poderia ser retirado do sujeito a qualquer momento, ao contrário da “profissão”, a qual seria sinônimo de futuro garantido (PIMENTA, 2007, p. 410).

Nesse sentido, parece ser possível afirmar que a nova roupagem que o ECA conferiu ao trabalho juvenil - agora compreendido como ferramenta de “formação moral” e sujeito às limitações legais e à prevalência do estudo - acaba por introduzir o socioeducando antes em uma atividade capaz de garantir a sobrevivência, alternativa ao mundo do crime, do que em uma profissão. Cursos de montagem de bicicleta, de produção de sabão ou cursos de marcenaria, por exemplo, pouco tem de profissionalização, na medida que importam em instrumentos defasados se não vierem acompanhados de uma efetiva formação escolar. Assim, mesmo que se entenda o trabalho como parte do processo de socialização do jovem, no contexto de jovens moradores da periferia, ele acaba por tornar-se, na melhor das hipóteses, apenas um instrumento para a satisfação de desejos materiais (ABRAMOVAY, 1999 *apud* COSTA; JACOBINA, 2007, p. 103), possível graças à renda obtida com a atividade. O trabalho nesse contexto não se satisfaz por si, ainda é de difícil acesso e, quando existente, sua importância na vida do jovem gira apenas em torno do pertencimento a um espaço socialmente aceito (COSTA; JACOBINA, 2007, p. 106).

Conforme indicado na introdução deste trabalho, os grupos focais de adolescentes se realizaram no âmbito da execução de um programa profissionalizante executado pelo Projeto Pescar na Unidade Socioeducativa CASE POA I, pertencente à FASE-RS. O Projeto Pescar, existente no país desde 1976, age com objetivo de promover a profissionalização de jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica, bem como o seu desenvolvimento pessoal e de sua cidadania. O conteúdo programático desenvolvido é composto por 60% de horas voltadas a temas gerais de formação humana e cidadania e 40% dedicadas especificamente à qualificação profissional. Na Unidade em que fora desenvolvida a pesquisa, a profissionalização se desenvolve na temática da “Edição de Imagem e Vídeo”, curso pioneiro no Projeto Pescar. Entretanto, diferentemente de todos os demais projetos desenvolvidos pelo Pescar, tanto no âmbito da FASE quanto fora da instituição, o curso em questão não é considerado atividade de aprendizagem, estabelecida pelo Decreto Federal n. 5.598/2005¹¹. Isso, pois os adolescentes

¹¹Segundo dispõe o art. 2º e 4º do referido decreto, a aprendizagem se consolida através de contrato de trabalho especial, nos termos do art. 428 da CLT, o qual pressupõe a anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, além de matrícula obrigatória na escola, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica (como o Projeto Pescar por exemplo). O empregador que se responsabilizar pela cota aprendizagem também será demandado a estabelecer o vínculo empregatício em caso de nulidade do contrato. As empresas podem, portanto, preencher sua cota de aprendizes através do pagamento respectivo às

participantes não eram cotizados, ou seja, não recebiam recompensa financeira para a participação na atividade¹². Conforme se verá mais adiante, essa condição foi bastante importante para determinar a compreensão dos adolescentes da atividade como um trabalho penoso.

Ainda especificamente sobre o Projeto Pescar, em pesquisa que analisou o “Manual de Desenvolvimento Pessoal e Cidadania” de autoria da entidade, as práticas pedagógicas propostas pelo Pescar foram indicadas como “estratégias de governo dos alunos para a produção de um sujeito com determinadas competências profissionais, mas também de um sujeito alinhado com os pressupostos da sociedade contemporânea” (ORTÁCIO; SARAIVA, 2015, p. 01). Assim, segundo tal análise, as atividades propostas seguiam uma metodologia com foco na padronização da aparência, na utilização intensiva do tempo e na obediência de regulamentos, atravessada, portanto, na visão dos autores, por imperativos de uma governamentalidade neoliberal (ORTÁCIO; SARAIVA, 2015, p. 02). Em relação ao trabalho, o Manual objeto da pesquisa indicou-o como sendo um processo de transformação da natureza para satisfazer as necessidades do ser humano, através do qual seria possível ao indivíduo a inserção em relações sociais e a aquisição de formas de comportamento e de conhecimento. Segundo os autores, tal concepção iria ao encontro da concepção moderna do trabalho, isto é, como atividade que agrega valor tanto às mercadorias como ao homem, e que possui, portanto, uma concepção fortemente vinculada à construção da moralidade do sujeito (ORTÁCIO; SARAIVA, 2015, p. 04).

3.3 A CRÍTICA CRIMINOLÓGICA SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO-PUNIÇÃO

Conforme já adiantado na primeira parte do presente capítulo, as interlocuções entre trabalho e sistema punitivo, seja na forma especializada da justiça juvenil, seja no espectro mais amplo da justiça criminal, já foram em diversos momentos sistematizadas pelos pensadores do

entidades qualificadas que realizam por sua conta a formação técnico-profissional dos jovens, como no caso da Unidade do Projeto Pescar no interior da FASE.

¹² Conforme foi explicado pela coordenação do Projeto, no caso específico da Turma A do “Curso de Edição de Imagem e Vídeo”, a educadora social responsável pela turma ao não cotizar os adolescentes no prazo devido, dificultou que este processo se desse de forma retroativa. Isto, pois, seria necessário que as empresas parceiras do Projeto Pescar aceitassem realizar os pagamentos de todos os adolescentes desde o início de sua participação na atividade, de forma retroativa, portanto. Em razão do custo elevado, não foi possível encontrar empresas que aceitassem realizar tais pagamentos, o que impossibilitou a concretização do curso como trabalho aprendiz, e conseqüentemente, a retribuição financeira aos adolescentes participantes.

campo da criminologia e das áreas afins. Existe uma extensa literatura produzida sobre o tema, sobretudo a partir da consolidação da vertente crítica da criminologia, na segunda metade do século XX. O que se pretende com essa breve retomada bibliográfica é demonstrar as implicações de utilizar o trabalho (ou a profissionalização) como uma das categorias responsáveis pela ressocialização do indivíduo após o cometimento de um crime. Nesse sentido, para que depois seja possível discorrer sobre as contradições de apostar na inserção do jovem no mundo do trabalho legal, quando este já exercia atividade produtiva (tráfico de drogas), antes é necessário recuperar as análises criminológicas já realizadas sobre o tema.

Em 1939, com a publicação da obra dos autores Georg Rusche e Otto Kirchheimer, originalmente intitulada *Punishment and Social Structure*¹³, inaugura-se uma nova vertente da criminologia, em que o mercado produtivo e o sistema de punição passaram a ser estudados em paralelo. Se fosse necessário resumir em apenas uma sentença a tese dos autores, poderia se dizer que se trata da afirmação de que cada sistema de produção constrói um sistema de punição que corresponde às suas expectativas produtivas. O estudo retoma as formas de punição da Baixa Idade Média, afirmando a paulatina transformação da pena de fiança em pena corporal, sobretudo com o início da emergência do capitalismo e das preocupações burguesas com a proteção da propriedade (RUSCHE; KIRCHHEIMER, 2004, p. 33). Nesse sentido, para os autores, importa frisar que qualquer transformação que se afirme sobre o modo de pensar o sistema punitivo trata-se de uma mudança gradual e não-linear, como qualquer mudança de concepção pensada na história. Segundo Rusche e Kirchheimer, a “execução, mutilação e açoites não foram introduzidos através de uma mudança revolucionária repentina, mas gradualmente se converterem em regra no interior de uma situação que se transformava” (2004, p. 36).

A opção pelo incremento nas penas que atingiam o indivíduo em seu corpo, no período do século XV e XVI explicaria-se, portanto, por uma concepção social de um necessário “extermínio” dos perigosos e na ausência, neste momento histórico, de escassez de mão-de-obra, desprezando-se a importância destes indivíduos como força de trabalho. Do ponto de vista dos autores, é esse fator estrutural o cerne da explicação dessa mudança, e não uma suposta “crueldade humana primitiva” inerente à sociedade da época, na medida em que “a crueldade mesma é um fenômeno social que apenas pode ser entendido nos termos das relações sociais dominantes num dado período” (RUSCHE; KIRCHHEIMER 2004, p. 42).

¹³ Traduzido por Punição e Estrutura Social.

Veja-se que essa perspectiva começa a mudar com o desenvolvimento do Mercantilismo nos séculos seguintes, momento em que passa a ser possível a composição da punição pelo trabalho humano, sobretudo em razão de uma forte escassez da mão-de-obra, explicada pelo retorno em massa de trabalhadores para o ambiente rural, dada a deterioração das condições legais, a fome e as guerras desse período (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 47). A gravidade da situação era tamanha que o próprio exército passou a ser preenchido por criminosos, sobretudo no contexto europeu de guerras entre França, Espanha e Inglaterra no século XVIII. Com base nesse panorama social, é possível compreender o estímulo ao trabalho infantil ocorrido no período, o que ocorria inclusive na modalidade de “aluguel” das crianças aos responsáveis pelas fábricas (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, pp. 56-57) e fundamentava-se na teoria de que o ponto alto de qualquer educação era o treinamento dos infantes para a indústria.

O momento histórico foi propício para o surgimento das chamadas “casas de correção”, ou *poorhouses* (para assistência aos pobres) e *workhouses* (para oficinas de trabalho), também em razão da ideologia religiosa do calvinismo que embasava a ideia de que “o dever para o trabalho é a essência da vida” (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 68). Evidente que, enquanto retidos nessas instituições, os prisioneiros passavam a adquirir hábitos relacionados à indústria, vivenciando uma espécie de treinamento profissional, e levando a crer que, quando em liberdade, procurariam de forma voluntária o mercado de trabalho. Ocorre que incutir a disciplina para o trabalho no âmago do ser humano prescindiria da crença e, principalmente, do apoio da instituição religiosa a essa nova concepção, o que se nota, por exemplo, na mudança do horário da missa que passou a ser ajustada ao horário do trabalho (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 73).

Em que pese a relação entre trabalho e religião não seja central a esta pesquisa, é válido retomar a ideia principal desenvolvida por Max Weber no livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, lançado no ano de 1905, no qual o autor apresenta, o argumento de que o trabalho passou a ser visto pelo protestantismo, “como um fim absoluto por si mesmo - como uma “vocação” (2001, p. 48-49). Para Weber, todavia, essa nova atitude do ser humano não seria natural, pois “somente pode ser o produto de um longo e árduo processo de educação” (WEBER, 2001, p. 48-49). A virtude do trabalho como fim em si mesmo, portanto, não é uma ideia presente desde os primórdios da humanidade, o que resta claro se pensarmos nas imagens características dos grandes monarcas católicos europeus da Idade Média, inertes diante de seu reinado, sentados em seus tronos, no contínuo aproveitamento dos prazeres mundanos. Trata-se, portanto, de uma mudança radical no modo em que a sociedade justificava no plano

teológico sua forma de lidar com o labor, o que seria, para Weber, o elemento precedente e essencial da expansão do capitalismo como modo de produção no Ocidente, constituindo a “ética capitalista” (2001, p. 54).

Como se vê, a emergência do protestantismo e da “ética capitalista” dele originada não produziu efeitos apenas no plano do sistema produtivo, a partir da extensão e consolidação do capitalismo em todo o mundo ocidental, mas refletiu também na inserção do trabalho do preso como característica essencial do sistema punitivo. Isso, pois a manutenção das casas de correção se explica não pela produção de bens e serviços eventualmente delas decorrentes, uma vez que a produtividade dos presos passou a receber uma atenção secundária - seria a administração pública aquela a arcar com os custos de tais instituições (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 80) - mas pela importância do labor na construção do *ethos* do trabalhador no interior do indivíduo. Oriundas das casas de correção manufatureiras do século XV, começam a aparecer, portanto, as prisões propriamente ditas, cujo objetivo principal ainda estava muito vinculado às possibilidades de produção econômica dos presos quando encarcerados, ao menos no discurso oficial. A primeira grande virada se deu com a I Revolução Industrial, quando o incremento das máquinas na produção acabou por colocar de lado o problema da escassez de mão-de-obra, gerando uma certa desnecessidade do trabalho prisional para fins de produção de bens e serviços.

Ademais, as consequências no mercado de trabalho trazidas pela Revolução Industrial levaram a uma situação de dificuldade econômica para a classe trabalhadora da Europa do início do século XIX, resultando nas primeiras demandas por direitos trabalhistas e em algumas ameaças de revolução social. Interessante o exemplo utilizado por Rusche e Kircheimer dos tecelões de Lyon, na França, que escrevem em sua bandeira: *Vivre en travaillant ou mourir en combattant!*¹⁴ (2004, p. 137). A afirmação utilizada fala de uma sociedade cujos problemas sociais giram cada vez mais no entorno das questões relacionadas ao trabalho humano. Assim, para os autores, “o cárcere tornou-se a principal forma de punição no mundo ocidental no exato momento em que o fundamento econômico da casa de correção foi destruído pelas mudanças industriais” (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 146). De todo modo, o fato é que a revolução industrial tornou muito difícil a obtenção de ganhos reais com o trabalho carcerário, na medida que se tratava de uma massa de prisioneiros desmoralizada e reunida indiscriminadamente, sobretudo nos países em que o crescimento da produção foi tamanho que o preço das mercadorias já havia sido reduzido ao mais baixo nível, não havendo mais

¹⁴ Podendo ser traduzido por “Viver trabalhando ou morrer combatendo”.

justificativa para a produção nas prisões (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 159). Com o fim da justificativa econômica do trabalho carcerário e a gradual deslegitimação do seu fim correccional, uma vez que os níveis de criminalidade haviam aumentado no início do século XIX, as condições das prisões foram piorando. Aos presos, pouco era oferecido em termos de atividade para preencher o tempo ocioso, fazendo crescer o caráter de humilhação da pena e, por conseguinte, reforçando a característica da prevenção geral (RUSCHE; KIRCHEIMER, 2004, p. 160). Ressalta-se a própria criação do paradigma prisional do “panóptico” criado por Bentham em 1791, do qual se extrai o modelo eficiente para “disciplinar mediante o confinamento que vinha sendo aplicado desde a emergência do capitalismo manufatureiro” (ANITUA, 2008, p. 208). A ideia do criminólogo era a de um cárcere desenhado de forma específica para o aproveitamento, pelos empresários privados, dos presos que o rei da Inglaterra não tinha onde alojar. Seria, nas palavras de Anitua, “o desenho de uma máquina de disciplinar” (2008, p. 208).

Com a consolidação da prisão como modo de punir, a partir da metade do século XVIII e início do século XIX, diversas formas de aplicação do trabalho carcerário foram tentadas e reinventadas, em um processo cíclico de crença e descrença no trabalho carcerário como instrumento de manutenção da ordem social, seja pelos argumentos mais voltados à questão econômica (atualmente, vinculados à oportunização a esses indivíduos de um certo ofício a ser exercido no momento do retorno ao convívio social) ou à formação moral destes sujeitos (atualmente, muito presente nos crimes supostamente relacionados ao consumo problemático de drogas).

De qualquer forma, esses modos de pensar o trabalho no interior da prisão foram muito bem descritos e analisados pela célebre obra de Melossi e Pavarini (2010). Ao realizar uma abordagem histórica do sistema carcerário, os autores optaram por focalizar as interlocuções das duas instituições que compõem o título da obra - cárcere e fábrica - demonstrando a interdependência entre ambas, por um lado, e a incompatibilidade, em certo sentido, por outro. Segundo os autores, portanto, em continuidade àquilo que também afirmavam Rusche e Kirchheimer, “o trabalho penitenciário inventará, assim, *modelos* dirigidos mais para a *criação* daquele “sujeito virtual”, imposto de vez em quando ao mercado da produção livre, do que para a *produção*, economicamente relevante, de mercadorias” (MELOSSI; PAVARINI, 2010, p. 193).

Dentro deste contexto, aparecem duas configurações distintas: a) o trabalho organizado e dirigido pela administração carcerária (gerando um processo atrasado, sem remuneração aos

presos); b) o trabalho organizado pelo empresário privado, em que a disciplina resta a cargo da empresa, onde o preso é remunerado, e do qual advém uma produção com certa eficiência. A partir destes dois grandes grupos, os autores apresentam diversos outros modelos de trabalho carcerário já desenvolvidos. O ponto em comum, contudo, ainda é a estreita dependência entre o “fora” e o “dentro”, ou seja, entre os processos econômicos do mercado livre de trabalho e a organização penitenciária (MELOSSI; PAVARINI, 2010, p. 200). Para Melossi e Pavarini, o processo punitivo tratar-se-ia da construção do “homem virtual”, produto da máquina penitenciária e reconstruído a partir da transformação do não-proprietário homogêneo em criminoso, do criminoso-homogêneo em preso, e do preso homogêneo em proletário. (2010, p. 235).

Já a partir da metade do século XX, a prisão passa a servir a outras necessidades históricas, muito mais pautadas nos ideais reabilitadores se comparada à prisão pensada por Melossi e Pavarini. Essa nova prática reconstrutiva do indivíduo foi fortemente valorizada nas décadas que seguiram à Segunda Guerra Mundial, em uma tendência iniciada nos Estados Unidos, mas espalhada por outros locais do mundo, chamada de previdenciarismo penal. Na exposição sobre o tema realizada por David Garland, a cultura previdenciarista nada mais seria do que a retomada da ideia de que a sanção penal deveria ser mais focada em intervenções reabilitadas do que em punição retributiva (2008, p. 104).

O tratamento deveria ser individualizado, dando ênfase para regimes de custódia que ressaltavam o aspecto ressocializador do encarceramento, afirmando a importância de regimes de custódia especializados, como reformatórios para jovens infratores, prisões-escola e estabelecimentos correccionais. Evidente que a reabilitação não era tudo, pois as medidas poderiam ser ajustadas para cada criminoso. Havia um “hiato entre o latido e a mordida” que permitia uma certa extensão do poder punitivo, quando necessário (GARLAND, 2008, p. 104). O autor explica, portanto, que a possibilidade de implantação desta concepção, isto é, a funcionalidade e longevidade do enquadramento penal-previdenciário, residia “na combinação de objetivos penais e previdenciários, na flexibilidade para enfatizar um ou outro de acordo com as circunstâncias e, por fim, no fato de estar a salvo do escrutínio popular detalhado” (2008, p. 105).

No final do século XIX, portanto, o previdenciarismo fundava-se em dois axiomas inquestionáveis: 1) “a reforma social juntamente com a prosperidade econômica acabariam por reduzir a frequência do crime” (GARLAND, 2008, p. 110) e, 2) “o Estado é responsável por cuidar dos criminosos, bem como por sua punição e seu controle” (GARLAND, 2008, p. 110).

Com fundamento nestas duas linhas argumentativas, portanto, foi possível construir todo um sistema de atuação estatal centrado nos saberes de profissionais sociais, como os assistentes sociais e psicólogos, vistos como tendo um poder mais benigno e apolítico. A formulação de políticas era pensada com o auxílio de especialistas que estavam a salvo do debate público e das manchetes dos jornais, na medida que o controle do crime era tido como uma temática a ser tratada de forma eminentemente técnica (GARLAND, 2008, p. 104). Segundo a concepção apresentada pelo autor, este fenômeno social só foi possível em razão de um nível de confiança da sociedade muito alto, “diante de um *background* material de confiança mútua e segurança econômica” (2008, p. 123), sobretudo se pensarmos em uma sociedade marcada por todos os danos sociais da II Guerra Mundial.

Na transposição da teoria de Garland para a realidade brasileira, há que se atentar para o momento em que foi possível implantar o previdenciário penal no ordenamento jurídico do país, pois, conforme Teixeira,

quando finalmente previsto em nosso ordenamento jurídico, já se encontrava em declínio há mais de uma década em países da Europa e mesmo nos EUA que, apesar de não o terem vivenciado plenamente, conheceram uma política menos repressiva até a década de 1970 (2006, p. 03).

Assim, a despeito de alguns elementos que demonstram a existência de tentativas de humanização da prisão e de reintegração do preso, como a política desenvolvida em São Paulo no governo de Franco Montoro e a promulgação da LEP em 1984 (ALMEIDA, 2010, p. 83-84), a lógica repressora logo voltou a se instalar no Brasil, já no início dos anos noventa. Nesse sentido, diferentemente da realidade apresentada por Garland sobre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, no Brasil, o *welferismo* penal não foi mais do que algumas poucas faíscas de claridade no meio do breu completo.

Ocorre que foi justamente nesse breve intervalo que se fez possível politicamente a fundação do sistema socioeducativo, a partir da promulgação do ECA, no ano de 1990. No interior deste recém criado microsistema jurídico, instalaram-se práticas evidentemente correccionalistas, muito bem representadas pela própria definição do correccionalismo utilizada por Garland, isto é, a conjugação do “legalismo liberal do devido processo legal e da punição proporcional, com um compromisso correccionalista de reabilitação, bem-estar e o saber criminológico especializado” (2008, p. 93). Exemplos destas práticas seriam, conforme apresenta Almeida, a “obrigatoriedade imposta pelo Estatuto da realização de atividades pedagógicas em caso de internação (art. 123) e de escolarização e profissionalização no caso de semiliberdade (art. 120)” (2010, p. 86).

De modo geral, portanto, é possível subdividir a abordagem da relação entre sistema punitivo e trabalho em dois objetos de análise: a) o modo de produção como forma de justificar a proeminência deste ou daquele modo de punição, em diálogo com as necessidades econômicas da sociedade, isto é, a teoria de que a disponibilidade da mão-de-obra pauta a forma (modalidade, condições, tempo) como se apresentará o sistema punitivo de dada sociedade; b) o trabalho dos presos no interior da instituição carcerária, nas suas diferentes justificativas e modalidades ao longo da história. Essas duas vertentes podem ser analisadas na relação que estabelecem entre si, na medida em que a situação econômica não apenas justifica qual modo de punição será adotado, como também atua diretamente no modo como esta forma de punir será executada.

Como visto no subitem anterior, a profissionalização dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa insere-se nesta segunda vertente, eis que muito vinculada à formação do sujeito. Por outro lado, o trabalho dos adolescentes no tráfico de drogas, em alguma medida, vincula-se ao primeiro item, haja vista que a criminalização do mercado de drogas - e a consequente atuação do sistema punitivo nesse contexto - não deixa de ser uma releitura da máxima apresentada por Rusche e Kirchheimer de que o sistema de punição está a serviço do sistema de produção em voga.

Sobre a questão, Del Olmo retoma a relação entre a criação dos estereótipos de criminosos - e o consequente encarceramento destes grupos sociais - com o aumento do número de imigrantes nos Estados Unidos, justamente quando “estes grupos se converteram em força de trabalho ameaçadora em momentos de crise econômica” (1990, p. 59). Seria o caso da vinculação entre os chineses e o ópio, entre mexicanos e a maconha, e por fim, entre os colombianos e a cocaína. Poderia-se pensar, portanto, na construção de uma cadeia legitimadora, em que o pânico social com as drogas, juntamente com a produção do estereótipo dos responsáveis por esse fenômeno, justifica o combate repressivo àqueles que correspondem à figura do inimigo, gerando o seu encarceramento, a retirada da sua força de trabalho da sociedade e a indução nestes indivíduos de instrumentos disciplinares próprios da classe explorada do sistema capitalista. Operada em ciclos, e legitimada por aparatos de controle social, essa sistemática tem poucas chances de ser desmantelada.

4 TRÁFICO, TRABALHO E PROFISSIONALIZAÇÃO: A PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES INTERNADOS NA FASE-RS

4.1 A CATEGORIA TRABALHO

Conforme abordado nos capítulos anteriores, o grupo social cuja análise da realidade destina-se essa pesquisa é composto por sujeitos que possuem uma trajetória de vida comum em alguns pontos cruciais. Esses jovens costumam iniciar sua participação no tráfico de drogas ainda durante a pré-adolescência e, algum tempo depois, quando passam a figurar como adolescentes infratores e a cumprir medida socioeducativa de internação, são indicados à profissionalização. O trabalho, portanto, é um ponto de virada importante no seu processo subjetivo de transição para a vida adulta, da mesma forma como se costuma aferir sobre a juventude de modo geral (PIMENTA, 2007, p. 392). Este tipo de análise, contudo, pressupõe a compreensão de que a atividade no tráfico de drogas pode ser entendida como sendo um trabalho, na medida em que, para os adolescentes envolvidos nesse fenômeno social, participar do tráfico pode adquirir um sentido, se não idêntico, próximo daquele que eles próprios conferem à ação “trabalhar”. Assim, antes de partir para a análise das percepções desses sujeitos sobre os entrelaçamentos de dois pólos - tráfico de drogas e profissionalização - importa delinear os contornos da categoria trabalho na qual esta pesquisa se fundamenta quando procede na comparação entre essas duas atividades.

“Uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho” (ANTUNES, 2005, p. 65). Por certo que tal afirmação não é unanimidade, mas, em todo caso, representa a ideia bastante difundida na sociedade contemporânea de que o trabalho possui um papel importante na produção do sentido da vida do indivíduo. Essa compreensão do trabalho como um pilar central na fundação do ser humano foi construída de forma bastante densa na teoria de Lukács, ainda na segunda metade do século XX. Na obra “Para uma ontologia do ser social”, o autor, sobretudo a partir do aprofundamento de noções iniciadas ainda por Marx, desenvolveu sua concepção do trabalho como o fator primeiro e essencial da construção do ser social (LUKÀCS, 2013, p. 44). Para o autor, a essencialidade do trabalho humano residiria primordialmente no fato de que esse nasceu em meio à luta pela existência, sendo preferível, portanto, constituí-lo como ponto de partida para a análise de níveis mais avançados de sociabilidade do ser humano (LUKÀCS, 2013, p. 44).

Mas quais seriam as razões que justificariam conceder tal acento à análise do trabalho como o responsável por aquilo que Lukács chama de “salto ontológico” do ser social? O autor explica que todas as demais categorias da sociabilidade do ser humano só podem ocorrer em um ser social já previamente constituído, enquanto “somente o trabalho tem, como sua essência

ontológica, um claro caráter de transição” (2013, p. 44), por ser essencialmente, na sua forma primitiva, uma inter-relação entre homem e natureza. É, portanto, somente a partir do trabalho que ao homem é permitido transitar do ser biológico ao ser social, sendo essa a razão que justifica a importância de constituí-lo como objeto primeiro de estudo antes de transitar à compreensão de toda e qualquer sociabilidade dele decorrente. Ao fixar seu campo de análise na gênese do trabalho humano, Lukàcs entende-o como sendo produtor de valor de uso. O conceito de valor de uso, contudo, significaria simplesmente o produto do trabalho “que o homem pode usar de maneira útil para a reprodução da sua existência” (2013, p. 44), não se vinculando estritamente ao conceito calcado por Marx, na medida em que a análise de Lukàcs não avança às formas mais desenvolvidas do trabalho.

Também Engels desenvolve sua compreensão sobre o trabalho humano como sendo responsável pelo salto que possibilitou a construção do ser social, colocando-o no centro do processo de humanização do ser humano, do qual derivaram tanto a socialidade como a própria linguagem, pois o desenvolvimento do trabalho permitiu que se multiplicassem os casos de ajuda mútua, levando os indivíduos a compartilharem com os demais as vantagens da atividade, agrupando ainda mais os membros da sociedade (2013, p. 17). Assim, ao modificar a natureza, obrigando-a a servir-lhe, o homem se diferencia do animal que apenas a modifica pela sua presença nela (ENGELS, 2013 p. 25). Segundo o autor, seria inclusive possível afirmar que “o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 2013 p. 13).

Outro ponto de suma importância para a compreensão completa da categoria em Lukàcs é a possibilidade que o trabalho teria na projeção de finalidades, isso é, a capacidade de construir, no âmbito da consciência, determinada forma posteriormente objetivada no concreto. Assim, Marx e Lukàcs concordam que é somente a partir do intercâmbio entre homem e natureza (trabalho na sua gênese) que se possibilita a materialização de certa ideiação abstrata. A mesma consciência que idealiza, portanto, é aquela que permite a concretização, sobretudo a partir da teologia, função através da qual “o homem projeta na sua consciência as formas daquilo que, em breve será seu trabalho objetivado” (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015, p. 22). Reside justamente em tal projeção adquirida pelo ser humano a diferença entre o trabalho animal - como as atividades das abelhas - e o trabalho propriamente do ser social.

Para Marx, os elementos simples do processo de trabalho se resumem, portanto, em: a) atividade orientada a um fim, ou; b) o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios (2013, p. 33). Nesse sentido, ele não se basta como transformação da natureza, na medida em que sua função teleológica lhe confere um caráter coletivo: é a partir das necessidades dos demais e do processo

de aprendizado inerente ao trabalho que se afirma a sua finalidade social e seu caráter coletivo (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015, p. 22). Como se percebe, da teleologia do trabalho, ou da sua vinculação essencial com a concretização de um objetivo, nasce uma dupla socialização ao homem: de um lado, o trabalho como uma necessidade social e, de outro, como instrumento para satisfazer essa necessidade (LUKÀCS, 2013, p. 56). Segundo aponta Lukàcs, portanto, a descrição do trabalho nesses termos possibilita compreender que junto dele surge no ser social uma característica que o difere substancialmente do homem existente até então. Tal característica consiste na realização da função teleológica pelo ser social, isso é, a produção pela consciência humana de um resultado “adequado, ideado e desejado” (LUKÀCS, 2013, p. 61). Com isso, a consciência deixa de ser um simples epifenômeno, ultrapassando a simples adaptação ao meio ambiente, e tornando-se produtora de transformações intentadas da natureza.

O interessante da perspectiva de Lukàcs sobre a categoria trabalho é que, o autor, ao retomar a constituição do ser humano em sua gênese como ser social - centralizando sua análise, portanto, em um período em que não se pensa a partir dos paradigmas conceituais dos sistemas econômicos conhecidos hoje - concebe o trabalho como uma característica constitutiva do ser humano que é conhecido hoje, mas por razões explicativas não restritas ao sistema capitalista. Nesse sentido, o trabalho ganha contornos tão essenciais à compreensão do homem em qualquer contexto ou tempo histórico que se torna possível analisar sua importância para além da sua constituição dentro de um modo de produção capitalista ou regulado pelo Estado. Ao proceder nesse alargamento do conceito de trabalho, portanto, a base teórica de Lukàcs confere os pilares necessários à compreensão da atividade do tráfico de drogas como um trabalho. Nesse processo de deslocamento da análise do trabalho para um momento anterior à constituição de sistemas econômicos e modos de governabilidade específicos, Lukàcs defende inclusive que seria possível afirmar que as capacidades adquiridas de trabalhar permanecem propriedades do trabalhador mesmo quando desempregado (2013, p. 68).

O autor também constrói a ideia de que o espaço entre a projeção de um ideal e a concretização material através do trabalho é permeado de diversas alternativas possíveis, tendo o desenvolvimento do trabalho também contribuído à construção do caráter alternativo da práxis humana, a qual sempre se baseia em mais de uma opção (LUKÀCS, 2013, p. 73). Entretanto, Lukàcs aterrizava sua abstração teórica no plano da realidade ao afirmar que “seria fetichizar a racionalidade econômica ver aí o motor único da passagem da possibilidade à realidade no campo do trabalho” (LUKÀCS, 2013, p. 75). As alternativas descritas, portanto, não se realizam numa liberdade pura e irrestrita, mas em uma decisão baseada em circunstâncias

materiais, o que leva à conclusão de que a racionalidade depende da necessidade concreta que o produto deve satisfazer (LUKÀCS, 2013, p. 75).

O sucesso pretendido pelo trabalhador em sua atividade só é possível, segundo a teoria lukacsiana, se ele eliminar suas características instintivas e emocionais, o que poderia atrapalhar a compreensão objetiva da atividade (2013, p. 79). O autor utiliza exemplos como o do cansaço e do medo, sentimentos com os quais o homem passa a dominar conscientemente somente a partir do trabalho, seja no caso do trabalho em sua gênese como produtor de valor de uso, seja nas sociedades mais avançadas, quando essas condutas acabam se entrecruzando com outros motivos (LUKÀCS, 2013, p. 81). Em todo caso, o ponto central defendido é a virada ontológica do domínio do consciente sobre o instintivo.

Conforme já afirmado, a partir do momento em que o homem estabelece relações com seus pares na direção de materializar um certo trabalho já idealizado em sua consciência, tal posição teleológica ultrapassa a característica mais simples do trabalho como intercâmbio entre homem e natureza, e se dirige ao trabalho como *práxis* social, “entendida como um campo de possibilidade de transformação” (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015, p. 24). Em sociedades mais avançadas, a *práxis* social se tornaria ainda mais fundamental na construção do significado de trabalho.

Sobre a construção da subjetividade do homem, Lukàcs ressalva que a essência ontológica do trabalho dirige-se ao sujeito que trabalha e determina seu comportamento no trabalho, o qual, portanto, só poderá ser bem sucedido quando realizado com base na objetividade. Assim, apesar das características subjetivas do ser humano influenciarem o curso do trabalho, tais capacidades são sempre voltadas para o exterior, isto é, para a transformação material do objeto. O chamado “autodomínio do homem” aparece pela primeira vez no trabalho, mas mantém-se regulado pela objetividade desse processo. Ao fim e ao cabo, trata-se da inserção de uma qualidade do ser social presente desde a sua ontologia até os dias contemporâneos cuja gênese está, segundo Lukàcs, na característica da *práxis* social do trabalho: o “domínio sobre os afetos” (LUKÀCS, 2013, p. 104).

Diante de todo o exposto, segundo a teoria de Lukàcs, com a consolidação de um mundo em que a produção se tornou social, não poderiam existir atos econômicos sem que em sua base não haja uma “intencionalidade ontologicamente imanente para o devir homem do homem” (LUKÀCS, 2013, p. 117). Afirma-se, portanto, que no fundamento de todo e qualquer ato econômico encontra-se a intencionalidade ontológica oriunda do trabalho em sua gênese, constituição que após se conecta também com os demais âmbitos da *práxis* humana. Assim,

Lukàcs aponta o surgimento do termo *homo oeconomicus* para indicar o comportamento do ser que se liga aos outros âmbitos da *práxis* humana somente a partir da esfera econômica. O autor se utiliza de expressão que resume de forma bastante contundente essa ideia: “o desenvolvimento econômico provê a espinha dorsal do progresso efetivo” (LUKÀCS, 2013, p. 125).

Conforme visto, contudo, o trabalho na sua característica sócio-histórica apresenta facetas que não se resumem às características postas por Lukàcs e apresentadas neste trabalho. Certamente que o sistema capitalista da chamada pós-modernidade, em uma era marcada pelo modo de governar do neoliberalismo, impôs novas perspectivas de análise ao trabalho humano. Apesar dessas mudanças, o que ainda é possível afirmar a partir da teoria lukacsiana é a permanência dos elementos constitutivos do trabalho, isto é, do seu caráter ontológico “por meio do qual possibilita o reconhecimento do homem enquanto ser humano, de sua relação com outros seres sociais e a possibilidade construtora das formas de linguagem, de sociabilidade, de cultura” (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015, p. 24). Assim, segundo Lukàcs, apesar das categorias peculiares assumidas pelos novos graus de desenvolvimento do trabalho, os níveis mais simples continuam fundando materialmente a sua existência (2013, p. 86).

A fim de complementar a noção da categoria trabalho construída até aqui e de, em certo sentido, conferir-lhe uma leitura que remeta às constituições sociais contemporâneas, a contextualização para a realidade brasileira realizada por Souza da noção de “ideologia do desempenho” criada por Kreckel (1992) é de suma relevância. O autor entende a “ideologia do desempenho” como ferramenta para a análise da distinção social brasileira, na medida em que a dignidade do cidadão não adviria pura e simplesmente da dimensão política dos direitos subjetivos universais. Tal garantia de direitos seria apenas uma das dimensões do reconhecimento social, responsável por produzir um pano de fundo igualitário e legitimador do atual sistema. Para Souza, contudo, o verdadeiro elemento diferenciador seria distinguível somente a partir da ideologia do desempenho, formada pela tríade meritocrática “qualificação, posição e salário” (2003, p. 65). Seria, portanto, a combinação de tais categorias que faria do indivíduos um “sinalizador” completo e efetivo do “cidadão completo” (SOUZA, 2003, p. 65).

Justifica-se a retomada dessa perspectiva teórica dado o entendimento de Souza de que a tríade indicada tornaria compreensível as razões pelas quais apenas através do trabalho é possível ao indivíduo assegurar três categorias essenciais: identidade, autoestima e reconhecimento social (2003, p. 65). Assim, resta evidente a possibilidade de utilização da ideologia do desempenho como fator que acaba por determinar os grupos sociais dos sujeitos e

que funciona como uma “legitimação subpolítica incrustada no cotidiano” (SOUZA, 2003, p. 66), segundo a qual as pessoas estão ou não inseridas na esfera de aceitação social de acordo com os três fatores afirmados (posição, qualificação e salário), ou simplesmente, em razão de seu trabalho. No limite, e a partir das categorias bourdieusianas utilizadas por Souza, a ideologia do desempenho se equivaleria ao conteúdo do chamado “*habitus* primário”, na medida em que atua como mecanismo de legitimação dos papéis de produtor e cidadão (2003, p. 66).

Ainda na temática do trabalho, o livro organizado por Souza sobre a chamada “ralé brasileira” traz uma reflexão importante sobre a importância do trabalho na distinção social entre aqueles que fazem parte da classe mais desfavorecida do país, sobretudo na medida em que, mesmo um trabalho muito precarizado, é entendido como mais digno do que qualquer forma de roubo ou desonestidade (MACIEL; GRILLO, 2011, p. 241). Assim, as dificuldades na construção de possibilidades de “ser” para as classes carentes de recursos econômicos e culturais acabam colocando toda ênfase na transmissão para os mais jovens do contra-exemplo, ou seja, do caminho a não seguir. Nesse sentido, as famílias derrotadas na busca por metas sociais “sentem que a única ‘opção’ é tentar se afastar dos últimos lugares da ‘fila moral’ de vencedores e derrotados” (GRILLO; MACIEL, 2011, p. 245), apostando que o sucesso pessoal só pode se concretizar, portanto, pela negação do crime e pela aceitação do mundo do trabalho sejam quais forem as suas condições. Conforme será abordado nos tópicos seguintes, o que esta pesquisa encontrou, contudo, foi um deslocamento dessa concepção por parte daqueles que optaram pelo processo contrário, ou seja, de afastamento do trabalho lícito e de aproximação da narrativa do “não ser”.

De todo modo, no recorte realizado por esta pesquisa, ambas perspectivas teóricas - aquela do filósofo alemão do século XIX e essa do sociólogo brasileiro do século XXI - possuem em comum a centralidade conferida à categoria trabalho, seja na constituição do ser humano como ser social, que passa, a partir do trabalho, a projetar a concretização de uma ideia antes de materializá-la, seja como categoria que reúne os pressupostos de análise da distinção social contemporânea no país. Chega-se, portanto, a esse ponto da pesquisa com a sistematização de algumas características que compõem a categoria trabalho as quais irão constituir, a partir de então, o significado tanto da atividade desenvolvida no tráfico de drogas quanto da profissionalização vivida no interior do sistema socioeducativo.

Diante do exposto, a noção de trabalho ora proposta constitui-se: a) na sua gênese, pelo seu caráter essencial no salto do ser biológico ao ser social, responsável pelos níveis de sociabilidade mais avançados, na medida em que a partir do trabalho o homem adquiriu a

característica de projeção de ideais, de comunicação entre seus pares e de afirmação da consciência sob o instinto, naquilo que Lukàcs chamou de “domínio sobre os afetos” (2013, p. 104); b) na sua condição sócio-histórica, pela aquisição de um papel fundamental na construção no indivíduo das categorias “identidade, autoestima e reconhecimento social” (SOUZA, 2003, p. 65), na medida em que o trabalho torna-se, no paradigma da ideologia do desempenho, parâmetro de análise da distinção social.

Com essas ideias centrais em mente, torna-se possível, portanto, proceder na comparação entre duas atividades absolutamente distintas em seu conteúdo, objetivo e execução, uma vez que tanto o tráfico de drogas como o trabalho e a profissionalização, por razões diversas e em diferentes níveis de intensidade, possuem características que vão ao encontro da noção de trabalho ora proposta. A interlocução entre as perspectivas teóricas apresentadas até então e o conhecimento compartilhado pelos adolescentes sujeitos desta pesquisa serão expostas nos tópicos que seguem.

4.2 A ENTRADA NO CAMPO E A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Antes de iniciar o ponto de análise dos dados empíricos construídos no decorrer desta pesquisa, entende-se necessário uma breve contextualização sobre o processo de escolha do campo de pesquisa, sobre a entrada da pesquisadora no campo estabelecido e, finalmente, sobre a metodologia escolhida para se proceder na abordagem aos adolescentes. Tendo em vista que a ideia central da pesquisa gira em torno da categoria trabalho, inicialmente pensou-se que os sujeitos ideais da pesquisa seriam adolescentes atualmente em trabalho aprendiz e que tivessem anteriormente vivido a experiência do tráfico de drogas. Para encontrar os possíveis locais em que se reunisse um grupo com essas características, entrou-se em contato por e-mail com a Gerente do Projeto Pescar, em março de 2017, quem indicou a Supervisora do Projeto e responsável pela Regional de Porto Alegre como contato que poderia auxiliar na questão. Em reunião pessoal com a técnica, discutiu-se a inviabilidade de realizar a pesquisa nas Unidades de trabalho aprendiz vinculadas a empresas, na medida em que os adolescentes destas diversas Unidades adentravam no programa de diferentes formas (via CREAS, através da divulgação em escolas ou mesmo voluntariamente), sendo possível que os grupos fossem muito heterogêneos e que os adolescentes não possuíssem qualquer vinculação com o tráfico de drogas.

Dessa forma, chegou-se ao nome da profissional do Pescar responsável pela Unidade na FASE-RS, com quem se realizou um encontro pessoal no mês de junho de 2017. Nessa reunião, esclareceu-se que a Unidade da FASE contava com um Curso de Edição de Imagem e Vídeo que já possuía turma selecionada e havia iniciado seus encontros no dia 22 de maio, no turno da tarde na Unidade CASE POA I. Além deste, havia a possibilidade de liberação de verbas para o início de um segundo curso, na temática da montagem de bicicletas a ser realizado no período da manhã. Assim, após a responsável pela Unidade explicar de modo geral o funcionamento dos cursos de aprendizagem do Projeto Pescar, além de expressar um certo receio quanto à abordagem de temas como o tráfico de drogas com os adolescentes, transmitiu o contato da educadora social encarregada do curso de imagem em vídeo que já estava em andamento.

Assim, após contatar quatro funcionárias do Projeto Pescar, chegou-se à pessoa que introduziria a pesquisadora no campo de pesquisa, com quem se realizou encontro pessoal no mês de julho de 2017. Nesse momento, a profissional narrou com detalhes o funcionamento do curso, explicando tratar-se de uma iniciativa do Projeto Pescar em parceria com a “União dos Skatistas de Cachoeirinha” e que pretende desenvolver as faculdades relacionadas à produção de imagem e vídeo em interlocução com a temática do Skate. Assim como em todas as unidades do Pescar, o curso é dividido em 40% das horas voltadas à iniciação profissional e 60% voltadas ao desenvolvimento pessoal e cidadania. No caso específico da Unidade da FASE, a carga horária da profissionalização é gerida por trabalhadores voluntários vinculados à União dos Skatistas de Cachoeirinha, além de profissional específico da produção de imagem e vídeo. Já as atividades relacionadas ao desenvolvimento pessoal e da cidadania são organizadas pela educadora social do Projeto Pescar responsável pelo curso em conjunto com voluntários de diversas áreas. Os grupos focais da presente pesquisa, portanto, seriam realizados no período destinado a esta vertente do projeto.

Contudo, narrou a educadora que os 13 adolescentes inscritos no curso naquele momento não possuíam cotas de pagamento pelo trabalho aprendiz, razão pela qual a capacitação ocorreria no formato de profissionalização. A educadora explicou ainda que os pais dos adolescentes inscritos eram convidados para participar de encontros mensais, momento em que a pesquisadora poderia se apresentar, explicar a pesquisa e pedir a autorização dos responsáveis. Foi requisitado, ainda, uma programação das oficinas que seriam realizadas com os adolescentes, destacando os materiais necessários e os temas abordados. Combinou-se, assim, uma programação de datas para que fossem realizados os grupos, calendário que se

iniciava com uma tarde de observação à turma, para que a pesquisadora conhecesse os adolescentes, e compreendesse melhor o funcionamento do curso.

Em paralelo ao contato com os responsáveis pelo Projeto Pescar, a presente pesquisa tramitava no Conselho de Ética e Pesquisa da UFRGS. Sobre o procedimento, interessa observar que algumas dificuldades foram postas em razão da pouca aproximação do curso de Direito com o Conselho¹⁵, gerando estranhamentos de ambas as partes (assim como o CEP apresentou dificuldades em compreender o desenho da pesquisa, suas limitações e metodologia, a pesquisadora não estava habituada às exigências do Conselho e seu funcionamento interno). De toda forma, após todo o trâmite regular do projeto de pesquisa, e realizadas algumas alterações, a pesquisa obteve aprovação final em setembro de 2017, conforme Apêndice A. Ademais, a realização da pesquisa demandou aprovação interna da FASE, o que foi realizado através da sua Assessoria de Informação e Gestão e de modo bastante célere, conforme se vê pelo Termo de Autorização nomeado como “Apêndice B”. Deve-se dizer que ambas as instituições envolvidas na pesquisa, Projeto Pescar e FASE-RS, sempre demonstraram interesse na realização da investigação, sem que entraves desnecessários tenham sido colocados. Antes pelo contrário, as instituições, na figura de seus funcionários, se mostraram surpreendentemente abertas à execução da pesquisa, interessadas nos resultados e solícitas no momento da realização dos grupos focais.

Com as pendências burocráticas resolvidas, realizou-se o primeiro contato com os adolescentes sujeitos da pesquisa, em observação de uma tarde de atividades. O local de realização do projeto é uma sala que fica aos fundos do CASE POA I. Ao adentrar na casa, passa-se pelas entradas dos “brete”¹⁶, pelos locais de isolamento e banho, e apenas no final do corredor está o espaço destinado ao Pescar. É um local diferenciado em comparação com as demais instalações do CASE POA I, sobretudo pela sua estrutura interna (paredes pintadas e piso claro) e pelos materiais disponíveis para uso (há um computador de mesa, um notebook, uma televisão de tela plana, cadeiras estofadas, uma pia para realização de atividades artísticas, bancadas com materiais confeccionados pelos adolescentes - maquetes, cartazes, objetos de argila). Além da sala central, em formato de L, o espaço comporta uma pequena cozinha, uma sala especial para as educadoras, um banheiro e um depósito com materiais a serem utilizados.

¹⁵ Segundo foi informado pela secretária da Comissão de Pesquisa da Faculdade de Direito, essa foi a primeira vez que um trabalho do Direito submeteu projeto para aprovação no CEP-UFRGS.

¹⁶ Na linguagem corrente dos adolescentes no interior das Unidades Socioeducativas, a palavra “brete” indica o lugar onde eles dormem quando estão internados. Também os agentes socioeducativos acabam utilizando o vocábulo, em alternância com a palavra dormitório (SILVA; TIETBOEHL, 2014, p. 45)

É, portanto, um espaço agradável, com luz e arejado (com ventiladores de grande porte), o qual se diferencia enormemente dos locais escuros e mau conservados do restante da Unidade. Assim, conforme afirmam as educadoras, o simples estar nesse espaço durante o período da tarde já é visto como um ganho para os adolescentes que participam do curso.

No dia escolhido para a observação, os adolescentes estavam sob responsabilidade de dois instrutores profissionais, vinculados à União de Skatistas de Cachoeirinha. Após serem recolhidos em seus “bretes”, adentram o espaço em fila indiana um total de dez jovens. As educadoras explicam que dos 13 inicialmente selecionados para a realização do curso, três não chegaram efetivamente a iniciar o projeto. Enquanto os instrutores organizam o espaço para o início da atividade, que naquele dia teria seu primeiro período realizado na quadra de esportes, os adolescentes conversavam entre si. Os assuntos giravam em torno das regras de saída da ICPAE, pois um dos jovens havia recentemente progredido de regime e, portanto, estava em uma ala separada dos demais. Logo após as primeiras instruções sobre as atividades que seriam realizadas naquele dia, o grupo se dirigiu até a quadra de esportes onde pode praticar com o skate de forma livre. Os mais interessados, contudo, se mantinham ao lado dos instrutores e manejavam as câmaras fotográficas. Pouco a pouco, os adolescentes se dirigiam até a pesquisadora, questionando qual seria o trabalho realizado por ela, ou narrando alguma situação em específico. Entre eles, os adolescentes conversam em paralelo, mas já nesse momento foi possível identificar alguns grupos de maior afinidade, além de jovens que se mostraram mais introspectivos.

Em um dado momento, adentrou o local uma técnica da FASE para iniciar um ritual que se repetiu pelo menos uma vez a cada encontro: entrega de remédios específicos para alguns dos meninos, juntamente com um copo de água. A educadora social explicou que alguns deles são medicados para questões como ansiedade e depressão. Após o retorno à sala do Projeto Pescar, realizou-se o intervalo, havendo um lanche com bolo, sanduíche e café. Todos se sentaram ao redor da mesa, inclusive educadoras e instrutores, e conversaram entre si. Os assuntos mobilizados foram, em sua maioria, sobre acontecimentos do interior da instituição, como rebeliões já ocorridas e histórias de quando a Brigada Militar entrou na FASE para resolver conflitos. Apesar das narrativas conterem elementos de violência, tudo foi contado em tom de piada; os adolescentes deram risada dos acontecimentos e as educadoras e técnicos presentes corresponderam no mesmo sentido. No segundo período de trabalho, os adolescentes já se aproximaram mais facilmente da pesquisadora, questionando o que seria feito por ela e afirmam alguns desejos como “só quero dar uma volta na rua”; “não aguento mais tá preso”;

“10 minutos daqui e eu to na boca já”. Houve ainda uma segunda interrupção para que um adolescente tomasse novamente uma medicação.

Ao final das atividades previstas para o dia, a pesquisa que seria realizada foi apresentada para o grupo, o qual olhou com interesse e trocou sinais entre si quando a atividade do tráfico de drogas foi indicada como sendo um dos temas que seriam abordados. Eles indicaram que estavam de acordo com a proposta e partiram então para a roda final de conversa, pois tratava-se de uma sexta-feira, dia em que eles normalmente narravam como se sentiram na semana e quais as expectativas para a semana seguinte. A maior parte revelou estar “sereno”, mas alguns indicaram certo nervosismo pela possibilidade de progredirem para o regime de ICPAE. Por fim, as educadoras informaram que na semana seguinte as voluntárias do curso de psicologia fariam uma atividade com os jovens, o que causou bastante euforia nos adolescentes, tendo alguns deles produzidos certos comentários que deram a entender uma certa admiração erótica pelas estudantes.

Alguns dias depois, retornou-se à Unidade para a apresentação da pesquisa para os responsáveis dos adolescentes, bem como para que eles assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice C. Como narrado, o Projeto Pescar prevê diversas atividades com as mães e pais dos jovens, momento em que eles todos convivem no espaço do projeto. No dia em específico, os adolescentes estavam em roda com seus familiares, na grande maioria mães, avós e algumas irmãs mais novas (apenas um pai estava presente). O momento era bastante íntimo das famílias, sendo que muitas mães abraçavam seus filhos, razão pela qual as explicações da pesquisa foram dadas da forma mais breve possível e com a linguagem mais acessível encontrada. Os responsáveis me olhavam com atenção, não realizarem qualquer questionamento e logo em seguida me entregaram os Termos assinados.

Por fim, antes de adentrar especificamente na análise dos dados empíricos produzidos pelos grupos, entende-se necessário um breve apanhado da metodologia escolhida, bem como a forma específica como ela foi desenvolvida nesta pesquisa. A técnica utilizada foi a qualitativa, por meio de produção de grupos focais com os sujeitos da pesquisa. Em suma, tal interação se concretizou através da construção de um grupo de discussão com os adolescentes, em que o tema do tráfico de drogas e do trabalho lícito foram abordados. Observa-se que a metodologia qualitativa no âmbito da ciência social pretende uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, e nesse sentido ela se justifica pela necessidade de se dar ênfase às especificidades dos fenômenos, suas origens e razões de ser, para além da simples geração de dados estatísticos (HAGUETTE, 1999, p. 63). Uma das situações em que a metodologia

qualitativa é especialmente considerada é quando tais observações são usadas para entender o “funcionamento complexo de estruturas e organizações complexas que são difíceis de submeter à observação direta” (HAGUETTE, 1999, p. 64).

Esse método de investigação, denominado Observação Participante, presume a presença constante do observador nas atividades do grupo pesquisado, bem como de um compartilhamento consciente e sistemático dessas situações (HAGUETTE, 1999, p. 72). Ademais, para certos teóricos, a Observação Participante vai além, e aceita não só a presença do observador, como sua interação próxima, sendo este inclusive um pré-requisito desta técnica investigativa (HAGUETTE, 1999, p. 73). Nesse sentido, os instrumentos eventualmente utilizados na produção científica através da Observação Participante são amplos e não previamente especificados. É também por essa razão que a responsabilidade do sucesso da pesquisa se centraliza na técnica do observador e na forma como ele pretende o acesso ao grupo social em questão.

Em alguns casos, contudo, não basta a simples observação das vidas cotidianas, pois o etnógrafo “entra em um universo social no qual as pessoas já estão interpretando e entendendo os seus ambientes” (MAY, 2004, p. 181). Por essa razão, pode haver a necessidade do agrupamento de diferentes métodos, produzindo uma flexibilidade ao pesquisador que é inerente a essa técnica. O grupo focal, por sua vez, “ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade” (GONDIM, 2003, p. 151), possibilitando uma abordagem grupal, em que o observador vai além da simples observação naturalista e influi, em certo aspecto, na condução e sistematização do debate produzido. Assim, nessa técnica, que se distingue da entrevista em grupo, o moderador é um facilitador do processo de discussão, e a ênfase é mais nos processos psicossociais que emergem desse diálogo, do que propriamente nas falas isoladas dos sujeitos.

Ao diferenciar-se dos métodos de “entrevista em grupo” e “discussões em grupo”, o grupo focal tem a marca do uso explícito da interação para a produção dos dados (FLICK, 2009, p. 188). A força da técnica se sustenta, por um lado na revelação através da discussão dos significados supostos pelas pessoas sobre o tópico em questão, e por outro “a maneira pela qual elas negociam esses significados” (LUNT; LIVINGSTON, 1996, p. 96 *apud* FLICK, 2009, p. 189). A despeito dos dados coletados serem de difícil análise, haja vista a sua complexidade em comparação àqueles oriundos de entrevistas individuais, a riqueza e a diversificação destas interações justificam a utilização do grupo focal, sobretudo em se tratando de temática de difícil acesso pelo pesquisador, como é o caso da análise da sistemática do tráfico ilícito de drogas.

Pelas razões que justificam o uso do método acima expostas, bem como por se acreditar que a temática da pesquisa seria melhor desenvolvida se os adolescentes pudessem discutir entre si, sentindo-se mais confortáveis por estarem com seus pares, a realização de grupos focais foi a metodologia base utilizada na pesquisa. Os adolescentes sujeitos da pesquisa, no número de treze, foram selecionados para constituir a primeira turma do “Curso de Produção e Edição de Imagem e Vídeo” do Projeto Pescar, o qual se realiza no interior da unidade CASE POA I, conforme já exposto. A seleção destes, realizada pelos próprios agentes socioeducativos da unidade, levou em consideração a motivação dos adolescentes para a participação do projeto, a possibilidade de convivência com os demais selecionados, a previsão de permanência na FASE pelo período total do projeto (em torno de 12 meses), entre outras questões relacionadas às características pessoais e ao cumprimento da medida socioeducativa, como o comportamento do jovem na unidade, por exemplo. As atividades do curso iniciaram oficialmente no dia 24 de julho de 2017, sendo que os adolescentes selecionados para participarem do projeto iniciaram cerca de dois meses antes desta data atividades de integração.

Diante do número de adolescentes participantes do curso, foram realizados dois grupos focais, contendo cada um cinco jovens. Assim, enquanto o grupo focal “A” era desenvolvido, os adolescentes restantes realizaram oficina executada por voluntários. Após, invertia-se o processo de modo que todos os adolescentes tenham realizado dois grupos focais e participado de todas as oficinas propostas. Essas oficinas também foram preparadas pela pesquisadora em conjunto com os profissionais voluntários, na medida em que as atividades permitissem o bom desenvolvimento dos grupos já que ambos foram realizados no espaço destinado ao Projeto Pescar. O grupo foi realizado por pesquisadora “mediadora” e por pesquisadora “observadora” (auxiliar de pesquisa para a produção de anotações dos acontecimentos ocorridos durante o grupo focal), sendo que as próprias educadoras sociais também estavam presentes no local, além dos encarregados pelas oficinas em paralelo. A pesquisa foi dividida em dois encontros, sendo que no primeiro destes demandou-se a assinatura do Termo de Assentimento pelos jovens, após realizada sua leitura em conjunto. Os TA’s encontram-se em sua íntegra no Apêndice D.

O tema do primeiro encontro foi centralizado na temática do mundo do trabalho lícito e formal, o qual abarcou também as atividades do curso profissionalizante. Para o desencadeamento do debate, foram apresentadas fotos de diversos ambientes de trabalho lícito

formal¹⁷ e cédulas com as inscrições das competências comportamentais do Projeto Pescar. A partir de um roteiro previamente determinado pela pesquisadora, certos questionamentos foram utilizados como a base para o direcionamento do grupo focal, mas sempre que os adolescentes traziam questões próprias que acabavam desencadeando discussões com os demais, a orientação do grupo focal ia se moldando nesse sentido. Assim, o roteiro prévio estipulado para orientar a pesquisa foi sendo adaptado ao longo do grupo, na medida em que a disposição dos jovens em aprofundar melhor um ou outro tema era percebida.

De qualquer forma, as questões tidas como centrais em relação ao grupo focal sobre o trabalho e a profissionalização foram as seguintes: quando pensam em trabalho, o que vem primeiro na cabeça? O que o trabalho pode trazer de bom e de ruim para uma pessoa? Porque uma atividade é considerada trabalho? Como as Competências do Projeto Pescar podem se relacionar com os trabalhos das imagens? Com qual trabalho melhor se relaciona cada competência? Como uma pessoa faz para aprender um trabalho? Um curso como o do Pescar ensina um trabalho? Que tipo de trabalho pode ser aprendido no Pescar? O que esse trabalho pode trazer de bom e de ruim pra uma pessoa? Como a profissionalização do Pescar pode se relacionar com as competências? Na medida em que o grupo focal foi acontecendo, e com a ajuda de materiais como papel pardo, canetas, cola e tesoura, demandou-se aos adolescentes que algumas conclusões mobilizadas durante a discussão fossem sendo transpostas para um grande cartaz que restou intitulado, por escolha dos adolescentes, “Trabalho na Vida” (Apêndice F). Todo o processo repetiu-se exatamente da mesma forma com o segundo grupo focal.

Em um segundo encontro com ambos os grupos, foi realizada a discussão sobre a temática do tráfico de drogas. Após explicar aos adolescentes que a pretensão do grupo de debate era conhecer suas opiniões sobre um tema de grande relevância social para o Brasil atual - esclarecendo que o debate não possuía a intenção de saber se os sujeitos participaram desse

¹⁷As imagens consistiam em trabalhadores exercendo as seguintes atividades laborais: professora; músico; pintor; trabalhadores da construção civil; agricultores; trabalhadores industriais; artesãos; pessoas de terno e gravata (podendo representar empresários, advogados, etc); e vendedores de loja de calçados.

tipo de atividade - foram apresentados fotos¹⁸ e manchetes de jornais¹⁹ com referências à atividade no tráfico de drogas. O roteiro do grupo focal foi guiado pelos seguintes questionamentos: quando pensam em tráfico, o que vem na cabeça de cada um? O que o tráfico pode trazer de bom e de ruim para uma pessoa? Quais atividades são exercidas dentro do tráfico? O que é preciso para participar do tráfico? Como uma pessoa pode aprender as atividades do tráfico? Como seria possível relacionar as competências do Pescar com o tráfico de drogas? Dessas imagens, quais vocês acham que poderia se relacionar com o tráfico? O que cada pessoa dessas precisa fazer para participar do tráfico? E o que não pode fazer? Porque vocês acham que a notícia do jornal disse “Jovens que trabalham para o tráfico estão há dois meses sem receber em morro do Rio”?

Reitera-se que a mediação do grupo possuiu o cuidado de demandar aos adolescentes a explanação do seu conhecimento sobre a temática, sem que houvesse qualquer pretensão de que indicassem experiências pessoais específicas vividas por eles. Contudo, após a deflagração do debate, os próprios jovens iniciaram a narrativa de experiências pessoais vividas no tráfico de drogas, sem que houvesse um aparente desconforto ou pudor em relatar tais situações, conforme pode se observar nos tópicos seguintes. Ademais, ao conferir aos próprios adolescentes a escolha dos grupos focais da forma que entendessem mais oportuno, notou-se que as divisões foram realizadas por critério de afinidade, o que acabou gerando também uma certa divisão por “embolamento”, possível de ser observada pelos diálogos produzidos. Os grupos focais realizados foram gravados por gravador de áudio e através da função de gravação do próprio celular da pesquisadora. A utilização dos objetos foi autorizada pelas educadoras sociais, pelos adolescentes e por seus responsáveis.

4.3 ANÁLISE DA CATEGORIA TRABALHO A PARTIR DOS GRUPOS FOCALIS:

Após a realização dos dois encontros, partiu-se para a etapa de análise de dados. As interações verbais produzidas pelos adolescentes participantes dos grupos focais em conjunto

¹⁸Imagens representando diferentes processos do ciclo do tráfico de drogas, consistindo em fotos contendo as seguintes imagens: plantação de *cannabis sativa*; porto com contâiners; pessoas de terno e gravata ao telefone; indivíduos com o rosto tampado por camisetas amarradas, portando armas no alto de uma edificação característica de uma favela; e uma mão com drogas embaladas entregando a outra mão com valores em espécie.

¹⁹Foram apresentadas dois extratos de papel contendo as seguintes manchetes: “Jovens que trabalham para o tráfico estão há dois meses sem receber em morro do Rio” e “Polícia descobre tabela de cargos e salários do tráfico em favela de Magé-RJ”.

com a pesquisadora mediadora foram primeiramente transcritas em sua integralidade, respeitando as interlocuções próprias dos adolescentes e mantendo-se os vocábulos na forma como eles foram pronunciados. Os diálogos foram então divididos em quatro eixos de análise, sendo que tal divisão se realizou em acordo com as temáticas mais abordadas pelos adolescentes, de modo a facilitar a análise dos dados. Os quatro eixos temáticos são, portanto, apenas uma forma de melhor organizar o conjunto de interações produzidas nos encontros, não representando necessariamente pontos de abordagem previamente definidos. Assim, a centralidade dos temas do significado, da aprendizagem, da descrição, dos prós e contras e das relações com as competências do Projeto Pescar são antes resultado da maneira como os adolescentes reagiram às questões formuladas e aos elementos desencadeadores do debate do que propriamente de uma intenção prévia da pesquisa em centralizar o debate em tais temáticas.

Em relação à análise dos dados, esclarece-se que a pesquisa parte do pressuposto de tomar como verdade as informações trazidas pelos adolescentes. Entretanto, quando, por alguma razão específica, entender-se necessário relativizar as narrativas, indicar-se-à no texto a relativização operada. De modo geral, portanto, a pesquisa procede em uma análise de conteúdo a partir das interações produzidas nos grupos focais. Esclarece-se que as falas ou os termos utilizados pelos adolescentes que forem transcritas de modo literal para o presente trabalho serão postos entre aspas, de modo a diferenciar as interpretações proferidas pela pesquisadora e os vocábulos mobilizados diretamente pelos adolescentes. Os nomes dos adolescentes foram retirados dos diálogos, e as indicações são feitas por letras escolhidas aleatoriamente para cada adolescente, sendo que a letra P diz respeito às falas da pesquisadora e a combinação ES às intervenções das educadoras sociais do Pescar. A integralidade das transcrições dos diálogos realizados consta no final deste trabalho, como Apêndice E.

4.3.1 Significado de trabalho, profissionalização e tráfico de drogas

O primeiro eixo de análise consiste nas interações acerca do significado das atividades em debate, quais sejam, o tráfico de drogas, a profissionalização e os trabalhos de modo geral. Deve-se fazer uma ressalva quanto à inclusão deste terceiro parâmetro comparativo. Apesar de o debate central da pesquisa ter proposto a comparação entre a atividade no tráfico de drogas e a profissionalização vivida no contexto do Projeto Pescar, conforme já exposto anteriormente, ao serem questionados sobre trabalho, os adolescentes mobilizaram muito naturalmente suas outras próprias experiências laborais. Com isso, a comparação realizada por esta pesquisa foi

estendida às demais narrativas de trabalho trazidas pelos adolescentes das quais algumas foram efetivamente experimentadas por eles.

As primeiras articulações mobilizadas pelos adolescentes para explicar o sentido do trabalho relacionaram-se à possibilidade de possuir bens materiais e de poder garantir o bem-estar de seus familiares. Apenas em um segundo momento de discussão o trabalho foi vinculado a uma atividade que se faz por prazer ou “por amor”, mesmo que a conclusão tenha sido de que existem mais trabalhos que “não gosta que gosta”. Em todo caso, é perfeitamente compreensível para os adolescentes que atividades sem ganhos financeiros possam ser entendidas como trabalho, no exemplo do voluntariado, ou das atividades exercidas por eles no contexto da profissionalização. “Tem que trabalhar, que nem ele falou ali, se montar aquela bicicleta²⁰ e desmontar tu vai ta trabalhando também...”. A confecção de origamis foi indicada como mais um exemplo de atividade realizada por eles que poderia ser entendida como trabalho, apesar de não haver qualquer recompensa financeira.

Contudo, quando estimulados a pensar o sentido de trabalho conferido a tais atividades em comparação com trabalhos normalmente exercidos no ambiente externo - utilizando-se das imagens disparadoras para exemplificar - os adolescentes muito naturalmente indicaram as distinções entre ambos. Assim, no caso de atividades consideradas “trabalhosas”, como a montagem de bicicletas ou a confecção de origamis realizadas dentro da Unidade Socioeducativa, seria necessário a “liberdade”, além da organização de um “negócio”, para poderem se igualar ao trabalho no interior de uma empresa ou indústria. Em outro momento, ao trazerem o exemplo da atividade realizada dentro da FASE de barbearia²¹, proferiram um entendimento de que, por ser algo em certo sentido prazeroso e feito em auxílio aos demais, tal atividade se afasta do significado do trabalho. Em relação à profissionalização do Projeto Pescar, a ausência de retorno financeiro reforçou a ideia de que a atividade não seria exatamente um trabalho, no limite podendo ser entendida como um trabalho voluntário. Para os adolescentes, a atividade mais se assemelha a um curso, residindo a sua importância e valorização no aprendizado dela decorrente.

²⁰A atividade de montagem de bicicleta é um dos projetos de trabalho aprendiz desenvolvido pelo Pescar dentro da Unidade da FASE. No período da investigação, a montagem de bicicleta era realizada para a turma da manhã, enquanto para a turma que foi alvo da pesquisa (período da tarde) o curso desenvolvido era de Edição de Imagem e Vídeo, no viés da profissionalização (sem recompensa financeira).

²¹Os adolescentes explicaram que alguns deles se voluntariam para realizar o corte da barba e do cabelo dos demais. Em um dos grupos focais realizados, havia um adolescente indicado como sendo responsável por tal atividade no interior dos “bretes”.

Assim, o que se observa é que o significado do trabalho opera em ciclo na fala dos adolescentes. De pronto, o trabalho aparece fortemente vinculado ao ganho de dinheiro. A ideia, contudo, perde força quando são mobilizadas as possibilidades de trabalho voluntário e de atividades exercidas pelos jovens no decorrer da profissionalização as quais, em que pese serem trabalhosas, não são recompensadas com dinheiro. Há, portanto, uma distinção, dentro da categoria maior de trabalho, entre as atividades que possibilitam ganhos financeiros e aquelas que não são pagas. A essas observações somam-se duas outras mais: a) o trabalho é afirmado como gerador de valores não materiais, como respeito e dignidade, mas não é entendido como um valor em si, isto é, apresenta-se apenas como um instrumento e não como um fim em si mesmo; b) as figuras apresentadas que, na concepção dos grupos, melhor representam o trabalho são aquelas que mostram trabalhadores da engenharia civil e agricultores.

Conforme exposto, portanto, uma primeira possível conclusão é que há uma vinculação entre o sentido de trabalho apresentado pelos grupos focais e a ideia de Lukàcs do trabalho como produtor de valores de uso (2013, p. 44). A primeira característica apresentada pelo filósofo, quando esse inicia a distinção do trabalho das demais atividades humanas, é também a característica mais óbvia na visão dos adolescentes: trabalho é trabalho porque gera dinheiro. Contudo, na medida em que esse dinheiro propicia tranquilidade, a qual é representada na possibilidade do trabalhador “entrar na vila a hora que quiser”, além da dignidade e do respeito, o trabalho da visão dos adolescentes se diferencia por ser produtor de valores não-materiais. Assim, já nesse primeiro momento, é possível identificar que a construção da noção de trabalho se dá pela contraposição ao tráfico de drogas, embora não seja necessariamente o oposto dele.

Essa percepção, aparentemente contraditória, aparece, por exemplo, quando os adolescentes afirmam que quem trabalha “não pensa em crime”, embora a figura que representa a negação do trabalho não seja a atividade no tráfico, mas a dita “vagabundagem”, isso é: “ficar na baia ali, sem fazer nada, não lava nem uma louça, não limpa nem um pano ali (...)”. Os adolescentes parecem compreender o trabalho como um instrumento de fuga tanto da vida no crime, como da prisão; mas, ainda assim, compreendem que participar do tráfico de drogas significa aderir a um certo trabalho:

C: É que nem eu, eu trafico, eu trabalho.

(...)

P: Então tu acha que tá faltando alguma coisa aqui? (*referindo-se às fotos representativas de trabalho*)

C: Tá faltando os neguinho na favela trabalhando...

D: Claro.

C: É mas é!

Assim, a compreensão do traficante como um trabalhador reforça-se pela oposição ao vagabundo, ser moralmente inferior, que “não faz nada” e que não despende energia física em nenhuma atividade, quase como em estado de letargia diante da vida. Além de corroborar a ideia de que trabalhar é ação corporal, as interações dos adolescentes demonstraram a polarização entre “traficante” e “vagabundo”:

C: As pessoas pensam que traficante é vagabundo, traficante não é vagabundo.

P: Não?

C: Traficante é criminoso.

P: É diferente?

C: É diferente. Nós tamo envolvido com o crime vagabundo é aquele que fica em casa só deitado, nós ficamos na rua ali...

I: Deitado de murçilha.

Essa oposição possibilita identificar, também na realidade destes jovens, a chamada “ideologia do desempenho” em que é o trabalho o principal responsável pela distinção social dos indivíduos (SOUZA, 2003, p. 65). Na realidade específica das comunidades periféricas de Porto Alegre, contudo, a distinção não se opera apenas entre as diferentes combinações de posição, qualificação e salário: o tráfico é incluído como uma das categorias da hierarquia social, estando um nível acima da “vagabundagem”, na medida em que entre os pólos trabalho e não-trabalho a atividade ilícita está, na concepção dos adolescentes, mais próxima daquele do que desse. Veja-se que, de forma contrária, na hierarquia social da “ralé” categorizada por Grillo e Maciel, o empregado, ao poder provar “que escapou do último lugar da fila em nossa moralidade” (2011, p. 247), estaria sempre um nível acima do traficante, representante do primeiro degrau da delinquência (GRILLO; MACIEL, 2011, p. 249).

Ocorre que, na medida em que os adolescentes aproximam o tráfico de drogas do mundo do trabalho, entre outras razões, pela sua capacidade de produzir valores econômicos, a afirmação dos autores parece necessitar de uma complementação. Assim, justamente pela universalidade da ideologia do desempenho, mesmo aqueles que pertencem aos últimos degraus da hierarquia social acabam justificando seu “local no mundo” através da sua distinção em relação a um nível ainda pior. Se no caso do guardador de carros retomado por Grillo e Maciel, o traficante era o exemplo do “não ser” de quem era preciso se afastar, os adolescentes identificados com o tráfico de drogas produziram a sua própria distinção com os “vagabundos”, ou seja, na figura do jovem que não auxilia materialmente sua família.

Em suma, portanto, embora em tese o tráfico não pudesse ser um trabalho, os adolescentes entendem que ele acaba sendo, na prática, um “trabalho fora da lei”. Veja-se que tanto o significado do tráfico se relaciona com aquele do trabalho que, no momento de explicar a atividade ilícita, os adolescentes mobilizaram categorias próprias dos trabalhos regulados:

“tem um horário, um cargo e um chefe”, além de possuir riscos envolvidos, com distintas consequências para cada tipo de erro ou falha. A pesquisa, portanto, reafirma aquilo que já havia sido constatado por Lyra: a adesão ao crime representa menos “um repúdio às instituições da escola e do trabalho” e mais um deslocamento do significado dessas categorias para outras esferas existenciais (2011, p. 99-100).

Após a vinculação do tráfico como produtor de dinheiro e de mercadorias possíveis de serem adquiridas através dele, como roupas e tênis de marca, os adolescentes relembram um segundo elemento fundamental na constituição do significado da atividade ilícita: a violência. Sobretudo a partir dos vocábulos “morte” e “guerra”, afirma-se ser impensável afastar essa característica do significado do tráfico de drogas, dada a configuração atual do mercado ilícito na cidade de Porto Alegre.

P: Tá então, relacionado diretamente com violência? Tem como não tá relacionado com violência ou não tem?

S: Hoje em dia não.

M: Antes até era, hoje não.

P: Porque?

M: Porque agora tá em guerra.

S: Porque se eu to vendendo aqui e ele tá vendendo lá na dele, se ele vender uma peteca a mais que eu ou eu que ele, eu vou querer matar ele ou ele vai querer me matar.

Nesse sentido, entra em cena, na fala dos adolescentes, o que Misse denomina “mercadoria política” própria de um mercado criminalizado e avesso a qualquer regulamentação estatal ou pública (1999, p. 295). A violência a que fazem referência é aquela que expropria do Estado a legitimidade para a resolução de conflitos econômicos privados. É, portanto, uma “mercadoria política” própria e inerente do mercado de drogas, na medida em que esse, ao ser criminalizado, tende a não garantir a concorrência legítima, baseada na qualidade e no preço do produto, e a valorizar a desconfiança entre os agentes do mercado, o que leva ao uso da violência para a resolução de conflitos referentes à disputa pelo domínio do mercado ilícito de drogas por grupos rivais (MISSE, 1999, p. 298).

A incorporação da violência como elemento central no significado do tráfico de drogas gera uma segunda construção por parte dos adolescentes. Esses identificam que os ganhos financeiros oriundos da atividade são importantes sobretudo no primeiro momento de adesão ao tráfico, mas não bastam como razão explicativa. Assim, se em um primeiro momento a adesão ao tráfico é moralmente justificada pela sua distinção com a “vagabundagem”, a permanência nele, depois que instaurada “a guerra”, ela só é moralmente compreendida a partir de outros elementos, como a lealdade aos demais. “Depois que a guerra forma, dai já não é

dinheiro”. Para continuar na atividade, é necessário estar presente quando “a guerra estourar”, demonstrar confiança, “honrar tua camisa” e “honrar tua vila”.

Quando se deparam com a notícia apresentada em que se lê a manchete “Jovens que trabalham para o tráfico estão há dois meses sem receber em morro do Rio”, o primeiro elemento que causa estranheza aos adolescentes é a ausência de recompensa. Ao discutirem a situação, contudo, percebem que existem justificativas que poderiam explicar o fato, como a necessidade de compra de armas pelo patrão da boca. Inclusive, nesse sentido, entendem que sair do “embolamento”²² nesses momentos seria atitude própria de “interesseiro” e “traidor”: há uma responsabilidade em “fechar até o final” e em permanecer do lado dos demais companheiros. Observa-se, portanto, que a partir da entrada do elemento violência, componentes que não estavam presentes no significado do trabalho passam a operar na explicação do sentido conferido ao tráfico de drogas. Dentre eles, destaca-se a necessidade de demonstrar lealdade ao grupo nos momentos de “guerra”, e de compreender que aderir ao tráfico de drogas não se restringe a produzir valores de uso:

P: E aí por exemplo que não tão ganhando, digamos que seja verdade que eles tão há dois meses sem receber, vocês acham que eles vão continuar, ou vão dizer “sem dinheiro não vale a pena”?

L: No caso tem que ter um motivo né.

C: No crime já é considerado um traidor né, se eles largar... “ah são um bando de interesseiro tavam aí só por causa do dinheiro”. Se voltarem de novo do no coco.

F: Não se sabe também se foi o patrão que mandou fogo pra ver se eles vão largar ou se vão ficar.

C: Quando vê é um teste.

P: Tá então na verdade vocês tão me dizendo que o que faz entrar é o dinheiro, mas se não ganha, tem que ficar também.

C: Ah muitas vezes é obrigado a ficar, não tem. Depois que tu fechar com os cara tu vai ter que fechar até o final. Vai ter que tua responsabilidade, vai ter que ter tua palavra de homem...Eu to contigo.

O que a pesquisa possibilitou concluir, portanto, é que não há uma oposição entre aderir ao tráfico pela possibilidade de ganhos financeiros ou pela “fome simbólica de existência”, conforme algumas explicações normalmente trazem (LYRA, 2011, p. 72). O que parece melhor explicar a entrada e a permanência de adolescentes no tráfico de drogas é uma confluência desses motivos. Por um lado, o tráfico é produtor de valores de uso, e nesse sentido seu significado se assemelha não só ao sentido conferido pelos adolescentes aos demais trabalhos, mas também à ideia do trabalho como atividade que se distingue de qualquer outra atividade humana pela produção de bens pelo homem (LUKÀCS, 2013, p. 44). Por outro, na medida em

²²O termo é trazido pelos adolescentes de forma muito natural, e parece se adequar ao sentido já conferido por Cipriani, de união de grupos criminosos mais expressivos com grupos menores, formando aquilo que em outras regiões do país é chamado de “comando” (2017, p. 18).

que participar do tráfico requer necessariamente o envolvimento a um “embolamento”, o sentimento de pertencimento a um grupo e da necessária lealdade a ele são também constitutivos do tráfico de drogas. De todo modo, os adolescentes exteriorizaram que toda a atividade de relacionar, compreender, explicar e descrever o tráfico foi realizada de forma muito mais espontânea em comparação ao trabalho. Afirmaram, portanto, saber e ser mais do tráfico do que do trabalho, o que restará mais bem demonstrado nos tópicos que seguem.

4.3.2 Como os adolescentes aprendem as atividades e como as descrevem

Outros dois temas que acabaram centralizando parte do debate ocorrido nos grupos focais referem-se à forma de aprendizado das atividades em discussão (tráfico de drogas, profissionalização e trabalho) e à descrição detalhada de suas operações internas. Sobre esse segundo ponto, salienta-se a escolha dos adolescentes por se expressarem de maneira descritiva quando questionados sobre as atividades. Foi possível constatar, portanto, que ao serem demandados sobre o que pensam sobre os temas, ou como os definem, os adolescentes encontraram na descrição um caminho de expressão mais seguro, calcado nas tarefas práticas e nas operações diárias que precisam ser realizadas. Assim, quando surgiram temáticas que demandaram uma maior abstração por parte dos grupos, quando por exemplo o questionamento do trabalho como um valor moral humano, restou evidente uma maior dificuldade em expressar opiniões sem se basear em experiências vividas no âmbito do corpo, da materialização e da vivência prática.

Em relação às formas de aprendizagem dos trabalhos lícitos, a escola e o ensino de modo geral foram indicados, não apenas como o local do “começo”, mas como essenciais para a conquista de melhores trabalhos. Ao contrário do que normalmente se acredita sobre as marcas da escola na vida de jovens delinquentes, a instituição e os professores foram extremamente valorizados pelos adolescentes: “o professor é a base né”. As dificuldades vividas pelo educador no cotidiano de sala de aula também foram indicadas pelos grupos, os que demonstraram compreender a difícil situação da profissão no Brasil, apesar da sua extrema relevância social:

C: Ba mas professora falo que ta ganhando 350 reais...

P: É pouco ou é muito?

C: Baaa é muito pouco, fica ai até de noite, de manhã cedo sai da casa dela vai até de noite, não paga nem o IPVA do carro dela, nem a gasolina.

M: O trabalho que eu acho que deveria ganhar o que os jogador de futebol ganham é a professora na verdade... porque sem professora não tem...

S: Não tem educação.

Y: Porque ela que ensinou todos nós.
M: Claro.

Apesar da escola não ser objeto deste trabalho, ao relacionarem a temática com o trabalho, os adolescentes acabaram por reafirmar as conclusões de Lyra sobre o papel da escola na vida dos “meninos do morro”. Assim, a instituição parece manter uma imagem positiva e repleta de saudosismo (2013, p. 79), o que reitera a concepção já exposta de que a escola, bem como o trabalho, não são categorias rejeitadas por tais sujeitos. Em um segundo momento, contudo, houve uma relativização da essencialidade absoluta do estudo para o aprendizado de um trabalho, na medida em que esse poderia ser substituído pelo esforço e pela observação dos demais:

P: Tá mas tem como ter trabalho sem ter professor?
S: Sem educação?
P: É tipo, uma pessoa...
S: Trabalho com bastante esforço daí.
M: Aprendendo com os outros na verdade.

A observação dos demais participantes da atividade e o aprendizado com seus pares foi a disposição considerada pelos adolescentes mais importante para o aprendizado, seja no trabalho, na profissionalização ou no tráfico. Em relação a este último, contudo, a observação foi vinculada à necessidade de possuir paciência para alcançar a compreensão total das operações específicas dessa atividade e, principalmente, para a aquisição da confiança dos demais. Veja-se que a importância da confiança para a ascensão interna do tráfico também foi abordada por Lyra quem percebeu que, mesmo havendo diversas maneiras de crescimento dentro da organização, todas elas são determinadas pelo grau de confiança que se desperta nos superiores (2013, p. 139).

Esse tempo de preparo para a aquisição da confiança, contudo, pode ser substituído pelo conhecimento anterior, por um certo capital social prévio possível para quem é “cria dali” ou para quem “herda” sua posição na boca. Esse capital social é adquirível também a partir da indicação de alguém que já faz parte do círculo de confiança. A importância da paciência também é exaltada no contexto do crime em relação a do trabalho, tendo em vista as consequências postas para essa atividade: “no crime o bagulho é grave”.

Ainda em relação à observação, essa é, em ambas as atividades (tráfico e trabalho), direcionada aos mais antigos, somada, no caso do tráfico, ao auxílio direto por parte destes conselheiros. Segundo os jovens, parecem ser esses guias os portadores da competência “espírito de liderança” cuja aquisição, contudo, oscila entre a hereditariedade (“muitos já vem de sangue”), o aprendizado com os antigos líderes (“tu vai aprendendo sendo mandado”) e o

capital econômico anterior (“não adianta só o espírito”). A extrema importância desses sujeitos, para a inserção dos adolescentes no tráfico de drogas também foi indicada por Rolim quem apontou o “treinamento violento” como a principal potência causal para a constituição nos jovens possuidores da “disposicionalidade violenta”, definida como “a propensão variável de legitimar ações ilegais de punição física - entre as quais o resultado morte - e de agredir fisicamente independente de provocação” (2016, p. 213).

Assim, ao utilizar-se da Teoria da Violentização de Athens, em que o processo de constituição do ser violento se daria nas etapas da subjugação violenta, horrorificação e treinamento violento (ROLIM, 2016, p. 215), o autor identificou em pesquisa com adolescentes considerados violentos uma extrema relevância da terceira etapa na sua formação. As experiências vividas e os modelos sociais oferecidos na comunidade, ou simplesmente a socialização comunitária, seriam, para Rolim, os principais fatores causais da disposicionalidade violenta desses jovens, o que, em certo sentido, também pode ser identificado na presente pesquisa, na medida em que os adolescentes descreveram o processo de aprendizado do tráfico como resultado da observação daqueles já inseridos na atividade. O processo se constitui em ciclos não muito longos, talvez em razão da alta taxa de mortalidade desses sujeitos. Então, em um dado momento, chega-se a um patamar em que basta o “teu nome” que os demais irão trabalhar pra ti, em um ciclo de substituição dos antes líderes por aqueles agora já possuidores da “confiança” e do respeito dos demais. Para tanto, “tem que ter sangue”.

Ressalva-se que, conforme pesquisa que procurou desvendar os mecanismos de ascensão econômica no interior do mercado ilícito de drogas no Rio de Janeiro, “ter que ter sangue” não parece ser apenas uma metáfora utilizada pelos adolescentes para indicar a necessidade de esforço e dedicação, mas condiz com uma realidade em que o principal fator que permite a conquista de cargos superiores e de melhores salários dentro do tráfico está relacionado ao envolvimento nas disputas violentas entre gangues (CARVALHO; SOARES, 2013, p. 2). Assim, o trabalho dos economistas demonstrou que, enquanto o fator escolaridade não atua na produção de uma maior renda, há um forte retorno financeiro à experiência, lealdade e bravura. Cada ano a mais de trabalho do sujeito para um grupo do tráfico de drogas gera em torno de 10% de aumento nos ganhos, enquanto a participação em conflitos armados adiciona 5% e a punição por falhas no cumprimento de regras chega a reduzir até 17% nos ganhos com a atividade (CARVALHO; SOARES, 2013, p. 2-3).

Os adolescentes indicaram, ainda, que, tanto na atividade do trabalho lícito como naquela do tráfico de drogas, não é possível “nascer sabendo”. Em ambas, portanto, há um processo de aquisição dos conhecimentos necessários, ao passo que a diferença reside nas formas de aquisição: enquanto no trabalho o estudo é operado como fator importante, podendo ser substituído pelo esforço; no tráfico a paciência no aprendizado, somada à observação contínua são as principais ferramentas desse processo. Nesse ponto, portanto, a pesquisa se aproxima das noções da Teoria da Associação Diferencial, calcada pela primeira vez por Sutherland (1949, p. 13). Segundo o criminólogo, na medida em que as pessoas são sempre capazes de aprender qualquer padrão de comportamento, seja ele legal ou não, a assimilação de tal padrão é um processo de interação com os demais. Essa “associação diferencial” é compreendida, portanto, como uma associação com pessoas que se empenham no comportamento criminoso sistemático, da mesma forma como aconteceria em qualquer outro tipo de “associação”. Na visão de Sutherland, no processo interativo as pessoas entrariam em contato não apenas com os valores das ações criminosas, mas também com “as técnicas delituosas e com as racionalizações típicas empregadas pelos autores” (ROLIM, 2016, p. 61), em um processo específico de aprendizagem.

Conforme exposto, os dados empíricos oriundos dos grupos focais realizados demonstraram, em certo sentido, a incidência da Teoria da Associação Diferencial no que diz respeito à temática do aprendizado no tráfico de drogas. Ademais, essa teoria procede em uma classificação dos crimes em classes das quais uma delas seria aquela do “crime profissional”, o qual se diferenciaria dos demais pela “regularidade desse comportamento, pelo desenvolvimento das técnicas e pela associação entre os ofensores e o consequente desenvolvimento de uma cultura de grupo” (SUTHERLAND, 1949, p. 32). A partir dessa conceituação, além de aproximar tais crimes da noção de profissão, conforme o faz o autor, é possível ainda abstrair desses casos a ideia da racionalização e do compartilhamento entre os participantes das técnicas delituosas do grupo, o que são paradigmas presentes no conceito de organização criminosa. Assim, em relação à atividade ilícita, os adolescentes relataram operações internas do tráfico que são possíveis de serem compreendidas a partir da ideia de Sutherland de que o aprendizado das técnicas criminosas decorre do comportamento sistemático oriundo de um conflito social (1949, p. 16)

Tanto são próximos os significados de tráfico e trabalho para os adolescentes que o processo descritivo ocorreu em ambas as atividades. Em relação ao trabalho, foram indicadas as características que o compõe, seu funcionamento interno e suas possibilidades de maior

rentabilidade. O interessante nesse ponto é que essa compreensão ocorreu tanto relativamente a trabalhos distantes da realidade dos jovens, como o trabalho agrícola e o trabalho executivo, caracterizado pelo “terno e gravata”, quanto em relação às possibilidades conferidas pela realidade próxima dos adolescentes, como no caso do curso profissionalizante. Sobre esse último, foram articuladas descrições imaginárias sobre como seria possível transformar as atividades aprendidas no curso em um trabalho lucrativo, seja em relação à confecção de origamis, seja no caso da prática de fotografia:

Y: Tipo fazer os bagulho aqui, e dá pra tua coroinha vender, de repente tem umas outras amigas dela que gostou dos bagulho, vão falar pra ela “ah será que tem como ele mandar uns bagulho aqui pra mim também”, daí tua mãe diz, “não tem”, daí vai la fala pra ti na visita, traz umas folhas, e tu faz aquele bagulho encomendado, tem um dinheiro que vai entrar pra ti...não pra ti, pra tua família.

S: Fotógrafo tu pode ser autônomo né...pode trabalhar em fazer casamento, aniversário, evento, ou tu pode trabalhar numa empresa também.

M: Pode trabalhar na RBS num bagulho assim...e pode trabalhar com o cara né, tirando foto, vendendo as imagens.

S: Depois tu investe o dinheiro e abre uma empresa pra ti

M: Que nem a gente viu um filme que os cara tiravam fotos da guerra, e fazia dinheiro com essas fotos... O cara sabendo tira umas fotos boa faz um dinheiro.

S: Vende pro jornal.

P: E daí vocês acham que tem como crescer nisso e daqui a pouco fazer alguma coisa que tu queira com as fotos?

S: Ter teu próprio negócio... Tudo vem com tempo.

Nos diálogos, é possível observar uma certa crença dos adolescentes na profissionalização, tendo em vista que eles enxergam possibilidades futuras de geração de renda a partir das atividades aprendidas. Ademais, esse processo narrativo que encadeia ações e planeja operações parece, em um primeiro momento, reafirmar a categoria pensada por Lukàcs e revisitada por Antunes em que se reconhece o trabalho como instrumento da concretização no plano material de ideias até então existentes apenas no plano da consciência. Ressalva-se que, se a pessoa que trabalha deve planejar com antecedência suas atividades, ela acaba construindo, nesse processo, uma representação de si mesma (ANTUNES, 2000 *apud* JACOBINA; COSTA, 2007, p. 100), razão pela qual se entende que trabalho pode possuir relevância na ressignificação das relações familiares e sociais do socioeducando (JACOBINA; COSTA, 2007, p. 100).

Ocorre que, na medida em que o conceito de trabalho proposto por Lukàcs é um processo completo de materialização de uma ideia abstrata - a chamada função teleológica do trabalho (LUKÀCS, 2013, p. 61) - e, uma vez que o planejamento e a idealização realizado no caso dos trabalhos indicados pelos adolescentes como perspectivas possíveis da profissionalização não chegaram a atingir a etapa da materialização, identifica-se uma lacuna

entre a descrição teórica e a realidade pesquisada. Quer dizer, se dos diálogos se extrai a concretização das atividades, mas, se justamente por ser um processo imaginário, os adolescentes não chegam a efetivamente realizar o previsto, talvez haja um obstáculo na consideração dessa narrativa como um trabalho no sentido conferido por Lukàcs e adotado nesta pesquisa. É possível portanto questionar se, além da etapa do planejamento, seria possível aos adolescentes realizarem materialmente as atividades indicadas.

A questão ganha relevância quando se observa que, no caso do tráfico de drogas, de forma contrária, o processo de trabalho previsto por Lukàcs é percebido na sua completude, ou seja, o adolescente planeja com antecedência, checa a materialização de seus planos e age no sentido de obter do trabalho o melhor resultado possível (ANTUNES, 2000 *apud* JACOBINA; COSTA, 2007, p. 100). Observa-se que a lógica interna de funcionamento da atividade ilícita foi exposta de modo bastante naturalizado, e com grande nível de detalhamento e complexidade. Em relação às atividades necessárias para o pertencimento ao tráfico, houve um destaque para o “honrar a camisa”, em um sentido mais abstrato, e para atividades mais objetivas como “mexer nas drogas”, “vender pacote”, “picar, embalar”, “dar tiro”. Além disso, os adolescentes afirmaram ser preciso saber multiplicar e investir o dinheiro: “tu investe teu dinheiro, tu faz o dobro”. Por fim, “saber apanhar e ficar quieto” também foi indicado como sendo necessário, assim como questões mais comportamentais, como respeito aos moradores e “não ficar se aparecendo com arma”.

O modo de agir da polícia foi um ponto importante de discussão, mesmo que esse assunto sequer tenha sido demandado diretamente aos adolescentes. Assim, em relação ao *modus operandi* policial, falou-se sobre a divulgação via redes sociais das prisões dos integrantes das facções e da inércia da polícia diante dos chamados “patrãozão”. A inclusão da instituição policial no interior do ciclo de funcionamento do tráfico foi, portanto, exaltada nas interações, sendo invocada também a existência de policiais comprados, os quais acabam interagindo no dia-a-dia com os traficantes: “tem policial que até apoia os cara”. No processo de descrever o tráfico, o ciclo da produção e distribuição da droga foi narrado de forma complementar entre os adolescentes, no seguinte sentido: um iniciou e os demais foram complementando, em alguns casos inclusive com falas simultâneas. Ressalva-se que o nível de sincronização do grupo no momento dessa descrição foi excepcional e sem-igual nas demais discussões produzidas durante a pesquisa:

M: Ali é os cara vendendo na boca.

B: Vapor.

Y: Aqui acho que eles tão pegando pé de maconha.

M: É ali eles tão colhendo a droga.

S/Y: Tão produzindo.
T: Aqui eles tão trocando com os contra.
Y: Tão produzindo pra trocar aqui pra chegar aqui ó...
P: Tá, vamo devagar... Aqui tá um porto? isso é um porto?
B: Sim, dai eles tão transferindo as drogas pra outros lugar.
S: Ai aqui eles tão produzindo, e aqui eles tão mandando... dai chegou... ali chegou na boca pra vender.
M: Aqui eles tão vendendo.
S: Ali chegou na boca pra vender.
M/S: Ali eles tão administrando.
B: Ali deu o atentado.
M: E aqui dá a guerra.
S: Aqui é a guerra.

Conforme se percebe, os adolescentes, de forma voluntária, dispuseram as imagens indicativas do tráfico em uma certa ordem cíclica, indicando a continuidade da atividade. Enquanto uma dessas etapas foi identificada como “a guerra”, também o termo “atentado” foi assinalado como sinônimo de uma tarefa bastante objetiva e com um significado compartilhado entre os adolescentes. Para a realização desta tarefa, os adolescentes indicaram como sendo necessários pelo menos quatro sujeitos e um carro, podendo esse número ser triplicado, de acordo com o caso. O “atentado” é compreendido como uma ação pontual, com o objetivo de assustar certa facção, o que seria diferente de “tomar a boca e ficar”. Os termos utilizados, portanto, indicam elementos de um possível “etos guerreiro”, conforme nomeou Zaluar para designar um novo estilo viril presente em alguns locais e grupos do Brasil e caracterizado pelo uso expressivo da violência entre homens e grupos de homens (2004, p. 387).

Diante do exposto, entende-se que o trabalho lícito decorrente da profissionalização parece ser entendido como uma possibilidade; é idealizado e compreendido em sua particularidade, mas na medida em que a pretensão é imaginária, não chegando a se materializar em produção de bens, a atividade perde força se comparada ao tráfico. Já esse, de modo contrário, é vivido pelos sujeitos como um trabalho desde o momento do planejamento, no qual ocorre o processo de ideação, até o momento da efetivação da atividade, ou seja, da sua materialização a partir das tarefas necessárias, como o manuseio da droga e as operações vinculadas ao comércio.

Não obstante, isso não significa afirmar que a vinculação primeira do adolescente ao tráfico de drogas parte de uma idealização abstrata no âmbito da consciência desses sujeitos, que organizam suas ações para realizar materialmente essa abstração. Ao contrário, a possibilidade de adesão ao tráfico parece estar materializada desde sempre na vida dos jovens; é uma realidade posta antes de ser uma escolha. Ao contrário, após a adesão à atividade e, com o fortalecimento do vínculo entre o jovem e o tráfico, as ações cotidianas se aproximam da ideia

da teleologia do trabalho de Lukàcs, na medida em que não são atos desprovidos de consciência e de abstração, pois requerem um planejamento e uma ação conforme os objetivos desejados. É nesse sentido, portanto, que, no caso do tráfico, restou melhor demonstrada as possibilidades de concretização da atividade para os adolescentes, seja pela maior continuidade e profundidade no processo de aprendizado, seja pela forma como eles descreveram-na, seja por indicar que, se comparada com os trabalhos lícitos, possui melhores ferramentas para construção da representação do sujeito.

4.3.3 Os prós e os contras das atividades

Os prós e os contras da profissionalização, do trabalho e do tráfico foram mobilizados pelos adolescentes em diversos momentos durante a realização dos grupos focais. Entretanto, por certo que essa divisão de oposição entre os pontos negativos e os pontos positivos é muito mais um artifício metodológico que auxilia na exposição dos dados empíricos do que propriamente a forma como os adolescentes construíram suas narrativas. As experiências de trabalho e tráfico acabam representando para os jovens ao mesmo tempo possibilidades e barreiras; instrumentos de ascensão e afirmação de limitações; resultado de uma escolha e decorrência inevitável. Ressalva-se, portanto, que a escolha por opor aspectos positivos e negativos é apenas uma forma de melhor organizar as tantas ideias que foram expostas durante a realização dos grupos focais, já que as narrativas dos adolescentes apresentaram menos antinomias do que normalmente se poderia acreditar, conforme será exposto neste tópico.

A descrição positiva dos trabalhos lícitos abordou principalmente o aspecto do ganho do dinheiro, mas também levantou a possibilidade de conhecer pessoas diferentes, de mudar a forma como se é visto pelos demais, e de afastar os pensamentos relacionados ao crime. Logo de início, portanto, o trabalho aparece como uma ferramenta de oposição ao crime, na medida em que ele permite “não cair preso”, além de promover certos valores como liberdade, tranquilidade, dignidade e felicidade:

P: E aí o que vocês acham que o trabalho pode trazer de bom pra pessoa?

Y: Não cai preso (*risadas*)

M: A liberdade... querendo ou não traz felicidade também, porque o dinheiro o cara consegue ser feliz.

Y: Traz a liberdade, traz ... como é que eu posso te dizer, o cara anda mais tranquilo sabe.

B: Traz amizade, conhecer novas pessoas.

Nesse sentido, em alguma medida os adolescentes reafirmam o que fora constatado por Costa e Jacobina (2007) ao questionarem adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida sobre o sentido do trabalho. Para as autoras, o trabalho nesse contexto figura como um importante fator de integração do adolescente em uma rede social de proteção e apoio, bem como no seio da sua própria família, na medida em que esse age como um meio de resignificação das relações familiares e, sobretudo, como fator de diferenciação do criminoso, na medida em que as experiências laborais “os tiram da rua e contribuem para a formação de uma “não identidade de bandido”, mesmo que os adolescentes não experienciem, na atividade de trabalho, grandes desafios ou a sensação de superação” (COSTA; JACOBINA, 2007, p. 108).

A compreensão parece estar em acordo também com a concepção de Grilo e Maciel para quem o emprego exerce um papel de “signo distintivo” que marca uma condição de não delinquência, sobretudo quando o sujeito pode demonstrar a sua vinculação empregatícia, provando que “escapou do último lugar da fila em nossa moralidade” (2003, p. 247). Em que pese os adolescentes tenham indicado que o último lugar desta hierarquia social não seja representado pelo traficante, mas pelo “vagabundo”, conforme retomou-se no ponto 4.3.1, ainda assim eles compreendem que, na hierarquia social da sociedade em que vivem, possuir um trabalho lhes coloca em um nível de distinção o qual, ao menos, lhes possibilita uma certa distância da prisão.

Em relação à profissionalização do Pescar, os adolescentes apontaram os benefícios de terem mexido pela primeira vez em uma câmara fotográfica profissional, o que poderia acabar lhes direcionando a uma chance de trabalho. A constatação parece confirmar o que fora identificado no tópico anterior: a profissionalização passa a adquirir um significado positivo para os adolescentes quando se aproxima da ideia de aprendizado ou de etapa preparatório para a aquisição de uma oportunidade de trabalho. Já os pontos positivos do tráfico de drogas foram apontados de modo muito mais contido pelos adolescentes, os quais, em um primeiro momento, inclusive negaram a sua existência. O próprio dinheiro oriundo da atividade foi visto com ressalvas, uma vez que é um dinheiro que “vai fácil”:

P: E o que vocês acham que o tráfico pode trazer de bom pra uma pessoa?

C: Nada...

P: Nada?

I: Às vezes o cara até consegue ajeitar uma bainha.

C: Trazer o que ? O tráfico só traz...

F: O dinheiro vai fácil...

C: O dinheiro que vem fácil vai fácil.

F: O cara quer ostentar, quer dar banda nos baile.

De todo modo, a satisfação financeira ocupa um lugar importante na justificativa da atividade ilícita, o que já foi aventado anteriormente neste trabalho, razão pela qual o tema não será retomado neste momento. Em conjunto com o dinheiro, operam fatores de satisfação pessoal no tráfico, como a possibilidade de escolha da atividade a ser realizada e a presença do elemento “adrenalina”, valorizado por alguns:

T: Tem uns que gostam.. tem uns que gostam de ficar traficando, cada um gosta de uma coisa.

S: Mas também o que vende ganha dinheiro mais rápido... quanto mais tu vende mais tu ganha.

P: Que que tu ia dizer (...)?

B: Eu gosto da adrenalina de vender ali e sair de pinote dos homem, pulando muro.

Entretanto, o elemento positivo melhor desenvolvido nas interações dos adolescentes foi aquele do auxílio do tráfico à comunidade. Ressalva-se que é possível que os adolescentes tenham se sentido mais confortáveis em indicar os pontos positivos do tráfico que dizem respeito ao bem-estar de um grupo maior de pessoas em detrimento daqueles que os coloca como únicos beneficiários da atividade, como o lucro oriundo da atividade. De todo modo, eles afirmaram que o tráfico ajuda a comunidade, o que se materializa no auxílio para “arrumar um gás” ou “arranjar uma cesta básica” para o morador, mesmo que tais atitudes normalmente não sejam compreendidas pelo restante da população:

S: E que o tráfico ajuda também a comunidade.

Y: Os bagulho bom que o tráfico traz eles não mostram... é que traz muita discórdia mas traz muita coisa boa.

S: Às vezes é mais fácil tu arranjar uma cesta básica na boca que no governo... os morador.

Y: Arrumar um gás... se falta gás e os cara pede pros brigadiano, os brigadianos vai dizer “vai trabalhar”.

T: Já me pega ainda.

Y: Ainda capaz de dá umas cacetada.

M: Passando fome... criança passando fome.

Y: Na hora o homem já vai apoia.

M: Não é nem o homem, até os cara que vende... todo mundo precisa.

Sobre a relação tráfico de drogas e moradores, há uma certa divergência na literatura especializada sobre os aspectos preponderantes dessa relação, ou seja, se ela se pauta principalmente pela cooperação ou pela submissão. Machado da Silva e Leite apontam que o discurso dominante indica que a população residente nas favelas - principais territórios da violência - seria conivente com os agentes dessa violência, sobretudo com os traficantes de drogas (2008, p. 49). Entretanto, ao realizarem pesquisa empírica com moradores dessas

localidades, os autores acabam concluindo que a grande crítica de tais agentes em relação à violência dos traficantes se dá quando está se torna “imprevisível”, desrespeitando uma certa ordem social local - o que também ocorre no caso da violência policial - e agindo na interrupção das rotinas. Assim, para os moradores que convivem com o tráfico, não seria propriamente a violência ou o crime o problema central do fenômeno, mas “a interferência desta forma de vida sobre o fluxo rotineiro da vida nos territórios das favelas” (LEITE; MACHADO DA SILVA, 2008, p. 75).

Por outro lado, do ponto de vista do pólo oposto desta relação, haveria um certo dever de defesa da comunidade dos agentes externos por parte dos traficantes, o que justificaria o uso da violência imprevisível quando essa estabilidade fosse rompida, seja pelos policiais seja pelos “alemão” - termo calcado na realidade carioca (LYRA, 2013, p. 148) - o qual poderia ser traduzido por “contra” no contexto ora em análise. Nesse sentido, é possível compreender as razões pelas quais a atuação do tráfico de drogas é entendida pelos adolescentes como algo que vai além da simples atividade mercantil, na medida em que se preocupa com os moradores e se mobiliza para auxiliá-los em casos de necessidades financeiras, por exemplo. Para Lyra, esse entendimento dos jovens está ligado à noção de que “a melhoria das condições de vida na favela se efetua diretamente para e pelas *crianças* locais” (2013, p. 155), o que em certo sentido também foi observado na presente pesquisa. Note-se que os adolescentes entendem que não é apenas o “homem” quem pode ajudar os moradores, pois “até os cara que vende” possuem as condições materiais e a autorização simbólica necessária ao auxílio.

Ademais, ao ilustrarem as diferentes formas de tratamento de um dado problema - a necessidade do morador de “arrumar um gás” - por parte do policial e do traficante, na medida em que o primeiro responderia com “cacetada” e o segundo com apoio instantâneo, os adolescentes confirmam a noção de que a comunidade se trata de um “território político à deriva” não porque nela se configura a ausência do Estado, o qual aparece na fala dos adolescentes, por exemplo, na figura do policial, mas porque há uma apropriação de certos direitos e garantias do cidadão por parte de forças privadas (LYRA, 2003, p. 165).

Assim, o que se percebe é que a interferência nas rotinas dos moradores das localidades em que o tráfico de drogas exerce ampla influência se articula ora pela interrupção, sobretudo quando a violência é mobilizada na defesa do ataque de agentes externos, ora pela garantia da continuidade, quando impede que uma carência material se torne um problema para o morador. Portanto, os adolescentes, ao se colocarem no papel de “guerreiros” da vila, parecem conferir um significado à atividade comercial mais vinculado à proteção de sua comunidade do que aos

ganhos financeiros, mesmo que seja questionável se o “honrar a vila” não atua mais como uma justificativa interna para a violência operada pelo sujeito do que propriamente como expressão verdadeira do desejo de proteção por parte dos moradores:

Y: Tem que honrar tua camiseta, honrar tua vila, saber que vai estourar aquela guerra lá com os cara (*inaudível*).

S: Tem que botar um braço.

Y: E não adianta só querer vender, só querer botar o teu e não pensar na vila. Tem que pensar em ti, na vila e nos morador.

Em relação ao viés negativo das atividades, o cansaço físico foi o principal elemento indicado no caso do trabalho. Esse, de modo geral, foi atrelado pelos adolescentes a uma concepção social negativa, na medida em que a ideia geral construída é de que “ninguém queria tá trabalhando”. Os exemplos utilizados pelos adolescentes no momento da descrição dos pontos negativos do trabalho são, em sua maioria, vinculados ao esforço físico demais da atividade. Além disso, os adolescentes mobilizam as dificuldades nas rotinas dos trabalhadores como “levantar cedo, ficar o dia inteiro lá, pegar ônibus lotado”, além de “ter responsabilidade, fazer tudo certinho”. Em compensação, os ganhos financeiros oriundos do trabalho não chegam, na visão dos adolescentes, a atingir o nível “ostentação”, à exceção de casos como o de jogadores de futebol, ou de empresários.

Vinculou-se, assim, de modo muito consistente, o trabalho ao cansaço físico, como no caso das mães empregadas domésticas ou prestadoras de serviços gerais em grandes lojas de departamento, e dos agricultores os quais restam “em baixo do sol”, “cheio de traumas na mão” o que acaba gerando “dor nas costela... nas costa”. A mesma problemática foi indicada no caso dos trabalhadores da construção civil, que poderiam “se acidentarem, quebrar um braço” ou ainda “ter problema de coluna, perder um dedo, uma perna”.

Do modo geral, portanto, houve uma compreensão de que o próprio significado do termo trabalho vincula-se ao cansaço, o que acaba retomando a ideia marxista do trabalhador como aquele que vende sua força de trabalho, sendo que “força” mantém, nesse caso, seu significado mais primitivo de qualidade daquele que faz mover algo. Se o conhecido conceito de força de trabalho para Marx consiste nas capacidades físicas, mentais e humanas de incorporar valor às mercadorias (HARVEY, 2013, p. 102), ao que relatam os sujeitos desta pesquisa e no mesmo sentido que entende Souza, no caso da ralé brasileira, “não é o conhecimento incorporado no trabalhador que é a mercadoria vendida no mercado de trabalho, mas a capacidade muscular, comum a todos os animais” (2017, p. 103).

Para a força de trabalho ser mercadoria, entretanto, o trabalhador precisa dispor dela e, nesse sentido, a ideia do trabalhador livre é essencial, o que certamente passa pela compreensão

dos adolescentes - mesmo que não nos termos teóricos propostos por Marx - na medida em que eles próprios afirmaram a necessidade da “liberdade” para que o trabalho adquirisse um sentido próprio. Assim, o pólo oposto da relação de produção não pode *possuir* o trabalhador; pode, apenas, adquirir a capacidade do trabalhador de produzir valor por um certo período de tempo (HARVEY, 2013, p. 103). Esse processo de aquisição pelo empregador da única mercadoria a que dispõe o trabalhador estabelece, na sociedade capitalista, uma relação para além daquela do trabalho como mediação entre homem e natureza, mas do trabalho como mercadoria que se coloca entre o trabalhador e seu patrão (HARVEY, 2013, p. 121).

Sobre essa relação, também retomaram os adolescentes as dificuldades do trabalho decorrentes do contato com o patrão, como as reclamações e os xingamentos proferidos, além dos desrespeitos aos direitos trabalhistas, como a ausência de pagamento das horas extras, o excesso de carga horária e a baixa recompensa para trabalhos que exigem muito esforço físico. Esses exemplos foram articulados a partir das vivências sobretudo dos familiares dos adolescentes. As noções dão conta que eles compreendem certas categorias oriundas do trabalho contextualizado no sistema capitalista, no qual o trabalhador sofre as consequências da venda da sua força de trabalho, na medida em que sempre haverá uma distinção crucial entre o que o trabalhador recebe e o que ele cria como valor de uso (HARVEY, 2013, p. 125). Nesse sentido, mesmo quando há uma certa relação de confiança entre patrão e empregado, qualquer empréstimo de valores em dinheiro será de alguma forma cobrado posteriormente:

Y: Ainda o patrão lá do serviço, capaz de te emprestar e ficar te perguntando “ah dá pra descontar esse mês”.

M: Fica jogando na cara.

Y: “Não dá pra descontar desse mês aquele dinheiro que eu te emprestei”, toda hora vai fica te cobrando.

M: Alguma coisa que tu faz de errado ali, uma coisinha assim que tu fez de errado já joga na tua cara “não te ajudei aquele dia e tu não tá me ajudando”.

T: “Vou falar pros outros, bá ajudei aquele cara mas ele não paga”.

Por fim, a contraposição dos exemplos trazidos pelos adolescentes de situações limite da relação trabalhador-patrão é bastante sintomática daquilo que eles entendem como a principal diferença entre os padrões da atividade lícita e do tráfico de drogas. Enquanto o primeiro parece estar interessado somente na possibilidade da venda da força de trabalho pelo trabalhador e, na medida em que há alguma situação que impede a continuidade da alienação, a relação se desfaz imediatamente; o “patrão da boca” não é apenas alguém interessado na compra da mercadoria força de trabalho - embora também o seja, o que se demonstra pela necessidade de recompensar valores que foram emprestados - pois existe, em algum nível, uma relação de cooperação entre esses agentes. Uma hipótese que se coloca e que demandaria um

aprofundamento da questão é de que talvez os adolescentes percebam uma noção de que ambos, chefe e empregado do tráfico, pertencem ao mesmo grupo social, mesmo que, pela ótica da teoria marxista, estejam em pólos opostos da relação de classe:

Y: Meu pai teve um AVC o patrão dele disse “não, vai te embora”, deu mil real pra ele achando que tava muito ainda. Se meu pai fosse na vila pedir bagulho pros cara, meu pai não é desses mas, os cara iam apoiar, se meu pai tivesse precisando de alguma coisa.

M: Meu irmão já não, foi no patrão da boca lá, pediu um negocinho pra ele não ficar trabalhando só em crime, crime. O cara foi lá e largou dinheiro na mão dele.. “quando tu tiver me paga, não te preocupa”... é uma diferença... meu coroa tá pagando, todo mês, tá pagando.

De qualquer forma, a conclusão operada pelos adolescentes é no sentido de que o bem-estar do trabalhador no exercício da sua atividade, seja ela lícita ou não, depende substancialmente do desejo momentâneo do patrão. Há uma noção compartilhada de que em ambas as atividades, em que pese a existência de parâmetros gerais definidores dos ganhos financeiros, das condições de trabalho e das consequências para desvios de conduta, esses são tidos apenas como balizadores, na medida em que a palavra final se dá de acordo com a vontade subjetiva de um homem, a qual também não é constante e varia de acordo com seu “humor”. Assim, a ideia comum de que é possível encontrar certa estabilidade na vida a partir da adesão a uma atividade rotineira cai por terra em relação ao tráfico, mas também em relação ao trabalho lícito:

C: Às vezes eles dão a segunda chance. É que tudo depende do teu patrão também entendeu né, como no tráfico como no serviço, como no trabalho. Tudo depende da pessoa, depende do humor da pessoa ali, depende de como a pessoa é.

Operando também como um fator negativo específico do tráfico, a violência é compreendida como um corte em um processo que, não fosse ela, poderia se restringir ao aspecto favorável, limitado-se aos ganhos financeiros decorrentes da atividade. Por certo que a noção de violência pode ser sustentada sob diferentes paradigmas teóricos, de modo que seria melhor afirmar o substantivo em sua pluralidade, conforme propõe inicialmente Misse (1999, p. 43). Em todo caso, não sendo essa a discussão principal da presente pesquisa, é suficiente retomar a ideia, também proposta pelo autor, de que violência pode ser compreendida como uma “negatividade social”, ou uma “representação social de um perigo” (MISSE, 1999, p. 46). Nesse sentido, a noção estará sempre acompanhada de mudanças de sociabilidade e de ciclos específicos, sendo as mortes decorrente dos mercados ilícitos apenas um desses ciclo, o qual ganhou demasiada força a partir da década de 70.

Conforme já retomado no ponto 4.3.1, a violência também pode integrar a ideia de “mercadoria política” quando a força física ou alguma de suas extensões é utilizada na resolução de um conflito que, não fosse o mercado criminalizado, resolver-se-ia pela lógica regulatória do Estado. Assim, a narrativa que antecede a “formação da guerra” apresentada pelo adolescente, estabelece um cenário em que os bens adquiridos com a atividade ilícita podem ser usufruídos apenas até um certo ponto, pois logo em seguida opera-se um corte nessa imagem idílica de proveito. Esse rompimento concretiza-se pelo uso de instrumentos de imposição da força física (como armas e tiros), os quais acabam provocando casos contínuos de violência letal, findando finalmente em uma “guerra”:

C: É tem vários momento, momento que tu pode curtir ali. Que nem ali na vila onde eu moro, sempre que nós não tinha guerra, nós ia pra baile, fazer um bolo, ostentar, dá várias bandas, shopping, bagulhada. Tinha várias roupas, era só dinheiro, e dinheiro, dinheiro. Força de dinheiro rolando, força de carro, roupa de marca, moto, arma. Depois daí só... Daí começa (*inaudível*) com os cara...

P: Daí o que que acontece?

C: Daí tu já vai ali na bocada de um, traficante já dá uns tiro lá. Daí o outro sobe lá, mata um na outra boca. Daí desse eu lá, matou o outro e daí formou a guerra.

O ponto que merece destaque nessa narrativa é a extrema relevância da violência oriunda dos conflitos entre aqueles que se identificam com o tráfico de drogas. A violência policial, por exemplo, apareceu com muito menos ênfase se comparada com os conflitos gerados pelas disputas entre os “donos de boca”; de forma oposta, portanto, ao que observou Lyra (2013, p. 151). As disputas entre pares no contexto específico em que foi realizada a presente pesquisa parece ocupar um local de maior peso para os jovens, os quais afirmaram em diversos momentos a necessidade de se preocupar a todo momento com os “contras” e a impossibilidade de projetar opções de vida diversas após o cumprimento da medida socioeducativa em decorrência da perseguição desses mesmos sujeitos. A vida dos adolescentes parece pautada em uma dualidade “a favor” e “contra”, em que o “embolamento” a que se faz parte representa o primeiro pólo deste binômio, mesmo que o risco de morte se encontre também no interior deste agrupamento, na medida em que um simples deslize é o suficiente para a punição letal:

P: E vocês acham que fazendo uma balança é elas por elas.. ou tem um que prevalece?

M: Ta louco é pior

P: Mais ruim que bom?

S: Mais ruim que bom.

Y: Se no crime tu ta fortalecendo isso aqui, tu treino nisso aqui, os cara pegam... Teu próprio embolamento. Tu fez um montão, mato, fez um bolo por eles dai tu fez isso aqui, os cara...

S: Depois que o cara não serve mais...

P: Não consideram?

M: Ai já era.

Com essa ressalva, não se está dizendo que a polícia não representa um fator fundamental nesta vivência apresentada pelos adolescentes. Reitera-se que a presença do poder de polícia como uma ferramenta essencial na produção do ciclo do tráfico de drogas foi um elemento trazido pelos próprios adolescentes, de modo que a figura do policial não pode ser deixado de lado na tentativa de compreensão do tráfico de drogas. Em todo caso, o que emergiu dos diálogos foi uma proeminência dos riscos oferecidos pelos grupos rivais no mercado de drogas se comparado com outros possíveis fatores de risco. Observa-se ainda que a “guerra” das “boca” mencionada pelos adolescentes está situada na desestabilização do “mundo do crime” recentemente percebida na cidade de Porto Alegre, sobretudo a partir da formação de grupo chamado de Anti-Bala, no ano de 2016, tido esse como um “embolamento voluntário”²³ que visa o rechaço do “embolamento forçado” dos Bala na Cara (CIPRIANI, 2016, p. 127). Nesse contexto, não é surpreendente que os adolescentes afirmem que na balança entre os prós e os contras do tráfico é sempre “mais ruim do que bom”:

P: Teria como por alguma razão, ter só a parte boa do dinheiro..

C: No crime?

P: É?

C: É muito difícil hoje uma boca ai que não tem guerra ... muito difícil, muito difícil.. acho que lugar nenhum de Porto Alegre... todas as boca ta em guerra

C: Porque no começo sempre é bom, no início sempre é bom.

I: No final...

C: No final é peixe... no crime é difícil ter um final feliz.

4.3.4 Como as atividades relacionam-se com as “Competências do Projeto Pescar”

Conforme já exposto, as chamadas “13 Competências Comportamentais²⁴” estabelecidas pelo Projeto Pescar foram utilizadas como elementos disparadores dos grupos focais. Segundo consta no Relatório de Atividades de 2016, através das competências os jovens

²³ Segundo Cipriani, na constituição mais recente dos grupos que se articulam no interior do Presídio Central de Porto Alegre há uma forte vinculação com a divisão do espaço urbano pelo domínio do mercado ilícito de drogas (2016, p. 128). Essa vinculação se dá sobretudo a partir de estratégias de “embolamento”, como ao chamado “embolamento voluntário”, no qual pontos de tráfico menores se alinham a agrupamentos mais expressivos, ou quando facções passam a apoiar grupos menores a partir do fornecimento de armamento para a defesa da área (CIPRIANI, 2016, p. 128); e a do “embolamento forçado”, no qual o agrupamento entre um grupo mais expressivo e grupos menores se dá menos pela integração pacífica e mais a partir de relações hierárquicas constituídas com o uso da violência (CIPRIANI, 2017, p. 19).

²⁴ Sendo elas: autoestima e valorização pessoal; comunicar-se e comunicar suas descobertas; ser democrático, ético e cidadão; compreender atos, fatos e contextos; resolver situações-problema; enfrentar incertezas; trabalhar e produzir em equipe; inteligências múltiplas; aprender a aprender; espírito de liderança; aprender fazendo e fazer aprendendo; ser um profissional competente; considerar o trabalho como valor moral humano (PROJETO PESCAR, 2017, p. 43).

são estimulados ao autoconhecimento e à valorização pessoal, havendo um *feedback* do educador social, na medida em que ele as utiliza como forma de indicar os “pontos fortes” do jovens e as “oportunidades de melhoria” (PROJETO PESCAR, 2017, p. 43). Através do Sistema de Avaliação Pescar do Jovem, são identificadas o nível de competências trabalhadas no programa em três momentos distintos (início, meio e conclusão). A ideia é que as avaliações sejam feitas pelos próprios adolescentes com supervisão do educador social, em um sistema que pretende a progressão da aquisição das competências ao longo do curso. Assim, competências como “autoestima e valorização pessoal” e “espírito de liderança” são compreendidas como possíveis de serem adquiridas ao longo dos de 12 meses de capacitação. De acordo com os dados do próprio Projeto, a média de crescimento nas competências da primeira à terceira etapa de avaliação é de 28,99%, o que seria, na visão da instituição, “um percentual considerável tendo em vista que os jovens atendidos são apresentados pela primeira vez a muitos conceitos e valores trabalhados no Programa Social Pescar” (PROJETO PESCAR, 2017, p. 44).

Entretanto, conforme foi possível aferir no decorrer desta pesquisa, os adolescentes participantes do Projeto Pescar compreenderam ser possível relacionar as competências comportamentais com experiências de vida anteriores à entrada no curso profissionalizante, como no caso do tráfico de drogas, tendo inclusive indicado que se sentiram mais aptos a vincular as competências à atividade ilícita do que ao trabalho lícito ou ao curso profissionalizante. Das treze competências apresentadas algumas foram melhor desenvolvidas durante os grupos focais, permitindo a vinculação da noção de trabalho a ambos os pólos: lícito, compreendido pelo trabalho de modo geral e pela profissionalização, e ilícito, representado pelo tráfico de drogas. Nesse sentido, optou-se por selecionar as relações produzidas pelos adolescentes no que se refere a três competências comportamentais específicas: “comunicar-se e comunicar suas descobertas”, “múltiplas inteligências” e “autoestima e valorização pessoal”.

A comunicação de descobertas foi compreendida com ressalvas pelos adolescentes tanto no que diz respeito ao trabalho lícito quanto em relação ao tráfico de drogas. Sobre o primeiro, a comunicação de algo novo descoberto pelo trabalhador seria possível, mas com a condição de que o destinatário não apresentasse sinais de inveja, pois essa pessoa poderia “crescer o olho” sobre aquilo que havia sido descoberto. Em relação ao trabalho da professora, a competência foi melhor vinculada, entendida como uma atividade própria da profissão, tendo em vista que a professora “passa” para as crianças aquilo que aprendera. Já em relação ao tráfico de drogas, o vínculo com a atividade foi totalmente afastado por um grupo focal (“isso não tem muito no

crime”), tendo em vista que não haveria razão para comunicar o que fora descoberto no crime: “o crime é um jogo de quebra-cabeça”; é “um jogo de xadrez”:

P: Não pode ficar falando?

F: Bá o cara falar demais tu já filma. A sentença é morte.

C: Tem que ficar sereno ali.

Para outro grupo, o tráfico poderia se relacionar com a comunicação de descobertas, por exemplo, no processo de produção da “pedra”, em que um descobriu “como é que se faz” e repassou a informação para os demais. O controle de qualidade da substância também seria possível somente através da comunicação, na medida em que o usuário relata “se ta bom, se é ruim”. Diante dessas manifestações sobre o ato de comunicar-se, é possível observar uma fragilidade na noção de trabalho como atividade que se constitui através da sua finalidade social, justamente, a partir das necessidades dos demais e do processo de aprendizado inerente ao trabalho (FRANÇA JUNIOR; LARA, 2015, p. 22). Assim, o caráter coletivo do trabalho que atua, segundo a teoria de Lukács, no salto do ser biológico ao ser social foi, em partes, refutado pelos adolescentes sujeitos desta pesquisa. O interessante é que, seja em relação ao trabalho lícito, seja em relação ao tráfico de drogas, o elemento que parece impedir que a comunicação se efetive por completo é a competição entre os trabalhadores, na figura do colega que “cresce o olho” ou daquele que pertence ao “embolamento”, mas falha em manter o sigilo de certas informações. Evidente que no contexto da atividade ilícita, a comunicação excessiva adquire contornos mais graves, na medida em que pode acabar produzindo a morte do interlocutor.

De forma diversa, quando incitados a narrar os pontos positivos da participação no curso profissionalizante, os adolescentes indicaram a possibilidade de “aprender a trabalhar em grupo” e de exercer um trabalho em seu viés mais coletivo, sobretudo pelo auxílio que cada um pode prestar ao outro. Assim, mesmo que os adolescentes não tenham expressamente vinculado a competência com a atividade profissionalizante, ao indicaram a comunicação coletiva como uma característica do projeto a ser valorizada, restou possível concluir como o ambiente da profissionalização tem seu significado maior atrelado a um local de troca coletiva e de produção conjunta, o que não é completamente possível nem no ambiente de um trabalho lícito e tampouco na atividade do tráfico de drogas, de forma contrária, portanto, ao que se poderia esperar:

F: Coisa boa é que nois trabalha em grupo, cada um ajudando cada um.

C: Todo mundo se ajuda, todo mundo quer o bem de todo mundo aqui.

A segunda competência escolhida para o desenvolvimento da análise foi aquela das “múltiplas inteligências” na medida em que, através da vinculação de tal competência com as

atividades do tráfico e do trabalho realizada pelos grupos focais, foi possível ratificar a ideia já apresentada no tópico 4.3.1 de que os adolescentes se afirmam como sujeitos que “são” mais do tráfico do que trabalho. Traduzindo esse “ser” por “possuir conhecimento adquirido”, a afirmação parece fazer ainda mais sentido. Isso, pois quando eles narraram as múltiplas inteligências que um trabalhador deve possuir, o fizeram na figura da descrição imaginária, ou seja, na suposição dos conhecimentos de um trabalhador da construção civil:

Y: Caso que uma coisa errada pode fazer cair um prédio. Uma ladeada pode afundar pra dentro. Um muro que eles estão construindo, um tijolinho que eles tão construindo meio torto...

Assim, mesmo que as inteligências mobilizadas de fato representem a realidade da profissão de pedreiro - o que demonstra um conhecimento dos adolescentes sobre o funcionamento interno de certos trabalhos - elas representam algo que é do outro, mas que os adolescentes em si não possuem. Ressalta-se que eles poderiam ter invocado suas experiências laborais ou ainda as inteligências derivadas da profissionalização, inclusive de forma a se valorizarem nesses papéis, mas não o fizeram. De forma contrária, quando relacionaram a competência com o tráfico de drogas, o conhecimento coletivo de uma operação (como o “atentado”), além de ser narrado de forma a evidenciar a sua alta complexidade, foi indicado como sendo uma inteligência dos próprios adolescentes:

Y: E inteligências múltiplas, é tu e nós vamos dar um atentado, nós temos que ir certo, nós temos que conhecer tudo.

M: Tem que conhecer tudo, por onde é que nós vamos entrar, por onde que nós vamos sair.

S: Tem que ser inteligente.

Y: Qual beco tem que entrar, qual beco tem que ficar esperto, dá onde é que os cara vão vindo.

Conforme se vê, mais uma vez a ideia de que o trabalho possibilita ao homem o desenvolvimento pela consciência humana de um resultado “adequado, ideado e desejado” (LUKÀCS, 2013, p. 61) foi melhor demonstrada nas atividades desenvolvidas no tráfico de drogas. Quer dizer, mesmo que os adolescentes compreendam que esse processo também acontece nos trabalhos lícitos realizados por terceiros, na sua experiência própria de vida a noção de que múltiplas inteligências possibilitam a concretização de um plano é algo que decorre sobretudo no tráfico de drogas. Ademais, chama atenção os níveis de organização coletiva e de planejamento necessários para que uma operação como o chamado “atentado” ocorra, o que certamente acaba influenciando o desenvolvimento cognitivo desses sujeitos e a produção de “inteligências” que podem possuir um papel importante na produção de suas identidades.

Por fim, em relação à competência “autoestima e valorização pessoal”, a primeira constatação é de que a palavra “autoestima” assumiu diversos significados de acordo com o contexto em que ela foi vinculada. Se relacionada à profissionalização, autoestima foi mobilizada como sinônimo de bom comportamento, e em relação ao trabalho adquiriu o significado de qualidade de quem se valoriza por ocupar o papel de “trabalhador”, na vinculação com o tráfico de drogas foi associada com estar “sereno”, “bem arrumado” e “tá sempre feliz”. A primeira questão que se coloca, para além da volatilidade do termo, é a ideia de que o ambiente da profissionalização requer um certo modo de agir que intercala estar “sereno” para receber quem vem de fora e possuir “um bom senso”. A autoestima no seu sentido mais literal ou a ideia de valorização pessoal a partir da simples participação em um curso profissionalizante, por exemplo, não foram aventadas.

Em segundo, no que se refere tanto ao trabalho quanto ao tráfico, os ganhos financeiros decorrentes das atividades operaram como um fator importante na construção do sentido da “autoestima”, mas foram apresentados de distintas formas. Enquanto em relação ao trabalhador, a ideia de “conquista” de bens foi associada a um “prazer de ser”, o que talvez possa ser interpretado como um orgulho pessoal do papel que se exerce na sociedade; no tocante ao tráfico, os ganhos financeiros produziram a autoestima na medida em que se materializaram através da construção de uma boa aparência física e na produção de um cuidado de si, sobretudo pela repulsa ao uso de drogas de forma exagerada:

- P: Vocês acham que tem alguma coisa a ver com autoestima e valorização pessoal?
L: Tem pessoa que não se valoriza porque tá no crime né... porque não tá certo.
C: É no crime tu já não tá muito te valorizando...
P: Sei, é tipo... digamos que isso aqui se valoriza mais com quem trabalha do que com quem tá aqui?
L: Acho que sim né, acho que com quem trabalha
P: E autoestima?
L: Vai ter teu prazer de ser né, trabalhador, ter teu dinheiro, conquistar o que eu quero, coisa assim.
- Y: O cara tem que tá bem arrumado na vila. Sereno.
S: Senão não vale de nada o cara tá no crime.
Y: É... Só tocando o dinheiro fora, tem uns que só querem pra cheirar e dar banda. Pegar cem de pó aí já acaba no nariz de noite (*risadas*) ... Foi-se. Quando vê no outro dia tá quebrado.
M: Com o nariz estourado ainda.
B: Tem que usar com moderação.

Do que foi possível observar, portanto, a construção da autoestima dos adolescentes está menos vinculada à participação no curso profissionalizante do que se poderia imaginar, o que talvez ocorra pelo pouco tempo de capacitação ou mesmo pela sua pouca influência no contexto

mais amplo de formação da identidade destes jovens. Já no contexto do tráfico e do trabalho - certamente, atividades de maior representação na vida dos adolescentes - a concepção da autoestima manteve um elemento em comum, vinculado ao dinheiro ou aquilo que permite adquirir, e um elemento diferenciador: o “prazer de ser” no caso do trabalho, e o cuidado de si no caso do tráfico. Assim, mesmo que a priori o trabalho atue como uma ferramenta de construção de uma autoestima mais profunda - no sentido de possibilitar mais fortemente a construção da subjetividade do jovem e de produzir um sujeito mais valorizado na hierarquia social - a figura do adolescente no tráfico “sereno”, que se veste com roupas de qualidade e está atento ao uso excessivo de drogas, parece representar uma identidade “positiva” em um horizonte possível de ser alcançado e que, embora não seja o sujeito ideal na sociedade capitalista (afinal, a ideia de que “no crime tu já não tá muito te valorizando” ainda é muito presente), representa ganhos de valorização de si em comparação com outras identidades presentes na realidade dos adolescentes, como no caso do usuário de cocaína.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto nos três capítulos precedentes, algumas ideias conclusivas já descritas ao longo do texto podem ser reiteradas de modo a estabelecer as principais contribuições desta pesquisa. A primeira dessas conclusões surgiu ao longo da constituição da revisão bibliográfica e da fundamentação teórica presentes nos primeiros dois capítulos, pois a partir deles percebeu-se que seria possível sustentar o tráfico de drogas como um trabalho mesmo se a pesquisa não contasse com uma análise empírica. Assim, a literatura sobre o tráfico de drogas em conjunto com a produção sobre a profissionalização no interior da socioeducação retomadas nesta pesquisa permitiram, por si só, afirmar a vinculação da atividade do tráfico e da profissionalização à categoria trabalho. Contudo, também ao longo desta primeira etapa de revisão bibliográfica, se constatou a completa carência de pesquisas que mobilizem simultaneamente as três seguintes questões: a) abordagem do tráfico de drogas como um trabalho; b) análise limitada à faixa etária da adolescência; c) investigação que favoreça a percepção dos agentes sobre a realidade pesquisada, entendendo-os como sujeitos ativos em suas trajetórias de vida. Nesse sentido, a justificativa para a realização da pesquisa, indicada logo no início, reforçou-se ao longo do seu desenvolvimento.

Por outro lado, os resultados obtidos a partir da análise da transcrição dos grupos focais realizados indicaram que os adolescentes compreendem as atividades do trabalho lícito, do tráfico de drogas e da profissionalização de modo distinto do que se imaginava quando da construção do problema de pesquisa. Em relação aos significados do trabalho e do tráfico, ambos mantiveram-se vinculados à ideia de atividades produtoras de bens de uso, e nesse sentido, em um primeiro momento, corresponderam à categoria trabalho de Lukàcs (2013, p. 44). Essa conclusão reforçou-se, na medida em que, para os adolescentes, o traficante se distancia moralmente do “vagabundo”, sujeito que não realiza qualquer atividade produtora de bens. Assim, se a imagem representativa do trabalho necessariamente envolve gasto de energia física, o sujeito que “não faz nada” seria o oposto do trabalhador, enquanto o traficante se localizaria em um nível mais próximo desse do que daquele.

Ademais, a oposição operada entre o vagabundo e o traficante também possibilitou concluir que a “ideologia do desempenho” (SOUZA, 2003, p. 65) é incorporada pelos adolescentes, os quais entendem o trabalho (“o gasto físico de energia” capaz de produzir bens de uso) como uma categoria de distinção social dos indivíduos. Entretanto, a ambiguidade

central do sentido conferido ao tráfico de drogas - e o que impossibilita a afirmação do tráfico como um sinônimo de trabalho - se estabelece pelo elo inafastável entre a atividade e a violência. Na fala dos adolescentes, a violência é elemento constitutivo do tráfico e se representa principalmente pelos conflitos oriundos da disputa entre grupos rivais. Participar da atividade, portanto, pressupõe necessariamente ganhar dinheiro e aderir à “guerra” quando ela estourar, momento em que o sujeito deve mostrar ser capaz de “honrar a vila”. Nesse sentido, qualquer explicação para a adesão dos jovens ao contexto do tráfico de drogas que afaste uma ou outra característica não parece estar respaldada pela percepção dos próprios sujeitos agentes dessa realidade.

Mas como se adquire o conhecimento necessário para a realização das atividades? A resposta varia de acordo com o tipo de atividade questionada. Enquanto a escola e o esforço pessoal são relevantes na aprendizagem do trabalho lícito, a paciência é mais necessária no tráfico de drogas. Há, entretanto, a coexistência de uma disposição em específico: a observação. Assim, a etapa da observação ocorre em ambas as atividades, mas ganha contornos mais significativos no caso do tráfico, pois, em relação a ele, o treinamento por parte de “guias” já integrados e o consequente ganho de confiança diante dos demais é crucial para qualquer tipo de ascensão interna na organização.

Ainda, ao descreverem o tráfico, o trabalho e a profissionalização, os adolescentes demonstraram uma certa distinção na forma como a categoria trabalho se reflete em cada uma das atividades. Isso, pois, o princípio teleológico inerente ao trabalho na concepção lukàcsiana (ANTUNES, 2000 *apud* JACOBINA; COSTA, 2007, p. 100), entendido como a ideiação abstrata que só se materializa através do próprio trabalho, só restou efetivamente demonstrado no caso do tráfico de drogas. Quer dizer, enquanto na profissionalização o processo de transformar uma ideia em materialidade é vivido apenas no plano imaginativo - por exemplo, na idealização apresentada pelos adolescentes de tornar a fotografia um “negócio” gerador de renda - no caso do tráfico de drogas, depois que o adolescente passa a se entender como parte da atividade, o transcurso entre o planejamento das ações e a efetivação dos planos é vivido de modo integral. Com isso, não se está dizendo que a adesão do sujeito ao tráfico ocorre através de um planejamento consciente do indivíduo²⁵, mas que, após esse processo de afirmação do sujeito como parte de um todo chamado tráfico, as suas ações passam a ser ações planejadas na

²⁵ Mesmo porque a construção de um plano de vida por indivíduos com 12 anos de idade, período em que a grande maioria dos participantes do grupo focal afirmaram ter “entrado” no tráfico, seria algo absolutamente fora dos padrões de desenvolvimento subjetivo do ser humano.

busca por um fim específico, como por exemplo, no planejamento prévio do trajeto a ser realizado para alcançar o sucesso em um “atentado” a um grupo rival.

Na caracterização positiva das atividades, o trabalho foi compreendido mais como um instrumento de negação do crime e de afastamento da possibilidade de ser preso, do que propriamente como uma atividade com valor em si. Em alguma medida, os pontos positivos do tráfico também foram indicados apenas a partir da compreensão da atividade como instrumento para o alcance de um bem maior, representado sobretudo pela possibilidade de auxílio à comunidade em que se vive. Já em relação aos pontos negativos, a semelhança entre as atividades foi bem mais evidente, pois em ambos os casos há uma vinculação com o poder que o “patrão” opera sob os subalternos, sejam traficantes ou empregados. Em última instância, é o seu humor e a sua cooperação que farão a maior diferença em relação ao bem-estar do adolescente.

No caso do tráfico, contudo, no processo de descrição das atividades, o elemento da violência novamente apareceu como sendo o grande diferenciador, sendo essa uma das conclusões mais contundentes da pesquisa. Assim, foi possível constatar que o tráfico se afilia à noção de trabalho proposta por essa pesquisa por mais de uma razão: seja por ser uma atividade produtora de bens, seja por propiciar a materialização de uma ideia abstrata, ou seja ainda por permitir a distinção do sujeito na hierarquia social própria da sua realidade. Porém, em todos esses casos, a violência - principalmente aquela que ocorre entre os pares - opera como elemento que afasta o tráfico do significado de trabalho. A centralidade e a relevância que a “guerra” tomou nas discussões realizadas levam a pensar que qualquer tentativa de deslocamento desses sujeitos para a compreensão de outras realidades deve pressupor sujeitos para quem a ameaça do “contra” constitui o primeiro e o mais iminente desafio na luta pela sobrevivência.

Por fim, a característica do trabalho como ferramenta de constituição da *práxis* social, fator, portanto, de interação entre os sujeitos, não foi observada de forma consistente nem no tráfico de drogas e tampouco no trabalho lícito. Em ambos os casos, e por distintas razões, a comunicação de descobertas com os pares se apresentou como um obstáculo para os adolescentes. Entretanto, a comunicação e a troca de experiência com o outro foram justamente os fatores de maior valorização do curso profissionalizante, tido como um local de aprendizado - e não de trabalho - cujo principal ponto positivo reside na possibilidade de auxílio mútuo entre os participantes. Ainda, em relação à construção da autoestima do adolescente, essa foi indicada como uma decorrência dos ganhos financeiros, sejam eles oriundos do tráfico de drogas ou do

trabalho lícito. Contudo, enquanto em relação ao trabalhador, a ideia foi associada a um orgulho pessoal do papel que se exerce na sociedade; no tocante ao tráfico, a produção da autoestima se deu pelo investimento do dinheiro na construção de uma boa aparência física e na produção de um cuidado de si, por exemplo pela repulsa ao uso de drogas de forma exagerada.

Certamente que os resultados ora apresentados são apenas indicativos e mereceriam ser confrontados com outras pesquisas sobre a mesma temática. Contudo, a carência de abordagens sobre a realidade que se buscou expor nesta pesquisa, conforme já afirmado, não retira a relevância de tudo que fora afirmado pelos adolescentes participantes dos grupos focais. Para o aprofundamento de alguns temas que, embora não fossem o objeto principal deste trabalho, acabaram emergindo das discussões produzidas, é necessário o esforço das ciências sociais e sociais aplicadas em adentrar em questões bastantes sensíveis como o atual contexto de guerra entre grupos do tráfico de drogas em Porto Alegre. Só dessa forma se entende possível a produção de um debate mais qualificado sobre o tema dos adolescentes envolvidos no tráfico, seja de forma a pensar ferramentas de modificação temporária dessa realidade, seja no sentido de apostar em mudanças mais estruturais à questão, como a própria legalização e regulamentação daquilo que, embora ilícito, na perspectiva dos agentes dessa realidade se manifesta como um trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruna Gisi Martins de. **A experiência da internação entre adolescentes: práticas punitivas e rotinas institucionais.** 2010. Dissertação de Mestrado em Sociologia - USP, São Paulo, 2010.

ALVAREZ, Marcos César. **A emergência do Código de Menores de 1927: uma análise do discurso jurídico e institucional da assistência e proteção aos menores.** 1989. Dissertação de Mestrado em Sociologia - USP, São Paulo, 1989.

ANITUA, Gabriel Ignacio. **Histórias dos pensamentos criminológicos.** Rio de Janeiro: REVAN, 2008.

ANTUNES, Ricardo L. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho,** São Paulo: Boitempo, 2005.

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: Drogas e Juventude Pobre no Rio de Janeiro.** 2ed. Rio de Janeiro: REVAN, 2003.

BELOFF, Mary; MÁXIMO, Langer. Myths and realities of juvenile justice in latin america. In: MÁXIMO, L.; TANENHAUS D. S; ZIMRING, F. E. (Org.). **Juvenile Justice in Global Perspective.** New York: New York University Press, 2015, p. 198 - 248.

BENEVIDES, Claudia do Valle. **Um Estado de Bem-Estar no Brasil?** 2011. Dissertação de Mestrado em Economia - UFF, Rio de Janeiro, 2011.

Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Governo do Rio Grande do Sul. Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos. Fundação de Atendimento Sócioeducativo do Rio Grande do Sul. **PEMSEIS: Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: SDH; FASE, 2014.

BRAVO, M. **Política de Saúde no Brasil.** 2000. Disponível em: <<http://webmail.profunisuam.com.br/~luziamag/Pol%EDtica%20de%20Sa%FAde/Bravotexto1-5.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, Leandro; SOARES, Rodrigo R. Living on the Edge: Youth Entry, Career and Exit in Drug-Selling Gangs. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 121, 2016, p. 77-98.

CARVALHO, Salo de. **A política criminal de drogas no Brasil: estudo criminológico e dogmático da Lei 11.343/06.** 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

CIPRIANI, Marcelli. Da “Falange Gaúcha” aos “Bala nos Bala”: a emergência das “facções criminais” em Porto Alegre/RS e sua manifestação atual. **Direito e Democracia**, v. 17, n.1, 2016, p. 105-130.

_____. Segregação sócio-espacial e territorialidades do tráfico de drogas: as “facções criminais” diante do espaço urbano. **Revista Conversas e Controvérsias**, vol.3, n.2, 2017, p. 5-28.

COSTA, Ana Paula Motta. **As garantias processuais e o direito penal juvenil**: como limite na aplicação da medida socioeducativa de internação. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

_____. **Os Adolescentes e seus Direitos Fundamentais**: da invisibilidade à indiferença. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2012.

COSTA, Liana Fortunato; JACOBINA, Olga Maria. “Para não ser bandido”: trabalho e adolescentes em conflito com a lei. **Cadernos da Psicologia do Trabalho**, vol. 10, n. 2, 2007, p. 95-110.

DIAS, Camila Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência**: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. 2011. Tese de Doutorado em Sociologia - USP, São Paulo, 2011.

DOWDNEY, Luke. **Crianças no tráfico**: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Sete letras, 2003.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (org). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels - vol.I. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 13-29.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de tensão**: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. Tese de Doutorado em Sociologia. Campinas: UNICAMP, 2008.

_____. O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Cadernos CRH**, v. 27, n. 72, 2014, p. 495-512.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANÇA JR., Reginaldo Pereira; LARA, Ricardo. Trabalho e Ser Social: reflexões sobre a ontologia lukacsiana e sua incidência no Projeto Ético-Político Profissional. **Textos e Contextos**, v. 14, n. 1, 2015, p. 20-31.

GARLAND, David. **A cultura do controle**: crime e ordem social na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

GLENNY, Misha. **O dono do morro**: homem e a batalha pelo Rio. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOIS, Ancelmo. Jovens que trabalham para o tráfico estão há dois meses sem receber em morro do Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de ago. 2017. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/jovens-que-trabalham-para-o-traffic-estao-ha-dois-meses-sem-receber-em-morro-do-rio.html>> Acesso em: 08 de setembro de 2017.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v.12, n. 24, 2003, p. 149-161.

HARVEY, David. **Para entender O Capital** - livro I. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 45-46.

LEITE, Márcia Pereira; SILVA, Luiz Antonio Machado da. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: SILVA, Luiz Antonio Machado da. **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 47-76.

LESSING, Benjamin. As facções cariocas em perspectiva comparativa. **Novos Estudos**, v. 80, 2008, p. 43-62.

LYRA, Diogo. **A República dos Meninos: juventude, tráfico e virtude**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

LUKÀCS, Gyorg. **Para uma ontologia do ser social 2**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACIEL, Fabrício; GRILLO, André. O trabalho que (in)dignifica o homem. In: SOUZA, Jessé de. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 241-277.

MARX, Karls. Processo de trabalho e processo de valorização. In: ANTUNES, Ricardo (org). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels - vol.I**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 31-58.

MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massino. **Cárcere e Fábrica** - As origens do sistema penitenciário (séculos XVI - XIX). 2a ed. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

MÉNDEZ, Emílio Garcia. **Infância e Cidadania na América Latina**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. A Dimensão Política da Responsabilidade Penal dos Adolescentes na América Latina: notas para a construção de uma modesta utopia. **Educação e Realidade**. v. 33, n. 2, 2008, p. 15-36.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. p. 413. Tese de Doutorado em Sociologia - IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999.

OLIVEIRA, Adriano. **As peças e os mecanismos do fenômeno tráfico de drogas e do crime organizado**. 2006. Tese de Doutorado em Ciência Política - UFPE, Recife, 2006.

_____; ZAVERUCHA, Jorge. Tráfico de drogas: uma revisão bibliográfica. **BIB**, n. 62, 2006, p. 5-17.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Sobre a adesão juvenil às redes de criminalidade em favelas. In: MACHADO DA SILVA, L. **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Cap. 12, 2008, p. 249-303.

OLMO, Rosa del. **A face oculta da droga**. Rio de Janeiro: REVAN, 1990.

ORTÁCIO, Daniela de A.; SARAIVA, Karine. Educação para o trabalho e moralização de jovens vulneráveis.. In: **Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**, 2015, Canoas. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. Canoas: ULBRA, 2015. v. Único, 2015, p. 1-13.

PAULA, Liana de. **Liberdade assistida**: punição e cidadania na cidade de São Paulo. 2011. - Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Masculinidades e sociabilidades: compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. **Dilemas**. v.7. n.3, 2014, p. 701-730.

_____. **“Ser Jovem” e “Ser Adulto”**: identidades, representações e trajetórias. 2007. Tese de Doutorado em Sociologia - USP, São Paulo, 2007.

POLI, Letizia. The Paradoxes of Organized Crime. **Crime Law and Social Change**, v. 37, 2002, p. 51-97.

PROJETO PESCAR. **Relatório de Atividades 2016**. Porto Alegre: Projeto Pescar, 2017.

RIZZINI, Irene. **O século perdido**: raízes históricas para as políticas públicas para infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

ROLIM, Marcos. **A formação de jovens violentos**: estudo sobre a etiologia da violência extrema. Curitiba: Appris, 2016.

RUSHE, Georg.; KIRSCHHEIMER, Otto. **Punição e Estrutura Social**. 2ed. Rio de Janeiro: REVAN, 2004.

SARAIVA, João Batista Costa. **Compêndio de Direito Penal Juvenil**: adolescente e ato infracional. 3. ed. ampl. rev. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Criminalidade violenta: por uma nova perspectiva de análise. **Rev. Sociol. Polít.** v.13, 1999, p. 115-124.

_____. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, v. 19, n. 1, 2004, p. 53-84.

_____. (org.) **Vida sob cerco**: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. “Violência urbana”, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. **Cadernos CRH**, v. 23, n. 59, 2010, p. 283-300.

SILVA, Jean Sales da; TIETBOEHL, Lúcia Karam. Brete. In: LAZAROTTO, Gislei Domingas *et al.* **Medida Socioeducativa**: entre A&Z. Porto Alegre: UFRGS; Evangraf, 2014.

SOUZA, Jéssé de. (Não) Reconhecimento e Subcidadania, ou o que é ser gente? **Lua Nova**, n. 59, 2003, p. 51-73.

_____. **A elite do atraso: da escravidão à lava-jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu casaco de general: quinhentos dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SUTHERLAND, Edwin H. **Princípios de Criminologia**. São Paulo: Livraria Martins, 1949.

TEIXEIRA, Alessandra. **Do sujeito de direito ao Estado de exceção: o percurso contemporâneo do sistema penitenciário brasileiro**. 2006. Dissertação de Mestrado em Sociologia - USP, São Paulo, 2006.

VALOIS, Luís Carlos. **O Direito Penal da Guerra às Drogas**. 2ed. Belo Horizonte: Editora D'plácido, 2017.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. "Crime organizado": uma categoria frustrada. **Discursos Sediciosos: Crime Direito e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1996, p. 45-67.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UERJ, 1994.

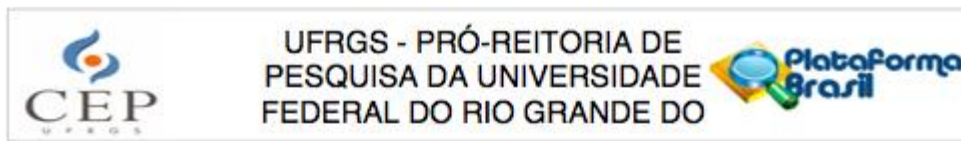
_____. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Juventude Violenta: Processos, Retrocessos e Novos Percursos. **Dados**, v. 55, n. 2, 2012, p. 327-365.

ZIMRING, Franklin E.; LANGER, Máximo. One theme are many? The search for a deep structure in global juvenile justice. In: LANGER, M.; TANENHAUS D. S; ZIMRING, F. E. (Org.). **Juvenile Justice in Global Perspective**. New York: New York University Press, 2015, p. 383-411.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Centauro, 2001.

APÊNDICE A - Termo de Aprovação CEP-UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ADOLESCENTES TRABALHADORES: ENTRE O TRÁFICO DE DROGAS E O TRABALHO APRENDIZ

Pesquisador: ANA PAULA MOTTA COSTA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69918917.1.0000.5347

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.325.548

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao Departamento de Ciências Penais da Faculdade de Direito que tem como objetivo adentrar a compreensão de jovens cumprindo medida socioeducativa na FASE sobre as relações entre o trabalho no tráfico de drogas que exerciam anteriormente ao ingresso na instituição e o trabalho-aprendizado que realizam dentro da FASE. Para tanto serão realizadas quatro sessões de grupo focal com 13 adolescentes (2 com um grupo de 6 e 2 com um grupo de 7 jovens) internos na instituição que participam do trabalho aprendiz em Unidade do Projeto Pescar. Uma das perguntas norteadoras da pesquisa é se "o crime substituído pelo trabalho-aprendizagem representa, de fato, uma história de sucesso?" Conforme descrito no projeto: "A presente pesquisa estabelece como método de investigação empírica a produção, em conjunto entre a pesquisadora e os adolescentes sujeitos da pesquisa, de um mapa conceitual do funcionamento do tráfico de drogas - o caminho que a droga percorre até ser distribuída aos usuários - em comparação com os métodos de divisão de trabalho lícito experimentados por eles. Nesse percurso do produto, os sujeitos se inserem como trabalhadores responsáveis pelo "sucesso" do empreendimento, trazendo através da narrativa conjunta a forma como suas próprias subjetividades são moldadas através da participação nos ambientes laborais experimentados."

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.325.548

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Verificar como os sujeitos adolescentes envolvidos na complexidade do tráfico de drogas interpretam sua atuação neste contexto, se a interpretam como sendo um trabalho e, a partir disso, identificar quais as comparações possíveis entre esse labor e a profissionalização lícita.

Objetivos Específicos

- Observar a maneira como os sujeitos entrevistados se referem à participação no tráfico de drogas, identificando possíveis correlações com o mundo empresarial: há divisões de tarefa bem delimitadas? Quais são as prerrogativas necessárias à entrada nas facções? Quais os ganhos e as perdas percebidas pelos sujeitos ao optarem pelo investimento da sua força de trabalho nessa atividade?
- Identificar as diferentes percepções dos sujeitos em relação a sua própria participação no tráfico de drogas, na medida em que o grau de adesão destes é variável e dependente de diversos fatores;
- Construir hipóteses das consequências da criminalização nas condutas necessárias ao trabalho no tráfico de drogas e no encarceramento dos trabalhadores, possibilitando assim vislumbrar como o sistema de punição se articula com o sistema de produção, estabelecendo uma nova hipótese dentro das teorias criminológicas que vinculam esses dois fenômenos sociais (sistema punitivo e capitalismo);
- Relacionar os resultados da influência da atividade estatal na subjetividade dos adolescentes entrevistados, na medida em que são sujeitos egressos do sistema socioeducativo, com aqueles oriundos da participação em programa de inserção no mercado de trabalho e com os que advêm do período em que se perceberam parte de organização criminosa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos foram adequadamente esclarecidos no formulário PB, no TCLE, no TA e no projeto. Foi esclarecido que os riscos que o desvelamento de informações sobre tráfico de drogas e de conflitos entre grupos diferentes potencializados pelo desenvolvimento da pesquisa podem ser amenizados pelo fato de que os jovens já estarão participando de um curso na instituição e para tanto, já foram previamente selecionados, levando em conta sua adesão a grupos criminosos. Informam ainda que os participantes estão sob acompanhamento de psicologia e assistência social e educadora social responsável pelo projeto atenuando as possíveis situações de conflito.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-080
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.325.548

Benefícios: Descritos de forma adequada: "Estima-se que a pesquisa contribuirá para uma melhor compreensão do fenômeno de adesão dos adolescentes ao tráfico de drogas, a partir de uma melhor constatação sobre os sentidos que essa atividade toma para esses sujeitos. Ademais, por meio da comparação com as atividades desenvolvidas no ceio de trabalho aprendiz, imagina-se que será, possível vislumbrar se o projeto proposto durante a execução da medida socioeducativa atinge seu objetivo de reinserção social, e, em caso negativo, quais as razões para tanto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto relevante sobre tema bastante sensível que envolve desvelar aspectos da participação de jovens menores de idade em atividades ilícitas. As pendências anteriores foram todas resolvidas. As pesquisadoras esclareceram que os adolescentes participantes foram selecionados para constituir a primeira turma do "Curso de Produção e Edição de Imagem e Vídeo" do Projeto Pescar, o qual se realiza no interior da unidade CASE POA I. O curso é uma iniciativa do Projeto Pescar, acontece em parceria com a "União dos Skatistas de Cachoeirinha" e pretende desenvolver as faculdades relacionadas à produção de imagem e

vídeo em interlocução com a temática do Skate. Serão realizados dois encontros com cada grupo de participantes. Enquanto a sessão de grupo focal é executada com a metade da turma, os demais realizarão oficina de vídeo com demais voluntários e vice-versa. O tema do primeiro encontro será centralizado nas competências desenvolvidas pelos adolescentes no mundo do trabalho lícito e formal, e para o segundo, a temática do tráfico de drogas. Os roteiros de grupo focal foram apresentados de forma clara e adequada. Também foi alterada a informação sobre o uso de vídeo para registro dos grupos focais. Na versão atual a pesquisadora informa que será usado apenas gravador de áudio para posterior análise do conteúdo das falas.

Os CVs da orientadora e da estudante foram apresentados, e o nome de ambas encontram-se no formulário da Plataforma Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TAI- adequado (Foi incluído termo assinado pelo presidente da instituição)

TCLE: adequado (Foi excluída da assinatura da "testemunha")

TA: adequado (Foi corrigido em todos os aspectos: foi suprimida a frase

"Você está sendo convidado como voluntário a consentir com a participação de seu filho", tendo em vista que o TA é destinado aos próprios adolescentes. Foi alterado o nome "Projeto Pesquisar", para projeto "aprendizagem"; os riscos e os benefícios encontram-se essa terceira versão

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 2.325.548

devidamente descritos; foi excluída a assinatura da "testemunha".

Projeto completo: adequado

Formulário da PB: foi incluído o nome da estudante

Orçamento: apresentado

Cronograma: adequado

Roteiro de grupo focal: apresentado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_933225.pdf	29/09/2017 09:42:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_.pdf	29/09/2017 09:41:15	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
Outros	autorizacao_FASE.pdf	29/09/2017 09:40:07	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA_.pdf	29/09/2017 09:38:18	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_.pdf	29/09/2017 09:37:33	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
Outros	parecer_compesq.pdf	16/06/2017 13:53:08	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
Outros	lattes_betina.pdf	16/06/2017 13:50:42	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
Outros	lattes_ana_paula.pdf	16/06/2017 13:49:05	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	Ana_paula_motta.pdf	16/06/2017 13:44:58	ANA PAULA MOTTA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

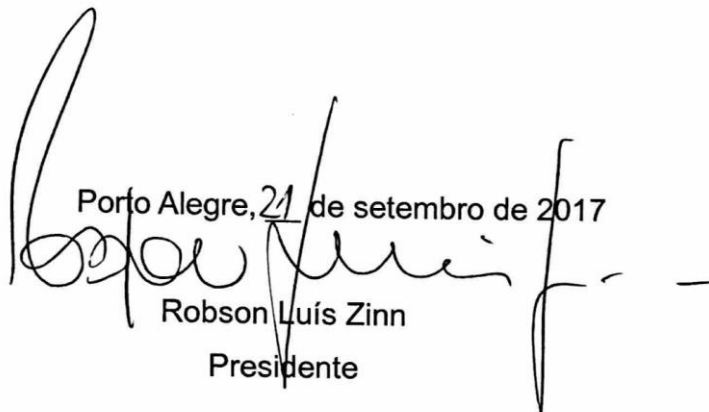
Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propeq.ufrgs.br

Página 04 de 05

AUTORIZAÇÃO

A Presidência da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS) declara conhecer o teor da proposta de pesquisa apresentada por Betina Warmling Barros, estudante de Direito da UFRGS, autorizando sua realização no CASE POA I, a partir de combinação com a Direção da unidade, após apresentação de Carta de Aprovação do Comitê de Ética da Universidade.

Porto Alegre, 21 de setembro de 2017



Robson Luís Zinn

Presidente

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

FACULDADE DE DIREITO UFRGS

Pesquisador Responsável: Ana Paula Motta Costa

Estudante responsável: Betina Warmling Barros

Endereço: Av. João Pessoa, n. 80

Fone: (51) 997925010

E-mail: barros.betina3@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Aos pais dos adolescentes participantes da pesquisa

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a consentir com a participação de seu filho na pesquisa intitulada “Adolescentes trabalhadores: entre o tráfico de drogas e o trabalho aprendiz”. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação de seu filho a qualquer momento. A participação de seu filho é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, pela FASE-RS ou pelo Projeto Pescar.

Objetivos: Neste estudo pretendemos verificar o que pensam os adolescentes sobre o tráfico de drogas, se eles consideram que é possível trabalhar para o tráfico, e como comparam essa atividade com o trabalho aprendiz que realizam nesse momento e com outros tipos de trabalho lícito. A pesquisa justifica-se na medida em que muitos adolescentes vivenciam essa experiência de atuação no tráfico de drogas e posteriormente de trabalho lícito ligado ao “trabalho aprendiz”.

Metodologia: O método utilizado na pesquisa será aquele de realização de grupo focal com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação Socioeducativa do Rio Grande do Sul (FASE-RS). Para a obtenção dos resultados da pesquisa, pretende-se a realização pela equipe de pesquisa de oficina com os adolescentes, tratando da percepção dos sujeitos sobre as temáticas do trabalho aprendiz e do tráfico de drogas. A oficina será vinculada à programação do projeto "aprendizagem" desenvolvido no interior da FASE, em interlocução com os educadores sociais da Fundação e com os responsáveis pela Unidade do Projeto Pescar no local. O grupo focal realizado será gravado por gravador de áudio e o material analisado posteriormente pela equipe de pesquisa.

Riscos: a participação nessa pesquisa oferece riscos a seu filho, tais como a possibilidade de desconforto em participar da oficina proposta e a possibilidade de ser perguntado sobre assuntos que não se sente bem em responder. Além disso, é possível que ocorra algum conflito com os demais adolescentes da pesquisa no momento da discussão, pois tratam-se de temas delicados, como as atividades do tráfico de drogas. Caso ocorram situações conflituosas entre os adolescentes participantes da pesquisa, as pesquisadoras responsáveis se propõem a auxiliar a equipe do Projeto Pescar e a equipe da socioeducação da FASE a mediar o conflito

entre os jovens, em momento posterior e reservado com os adolescentes envolvidos na questão.

Benefícios: a participação na pesquisa não trará benefícios diretos a você. Trará, no entanto, benefícios indiretos, tais como a contribuição para o estudo sobre uma realidade que pode ser próxima de você e de seu filho.

Garantias: O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Seu filho também não será identificado de nenhuma forma. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Essa pesquisa está sob responsabilidade da Estudante Bolsista de Iniciação Científica da UFRGS, Betina Warmling Barros, sob a orientação da Pesquisadora Responsável Prof.^a Ana Paula Motta Costa. Quaisquer esclarecimentos poderão ser oferecidos no momento da pesquisa ou, posteriormente, por meio dos seguintes contatos: Prof.^a Ana Paula Motta Costa (Orientadora da pesquisa) e Betina Warmling Barros (Estudante pesquisadora), pelo telefone (51) 997925010.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos do estudo “ADOLESCENTES TRABALHADORES: ENTRE O TRÁFICO DE DROGAS E O TRABALHO APRENDIZ”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de consentir com a participação de meu filho se assim o desejar. Declaro que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Betina Warmling Barros
Estudante Pesquisador

Ana Paula Motta Costa
Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o CEP UFRGS – Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317
Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060
Contato
Fone: +55 51 3308 3738
E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

APÊNDICE D - Termo de Assentimento

FACULDADE DE DIREITO UFRGS
Pesquisador Responsável: Ana Paula Motta Costa
Estudante responsável: Betina Warmling Barros
Endereço: Av. João Pessoa, n. 80
Fone: (51) 997925010
E-mail: barros.betina3@gmail.com

TERMO DE ASSENTIMENTO

Aos adolescentes participantes da pesquisa

Você está sendo convidado como voluntário a participar na pesquisa intitulada "Adolescentes trabalhadores: entre o tráfico de drogas e o trabalho aprendiz". Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para se retirar da pesquisa a qualquer momento. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, **não terá nenhum problema se desistir**. Se você se recusar em participar não haverá nenhuma complicação na FASE-RS ou no Projeto Pescar.

Queremos saber o que os adolescentes acham sobre o tráfico de drogas, se eles consideram que é possível trabalhar para o tráfico, e como comparam essa atividade com o trabalho aprendiz que realizam nesse momento e com outros tipos de trabalho lícito.

A pesquisa se realizará durante a execução do Projeto Pescar, através de uma oficina com os adolescentes. Nesta oficina, iremos pensar o que os adolescentes acham sobre as temáticas do trabalho aprendiz e do tráfico de drogas. A oficina será vinculada à programação do projeto "aprendizagem" desenvolvido no interior da FASE, em conjunto com os educadores sociais da Fundação e com os responsáveis pela Unidade do Projeto Pescar no local. A pesquisa será gravada por gravador de áudio e esse material depois será analisado pela equipe de pesquisa.

A participação nessa pesquisa oferece riscos, pois você pode se sentir desconfortável em participar do debate que iremos propor ou mesmo coagido já que está internado na FASE. Se isso acontecer, você pode comunicar ao pesquisador que iremos dispensar a sua participação na pesquisa. Além disso, é possível que ocorra algum conflito com os demais adolescentes da pesquisa no momento da discussão, pois tratam-se de temas delicados, como as atividades do tráfico de

drogas. Lembramos que você não é obrigado a falar nada que não se sinta confortável, **e nada do que você falar será usado para puni-lo.**

A participação na pesquisa não trará benefícios diretos a você. Trará, no entanto, benefícios indiretos, tais como a contribuição para o estudo sobre uma realidade que pode ser muito próxima de você e ou de onde você vive.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e a **sua identidade não será revelado em nenhuma hipótese.** Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. **Você não será identificado de nenhuma forma.** Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Essa pesquisa está sob responsabilidade da Estudante Bolsista de Iniciação Científica da UFRGS, Betina Warmling Barros, sob a orientação da Pesquisadora Responsável Prof.^a Ana Paula Motta Costa. Quaisquer esclarecimentos poderão ser oferecidos no momento da pesquisa ou, posteriormente, por meio dos seguintes contatos: Prof.^a Ana Paula Motta Costa (Orientadora da pesquisa) e Betina Warmling Barros (Estudante pesquisadora), pelo telefone (51) 997925010.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos do estudo “ADOLESCENTES TRABALHADORES: ENTRE O TRÁFICO DE DROGAS E O TRABALHO APRENDIZ”, de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e conversei com meus responsáveis. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de consentir com a participação de meu filho se assim o desejar. Eu concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Betina Warmling Barros
Estudante Pesquisador

Ana Paula Motta Costa
Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o CEP UFRGS – Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317

Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro

Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060

Contato

Fone: +55 51 3308 3738

E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

APÊNDICE E - Transcrições Grupos Focais

Encontro 1:

Transcrição Grupo A

P: A nossa ideia aqui é falar sobre trabalho, podia falar monte de coisa sobre trabalho mas a minha ideia é saber um pouco o que vocês entendem, o que vocês acha sobre trabalho, como eu disse a minha intenção é saber um pouco a opinião de vocês. Como eu disse, eu não quero dizer o que eu penso, eu não quero que vocês digam o que eu quero escutar, vocês podem falar o que vocês acham melhor. Eu vou pedir pra vocês, como a gente tá gravando e eu vou ter que escutar, que vocês falem mais alto, com calma e que tentem falar um de cada vez, porque se não vai ser uma bagunça e ninguém vai se entender. Eu vou tentar fazer um papel de organizar assim, perguntar alguma coisa que eu ache interessante, se algum quiser falar mais de uma vez ao mesmo tempo, botar uma ordem.. Mas meu papel é mesmo só de organização para que todo mundo possa falar, todo mundo dê sua opinião. Como eu disse então, vocês podem falar o que quiserem, o que tiverem vontade e o que vocês falarem vai ficar aqui entre nós. Claro que isso vai ser parte de uma pesquisa, mas nada do que vocês disserem, vocês vão ser identificados e nada do que vocês me contarem eu não vou falar pra ninguém, então isso aqui é uma relação entre nós mesmos. Então podem ficar bem a vontade, é o que quero dizer com isso. É pra falar o que quer e se não quiser também não precisa falar, ninguém é obrigado. Pra ajudar um pouco, e pra gente ter um ponto de partida, eu trouxe umas fotos e as competências do Pescar que acho que vocês já devem ter trabalhado, as 13 competências. São aquelas que tão lá, aqui eu só imprimi elas pra gente tentar relacionar essas competências com aquilo que a gente pensa do trabalho. Tem inclusive algumas que falam de trabalho né, várias delas na verdade... Tem uma que diz...

I: Ser um profissional competente.

P: É, tem uma que diz “considerar o trabalho como um valor moral humano”. Então é isso, deu pra entender mais ou menos? Ficou alguma dúvida? De boas? Ta, vamos começar então. Primeiro vamos ver aqui o que a gente tem nas fotos. Eu trouxe algumas do que eu pensei quando pensei em trabalho.

D: aquele ali é pagode, aquele ali?

P: É um sambista, alguém conhece?

D: É o Arlindo Cruz?

P: Como é que é? Arlindo cruz? É, é ele mesmo. Porque achei que dava pra gente pensar que várias coisas são trabalho, sem só o que a gente pensa na primeira ideia, sei lá, um artista... músico, podia ser até um Mc na verdade. Até pensei em trazer uma foto de um MC, mas não achei nenhuma muito que tinha cara de MC.

C: Só puxar no youtube ali...

P: É né..

C: Tem G15..

P: E ai por exemplo trabalho na agricultura, alguém aqui é do interior? Não né? Todo mundo de Porto Alegre.

D: Não, todo mundo é de Porto Alegre.

P: Ou esporte né, que pode ser algum tipo de trabalho, ou fazer algum tipo de artesanato.

P: Cultura.

B: É, ou vender né.

Y: Vender horta.

P: Ahã.

I: Isso ai é la do interior.

P: É acho que eles tão colhendo pra depois vender. Tá, primeiro então quando a gente pensa em trabalho, o que que vem na cabeça de vocês assim? Podem conversar entre vocês também, não precisa ser comigo.

F: O que vem na cabeça primeiro? Ah na cabeça primeiro vem uma casa, uma família, poder sustentar eles.

C: Tá gravando ali já?

P: Tá gravando, faz voz bonita.

C: Aquele lá não tá gravando... (aponta para o celular)

P: A é verdade, esqueci de colocar esse. Agora deu. Pensei que tava.

I: Trabalho pra mim é fazer uma família, quero trabalhar para meu filho.

P: Tipo família assim? Ta mas assim..

I: Trabalho tem um lado bom, o cara conhece várias pessoas diferentes. As pessoas te vem de um jeito, e depois vai te vendo de outro.

P: Hmm, tu é visto pelo teu trabalho assim?

I: (sinal afirmativo) Como eu trabalho ali no tribunal do regional do TRF.

P: Ah tu trabalha ali?

I: Trabalhava, a FASE consegui.

D: Trabalha... (risadas)

P: Ah mas podia ser né.

I: É agora não sei se eles me aceitam de novo. Bá fui tri elogiado

P: E tu fazia o que ali?

I: A um bagulho lá com papel.

P: Tipo mexia com processo assim?

I: Sim, sereno.

P: E os outros...

L: Não sei, nunca trabalhei.

C: Eu nem posso mais trabalhar. Se eu trabalhar, os contra vão me matar, dá bote.

P: E tipo e se fosse pensar assim, trabalho, porque uma coisa é dita trabalho?

C: Tudo é trabalho.

L: Na vida tudo aqui é trabalho, não tem nada que não é trabalho.
C: Na vida tudo é trabalho, nada é fácil.
L: Pegar e montar bicicleta e desmontar bicicleta, to fazendo um trabalho.
C: Tem trabalho de várias maneiras. Tem gente que ainda tem chance de trabalhar, outros que não tem.
P: E quando a gente pensa em trabalho, o que ele pode trazer de bom pra alguém?
D: Dinheiro (risadas)
P: Pergunta meio óbvia vocês acham?
L: Vida boa. Quem trabalha nem pensa no crime, nem pensa nada, pensa em outra coisa.
P: Mas e outras coisas que não dinheiro assim?
D: Tranquilidade.
L: É tá em paz.
C: Trabalhador vive em paz, não tem guerra, não tem nada. Entra na vila que quiser, a hora que quiser.
L: Não se incomoda com nada.
P: E vocês não acham engraçado que uma coisa tão diferente pode ser trabalho? Tipo o cara ali tá remando, e é o trabalho dele, o outro a tocando samba e é o trabalho. Porque essas duas coisas são trabalho? Não é meio louco pensar que essas duas coisas são trabalho? O outro aqui fazendo artesanato, né, potes de barro. E se perguntarem pros três, eles vão dizer: “é o meu trabalho é isso”
F: Cada um acha uma maneira de sobreviver.
C: Cada um tem o talento pra uma coisa né.
P: Ta trabalho ta ligado ao talento né.
C: Sim. Porque se eu não souber capinar eu não vou ficar ali me matando se eu não sei capinar. Se eu não souber fazer aqueles artesanatos la de barro eu não vou fazer porque eu não sei, vai da tudo errado.
P: E essa aqui, tu acha que ela gosta de fazer aquele trabalho ali na indústria ali?
I: Gosta. Às vezes tem umas pessoas que largam tudo ali achando que vai dar certo e de repente não da certo. junta outras oportunidades, dai ela não vai poder largar. Ela ta precisando de dinheiro, precisando de um trabalho.
P: É então nem sempre a melhor coisa.
I: Nem sempre a melhor opinião que a pessoa tem ... (inaudível)
P: Mas dai então quando vocês pensam a coisa boa do trabalho vocês pensam em dinheiro? Do salário, o que ganha? E tranquilidade? Mais alguma coisa que “ba, a pessoa,” pode ser pensar em si ou pensar no outro né, tipo, quando pensa assim naquele cara ali do esporte, tipo, ele deve trabalhar naquilo porque ele gosta, porque ele ganha um dinheiro, mas por alguma outra razão será?
I: Às vezes ele fica paraplégico e só tem isso dai pra fazer.
C: Às vezes é por amor também né, porque gosta de fazer isso dai.
P: É, é um outro ponto né. Quem que já trabalhou aqui? Onde tu já trabalhou (...)?
D: Trabalhei na **(inaudível)** municipal.
P: E tu gostava?
D: Ah no começo eu gostava né, depois o cara se anoja. Trabalhava fazendo pesquisa pra integração nacional dos municípios.
P: Tipo no computador assim?
D: Ahã... trabalhei em mercado também já.

P: Tipo, mercado normal assim?

D: ã?

P: Qualquer mercado assim?

D: Ahã.

P: Mas fazia o que no mercado?

D: Ah eu estocava uns negócio lá...

P: E porquê que... é que tipo, o que eu queria saber é porque vocês acham que uma coisa tão diferente como isso, por exemplo, estocar lá no mercado ou fazer uma pesquisa num computador, ou sei lá, vender alguma coisa numa loja... Quem define porque uma coisa é trabalho e a outra não? Já pensaram sobre isso?

D: O que define que uma coisa é trabalho e a outra não?

P: É

D: Pelo esforço.

F: Pela vontade..

P: Ta mas dai se eu tiver muita vontade de fazer uma coisa, quero muito fazer ela, dai sei lá.

I: Pode ser errado ou pode ser certo.

P: Ta mas dai digamos que eu escolha fazer uma coisa tipo, dançar numa festa, eu gosto muito disso, mas isso não é necessariamente um trabalho...

I: Sim, é trabalho.

P: Vai ser trabalho quando?

I: Quando uma pessoa te contratar e trabalhar, de repente no carnaval.

P: É teria que ser alguém me contratar né.

I: Claro

P: Não posso decidir que to trabalhando.

I: É, não pode... Mas tu pode também (inaudível) pra fazer teu trabalho, tu mesma montar tua empresa, se tu gosta de dançar tu pode pegar outras pessoas que sabem dançar e montar uma (inaudível).

P: Entendi. Por exemplo, o cara esse poderia gostar muito de...

I: Ele tem um grupo né.

P: Qual?

I: O gordinho..

P: Ah esse daqui? (aponta para a figura do Arlindo cruz) é ele tem um grupo, mas ele poderia gostar muito disso e poderia ganhar nenhum dinheiro com isso né. Tá então trabalho também tá relacionado com...

L: Dinheiro

P: Grana? Ganhar grana com aquilo?

D: Claro.

P: Será que se ele não ganhar dinheiro não é trabalho?

L: É trabalho também..

P: É?

C: Claro.

P: Tipo o que assim?

D: Voluntário.

C: Tem que trabalhar, que nem ele falou ali, se montar aquela bicicleta e desmontar tu vai ta trabalhando também.

P: Mesmo que não ganhe?

C: Mesmo que não ganhe.

C: Tu vai ganhar dinheiro... Tipo uma recompensa...Pelo que eu acho pelo menos tu... Tipo uma recompensa pra pessoa não dizer tipo não te (inaudível) também...

I: Precisa de estudo também pra ter trabalho...porque muitos que (inaudível) é o cara que tem estudo.

P: Por causa do que?

I: Por causa dos estudo, o cara larga os estudos pra ir trabalhar e não consegue. Tem que tá estudando.

P: E se vocês olhassem aquelas competências ali e conseguissem mostrar que dá pra relacionar com os trabalhos? Se a gente fosse tentar fazer tipo um... Sei lá... Pegar uma foto dessas e tentar relacionar com alguma das competências, que que dava pra dizer?

(arruma as figuras e competências)

P: Tipo resolver situações-problema, como é que a gente relaciona isso com trabalho?

I: Tem 1,2,3... tem 4 com trabalho de equipe ali... (seleciona algumas fotos) Esse ali do artesanato... esses todos trabalham em equipe.

P: Tem alguns trabalhos que são em equipe e alguns que são individuais vocês acham?

I: Claro, tem muitos que são em equipe.

C: Espírito de liderança é a pessoa né? Que tem espírito de liderança?

P: Ahã.. Tipo quem assim?

C: Pelo que eu achei é essa aqui.. (aponta para foto de empresários, mulher que está a frente)

B: Tu acha que essa aqui tem cara de espírito de liderança?

C: Ahã.

P: Porque tu acha?

C: Por causa dela lá.

P: Porque ela ta na frente assim?

P: E que mais que a gente tem aqui, aquele ali “considerar o trabalho como valor moral humano”, que que será que é isso? Um valor moral humano...

(silêncio)

P: Alguma ideia?

I: Moral é..

ES: Lembra quando eu passei pra vocês a avaliação do Pescar?

I: Sim

ES: Lembra quando eu falei dessa parte ali, o trabalho como um valor moral humano? Vocês lembram o que foi que eu falei?

L: (inaudível)

F: ã?

(silêncio)

P: Vamo devagar...

D: To tentando me lembrar

P: Uma frase depois outra.. Tá “considerar o trabalho como um valor” que que podia ser um valor? Quando a gente pensa em valor assim, que que é um valor? O que que pode ser um valor?

ES: Valores guris...

C: Valores! Tipo, trabalhado sendo valores? No caso..

P: Não, tipo..

C: Valores é tipo sinceridade, né?

ES: Tá e o que que o trabalho, qual o valor que o trabalho traz?
C: Traz dignidade.
ES: Respeito, dignidade..
C: Respeito, dignidade, traz várias coisas.
P: Mas tipo..
C: Responsabilidade
(não identificado): Tem que ter responsabilidade...
P: Ta mas dai tu acha que tu só aprende isso no trabalho, né?
I: Na vida.
P: Tu leva pro trabalho aquilo que tu aprende na vida?
I: Claro, a vida ensina. Quando tu nasce tua mãe já te mostra.
C: Tu aprende no colégio né, no colégio tu aprende respeito, educação. Várias coisas a professora vai ensinando.
P: Dai depois leva isso pro trabalho tu acha?
L: Claro!
C: Do colégio tu vai levar pro trabalho, do trabalho tu vai levar pra tua vida, o que tu aprender no colégio. O começo de tudo vai começar no colégio (inaudível)
P: E dai quando vocês, falando nisso, como é que vocês pensam que uma pessoa aprende um trabalho? Tipo, qualquer trabalho assim, esses ou outros que vocês pensem... Como é que a gente aprende um trabalho? Chega lá e ai “pá” tem que fazer aquele negócio...
C: Ah a pessoa vai te mostrar a primeira vez...
L: A pessoa vai te ensinar.
C: Tu vai olhando e vai pegando a manha aos poucos.
P: Vai devagarinho até entender?
C: Claro, vai devagarinho.
P: E tipo, vocês acham que o cara da agricultura foi assim também?
I: Hmm..
C: De repente ali é de família já...
P: Tem algum trabalho que a gente nasce sabendo?
C: Não. Ninguém nasce sabendo.
L: Até no tráfico tem que aprender
P: O que que tem que aprender?
D: Matemática!
C: Faze conta...
(não identificado): Aprender a mexer numa arma.
P: Ta e dai vocês acham, por exemplo, que uma pessoa de alguma dessas situações, digamos que ela não saiba fazer um negócio, ela tentou e não conseguiu. O que vocês acham que acontece?
I: Vai tentar de novo.
C: Se tiver chance.
I: A maioria das pessoas desiste.
F: Tem gente que vai criticar ela também.
C: Se tiver chance de tentar de novo.
I: Tem (inaudível) que são criticadas ali, ai falam que (inaudível) Ai vão lá e tentam de novo.
P: Até conseguir?

I: Até conseguir. tipo o cara ali das fotos, ele não conseguiu de uma hora pra outra fazer aqueles desenhos.

P: Sim.

I: E ele foi se arriscando, tentando até ficar bom.

P: E será que tem outras formas de aprender que não seja assim, de alguém dizer, tipo o cara ali do artesanato aprendeu de alguma forma.

I: Aprendeu olhando, de família.

P: E vocês acham um curso tipo o Pescar ensina algum trabalho?

I: Ensina.

F: Ah ensina muita coisa.

P: Mas falando de trabalho o que vocês pensam que aprendem aqui que podem depois ajudar numa trabalho?

C: Ah edição de imagem e vídeo. É uma coisa que a gente pode sair e (inaudível)

L: Saber mexer numa câmara.

C: Eu nunca tinha pego numa câmara daquela na rua.

L: Na rua nunca parou para ficar mexendo numa câmara.

P: E agora tu sabe.

L: Sei.

P: E outras coisas que dê pra relacionar com o trabalho que vocês aprenderam no Pescar...

C: Aprender a trabalhar em grupo.

I: De repente to numa festa aqui posso trabalhar no bagulho, de repente filmar aqui. Sei fazer isso aqui, isso aqui, isso aqui. Isso aqui eu aprendi no curso. Dai já ta começando um trabalho né, dai tu mesmo vai fazendo teu trabalho sozinho. Dá teu preço.

P: E o que vocês acham desses trabalhos aqui todos que traz de ruim? o que que é ruim no trabalho?

D: Daqui?

P: É ou de qualquer um que vocês pensem...

C: O que que é ruim do trabalho?

P: É das experiências de vocês.

D: Ah o cara (inaudível) trabalhando.

C: Ah ninguém queria ta trabalhando! todo mundo queria ganhar parado né. Mas é a vida o cara tem que ganhar pra sobreviver.

D: Ah o cara se mata trabalhando.

ES: Ta mas se tu gosta de cantar...

C: Ahh dai vou cantar por amor, porque eu gosto de cantar dai.

ES: Mas e se te pagassem? E se tornasse seu trabalho?

C: Melhor né, se me pagassem melhor.

ES: Mas tu já pensou se...

P: O que tu tinha dito (...)?

D: O cara se mata trabalhando...

P: O que que é ruim disso?

D: Se cansa, chega final de semana. Dependendo o que o cara trabalha tem que trabalhar final de semana também. É...

P: Que mais que pode ser ruim do trabalho, das experiências de vocês, dos pais de vocês, que vocês pensam “isso aqui é uma merda do trabalho”?

C: Ah merda é minha mãe fazendo faxina lá, isso é uma merda. Não queria ver ela fazendo faxina mas ela tem que fazer pra sobreviver.

I: Minha mãe faz limpezas gerais fica limpando ali o bagulho da Renner.

P: Dai tu acha que não é um trabalho bom?

C: Não é, mas é o que tem. Ela não tem estudo.

P: E a gente tava falando de vários tipos de trabalho né, o que poderia ser bom e o que poderia ser ruim, e aqui do Pescar o que pode ser bom e o que pode ser ruim?

C: Ruim aqui do Pescar?

P: ã?

F: Coisa boa é que nois trabalha em grupo, cada um ajudando cada um.

C: Todo mundo se ajuda, todo mundo quer o bem de todo mundo aqui.

P: Sei. E dai dessas coisas que a gente viu ali das competências, o que que a gente pode lembrar que a gente viu do Pescar?

C: Auto-estima e valorização pessoal; ser um profissional competente.

P: Porquê?

C: Ser um profissional competente a gente pode ser até no curso de edição de imagem e vídeo, ser um profissional. E auto-estima, tamo sempre com auto-estima pra receber as pessoas que vem de fora, tamo sempre sereno. tipo um bom senso.

P: Que mais será? Enfrentar incertezas? O que é uma incerteza?

D: Não saber aquilo que tu quer.

P: E ai vocês acham que dá pra enfrentar isso aqui?

D: Às vezes sim, às vezes não.

P: Às vezes sim, às vezes não, porquê?

D: Tem gente que já sabe o que quer, tem gente que não sabe.

(nesse momento, entra uma Sra. na sala, provavelmente técnica socioeducativa, e todos se viram para olhá-la. Quando ela entra na sala reservada, D comenta “ela tava num negócio la no Ceconp lá, ela tava la no Ceconp, com o Dr. Charles” L: “ah é? fazendo o que?” Neste momento C faz sinal apontando para o gravador, indicando aos colegas que eles estão sendo gravados)

P: E, o que mais que a gente não falou. Comunicar-se e comunicar suas descobertas... O que isso se relaciona com o trabalho?

(silêncio)

C: Como assim comunicar suas descobertas, tipo eu comunicar todo mundo que eu descobri uma coisa nova assim?

P: É, pode ser. Vocês acham que isso rola no trabalho?

D: É, depende.

P: Tipo assim, se tu descobre um negócio novo, ou sei lá, aprende um negócio.

D: Depende da pessoa.

C: Depende da pessoa mostra né.

P: Porque?

D: Se a pessoa gostar de ti também.

C: Dependendo da pessoa não mostra porque ela não vai querer mostrar aquilo ali pra outro que o outro já vai crescer o olho e já vai (som com a boca)

I: Aqui dentro, aqui dentro os caras tem que saber fazer quadrinho (inaudível).

C: É.

P: Mas dai vocês ensinaram pros outros?

I: Tem uns que ensinaram nois, e tem uns que nois ensina...

C: Eu ajudo o cara, ensino ele a primeira vez. Que nem me ensinaram também que eu não sabia fazer, agora eu ensino os menores que chegam.

P: E assim vai indo...

C: Assim vai indo.

F: Geração em geração.

P: Ta e dai de tudo isso, ta, agora acho que a gente pode começar a escrever algumas coisas e a montar ali, mas de tudo isso que a gente falou, das coisas que mais apareceram quando a gente fala de trabalho. Que que vocês falaram... Família, né, relacionaram o trabalho com família.

D: Paz.

P: Tranquilidade do trabalhador... Mas o trabalhador é tranquilo todo o tempo será?

C: Não.

D: Não.

C: Sempre tem um stress. Ahh se a gente vivesse na paz pra sempre. Todo mundo sempre tem um stress...

P: Mas que tipo de stress que pode ter?

C: Báaa. nada é perfeito. Sempre tem um pra atravessar teu caminho. Tipo, tu trabalha né, dai chega em casa, pode sair, podem roubar teu carro, pode ser um estresse pra ti. Vai se estressar, vai ter que da parte, não sei o que, aquele bolo todo. Vai ser uma dor de cabeça já pra ti.

P: E tipo, dentro do trabalho, assim quando o cara ta la trabalhando.

L: O cara tem estresse quando o patrão fica la enchendo o saco. O cara não quer ser xingado.

C: Tu faz um bagulho errado o cara já vai ser xingado.

P: Rolava isso nos trabalhos que vocês fizeram?

C: Ah eu não, eu ficava sereno ali no trabalho. Trabalhava de lava-jato.

P: E aqui rola isso um pouco?

C: (inaudível)

D: Mais é lá no setor.

C: Mais la no setor... Mas la nois já resolvemo no (inaudível)
(sons incompreensíveis)

P: Bom então a gente falou de trabalho de forma geral, eu tento... Perguntei pra vocês que... É que pra mim é muito louco porque tem muitas coisas diferentes aqui... Vocês acham que tudo isso aqui é trabalho? Ou tem alguma que eu errei aqui que não é trabalho?

D: Tudo é trabalho.

C: Tudo é trabalho.

I: São tudo diferente assim, mas tudo.

C: É tudo é trabalho, só que cada trabalho é trabalho diferente.

B: E tem algum que vocês lembram que não ta aqui? a gente pode escrever também, outros tipos...

C: Ah que não ta ai? um tipo de trabalho que não ta ai?

P: É que tu lembra, um trabalho que é importante pra ti?
(silêncio)

P: Não?

C: Sereno.

P: Quem é que quer fazer um título bonito?

L: O que?

P: Um título, tipo, trabalho... Quem é que tem uma letra bonita pra fazer?
 F: (...)
 (inaudível)
 D: Pra escrever o que mesmo?
 P: O que que a gente ta falando?
 D: Trabalho?
 (inaudível)
 P: É pode botar trabalho ou pode botar do jeito que tu quiser.
 D: Vo bota trabalho.
 I: Trabalho na vida pode ser.
 D: Trabalho que?
 I: Na vida.
 C: Trabalho na vida (risadas)
 I: Claro é sobre a vida...
 D: Trabalho.
 I: Na vida. Bota uma letra bonita aí...
 P: E vocês acham que tem alguma diferença entre trabalho e profissão?
 (silêncio)
 D: Ráa..(risadas)
 P: Dá pra dizer que sempre que a gente fala trabalho dá pra falar profissão ou não é a mesma coisa?
 L: Profissão e trabalho é tudo a mesma coisa. Não é diferente.
 P: É a mesma coisa ou é diferente?
 L: É diferente.
 I: Profissão é um bagulho que tu faz, que tu sabe fazer.
 D: Trabalho, o que tu tinha falado?
 F: Trabalho é...
 I: Profissão tu trabalha pra ti, trabalha tu trabalha pros outros.
 D: Trabalho o que que tu tinha falado?
 I: Trabalho da vida
 P: Me dá um exemplo de uma coisa que é trabalho e uma que é profissão.
 D: O que é trabalho e o que é profissão?
 L: Jogador de futebol...
 P: O que que é isso?
 D/L: É profissão.
 I: E ao mesmo tempo ele trabalha, porque ele ganha pra fazer...
 P: Dai se tu faz um negócio e tu ganha pra fazer aquilo isso é trabalho?
 F: Ah ele gosta de fazer, quem joga bola gosta... (inaudível)
 P: A maioria tinha um sonho do que queria ser, do que queria ser e do que não pode ser e acabou roubando...
 C: Que nem o (...) queria ser jogador de futebol...Eu queria ser Mc
 P: E Mc é trabalho ou profissão?
 C: Mc é profissão.
 P: Pode ser trabalho também né, ou não?
 C: Sei lá...
 P: É que trabalho tem vários significados a palavra né.

C: Mc, maestro de cerimônia.

P: é verdade...

(risada)

C: É Maestro de Cerimônia.

P: Tá, vamos colar uns ai, vocês me ajudam? Tá e desses todos aqui quais que vocês acham, tipo assim, se fosse pra representar mais trabalho dessas figuras ou, o que que seria a que mais representa?

D: Como assim?

P: Tipo de todos esse assim...

C: O que mais representa trabalho?

P: É.

I: Desses onze ai?

C: Esse ai (aponta para a foto dos homens nas obras)

I: O que?

D: Que representa trabalho.

I: Que representam o trabalho?

D: É pra colar em qualquer lugar.

C: É mas esse artesanato dá dinheiro afu também né.

I: Professora ali é um trabalho.

C: Se não desse eles não iam fazer tudo isso aqui.

I: É um trabalho uma profissão?

P: Tanto faz, o que que tu acha. Vamo cola elas e dai a gente vai escrevendo. Tu acha que esse é o que representa mais trabalho?

D: Eu acho que é.

P: Eu acho que esse daqui ó (aponta para foto com trabalhadores rurais)

C: É verdade, esse dai representa trabalho afu mesmo..

P: É?

C: Bá! Embaixo do sol, de chuva. Sol e chuva tem que ta ali plantando, colhendo lavoura.

P: Tu acha que é mais trabalho esse do que esse daqui? (aponta empresários)

C: Toda vida.

P: E qual tu acha que ganha mais?

C: Que ganha mais dinheiro?

D: Ganha mais?

P: É.

I: Pintor.

C: Não, eu acho que é aquele lá (aponta pra foto dos trabalhadores rurais)

P: Esse?

C: Porque se eles colhem, se eles tem a horta, a plantação deles no sítio deles, eles podem ser um fornecedor de frutas também né, que nem os cara da Ceasa ali, a maioria tem sítio, chácara com plantação dai eles que ganha as verdura, dai vende. E aquilo da dinheiro afu.

I: Igual eu (inaudível) mora la perto de Santa Maria, lá em Paraíso do Sul, uma cidadezinha pequena, mas é de horta, dos bagulho, de fumo. Trabalham nos bagulho de fumo.

P: E ai ganha uma grana?

I: Ai ganha... (inaudível) Mas não trabalha na chuva, por causa que na chuva não tem como colher dai trabalha só nos bagulho de verão sabe. Que é que onde o fumo cresce. O fumo fica maduro, eles falam (inaudível)... Desse tamanho.

C: Que?
I: Fica dese tamanho.
C: De que?
I: De palha. Ai vai lá e colhe o fumo.
P: Dai porque vocês acham que esse aqui representa mais trabalho, porque dai é o que cansa mais? Quando vocês “ah esse daqui é o que representa mais trabalho”, é porque tipo...
D: Mais cansativo.
P: E esse aqui não é cansativo, muito?
I: De repente é, de repente não.
C: Ah mas vê que da trabalho desenha um rosto ali. Que nem ele fez ali.
I: Deixa eu ver.
P: É tipo umas caricaturas assim.
L: É difícil fazer isso ai.
C: Dá trabalho também.
P: Dá trabalho.
C: Tudo que a gente faz da trabalho.
P: Tá então trabalho pode ser tipo trabalho que dá, que é braçal assim né, ou pode ser outro tipo de trabalho, outra coisa.. é difícil por outra razão... Porque que é difícil aquele lá, o de pintar?
(silêncio)
P: Porque que é difícil o pintar?
D: (inaudível)
C: Ah porque é poucos que tem aquele talento ali do cara
L: (inaudível)
C: Perfeitinho né, desenhar igual o rosto da pessoa
P: E esse aqui dá trabalho porque?
C: Ah embaixo do sol ali. Cheio de trauma nas mãos.
I: É tu trabalha no sol ali (inaudível)
C: Dor nas costela, nas costa.
L: É bem mais fácil isso dai ó
C: Cada um sobrevive do jeito que pode.
P: Esse?
L: Claro
P: Porque? Mas que que é isso, eu nem sei o que que é isso.
L: Numa empresa.
C: É uma empresa uma coisa assim.
L: Tem uns que trabalham de terno e gravata.
C: De terno e gravata só sentadinho o dia todo ali
L: Claro.
C: Mexendo no computador o dia todo.
L: Igual esses ai do Lula ó, esses político ai.
P: Podia ser um político esse aqui tu acha?
L: Podia ser político, fica sentado, faz porra nenhuma.
C: De terno e gravata o dia todo só mexendo no computador, bebendo aguinha.
P: E é trabalho também tu acha.
C: Sim é um trabalho, trabalho deles né.

D: Só que não é um trabalho cansativo
L: Estudaram né.
C: É que nem eu, eu trafico, eu trabalho.
I: Sofreram um pouco na vida.
P: Então tu acha que ta faltando alguma coisa aqui?
F: Ta faltando os neguinho na favela trabalhando..
D: Claro
C: É mas é!
P: Vocês concordam?
C: Vários tipos de trabalho.
(silêncio)
P: Tá e esse aqui que ta vendendo... Tem uns cara vendendo ali
I: Fruta? Na fruteira?
P: Numa loja.
C: Sapataria
P: Vender também é um trabalho bem...
I: Vender é bom e é cansativo, os cara gritando. Às vezes tu nem grita, tu só solta a propaganda que tem ali na placa ali, dai as pessoas chegam ali e perguntam quem é né? Dai só chega e fala.
P: Ta dai vocês falaram que aquele lá. Qual é o que iria ganhar mais dinheiro? Esse aqui? (apontam para a foto com os trabalhadores da obra)
P: E esse aqui é o que representa mais trabalho? Ou esse daqui?
L: Esses dois.
P: E esses daqui das mulher trabalhando?
C: O que que elas tão trabalhando ali?
D: Sei lá...
I: Uma empresa de montar os bagulho lá.
D: Parece o atacado lá..
P: Esse aqui é meio parecido né?
C: É meio parecido.
I: É uma empresa diferente.
P: Acho que esse aqui já ta colado né?
D: Já.
P: Ta e dai dos que não tão aqui alguém quer fazer um desenho de alguma coisa que lembre trabalho? Ou complementar algo que não ta aqui? Quem é que gosta de desenha?
D: Ó(...)
Y: Eu não.
P: Ninguém gosta de desenha?
C: Eu não sei.
P: Mas e vocês fazem dobradura, como é que é...
L: Origami?
P: Pô origami é muito mais difícil que desenhar...Origami é trabalho...
D: É! É trabalho.
C: Origami é trabalho.
D: Cada pecinha dá trabalho, bá.
C: Dobrar as pecinha...

L: Colar canudo..

D: Cola canudo é mais fácil

P: Ta e dai ta pra ter uma profissão de fazer origami?

L: Dá

I: Se tu faz um bagulho bonito ali.

C: É um artesanato né... Origami é um artesanato né.

P: Tipo isso ali?

C: É, só muda o modelo né. Aquilo ali é de barro, o origami é de papel.

P: Dá pra dizer então que tem um tipo de trabalho que é o artesanato

C: É um artesanato..

P: Dá pra escrever ali de repente, não?

D: O que?

P: Não sei, escrever artesanato ali

D: Escrever onde?

P: Ali né, que é o artesanato. Dai quais são os outros tipos de trabalho.

I: Se a Sra. visse um desse a Sra. não ia comprar? (me mostra um origami feito por eles)

P: Oi?

I: Se a Sra. visse um desse a Sra. não ia comprar la no centro?

P: Eu ia, se eu tivesse dinheiro..

D: Artesanato é com Z né?

P: É com S

(risadas)

P: Tá mas vocês tinham dito que não tinham trabalhado, mas fizeram origami, se origami é trabalho, então... Já tem outros tipos de trabalho que rolou ai.

(silêncio)

P: Escola é trabalho?

D: Acho que não.

L: É trabalho pro professor.

D: Trabalho pro professor..

C: É trabalho pro professor...

P: Tá mas e pros estudantes?

L: Tem o trabalho de aprender.

P: Trabalho de aprender? Tem um aqui né “aprender a aprender”. Como é que aprender a aprender?

C: Aprender a aprender?

I: Quem pode falar (inaudível) são vocês né... Estudante.

P: A gente trabalha?

I: Claro!

P: Mas a gente estuda, vocês falaram que quem estuda não trabalha.

L: Tão estudando pra trabalhar. tão estudando pra ter um destino na vida.

P: Sim mas a gente estuda, que nem na escola... É a mesma coisa.

L: Sim..

P: Ou não é?

I: Quando tu ta na universidade tu vai pagar ali teu estudo.

P: Pagar tu diz pagar...

I: É, vai pagar pro colégio.

P: Hm, e ai tu paga pra trabalhar então?

L: Não.

C: Ninguém vai pagar pra trabalhar. Não ele quis dizer que se tu estuda no colégio particular tu vai pagar pra estudar ali, né?

P: E dai é estudo, não é trabalho?

L: É estudo.

P: Que não é trabalho?

I: É trabalho, mas dai a pessoa que ta la recebendo esse bagulho aqui vai ta la trabalhando.

P: Ah entendi tá, tipo a professora.

C: É o trabalho dela.

I: Esse dinheiro vai todo pra professora ali.

C: ã?

I: O dinheiro vai todo pra professora. Quem paga universidade.

C: Ba mas professora falo que ta ganhando 350 reais.

P: É pouco ou é muito?

C: Báaa é muito pouco, fica ai até de noite, de manhã cedo sai da casa dela vai até de noite, não paga nem o IPVA do carro dela, nem a gasolina.

P: Ta e dai vocês acham que isso é uma coisa ruim do trabalho também, daquelas coisas que a gente falou antes? ganhar pouco?

(silêncio)

P: E trabalhar ganhando pouco, mesmo assim da pra trabalhar?

(silêncio)

P: Trabalhar ganhando pouco é trabalho igual...

L: É trabalho!

C: Tudo é trabalho, até sem ganhar é trabalho.

P: Tipo o que assim?

C: Tipo que nem nois tava falando, tipo aqui nois ta tendo o trabalho de fazer origami e nois não ta ganhando nada.. nois não ta ganhando nada e é um trabalho igual.

D: O que vocês tão fazendo também, é um trabalho.

C: O que vocês fazem é trabalho, se vocês tiver ganhando ou não mas vocês tão trabalhando igual. É o trabalho de vocês.

P: Porquê vocês acham que a gente trabalha se a gente não ganha nada, qual é a razão disso? A gente ou vocês quando fazem os origami.

C: Porque tu ta trabalhando pro bagulho, tu ta suando pra fazer os origami.

P: Tá mas...

C: Pra mim (inaudível), é o que tu gosta.

P: Tá entendi, mas tu ta fazendo aquilo, alguma coisa tu recebe em troca ou não, tu faz porque é obrigado.

I: Tu faz por causa dos teus estudos.

P: Não é obrigado.

I: Às vezes o cara faz pra (inaudível)

D: Pra agradar.

I: Pra visita fica feliz.

P: Agradar quem?

L: A mãe.

C: A namorada.

P: Tá então, se a gente fosse botar assim “recompensa do trabalho”, uma é dinheiro que a gente falou, a outra é o que... Quais podem ser as outras formas que a gente ganha?

C: Ah eu ganho ali, no origami, que é meu trabalho. Bá eu ganho o sorriso da minha mãe, deixa ela feliz, já me deixa mais feliz. Quando vejo minha coroinha serena.

P: Mas dai vocês acham que é suficiente?

C: Pra mim é o suficiente, ver minha coroa feliz é o suficiente. Vendo minha mãe feliz ta bom., aqui dentro to preso mesmo.

P: Tá então, dai tu acha que então, sei lá, uma coisa que a gente ganha muito amor em troca, ou carinho de alguém, pode ser trabalho?

D: Claro, sim.

F: É um valor. Deixa aquela pessoa feliz.

Y: Deixar aquela pessoa agradável, que as vezes as coroa fica “ai que merda, nunca imaginei meu filho preso”, dai vai vim aqui e ganhar um bagulho dele, que ele fez, que ele ta aprendendo. Tem uns que pensam que a gente fica preso (inaudível).

P: Quando na verdade vocês tão trabalhando aqui, tu acha?

I: Claro, o cara faz os bagulho aqui. Origami.

P: E dá pra dizer que é o mesmo tipo de trabalho que um outro assim, sei lá, um desses aqui, ou é outro, e diferente?

I: É a mesma coisa, não muda nada.

P: Tipo a mesma coisa que tá numa empresa, tipo essas aqui que tu ta numa indústria.

D: Claro

P: Acha que é trabalho igual?

(silêncio)

P: O que que falta pra ser igual, ou não falta nada?

C: A liberdade.

D: O cara cria alguma coisa pro cara.

P: Tipo cria o que assim?

D: Um negócio pro cara. Tipo um negócio pra vender origami.

P: Tipo uma venda..

D: É.

I: Tipo faz os bagulho aqui, e dá pra tua coroinha vender, de repente tem umas outras amigas dela que gostou dos bagulho, vão falar pra ela “ah será que tem como ele mandar uns bagulho aqui pra mim também”, dai tua mãe diz, “não tem”, dai vai la fala pra ti na visita, traz umas folhas, e tu faz aquele bagulho encomendado, tem um dinheiro que vai entrar pra ti. Não pra ti, pra tua família.

P: E vocês acham que todo mundo tem que trabalhar?

I: Trabalha quem quer.

D: Trabalha quem quer.

P: Ta mas dai tu acha que a pessoa que não trabalha ela é menos que a outra ou não.

F: não, mesma coisa...

P: Qual a diferença dai da pessoa que trabalha e a que não trabalha?

F: A pessoa que trabalha pode ter o que quiser.

C: A diferença é que uma trabalha e a outra não trabalha.

P: Mas dai o que que muda na vida da outra pessoa? Tipo, pensa numa pessoa que tu conhece que trabalha e numa que não trabalha.

C: Ah se tu não trabalhar, não fizer nada pela vida tu não vai fazer nada, tu não vai te ajudar em nada, tu não vai te nada.

I: Tu vai cair é preso, tu vai continuar roubar, tu vai atrás do roubo e dai vai cair preso.

C: Não, tipo, quem não trabalha, ela falou.

I: Então...

C: Tipo uma pessoa que não trabalha e uma pessoa que trabalha, mas tu quis dizer tipo na pessoa que não trabalha no modo de ficar só em casa fazendo (inaudível) fazendo nada ou a pessoa que não trabalha tipo que ta envolvida com tráfico e a outra trabalha normal?

P: Não sei, tu que sabe, a resposta é a que tu quiser... Tu acha que é diferente?

C: Eu acho que é diferente.

P: A pessoa que fica em casa não faz nada é diferente da pessoa que faz alguma outra coisa

D: vagabundo
(risadas)

C: Pessoa chega em casa e não faz nada nada nada

I: É vagabundo, só que dormir.

C: É, isso que eu quis dizer. Pra mim isso dai é a pessoa que não trabalha.

P: Entendi. Tá então alguém escreve em algum lugar ai não trabalhar o que é... Pode ser aqui ó... alguma outra pessoa né que não escreveu ainda.

I: Ele é bom o guri, ele escreve pro grupo.

P: ã?

I: Ele é bom, ele é bom. É bom menino, assim vai virar um trabalhador também.

D: Ahã. Que que é pra escrever?

P: Que que é não trabalhar? Acho que dá pra escrever assim olha... Não trabalhar

C: É ficar em casa deitado... Vagabundear.

D: Fala ai, eu que vou escrever

P: Tá mas tu respondeu...

D: Não trabalhar é vagabundo?

I: Ée... coloca ali ó "não trabalhar é vagabundo"

P: Dai isso é ficar em casa assim tipo, não fazer nada.

I: Ficar a baia ali, sem fazer nada, não lava nem uma louça, não limpa nem um pano ali.

C: As pessoas pensam que traficante é vagabundo, traficante não é vagabundo

P: Não?

C: Traficante é criminoso.

P: É diferente?

C: É diferente... Nós tamo envolvido com o crime vagabundo é aquele que fica em casa só deitado... Nós ficamos na rua ali

I: Deitado de murçilha

C: Nós fiquemo na rua na correria, vendendo droga, dando tiro, fazendo um bolo, matando

I: Ganhando nosso dinheiro.

C: É

I: É honesto também
(silêncio)

C: Ah..o dinheiro que eu ganho no crime não é honesto.
(risadas)

I: Como que não?

D: Não confunde, não confunde.

C: Se fosse honesto não existia cadeia.

I: Que letra feia.

D: É minha letra pai...

P: Tá e porque que existe cadeia se vocês tão trabalhando?

D: Porque o nosso trabalho é.

I: É comercial, não pode.

D: É fora da lei.

C: É fora da lei...

P: Hm, entendi... Mas é trabalho igual?

I: É trabalho igual

C: Pra nós é um trabalho

P: E só pra vocês ou vocês acham que pra todo mundo?

I: Pra pessoa que rouba e trafica é uma condição

C: Pra todo mundo não.

C: Cada um descobriu um talento em alguma coisa

P: Ta e daí é ruim ser vagabundo então, se alguém te chama de vagabundo não é legal

C: Não é legal

I: Mas tem nome ali que o cara fala que é tudo isso, é vagabundo... Que nem um Seu falou ali pra nós.

P: Falou o que?

I: Ah um nome, esqueci um nome estranho ali.

P: Que queria dizer que era vagabundo?

I: É vagabundo, que não faz nada.

P: Ta agora então, não precisa colar mas vamos relacionar então tipo, esses daqui que a gente falou com as imagens, vamos ver se a gente consegue fazer. Não precisa ser todos com todos, o que vocês acharem melhor... Vamos ver aqui, resolver situações-problema; espírito de liderança.

C: Resolver situações-problema.

P: Quem é que ta com cara de resolver situações-problema?

C: A professora ali ó.. Ta resolvendo o problema dos alunos, ta ensinando a aprender alguma coisa

(risadas)

I: Ta ensinando matemática ali ó... 4x10.

D: É um problema matemático.

L: 4x10 é 40.

P: Tá, põe lá então. Que mais...

C: Trabalhar e produzir em equipe. Acho que é ali ó, acho que é esse daqui ó trabalhar e produzir em equipe.. Que eles tão produzindo né, a plantação é produzir né, tão produzindo.

P: Enfrentar incertezas.

I: Ali ó...

C: Compreender atos, fatos e contextos.

C: Aprender fazendo e fazer aprendendo... Aqui?

D: Esse aqui ó.

C: É né?

P: Ser democrático, ético e cidadão...

C: Ser democrático, ético e cidadão.

P: Pode repetir também, não precisa ser cada um pra um.
D: Que que é isso mesmo?
C: Que que é ético?
P: Ético? é difícil essa pergunta... Mas é... Ético é uma pessoa que, por exemplo, a gente combina aqui entre nós que o certo é respeitar os outros (entra alguém na sala o que leva a uma certa dispersão)
P: Que o certo é respeitar um ao outro. Dai a gente é um grupo e combinou que isso é o certo, ser ético é respeitar isso, entendeu, é dizer não “vou respeitar nosso combinado”, é seguir uma ética. A gente chama a ética do grupo é...
C: Respeitar, respeitar um ao outro.
P: Dai democrático... Onde é que tá?
C: Onde é que tá o negócio ali.... Ser democrático ético
P: Que que será que é democrático... E cidadão ainda...Difícil essa.
C: Ético é tipo combinar com o grupo, seguir as ordens, tipo...Respeitar todo mundo. E democrático?
P: que tu acha que é?
(silêncio)
P: Alguém tem alguma ideia do que que é ser democrático?
C: Democrático...democracia...
Y: Que que é democrático?
P: Tipo, democracia é tipo o Brasil, todo mundo pode votar em alguém que vai ser nosso presidente, governador.
C: Democrático é o que?
P: É um tipo de país... Democracia é um tipo de país que define que a gente vai escolher nosso presidente, que cada um vai votar em alguém e o mais votado vai ser nosso presidente. Não vai ser um rei que vai ser nosso presidente, vai ter alguém que vai ser mais votado. Isso que a gente diz que é uma democracia, ou seja, um lugar em que o mais votado, e todo mundo tem direito a votar, é o presidente. Então podia dizer que é um pouco. É relacionado com justo, com a pessoa ser justa, ou que o poder tá dividido, cada um tem um pouquinho de poder quando vota, entendeu? Todo mundo pode decidir o futuro votando em alguém, daí é isso assim, a pessoa que é democrática. E cidadão é cidadão né...
C: Mas tem algo a ver com (inaudível) aqui?
P: Se vocês acham que não tem, a gente tira também. Podemos deixar ele de lado aqui.
P: E esse ser um profissional competente?
C: Ser um profissional competente.
(risadas e interação entre outros guris)
C: Como assim ser um profissional competente?
D: Pode ser pra qualquer uma dessas três aqui ó...
P: Daqueles três ali?
D: É.
C: Aquele lá também.
P: Qual o da pintura? Tá então vocês falaram, qual é aquele ali, indústria?
C: Aquele ali é dos cara da obra
P: Da obra, indústria...E esse aqui o que que é?
D: Empresa.
C: É uma indústria.

P: Ta vou deixar no meio aqui. E inteligências múltiplas? Tipo, muitas inteligências.

C: Inteligências múltiplas...Que ele tem um monte de inteligências?

P: Concordam ou não?

D: Sim, pode ser.

P: Aprender a aprender.

D: Aprender a aprender?

P: Esse? Tipo um tá...

L: Acho que é esse aqui... Da professora.

C: Aqui?

L: Da professora.

P: Da professora?

C: É verdade.

D: E aquele lá ali ó.

P: Qual?

D: Considerar o trabalho como valor moral humano.

P: Aonde?

D: Aqui.

P: Mas ninguém me disse o que que é valor moral humano até agora.

I: Que que é valor moral humano...

P: Quando a gente falou lá “ah o trabalho é bom por tal coisa”... “o trabalho é porque... a gente fica tranquilo e tal”... Será que o trabalho é bom porque ele é um valor, um valor humano?

C: Valor moral humano.

P: Tipo assim como, sei lá...Tu tinha dito, eu perguntei o que era um valor e tu falou ah, sinceridade, por exemplo, é um valor. Uma pessoa que é... Respeito, é um valor. Trabalho será que é um valor? Isso que é minha pergunta...

D: Acho que é..

P: Dize, ah o cara é trabalhador, é dizer ...

D: É um valor..

D: (inaudível)

P: Oi?

D: Na moral é tramar..

C: Considerar o trabalho como um valor moral humano

P: E esse?

C: Tu acha que aquele ali mano?

D: Auto-estima e valorização pessoal.

C: Auto-estima e valorização pessoal...Acho que aquele lá ó, o sambista

P: O sambista? vocês concordam?

L: Pode ser.

C: Auto-estima e valorização pessoal

P: Tá, ta bom assim?

D: Sobrou um aqui ó...

P: Qual, esse?

D: E esse daqui também

P: Compreender atos, fatos e contextos... fatos e contextos... atos, fatos e contextos! difícil... e comunicar-se... a gente tinha falado comunicar-se antes, onde é que era mesmo?

C: Comunicar-se...

P: Ah tu falou que era comunicar uma coisa que aprende né?

C: Comunicar-se e comunicar suas descobertas.. é aquela hora já tinha falado...

D: Pode ser naquele lá ó...

C: Comunicar-se..

P: Esse?

D: É que eles precisam se comunicar

C: Comunicar-se e comunicar suas descobertas, da professora dá nesse também

P: Pode ser.

C: Que daí ela ta comunicando as descobertas dela

P: É verdade.

C: O que ela aprendeu ela tá passando pra criança

P: E aqui por que?

C: Esse eu não sei. Aprender a aprender... Eles tão aprendendo a fabricar as coisas

P: Mas pode ser os dois também, não precisa...

C: Mesma coisa?

P: É. E esse aqui não tem nada? O vender ficou sem nada...

C: Esse aqui nem da pra entender direito.

P: É. E esse aqui fica pra fora né.

D: É

P: Ta, ta bom assim? Deixa eu tirar uma foto então. E depois vamos ver como é que, a outra, se eles vão fazer diferente esse. Mais alguma coisa que vocês querem escrever, alguma coisa que a gente falou aqui...

C: Não

I: Botar o nome...

P: Querem botar o nome? Pode botar...que que a gente tinha dito do trabalho, que eu tinha dito

C: (inaudível) (risadas)

I: Do grupo?

P: Qual o nome do grupo? Que vocês querem colocar ali...

I: Do grupo?

C: Grupo pescar.

I: Conquistas

P: Escreve ali então... A gente vai fazer aqui, os dois vão fazer aqui, mas daí fica...

Y: Ah eles vão fazer aqui também?

P: Vão.

I: Do outro lado.

P: Não, do mesmo só que como a gente não colou esses.
(conversas dispersas)

P: Ta daí ficou como não trabalhar é vagabundagem, agora vamos então finalmente colocar o que que é trabalhar, alguém escreve pra mim. De tudo isso que a gente falou o que que é trabalhar... não precisa ser frase, pode ser tipo palavras que vocês acham que é...La do ladinho ó.

I: De verde?

P: É pode ser

C: Que que é trabalhar...

P: É, de tudo que a gente falou o que que é trabalhar.

C: Trabalhar é batalhar... Trabalhar é o mesmo que batalhar?

P: Tu acha? Pode ser.

D: Escrever isso ai.

P: Escreve lá o que que a gente falou que é trabalhar, tu falou que é batalhar? Cada um escreve alguma coisa, cada um diz alguma coisa, pode ser lá naquele...

D: Fala ai.

C: Trabalhar é batalhar.

D: Pera ai...

I: Trabalhar é bom.

P: Pode escrever.

C: Trabalhar é bom (risada). Porque tu não trabalha

D: É porque tu não trabalha então? (risadas)

I: Porque eu to preso né pai.

C: Porque tu não ta trabalha então? (risadas)

I: Porque eu to preso... Como é que eu vou trabalhar

C: Trabalhar é bom.

D: Trabalhar é?

C: Bom

D: É bom?

I: Trabalhar é bom (em ritmo de música)... Marrom bom bom

C: Trabalhar é bom.

P: Que mais?

C: Lá em baixo lá agora

P: Que mais que a gente falou, que vocês falaram que trabalhar é

D: Trabalhar é bom

P: Pode ser ruim também né, não precisa ser só coisa boa.

D: Mas dai vou botar bom, ruim...

P: É

L: (inaudível) nunca trabalhei.. Só na empresa do (inaudível)

P: Oi?

I: O gordo só trabalhou na empresa robóticos

L: Robálticos

I: (inaudível)

P: Nenhuma ideia (...) do que trabalho é, além de bom? Ele é soo bom depois de tudo isso que a gente falou.
(conversas paralelas)

P: Ah tu falou batalhar, tu falou

C: Ah mas batalhar é a mesma coisa que trabalhar pra mim

P: Ah tá..

L: Ta bom, deixa assim

C: Ah a tu vai chegar cansadona do serviço chegou ali, “ah to cansado, ah trabalhei o dia todo”.

I: Vai te que limpar a baia

C: Ah to cansada do serviço, “ah ta cansada?”, ah batalhei o dia todo

I: Mas tem que limpar a baia ainda.

C: Mesmo sentido da palavra.
D: Vo coloca aqui cansativo.
P: Ahã... E pode bota assim uma frase, tipo “trabalhar faz isso, dá aquilo...não sei o que..”
C: Cansativo.
P: (...) Que tu acha?
Y: Trabalhar é bom, cansativo e ostentação (risada)
L: Trabalhar não é ostentação (inaudível)
P: Trabalhar não dá ostentação?
D: Depende
L: Não dá, não dá
D: Dá pros...Pra quem é rico né.
L: Pros empresário
D: Empresário né
L: (inaudível) Ganha bem ali, ostenta todo o dinheiro. Neymar ali comprou champagne, uns 3 mil, no PSG comprou champagne de 3mil pra uma festinha, 6 champagne de 3mil. Faz as conta (inaudível)
L: Ele ganha zilhões, trilhões, aquilo ali não é nada.
P: Se não quiser colocar mais nada tudo bem, não precisa. Mas é que vocês falaram tanta coisa que dai eu achei que tinha um pouco mais pra dizer...Pra resumir assim, sabe.
Y: Ah fala uma coisa (se referindo a pesquisadora mediadora)
C: Trabalhar...
P: Que que tu acha giovana que trabalhar é... Eu não sei também o que eu acho... Eu acho que dá pra dizer “pode ser bom”, mas nem sempre é..
C: Trabalhar é “agir conforme as leis”
P: Tu acha?
C: Trabalhador que não tá desrespeitando a lei... Ta trabalhando, ta batalhando ali
L: Mas o que (inaudível) ta trabalhando também
P: Se tu acha que é...
C: (risadas)
P: Eu concordo com tudo que vocês falam
L: (risadas)
P: Eu acho tudo que vocês acham
C: Dignidade..
I: É difícil pensar no trabalho.
C: Dignidade da lei...
P: Porque tu acha que é difícil?
D: Dignidade.
P: Dignidade
P: Tá mais alguma coisa? Ou eras isso?
C: Responsabilidade
(conversas paralelas)
D: Que mulher bem chata
C: Eu acho ela tri serena aquela dona
D: Ah porque tu não ta na ICPAE
I: Ela é serena né
C: Ela é serena. Até o dia que eu fugir ela me deu um abraço

I: Quer fugir foge
C: Quer fugir foge (risadas)... Te cuida na rua
D: Bá mas 7h da manhã ela já ta gritando café!
(conversas paralelas)
P: Tá vamos tirar isso aqui pra eles não copiarem vocês, vamos ver se eles acham outra coisa.
I: Tá bom nosso grupo deu o que? 1 folha e meia
D: E olha que nós nem falemos...
P: Tu acha que vocês não falaram quase?
D: Eu acho que nois nem falemos
I: Ah deu uma folha inteira ta bom.

Transcrição Grupo B

P: Tá vou explicar mais ou menos como é que vai ser, eu já tinha dito né, mas o que a gente vai conversar hoje é sobre trabalho de modo geral. O que vocês pensam sobre trabalho, o que vocês acham que é trabalho. Quando vocês pensam em trabalho, o que vocês pensam... E ai eu trouxe algumas fotos pra ajudar, e depois as competências do Pescar, que vocês já trabalharam com a (...). São as mesmas aquelas que tem ali. E ai, bom, ao longo eu vou fazer algumas perguntas, o meu objetivo é realmente saber o que vocês pensam sobre o assunto. Pode falar o que quer, se não quiser falar nada não precisa... ninguém é obrigado a falar. Enfim, realmente podem ser bem sinceros e não tem problema se falar alguma coisa errada, fiquem a vontade de dizer o que vocês querem mesmo. Só vou pedir pra falarem com calma e um pouquinho alto pro gravador pegar, senão pode ser que eu não consiga escutar depois. E se começarem a falar todo mundo ao mesmo tempo, tentar falar um de cada vez, porque senão também não vou escutar nada depois. Acho que é isso, ai enfim, eu vou tentar fazer um papel só de organizar, mas a ideia é que vocês conversem entre vocês sobre os assuntos que eu vou perguntar. Se tiver alguma dúvida eu posso responder, mas não tem uma verdade, que eu vou dizer “ah isso tá certo, isso tá errado”. Tudo que vocês falarem do meu ponto de vista tá certo, então... Eu só concordo com tudo que vocês dizem... Beleza? Deu pra entender, alguma dúvida? Qualquer coisa vocês me perguntam dai e a gente vai conversando. Bom, diferente de vocês, a gente começou com isso aqui em branco e tinha essas fotos que eu trouxe, que eu achei que fossem fotos que pudessem representar o trabalho, vários tipos de trabalho diferente. Ai depois a gente começou a conversar, dai eles acharam que o título era “o trabalho na vida”, esse é o título que eles colocaram e essas coisas que tão escritas também, dai agora a gente vai completando com o que que vocês acham e depois vamos fazer as relações ali. Mas então, na verdade, foi isso, não teve nada que eu disse que era pra ser feito, eles que acharam que era esse título, que era pra escrever essas coisas.
P: Aii assim, a primeira coisa que a gente pensa quando pensa em trabalho, tipo “bá, trabalho”, o que que vem na cabeça? Primeira coisa que vem na cabeça assim, trabalho...
M: Ah ganhar dinheiro, ter que sustentar a família...
P: Dinheiro?
M: E esforço tem que ter sempre também, estudo.
B: Responsabilidade

P: Tá e qual a atividade que vocês pensam quando pensam em trabalho, na mente vem o que? Porquê essas coisas que vocês falaram não tem uma forma né, na cabeça vem o que quando agente pensa em trabalho assim

M: Eu não gosto de fazer quase nada né, já não gosto de estudar, dai vou trabalhar é mó feição... Aii não sei, acho que eu ia ter dificuldade

Y: Eu gosto de trabalhar com força, coisa assim... Carregar móvel, na obra também. É um bom serviço.

B: Não gosto de trabalhar (risadas)

P: Alguém aqui já trabalhou?

M: Trabalhei na lavagem né... Lavagem de carro

Y: Trabalhei com meu pai em mudança

T: Trabalhei no comunitário só...

P: Como assim?

T: Serviço comunitário

P: E ai fazia o que?

T: Ah fazia o que eles falavam, de vez em quando tinha que varrer uns negócio. Tinha que organizar uns papel que tem, em ordem alfabética.

P: Ai vocês acham que tudo isso é trabalho? Tudo que vocês falaram aqui vocês acham que é trabalho?

M: Perto do que a gente faz na rua isso daqui é trabalho né

P: Porque?

M: Porque sim... Porque o que o cara ganha na rua em um dia o cara tem que fazer o mês todo pra ganhar a mesma coisa.

P: E ai o que vocês acham que o trabalho pode trazer de bom pra pessoa?

Y: Não cai preso (risadas)

M: A liberdade... Querendo ou não traz felicidade também, porque o dinheiro o cara consegue ser feliz.

Y: Traz a liberdade, traz ... Como é que eu posso te dizer, o cara anda mais tranquilo sabe.

B: Traz amizade... Conhecer novas pessoas

P: Entendi... e de ruim? O que que o trabalho traz de ruim?

M: Cansaço... Muito cansaço (risadas)

P: Que mais?

M: E ter que estudar também né.

P: Pra trabalhar tem que estudar?

M: Claro... Se não o cara vai receber miséria

P: E que mais que pode ser ruim? Tipo.. quando tu pensa “ah que saco não queria trabalhar, o que tu pensa”... Que que é de ruim além disso? Porquê que cansa?

M: Ah porque o cara tem que ter responsabilidade, tem que fazer tudo certinho, acordar cedo.

P: E se não fizer?

M: Se não fizer perde o emprego

B: Tem que escutar coisa que o patrão fala que a pessoa não gosta

M: Ninguém gosta de ser xingado, mas é o papel dele

P: Dai isso é chato?

M: Claro.

P: Dai por isso que tu... Dai por isso que tu acha que as pessoas não gostam de trabalhar?

(silêncio)

P: Tem trabalho que é melhor que o outro ou tudo é a mesma coisa?

T: Não, porquê tem uns que a pessoa gosta

M: Se é uma coisa que a pessoa gosta é melhor né... Se o cara já não gosta e tem que fazer porque tem que sustentar a família

Y: Um trabalho bom é esse que trabalham os seus, só abrir cadeado e fechar cadeado e mexer no celular o dia todo.

T: Mas eles estudaram

M: Tiverem que estudar, tiveram que passar pelo que eu falei que não gosto

P: Tá mas porque que uns gostam e outros não?

M: Cada um tem uma loucura né

P: Tá e daí, desses trabalham que tão aqui, vocês acham que tudo daqui é trabalho?

M: Claro

Y: Tem trabalho em equipe e trabalho em grupo

P: Tipo o que assim?

Y: Tem aquele... tão se ajudando aqui ó

T: Mas todos os trabalho é em equipe

M: Mas tem uns que o cara trabalha sozinho

T: Mas tu trabalha numa empresa que é uma equipe

M: Professora.. professora trabalha sozinha... Ela trabalha sozinha na sala de aula... Tem suas colegas de serviço mas ela trabalha sozinha

P: Tá e esses outros aqui... E esse, sabe quem é esse aqui?

M: O Péricles

P: Não, é o Arlindo Cruz

M: É esse cara ai... São tudo gordo

P: E é trabalho, vocês acham que é trabalho?

M: Claro

Y: Ele ganha dinheiro, é trabalho

P: É uma arte, tocar uma música. Que nem aquele ali ó, que faz desenho. Pelo que eu vi ele é desenhista

Y: Tá na novela (inaudível)

B: Não não é esse

P: Tá e porque que... Tem muitas coisas diferentes. Um cara que faz artesanato, tipo aquelas coisas de barro sabe? Vaso de barro. Tem um que tá fazendo no esporte, daí tem uma professora... Porque tudo isso aqui é trabalho? O que que faz com que tudo isso seja trabalho, essa é minha pergunta

Y: (inaudível)

P: Oi?

Y: Ahh não tá falando minha língua... Não to te entendendo

P: Não tá me entendendo... Tipo, o cara do esporte ali tu acha que é um trabalho?

Y: Acho que é

M: Não sei se é um trabalho, mas eles trabalham em equipe

P: HmM...

M: Não é um trabalho, é uma coisa que eles fazem pelo esforço... Tem gente que ganha dinheiro com isso

Y: E tem gente que faz pelo esporte, por gostar

M: Tem gente que faz porque gosta
P: Pra quem ganha é trabalho?
M: Quem ganha é trabalho... Quem não ganha
P: Ai é só trabalho em equipe
M: Ai só é trabalho em equipe
P: Tá mas por exemplo os de terno ali, tu acha que aquilo tem cara de trabalho?
M: Trabalho em empresa... Aquilo é um bagulho de executivo
P: E porque esse e aquele ali, os dois são completamente diferente e é tudo trabalho?
Y: Um é trabalho mais pesado e o outro é mais fácil
P: Mas é trabalho igual...
Y: É trabalho igual
M: Mais fácil não, porquê esse daqui também é complicado... Minha mãe ela trabalha de RH e é um bagulho chato pra caramba. Pelo que ela fala eu fico louco as vezes... Os bagulho deve ser (inaudível)... Aquele ali ele faz porque é uma coisa que ele gosta, porque se não ele não ia ta fazendo... É uma arte
Y: Mas também tem uns ali que trabalham por necessidade ou por dinheiro
M: Claro.. Tem gente aqui ó, que trabalha aqui.
P: Na agricultura aqui?
M: É na agricultura, ou aqui...
P: Os pedreiros?
M: É
P: Tu acha que eles trabalham porque gostam ou porque precisam.
Y: Pra mim aquele caras ali trabalham... Tem uns que gostam... É mais pra pra quem precisa esse dai
P: Esse aqui?
M: É, é mais pra quem precisa porque não tem que ter muita (inaudível) ... Eles vão aprendendo mas não tem que ter tanto estudo que esses aqui normalmente tem
P: Entendi... mas é tudo trabalho?
M: É tudo trabalho igual...
P: Porque tudo é trabalho?
M: Porque eles tem que fazer aquilo ali pra sobreviver
P: Então dá pra dizer que trabalho é aquilo que tem que fazer pra sobreviver?
Y: Até esse daqui tem que ter estudo... Pra vendas
P: O vendedor?
Y: O vendedor, tem que ter estudo.
M: Na real que tudo tem que ter estudo.
Y: Chega na primeira série, quinta série... Ai ali vai ter primeiro grau .
M: Até para lixeiro tem que ter
Y: Estudo
P: Tá então vocês acham que tudo é trabalho por essas razões... Dai qual desses tipos aqui vocês acham que... Se vocês fossem escolher um assim que representa bem o trabalho... Se vocês pensassem no trabalho, qualquer coisa, que fosse representar mais, dessas fotos, qual seria?
M: Esse
P: Esse aqui? E vocês qual vocês acham?
Y: Que representaria o trabalho?

P: É
M: Acho que aquele ali porque aquele dali faz mais esforço
T: Acho que esse aqui ó
P: O da agricultura? Porque? Porque faz mais esforço tu acha?
M: Faz mais esforço.. E é uma coisa que eles tão construindo prédios tá ligado, é toda a cidade. Eles fazem a cidade na real
B: E ali eles tão buscando comida pra várias pessoas.. tão colhendo
(não identificado): (inaudível)
P: Tá, dai desse trabalhos... Aqui são só algumas ideias né, podem ser outras também... O que que tem de bom e o que que pode ter de ruim, qual o lado negativo desses tipos que tão aqui
M: Que nem aqui, aqui eles podem se acidentar, quebrar um braço
Y: Até pode morrer também
M: É ter problema de coluna, perder um dedo, uma perna
Y: Ser picado por um bicho
P: E aqueles lá?
Y: Pode ser assaltado
M: É
B: (risadas)
M: No máximo pode ser assaltado né, tomar um tiro (risadas)
Y: Ou ser atropelado sem querer
B: (risadas)
P: Outra coisa ruim não pode acontecer?
B: (risadas)
M: Aquele ali é barbada né, fica no computador e tem segurança na empresa
Y: Esses aqui pode morrer afogado... Aqueles ali é mais fácil ainda de ser assaltado
P: O dos vendedor lá?
Y: É... Esse daqui pode tomar uma agulhada na mão pegar uma infecção e morrer
P: É real
Y: Verdade
P: Tá e esses aqui que trabalham mais com arte,o que que é ruim?
M: Ah esses dai é só inveja né... Se pode acontecer alguma coisa de ruim é inveja deles
B: Isso ai é só alegria
P: De outros assim?
M: É de outros
Y: Pode tomar uma barrada na cabeça de alguém (inaudível) e desmaiar
P: E desses ai qual vocês acham que pode ganhar mais e qual pode ganhar menos?
M: Esse aqui ganha mais...
Y: O que ganha menos é esse aqui ó
M: Ou esse daqui ó
P: O que que é esse ai?
M: Coisa de costura
P: Ah sim...
T: Esse dai só ganha (inaudível)
M: Pra mais, esse dai ganha bastante... eEes ganham bem mas é um trabalho muito cansativo.
P: Tipo em obra tu diz assim...

B: O que ganha mais é aquele gordo ali
M: Esses dois aqui...
B: Ele é famoso né meu
M: Eu não vou botar essa parte porque essa parte é muito dinheiro
P: Ah é?
M: Uma coisa... Esses daqui deviam ganhar o que esses daqui ganham.
P: E tu acha que não ganham?
M: Não.
P: Tá e daí porque que esse aqui... O cara tá tocando violão né, porque que isso é trabalho, se eu pegar um violão e começar a tocar vai ser trabalho também?
M: Se tu não ganhar dinheiro acho que não, porque tu vai tocar porque tu gosta
P: Trabalho então tem que ganhar?
M: Tem que ganhar
P: Se não ganha não é trabalho?
Y: Se eu pegar um violão e ir numa pracinha ali tocar não é trabalho, vou tocar porque eu gosto... Daí se alguém começar a me pagar todo dia todo dia daí já é um serviço... O cara sabe que vai ter um dinheiro daquele esforço que tá fazendo
P: Eles todos aqui é trabalho porque eles ganham pra isso... Se fizer de graça não é ou é também?
M: Depende
B: É trabalho voluntário daí
P: Se aquele faz aquilo que gosta, o artesanato, daí não é trabalho?
Y: É trabalho... Tá aprendendo pra ter a loja dele. Ele tá fazendo um curso de graça.
P: E daí será que, eles fazem isso e querem ganhar uma coisa em troca, o que ganha é só dinheiro ou pode ganhar alguma outra coisa?
Y: Dinheiro
M: Dignidade
P: Mas daí é suficiente pra dizer que é trabalho?
Y: É... sendo feliz é a conta né meu... Sendo feliz
P: Entendi... Então pode ter alguma coisa em troca que não é dinheiro? Tipo o que assim?
Y: Felicidade, uma amizade
P: Tá e aí...
M: Até um casamento né... Já vi um monte de gente casar porque é colega de trabalho... meu pai foi um, casou com minha mãe por causa que eles trabalhavam juntos.
P: Tá e como que faz pra aprender um trabalho?
M: Aprender?
P: É
M: Primeiramente é o estudo, depois vem a faculdade, ou o curso... Às vezes até nem precisa de estudo, meu pai estudou até a 5ª série e ele é supervisor de (inaudível) alguma coisa assim... Ele sabe muita coisa que muita gente não sabe. Eu acho que é o esforço na verdade...
Necessidade
P: Tá então se um cara chegou pra trabalhar e nunca fez aquilo, aí faz como...
M: Pede ajuda.
B: Olha fazendo depois aprender a fazer
M: Vai fazendo pergunta, vai pedindo ajuda... Ah eu não sei fazer, mas vai me ajudando que eu vou aprendendo

P: Tá então quando vocês começaram a trabalhar e não sabiam era assim que vocês iam conseguindo?

M: Eu era barbadinha, só lavar um carro...

Y: Primeiramente não sabia... Meu pai ia fazendo e ia falando “tem que ser assim assim”

M: Eu sabia porque eu lava os carros em casa, do meu tio, da minha mãe, do meu pai

P: (inaudível)

M: Eu já sabia...

P: E o que vocês fazem com o Pescar vocês acham que é trabalho?

B: Voluntário

M: Por enquanto... Vai saber

Y: Daqui a pouco vai ser trabalho

P: Porque?

M: Porque eles vão pagar

Y: Vão pagar os guri porque (inaudível) do outro curso

P: Dai como vocês não recebem vocês não acham que é tanto trabalho?

M: Isso não chega a ser um trabalho é um curso

B: Pra nós aprender

M: É um aprendizado

P: Pra talvez pegar um trabalho depois?

M: Claro

P: E das coisas que vocês aprendem aqui o que que pode ajudar a ter um trabalho depois?

M: Tudo

P: Tipo o que?

B: Mexer nas câmara... Aprender a mexer nas câmara

P: Que que pode dai fazer como trabalho?

B: Pegar trabalho em evento...

M: Tirar foto em evento... Casamento, 15 anos... aAé aqueles negócio de carro antigo, essas coisa assim... Trabalhar em jornal, na RBS

T: Falar numa entrevista de trabalho... Como se vestir também

Y: Postura, ter postura...

M: Fazer projeto de vida

P: Isso tudo vocês acham que aprendem pra depois usar num trabalho?

Y: E depois tu também pode ensinar outra pessoa o que tu aprendeu

P: Tá e vocês acham que esse trabalho que vocês aprendem aqui é diferente desses outros trabalhos ou dá pra dizer que tudo é um mesmo tipo de trabalho?

Y: É diferente

P: Porque?

M: É totalmente diferente... Não tem as mesmas coisas... A gente não faz as mesmas coisas

P: Tá e dai disso que vocês falaram antes, do que pode ser bom e o que pode ser ruim no trabalho... Vocês falaram as coisas que se ganha e aquilo que não é nem sempre tão legal....

Tipo do que tá aqui, o que pode trazer de bom e de ruim pra pessoa... tipo o sambista ali.

T: Só as pessoas não gostar da música dele de ruim

P: Ah sim... E a professora?

M: Ah os aluno infernizar, coitada.

P: E o de bom?

M: Ela saber que os alunos aprenderam e que todo mundo aprendeu sem repetir... Ela saber que eles deram retorno (inaudível)

P: E aqui no Pescar o que que pode ser de ruim?

M: De ruim? Pensar em voltar pro crime.

P: Tá mas daquilo que vocês fazem aqui assim... Pode ser meio cansativo?

M: Ah a Dona (...) falando
(risadas)

ES: Que que tem eu ai? que que ta rolando ai, que que meu nome veio?

P: Aqui é papo nosso (...)

ES: E porque eu ouvi meu nome?

M: Não porque a dona (...) ensina a gente bastante... Foi o que eu falei

B: Gosta de conversar com a gente

M: É conversa bastante com a gente

P: Entendi... E tem algum trabalho que não tá aqui, dessas fotos, que vocês acham que daria pra por?

M: Tem algum trabalho... Ah tem muitos

P: Muitos? Tipo o que assim?

M: Ah sei lá..

P: Quando pensa em trabalho...

M: Trabalho de fotógrafo

P: Vo botar aqui então... Eu vou escrever ou alguém quer escrever pra mim?

B: De telefonista também

M: Escrever onde?

P: Onde tu quiser...

M: Como é que é... Construção civil?

P: Ahã... Só tem um acento, fotógrafo... E o que vocês viram ali no filme, vocês acham que é trabalho?

M: Claro... Reciclar lixo

P: Parecido com algum que tem aqui, ou não?

M: Não...

P: Mas é trabalho tu acha?

M: É trabalho

P: Tipo os cara do aterro sanitário, que ganham dinheiro, vendendo lixo reciclável, vocês acham que é um trabalho?
(dispersão)

P: Tu tinha dito telefonista?

T: É material reciclável

P: E se a gente for botar aqui, eles colocaram que “o trabalho é” coisas que eles acham... cansativo, dignidade, responsabilidade... Se a gente fosse colocar assim “para ser trabalho”, e dai dois pontos, e dai botar ... Ó chegou nosso quinto integrante.. E dai botar uns itens assim, coisas que precisam pra ser um trabalho, coisas que vocês acham que...Quer sentar aqui(...)? Que que dava pra por, tipo assim se a gente pensa “pra ser professora precisa de”...

S: Estudo

P: Estudo. Que mais?

S: Responsabilidade

P: Tá e dai se a gente fosse fazer geral, de todos esses, pra ser trabalho, quais coisas que precisam? Podem ser coisas materiais também, não precisa só ser abstrato.

T: Precisa ganhar dinheiro também.

P: Ganhar dinheiro... Tá vo botar aqui então

S: Como assim?

P: A gente ta falando de trabalho, dai eu perguntei, quando tu pensa em trabalho o que é a primeira coisa que tu pensa assim na tua cabeça...

T: Tem voluntário também...

S: Trabalho... Tem que trabalhar, pra sobreviver...Mas tem trabalho que a gente trabalha porque tem que trabalhar pra poder sobreviver, mas tem trabalho que a gente gosta... Dai ta trabalhando numa coisa que a gente gosta

P: Tá então tem trabalho que dá pra gostar, e tem trabalho que tu não gosta.

M: Mais que não gosta que gosta...

S: Mais que precisa né..

P: Siim, pra sobreviver...Tá e que mais, além de ganhar dinheiro... Pra ser trabalho precisa o que?

(silêncio)

P: Tu tinha dito que pra sobrevivência né...ou pra...

S: Se sustentar

P: E tu acha (...), eles falaram que acham, que isso aqui tudo são vários tipos de trabalho... Tem algum que tu acha que não é?

S: (sinal negativo)

P: Até tipo esse, tocar violão...

S: Acho que é, ganha dinheiro.

P: E se não ganha? Dai não é?

S: Se não ganha dai acho que não é

P: Então essa foto... Tipo ele é uma pessoa famosa né, um sambista que a gente sabe que ganha dinheiro com isso, mas se a gente conhecesse ele, poderia ser um trabalho ou não?

S: (inaudível) ou diversão

P: Diversão...E dai se é diversão não é trabalho?

S: Também, tu pode ta trabalho e se divertindo ao mesmo tempo

M: Que nem aqui, o guri trabalha num circo, num parque...

S: É

M: O guri trabalha num parque, num circo... Num circo eles trabalham com diversão e ganham dinheiro com aquilo

S: Também se tu ta fazendo o que tu gosta tu vai ta te divertindo né...

P: Entendi... E o que que não é trabalho de jeito nenhum?

S: O que que não é trabalho?

P: É

S: Não é trabalho de jeito nenhum... Acho que o roubo né... Roubo, tráfico

M: O que não é trabalho?

P: É

M: Vagabundagem, ficar em casa dormindo... Ficar dependendo dos outros, ser sustentado pelos pais

P: Isso ai não é trabalho?

M: Claro que não

P: Ta e ai então, a pessoa que não faz nada não trabalha, tipo fica em casa dormindo e tal...

M: Não é trabalho, fica só em casa...

P: Tá e outras coisas podem ser trabalho, tipo, sei lá...

M: Trabalho voluntário...

Y: Que nem os ambulante que vende na sinalera...

S: É isso é trabalho..

Y: É trabalho... Já vende DVD no centro, passa no centro e tem gente vendendo, até aqueles coisa que eles fazem na hora de latinha... Já é um trabalho, tá ganhando dinheiro

M: Os origami que nós fazemos aqui em cima...

Y: É um trabalho

S: Na praia (inaudível) com um isopor vendendo água gelada

M: Vendendo algodão doce.

S: No colégio... Tudo é trabalho né

P: E os origami tu acha que também é trabalho?

S: Claro.

P: Porque?

M: Porque é uma arte.

S: É artesanato

P: Se fosse pra botar aqui então, daria pra por, artesanato e origami aqui também...

M: Claro

P: Põe ali então pra nós... Tá mas alguns tinham dito que não tinham trabalhado, mas se fazem origami quer dizer que já trabalhou... ou não?

Y: Nós trabalhamos se nós vender

M: Nós fizemos pra família.

Y: Pra dar de presente.

M: É dar de presente.. Ou deixar pra enfeitar a casa

P: Dai se vender e tirar uma grana com isso pode virar trabalho...

M: Pode virar um trabalho

Y: Aii não adianta a senhora querer fazer um pra vender só um, dai tem que fazer toda hora...

M: Tem que reservar... Tem que fazer um e deixar de modelo assim “quero um assim com tal tipo, tal cor”

P: Sim, vender pra vários dai...

M: Pra tal dia

ES: Os guris por exemplo trabalham, só não recebem pra isso né, com corte de cabelo no setor... É um trabalho...

M: Fazer uns assassinato no cabelo...

(risadas)

M: Sempre tem uns que sofrem

P: Tá mas dai um sabe fazer isso e dai faz em todo mundo? E faz de boas porque quer assim, na parceria?

Y: Ah porque não adianta cobrar, não tem como pagar

M: Não dava até pra cobrar uma (inaudível). Mas o cara não quer, não precisa...

P: Sim, mas é trabalho igual

M: Eu não acho que é trabalho, eu faço porque eu gosto

Y: Ele também já ta aprendendo.

M: É to aprendendo pra mim fazer num futuro.

P: Entendi.
Y: Ta pegando umas cobaia pra depois melhorar nos outros.
S: Ta se aprimorando.
M: Agora to cortando (inaudível). Tá saindo bonitinho
P: Ta e dai digamos que a pessoa... Tipo isso que tu faz, não ganha nada, não ganha dinheiro pra isso, mas tu faz porque tu gosta, dai é um trabalho que tu ganha não com dinheiro mas com outra coisa;
M: Com experiência
P: Experiência... Tá então digamos que a gente fosse botar assim... Agora não sei onde tem espaço, lá de repente...o que eu ganho com trabalho... escreve ali pra nós?
P: E o que que precisa pra trabalhar... Vocês acham que dava pra todo mundo fazer tudo isso, nesses tipos de trabalho aqui?
(silêncio)
P: Se eu quisesse começar em qualquer um desses aqui, pode?
T: Só se esforçar
M: Qualquer um pode, só ter esforço
T: Querer, correr atrás
P: E dai o que que ganho com trabalho?
M: Esforço, respeito, dignidade...
P: Coloca ali então pra nós...pode colocar coisa ruim também se quiser.
S: Cansaço.
M: Coloco respeito em baixo da dignidade?
P: Tu que sabe
T: Responsabilidade
S: Confiança
P: Confiança
S: Felicidade também né, tá feliz quem tá trabalhando, chega no final do mês
P: Confiança ele falou...
ES: Trabalho traz experiência
S: Experiência.
M: Experiência.
S: Tem várias coisas
P: Tá mas se ganha um monte de coisa boa assim, porque que a gente não gosta de trabalhar? Quer dizer, porque vocês acham que as pessoas não gostam de trabalhar?
M: Porque tem gente que...
S: Por causa do cansaço
M: É, vagabundagem também
S: Levantar cedo, ficar o dia inteiro lá, pegar ônibus lotado
M: Às vezes tem que ficar até as 10h da noite e não ganhar hora extra
S: Chega a ganhar só no final do mês
M: Tem gente que não ganha hora extra... Minha mãe trabalha e não ganha hora extra, às vezes fica até as dez da noite trabalhando
P: Coloca lá então também, cansaço...
S: As coisas ruim...
P: É... A gente tem que saber as boas e as ruins, porque não adianta achar que são só as boas
Y: Tem gente que não ganha vale-alimentação, passagem, só o dali da hora e deu

P: Que mais, alguém tinha falado mais alguma coisa, confiança né?
S: Confiança...
P: Ta é só o cansaço que é ruim? Ah tinham dito antes alguma coisa tipo...
ES: Estresse não foi?
S: Estresse
M: Faz parte do cansaço
P: Mas pode por ali estresse
(grafia do estresse)
P: Ta dai cansaço, estresse, essa são as coisas ruins do trabalho... Ta dai agora tem essas daqui, e a gente pode tentar ver se elas se relacionam com o trabalho, porque que se relaciona, tipo, vamos ver, auto-estima e valorização pessoal, pode ser com um, pode ser com outros, pode ser com algum que não esteja aqui... Querem sentar vocês que tão ai, no chão, vocês que sabem.. tipo espírito de liderança
Y: Aqui
P: No esporte? Porque?
Y: Porque o primeiro que ta ali tem que falar pro outro de trás o que tem que fazer.
M: Como assim “considerar o trabalho como um valor moral humano”?
P: Não entendeu?
M: Não.
P: O que que é um valor moral humano?
(interrupção)
P: Considerar o trabalho como um valor moral humano, o que que vocês acham? O (...) tinha perguntado
P: Porque que tu achou que aquele era lá? Foi tu não foi... Porque (...) tu achou que era lá?
(silêncio)
P: Comunicar-se e comunicar suas descobertas? Só quis botar lá...
Y: Não porque eu vi.... Se esse for um bagulho de estudo, no caso ela faz um pano de prato, ela descobriu uma coberta, uma ligando com a outra (risadas) claro de um pano de prato sai uma coberta (risadas)
P: Ahã...E porque enfrentar incertezas aqui?
M: Porque as música dele pode não estourar
P: Tá e tu tava perguntando... Considerar o trabalho como valor moral humano, tipo, o que é um valor? O que pode ser um valor?
M: Ah depende do que, dinheiro.
P: Pra ti o que que é um valor?
M: Ah valor é tudo aquilo que tá no papel ali... Humildade, dignidade, responsabilidade, paz, amor.
P: Tá e ali diz: “considerar o trabalho um valor moral humano” Quer dizer, considerar o trabalho um valor, além de dignidade, tudo isso que tu disse, o trabalho também é um valor, entende? Tanto quanto esses outros que tu falou
M: No caso o cara valorizar o trabalho...
P: É, qualquer trabalho
ES: Lembra do filme o presente? Os primeiros valores
(silêncio)
P: E ai qual que poderia ser esse ai?
S: Qual que é esse ai?

P: E todo trabalho pode ser um valor, todo trabalho é um valor, ou tem trabalho que não é valorizado?

S: Não é valorizado?

P: É tipo um trabalho que tu acha “ah esse daqui não é um valor”... Pode ser um valor de dinheiro, ou um valor como dignidade, sinceridade, essas coisas assim sabe? Tem algum que tu acha que não é? Um trabalho menos digno? Tipo qual assim..

S: Que nem (inaudível) o trabalho lá... É um trabalho mas não é um trabalho digno

P: Tu diz das mulheres?

S: Ahã

P: Dai tu acha que esse trabalho não é um trabalho com valor assim?

S: (sinal negativo)

P: E esses aqui todos tem valor ou tem algum que não tem?

M: Claro que tem, todos

ES: Tu ta falando trabalho de mulheres dessas de boate e tal?

S: Não é um trabalho digno

ES: Pois é, fiquei pensando porque que tu acha que não é digno... a pessoa pode fazer, de repente ela se sente bem fazendo isso... É que depende o que a pessoa acha, umas vão por necessidade, umas vão porque gostam... Tem gurias que gostam, e achou uma forma de ganhar dinheiro fácil, mas não tá tirando nada de ninguém... Vender o teu corpo, tu faz com o teu corpo o que quiser.

S: Então traficando eu não to tirando nada de ninguém

ES: não, ai é diferente, ai tu tá prejudicando alguém...

(risadas)

P: Não mas, vamos ver, vamos seguir nessa ideia. Tu acha que pode ser nessa mesma linha assim?

M: Prejudica quem tá indo comprar. Quem se prejudica é a pessoa que ta indo lá comprar, não é a droga que vai até a pessoa

P: Entendi

M: Porque tem gente que mora em bairro rico que não tem tráfico e vai

S: Vai la na favela...

P: Mas dai pode ser um trabalho ou não?

M: Não pode ser, mas é um trabalho... Poder poder não pode, mas é. Querendo ou não o cara tem que ter um horário pra ganhar aquele dinheiro que o cara ganha... É arriscado, tem toda uma questão

S: Tem o cansaço também... tu cansa bá..

Y: Ficar o dia de pé ali

M: Não tem sol não tem chuva

S: Plantão, das 7 as 7

M: É 12h, é que nem como se fosse aqui... Como se o cara trabalhasse na Fase

Y: Não tem seguro de vida...

S: Não tem seguro de vida e não pagamo imposto (risadas)

P: Esses dali vocês acham que eles ficam quantas horas trabalhando?

M: 12 horas

S: 12 horas...

M: Não acho que até menos, porque eles saem as cinco

Y: Esses aqui não ficam 12 horas, mas eles ficam mais tempo treinando do que praticando

S: É que eles é esporte né, dai fica mais tempo treinando pra chegar no campeonato...

M: As lojas normalmente é das oito às sete

Y: Oito as seis, as vezes também... Nas lojas também é bastante corrido

M: Aqui é mais de manhã e de tarde.

P: Tu acha que é mais tranquilo?

S: Eu acho

M: Aqui, tem escritório que pode ficar 24h

Y: Mas também tem, das oito ao meia dia ... Da uma às cinco... Meio turno, seis horas

P: Mas vocês acham que cansa igual, ou não

(vários): Claro!

M: Tudo cansa, até cantar cansa

Y: Às vezes até ficar aqui sentado como nós tamo aqui cansa...

P: É verdade... bem pensado

Y: O tempo que eu to preso... To cansado já de ficar preso... Até isso cansa (risadas) e não faço nada né, não trabalho, não faço nada.

P: Tu acha que tu não trabalha?

M: Trabalhar pra mim é quando to na rua, to fazendo alguma coisa... to ralando... Se não aqui to aprendendo

(vários): Aqui a gente ta aprendendo!

P: Então vocês acham que aqui é mais aprender ou trabalhar?

M: Aqui é mais aprender

P: Mas dai quando faz origami é trabalho dai.

M: Mas dai a gente não faz por trabalho.

S: Origami a gente faz pra dar de presente, pra família ou quando alguém pede...

Y: É uma coisa que se tu tá na rua, se tu não caísse preso tu não ia aprender a fazer, tu vê teu amigo lá "ah como é que tu fez isso"

S: Ou faz quando não tem nada pra fazer, pra passar o tempo...

P: Então pode ser trabalho mas pode não ser?

M: Claro

P: Tipo o tocar violão assim?

M: Tocar violão ele pode ficar ali sereno, o dia todo só curtindo ali... Se divertido com os amigos, com as gurias...

P: Dai não é trabalho

M: Não dai é uma diversão.. É só lazer

S: Mas se tu te encarnar na música dai vai virar um trabalho pra ti

P: Tá e qual poderia ser a diferença entre trabalho e profissão?

M: Qual a diferença entre trabalho e

P: Profissão

M: Profissão é um negócio que o cara estudou pra trabalhar né...

S: Profissão é o que tu vai querer ser

M: Que nem a professora, ela estou pra trabalhar naquilo, na matemática...

P: Dai a profissão dela é professora

M: De matemática

P: Mas o trabalho também

M: O trabalho também

S: É o que ela vai ser a vida inteira... Foi o que ela escolheu, correu atrás

P: Tem algum aqui que não é profissão?
M: Ah na verdade...
S: Tudo é uma profissão, depende do que tu quer fazer...
M: Depende da pessoa, a pessoa que faz a profissão
P: Então pode ser trabalho, mas pode ser profissão também, depende da pessoa? Tá mas então se agente fosse escrever lá, quem é que escreve lá naquela ponta... O que que precisa pra ter uma profissão, ou o que é uma profissão pra vocês.
Y: Acho que profissão primeiramente é atitude
S: Um curso pra se profissionalizar, aprender e ter uma profissão
P: Vocês acham que aqui vocês tão aprendendo um trabalho ou uma profissão?
S: Uma profissão
P: Qual?
S: Fotógrafo... e que é um trabalho também
P: Que é um trabalho... Tem algum trabalho que não é uma profissão?
M: O tráfico (risadas)
P: Porque?
M: Porque é uma parada... Porque não tem que estudar pra fazer aquilo
S: Porque é ilícito né
B: Assaltar também... Ficar ali horas e horas procurando uma vítima (risadas), mas é verdade
P: Dai tu acha que é trabalho mas não é profissão?
M: Na verdade dá trabalho, é chato de fazer...
B: Não é chato de fazer
M: Ah é chato de fazer, porque o cara tem que ficar troteando, tem que ta sempre antenado com polícia e tal.
B: Eu gosto da adrenalina
M: Querendo ou não é um trabalho

P: É um trabalho mas não é uma profissão?
M: É um trabalho mas não é uma profissão...
B: Mas pode se tornar uma profissão, tu gosta de fazer aquilo ali tu começa a fazer
P: Pra profissão então vocês falaram que pode ter estudo, né? Ou querer muito aquilo e aprender né
M: Aprender né
P: Aprender e dai fazer disso tua vida... Tem trabalho que não é profissão, vocês falaram um, tem algum outro que é trabalho mas não é profissão? Tipo um que não seja ilegal, ou todos os outros dai são profissão?
M: Ah andar de skate não é profissão... Mas tem gente que ganha dinheiro com isso, que nem ali não é uma profissão, é um esporte mas ele ganha dinheiro com aquilo
S: A profissão dele é aquela... Claro
M: Na verdade não é uma profissão
P: O que? Ser atleta?
S: É profissão
M: Eu acho que não é... Ele faz o que ele gosta
S: Mas ele ganha pra fazer o que ele gosta
M: Mas dai...

S: Que nem jogador de futebol, é uma profissão, é um trabalho
M: Eu não acho...
S: É injusto
(risadas)
Y: Joga (inaudível) pra ganhar milhões
P: Tu acha injusto?
M: Os cara ganha dinheiro até na tv, no bagulho...
S: Um monte de patrocínio
P: Mas dai é profissão ou não é profissão?
M: Acho que não é, acho que é uma chinelagem
ES: Eles ganham milhões pra fazer um show
M: Também...é uma chinelagem
ES: É injusto?
M: Claro... Esses daqui...
ES: Mas até pouco tempo atrás tu disse que não
M: Que que não?
ES: Que era tudo profissão
M: É, naquelas
S: Ele é músico
P: Mudou de ideia.
Y: O dinheiro
S: A diferença de um salário de uma atleta pra uma plantação...
M: As pessoas que deveriam ganhar o dinheiro que um jogador de futebol ganha são esses aqui
Y: Um vendedor de loja que fica o dia inteiro lá, 12 horas... Um jogador de futebol vai ficar 1h30 e vai ganhar um salário que ele ganha no ano inteiro
M: Que o ano inteiro! Pro resto da vida!!
Y: Vários anos... É muita diferença, é muita desigualdade
M: O trabalho que eu acho que deveria ganhar o que os jogador de futebol ganham é a professora na verdade... Porque sem professora não tem...
S: Não tem educação
Y: Porque ela que ensinou todos nós
M: Claro
ES: Então é injusto o que eles ganham ou o que ela ganha?
Y: O que ela ganha
M: Os dois!! Eles não deviam ganhar o que eles ganham e ela...
Y: Devia ganhar o que eles
M: Devia ganhar o que eles ganham
P: Tá e vocês não acham muito estranho que ali tem um cara remando, digamos que tivesse aqui a foto de um jogador de futebol, jogando futebol, né ganhando muito dinheiro... Vocês mesmo falaram que é o que o vendedor vai ganhar a vida toda, até mais... Dai tem esse jogador ganhando muito dinheiro e tem uma professora ganhando bem menos... Porque a gente diz que aquele é trabalhador e esse é trabalhador?
M: Eu não digo... Eu digo que aquele ali é um cara que faz esporte.
P: Tu acha que não?
S: É um atleta

M: É um trabalho porque dá trabalho, cansa, e eles ganham dinheiro.

P: Tá então vamos botar aqui que pra ser trabalho

M: Precisa ser cansativo

P: Tem que dá trabalho

S: É e jogador começa desde pequeno né, treinando na escolinha... Tem que correr atrás também.

P: E aqui quem é que escreve pra mim, a profissão... O que que precisa pra ser profissão

M: Escrever aqui?

P: É onde tu quiser poder ser ali... O que vocês tinham dito que precisa pra ser profissão... Estudo alguém falou...

S: Curso profissionalizante.

P: O que que precisa...

M: Estudo.

P: E o que mais precisa...

M: Ter que gostar... Esforço

P: Esforço...Gostar? Tem que gostar?

M: Claro que tem

P: Tem gente que tem profissão que não gosta?

S: Lógico

P: Mas tem profissão igual? Mais alguma coisa ali na profissão? E esses aqui das inteligências múltiplas vocês acham que é esse daqui dos construtores? Ou é pra botar em outro?

M: Não entendi isso dai

P: Tu não entendeu isso?

M: É

P: Tipos muitas inteligências, tipo saber muitas coisas

ES: Tipo ter habilidade pra desenhar, pra cantar, pra fazer trabalhos manuais

M: Ah eles precisam disso ai... Eles precisam de tudo isso...

Y: Caso que uma coisa errada pode fazer cair um prédio... Uma ladeada pode afundar pra dentro, um muro que eles estão construindo, um tijolinho que eles tão construindo meio torto.

S: Estudo, esforço, experiência.

P: Sim aquilo ali são inteligências, tu acha? Entendi... E tu acha que de todos que tão aqui esse é o que representa mais ou poderia botar em outro

M: Podia botar no da professora... Esse daqui também

P: Porquê?

M: Porque tem vários tipos de trabalho... Um podia ser advogado, outro podia ser juiz.... Ou promotor...Vai indo entendeu... Cada um desses faz uma coisa

Y: Ou choffer motorista

B: O negão ali (risadas)

P: Trabalhar em equipe colocaram aqui... Mas poderiam ser em outros também?

M: Podia ser aqui também...

S: Lá também...

P: E esse aqui, aprender fazendo e fazer aprendendo?

M: O cara vai fazendo o desenho e vai aprendendo

P: Tipo aprende na prática assim...

M: Quanto mais o cara fizer mais o cara vai aprender

P: E esse “resolver situações-problema”?

M: Resolver situações e problema?

P: Situações-problema, tipo uma situação que é um problema... Resolver um problema

M: Professora... Ah professora nem tanto... ah naquelas porque matemática é um problema... Mas esses aqui...

P: Porque aqueles ali?

M: Porque eles resolvem vários problemas... Advogado resolve problema do preso, o juiz

S: Resolve o problema do preso...

M: Resolve o problema da cidadania

S: Também...

M: E do preso também

P: Vo bota aqui então... e esses aqui... Enfrentar incertezas por causa das músicas né, que nem sempre ele vai gostar...

Y: E aqui também nesse bagulho do verde aqui ó, porque tu não sabe se o alimento vai sair bom

P: Ah aqui...

Y: Não sabe se vai dar colheita...

S: Pode ser que tu invista no alimento, gasta um dinheiro e não dê certo.

Y: E também aqui ó, porque tu não sabe se tu vai conseguir vender todo esse monte de meia aqui, de calça.

S: É ele investiu, comprou pra revender e não revendeu nada...

Y: É não sabe se no verão tu vai vender toda aquelas camisetas que tu comprou pra revender, meia essas coisas...

P: Ahã... Então escreve lá “incertezas pra nós”

Y: Tá louco minha letra é tri estrnha

P: Mas não tem problema escreve até pra ter uma letra diferente...

Y: Não, ta louco, nem as donas conseguem entender o que eu escrevo nos cadernos

P: Tá mas dai tu vai escrever bem caprichado pra ficar bonito.

S: Onde eu escrevo?

P: Tanto faz...

(risadas e dispersão)

P: Tá e esses dois ficaram sem ainda

M: Ah esses dois eu não entendi... Ah ser democrático, ético e cidadão...

(risadas)

P: Tá e esses aqui... Se não acharem que não tem nada a gente deixa pra fora...

Y: Que que é ética...

M: Eu sei mas eu me esqueci

S: Democrático é quem lida com papel né?

ES: Democrático vem de democracia

S: Democracia...

M: Se eu não sei democrático como é que eu vou saber democracia

ES: Eleições é democracia

P: Ó o Brasil é uma democracia...

ES: Ó (...) o que é ser democrático?

P: Sabe (...)?

Y: Não

P: Ó mas assim, o Brasil é um país democrático, digamos

M: Um país chinelo... Tudo ladrão

P: Mas em tese todo mundo tem direito de votar, pode votar em qualquer pessoa e essa pessoa vai ser eleita, o que tiver mais votos...

Y: Mas a gente não sabe se no caso aquela eleição ta sendo verdadeira se o que nós tamo votando ali é...

M: Pode tá enganando o povo

P: É verdade... Mas vamos imaginar que seja certo, que se a gente aqui quer escolher o líder do grupo, a gente vai votar e ai o que receber mais votos é o líder... Isso é uma democracia, porque todo mundo tem direito...

Y: Aqui nós tamo sabendo que tá valendo.

P: Sim, exato.

Y: Tá sabendo que se tem 10, se tem 11... e nós 10 vamos vota naquele um só (inaudível)...

M: Ou tem 9, pra ficar mais fácil...

P: Tem 9, ai cinco vota pra um e quatro vota pra outro... Ai ganha o que tem mais votos... Isso é democrático digamos, porque não foi ele que chegou e disse “eu sou o líder e vocês tem que me respeitar”, foi uma votação pra decidir quem é o líder, então isso é democrático...E aí

M: Então os cara ali em cima tão sendo democrático

(risadas)

M: Democráticos, viu?

ES: Eles fazem votação?

M: Não, não precisa de votação... Só de tempo

Y: Só de tempo

M: Só de tempo... É democrático

P: Porque, tempo pra que?

ES: É que quem fica mais tempo no setor é que comanda o bagulho...

P: Dai tu acha democrático ou não?

M: Claro que é...se vocês falaram que votação é democrático, isso também é porque dai é mais tempo.

ES: Os que chegaram a recém são os novatos, ai os novatos tem que respeitar as regras dos mais antigos...

M: Senão vai pro pau.

P: Quem achar que não é justo isso.

M: Que nem a gente, a gente tem que cumprir as leis desses carinhas ai, desses chinelos ai... Senão a gente vai preso.

S: (inaudível)

P: Tu acha? acha que tem que cumprir lei? pode ser... Ta e ai tem algum desses ai que relaciona mais com esses que a gente ta falando ou não?

M: Não

P: Se não tiver não tem problema, a gente deixa pra forinha.

M: Esse aqui também não tem

P: Esse também não?

S: Compreender atos, fatos e contextos...Acho que...

P: Na professora? porque? Bá mas professora é “aprender a aprender” e compreender fatos atos e contextos

M: E eu acho que inteligências múltiplas também.

S: É bota ela nos dois

P: Mas então professora é...

S: É que professora é mais inteligente também né...

M: Claro que nem aqui ó, esses aqui também precisa de professor...

S: Porque eles tem que saber pra poder ensinar os outros.

M: Pra aprender a tocar violão... Ele não ia pegar violão e sair tocando...

P: Sim

M: Precisou de um professor

P: Entendi... É até podia né, aprender sozinho né, mas é difícil...

T: As palavras... Pra falar as palavras certas

P: O professor ensina?

S: O professor é a base né

M: Tudo... Pra construir isso aqui também... Precisou aprender com alguém

P: Tá mas tem como ter trabalho sem ter professor?

S: Sem educação?

P: É tipo, uma pessoa...

S: Trabalho com bastante esforço dai;

M: Aprendendo com os outros na verdade.

P: Da dá?

M: Não precisa ser com o professor, mas com os outros... Mas quem aprende com o professor normalmente

P: Aprende mais?

M: Tem mais evolução...

P: É porque antes que a gente colocou o que precisa pra ter profissão... Estudo, mas pode ser esforço, e tem que gostar... Então pode ser pelo estudo ou pelo esforço, acho que aluguem falou que pode ser observando o que o outro faz também...

M: Claro

P: Vamos colar esses então... Os que a gente já tem certeza... Os que vocês decidiram... Espírito de liderança ficou no esporte? Tem algum outro trabalho que dá pra colocar aqui ou esses tão suficientes?

Y: Sereno

P: É um monte de coisa quando a gente pensa em trabalho porque na real que trabalho tem muita coisa... A gente fala trabalho... uma coisa dá trabalho, uma coisa é trabalho... Aqui tem umas fotos mas poderia ser...

S: (inaudível)

P: Mas tem uns que a gente pensa antes porque, como vocês falaram... Ganha dinheiro, dá pra se sustentar... E tem mais alguma coisa que dá pra acrescentar aqui? De tudo que vocês...

Y: E no trabalho também tem que ter confiança... O chefe tem que ter confiança contigo... ou tu ter confiança com o chefe... né chefe?

(risadas)

P: Querem botar o nome de vocês? Os outros guris não quiseram mas se quiserem só botar... não?

Encontro 2:
Transcrição Grupo A

P: Tá então a mesma coisa da semana passada... Falei semana passada mas vou repetir, que vai ficar gravado o que vocês falarem... O que a gente vai falar hoje é sobre o tráfico de drogas. A gente vai falar... Eu quero saber o que vocês falem o que pensam sobre o assunto, o que já ouviram falar, o que vocês sabem, o que vocês pensam sobre... Se não quiser falar não precisa, mas pode falar o que pensa, o que acha... Não tem nada, eu não vou julgar vocês por nada, e se também não quiser fiquem a vontade... Só vou pedir pra falar com calma, e um de cada vez... Acho que agora vai ser mais fácil porque só tem três, então não vai ficar um por cima do outro, porque senão depois eu não consigo entender.

I: É o primeiro ai ó... Começa...

P: Não tem ordem assim

F: Falar qualquer coisa?

P: Não, eu vou fazer as perguntas... É uma conversa, não tem uma ordem nem nada... Hoje a gente não vai fazer o cartaz que nem a gente fez semana passada, mas eu trouxe de qualquer forma os mesmos, as mesmas competências que eu tinha trazido já do Projeto Pescar, aquelas 13... Vou colocar elas aqui e daqui a pouquinho a gente vai falar um pouco sobre elas... vamos lá então, eu vou mais ou menos fazer perguntas parecidas com as que eu fiz semana passada, mas agora a gente vai relacionar com tráfico... Quando a gente pensa em tráfico, qual a primeira coisa que vem na nossa cabeça

I: Dinheiro

P: Dinheiro

F: Fazer dinheiro, ostentar

P: É essa a primeira coisa?

F: Claro

(...)

ES: O que é que ela perguntou?

I: O que que significa o crime

C: O que que significa o tráfico

I: É né?

ES: E o que que vem na cabeça de vocês quando vocês escutam a palavra tráfico?

C: Morte, guerra, dinheiro, inveja, luxo

P: Como é que (...), desculpa não tava ouvindo

ES: É que eu perguntei o que tu tinha perguntado

P: Ah dai tu respondeu... Quando a gente pensa em tráfico, o que é que a gente pensa?

C: Ah, morte, guerra, dinheiro, mulher, luxo

I: Andar bem

P: Como assim andar bem?

I: Estilera

C: Tu entra no tráfico por causa do dinheiro né, muitos entram por causa do dinheiro... Tu entra só porque acha bonito

I: Às vezes o cara entra porque vê os cara ali andando com tênis de marca, camiseta de marca... quer andar igual eles

C: É quer ostentar... quando eu entrei a primeira coisa entrei pelo dinheiro né, mas agora eu nem dou mais bola pro dinheiro

P: O que que tu dá bola então?

C: Agora tenho que me preocupar com os contra... Agora é eles primeiro antes de mim... Agora eu nem me preocupo mais com dinheiro, dinheiro agora é o de menos

P: mas a primeira coisa que tu pensa, a primeira imagem que vem é dinheiro...

C: A maioria quando entra no crime é por causa de dinheiro

I: Às vezes também...

C: Tem vários que entram também pra vingar

I: Às vezes por causa de dinheiro, as vezes por causa de um filho que o cara tem... Às vezes o cara tem um filho

F: Conseguem um trabalho e já entra no crime...

C: Tem várias coisas, várias maneiras de pensar..

P: Tá e tu falou o crime... Só uma pergunta antes, dá pra dizer que é a mesma coisa ou são coisas diferentes?

C: O crime é a mesma coisa que o tráfico

I: Pra mim é a mesma coisa, tu vai matar igual pra ganhar dinheiro

P: Vai ta sempre relacionado com o tráfico?

C: Tudo é o mesmo relacionamento

P: É difícil não tá relacionado

C: É difícil, porque o tráfico é crime... Tá cometendo um crime né, vendendo droga pra uma pessoa, tipo ta vendendo crack pra uma pessoa, aquilo ali é um crime né, tá matando aquela pessoa, tá ajudando ela a se matar

P: E o que vocês acham que o tráfico pode trazer de bom pra uma pessoa?

C: Nada...

P: Nada?

I: Às vezes o cara até consegue ajeitar uma batinha.

C: Trazer o que ? O tráfico só traz...

F: O dinheiro vai fácil...

C: O dinheiro que vem fácil vai fácil

F: O cara quer ostentar, quer dar banda nos baile

C: É tem vários momento, momento que tu pode curtir ali...Que nem ali na vila onde eu moro, sempre que nós não tinha guerra, nós ia pra baile, fazer um bolo, ostentar... Dá várias bandas, shopping, bagulhada... Tinha várias roupas, era só dinheiro, e dinheiro, dinheiro... Força de dinheiro rolando, força de carro, roupa de marca, moto, arma... Depois dai só... dai começa (inaudível) com os cara...

P: Dai o que que acontece?

C: Dai tu já vai ali na bocada de um, traficante já dá uns tiro lá... Dai o outro sobe lá, mata um na outra boca...Dai desse eu lá, matou o outro e dai formou a guerra

P: Mas a primeira coisa que vem na cabeça é o dinheiro?

C: Claro

P: Tu acha também (...)?

F: Acho

P: E é dinheiro que faz a pessoa continuar também depois.

C: Ah depois que a guerra forma, dai já não é dinheiro né... Dai tu já não tem a oportunidade de sair... Vai sair dali pra onde?

I: Se sair tu morre

C: Se sair dali tu morre

P: E tá, vocês já falaram, mas vou perguntar de novo, o que traz de bom, é dinheiro, possibilidade de comprar coisas e tal, e o que traz de ruim, o que que é?

F: Morte

C: Guerra

P: E tem como não trazer essas coisas de ruim?

C: No crime?

P: É só ter a parte boa?

C: Não tem parte boa no crime... Tem o lado bom e o lado mal

P: Teria como por alguma razão, ter só a parte boa do dinheiro.

C: No crime?

P: É?

C: É muito difícil hoje uma boca ai que não tem guerra ... Muito difícil, muito difícil... Acho que lugar nenhum de Porto Alegre... Todas as boca ta em guerra

P: Porque vocês acham...

C: Aqui só no fato de tipo, como é que eu vou te falar, só no fato de eu falar... o meu embolamento é o mesmo que o dele, que o dele, os outros que vão ser meu contra, vão ser contra dele também... Eles vão se dar com o charrete, se dá com o embolamento do (...), vão se contra também... Que nem até ai, que tem as ladaia... Os cara sabe que somo junto, os cara vão ve... Ah, tão com ele...

I: Tá junto, vai junto

C: Tá junto, vai junto

I: Que nem um primo meu, meu primo morreu porque tava andando do meu lado... (inaudível) ali na baia dele...

P: Então tipo, agora pelo menos, não tem como ter só a parte boa... Mas já teve como só ter a parte boa?

C: Báa...

P: Porque?

C: Porque no começo sempre é bom, no início sempre é bom

I: No final...

C: No final é peixe... no crime é difícil ter um final feliz.

I: Que nem no filme, no início tava tudo beleza, mas chegou no final... No final o cara perde a filha

C: É perde tudo...

P: Qual filme, a cabana?

C: A cabana

I: Último agora que a gente tava vendo com a dona (...)

P: E quais são as atividades que vocês pensam que a pessoa tem que fazer, quando uma pessoa que participa do tráfico, o que que ela tem que fazer pra dizer que participar...

C: Botar a cara no bagulho

P: Tá mas que tipo de coisa que ela vai ter que fazer?

C: Ah vai ter que honrar a camisa dela... vai ter que mostrar que tu quer aquele embolamento ali

I: Mexer nas droga

C: Demonstra que tu é dali né

P: Mexer tipo...

I: Vender pacote, picar, embalar

P: E o que que vocês acham que precisa fazer pra participar disso?

I: não precisa fazer nada, só tu ali fala que quer ir junto, pro time de futebol, e levar tua chuteira

P: Como é que é?

C: É um modo de falar, tipo ah partiu futebol é partiu atentado, tipo pega la tua chuteira, pega a chuteira é a arma

P: Ta mas isso quem já conhece, e quem nunca participou de nada...

F: Ah ali no caso tu vai chegar vendendo né, não vai chegar e te largar uma arma, nem te conhece, tu vai chegar vendendo ali, dai tu vai mostrar tua confiança pra ele, ai se ele confiar em ti, ai já vai te largar bonito na fita.

C: É...de pente

F: Ele não vai chegar, se não te conhece, e já vai largar arma ali, dai tu pega e se some com os bagulho dele

C: Vai ter que mostrar né, aos poucos, vai mostrando confiança...

P: Confiança?

I: E tem umas bocas que (inaudível) toma tiro na mão

C: Na cara muitas vezes

p: É tem boca que (inaudível) já era

C: Na vila ali eu cheguei sereno porque eu sou cria dali, o patrão ali...

P: Já te conhecia?

C: Claro, pegou no colo bem dize

P: E o que que a pessoa tem que ter de qualidade pra fazer parte?

C: Qualidade? Não precisa ter nada... Não interessa se é preto o branco

F: No crime sempre tem alguém que vai querer ser melhor que tu, que vai querer se exhibir... Às vezes tem briga entre eles mesmos

P: E dai isso tu acha que é ruim? tipo a pessoa querer...

F: É querer ser melhor que tu... Ele quer crescer e não quer ver tu crescendo junto com ele (o adolescentes que estava sendo atendido pela equipe socioeducativa chegou)

P: Chegou o (...)? E vocês acham que daria pra relacionar... Vocês lembram que semana passada a gente relacionou as competências do Pescar com os trabalhos né. A gente fez um cartaz com as fotos...Terminou o atendimento lá? E ai tinha as competências e a gente relacionou com as fotos... são as mesmas, ai o que eu queria saber é se as competências dá pra relacionar com isso que a gente ta falando, com o tráfico?

I: Espírito de líder

C: Espírito de liderança

P: Porque?

C: No tráfico? Porque tem que ter espírito de liderança pra tu assumir várias responsabilidades... Vai te que te mostrar responsável

P: E como é que a pessoa tem isso? Nasce com isso?

C: Ah vou saber... Muitos nascem né, muitos já vem de sangue

P: E senão, se não vem de sangue?

C: Muitos vão aprendendo, depende da pessoa, tem que ser responsável, depende de ti... aos poucos vai subindo de cargo

P: Qualquer um pode ser?

C: Vai subindo de nível... Tipo na boca nós temos campana... ele tá ali só sereno ali, só pra avisar quando os homem vem, quando os homem entra na vila ele vai gritar...Dai tipo uma hora ali, eu larguei dos homem, ali, os homem enquadraram nois e pegaram os ferro, ele matou na faixa, “não, a arma é minha”, porque ele sabe já que eu já ta no encurnado com a polícia, dai ali eu já botei uma confiança nele, o cara é de fé, o cara seguro ali o bagulho pra

mim ali, vamos dar uma chance, mais uma oportunidade pra esse cara ali...Dai dali já vamos largar uma coisa pra ele vender ali... o que ele é quer, que é sair da campana, é vender... Dai daqui a pouco já largamos os ferro pra ele ali... não da outra vez ele firmo com o ferro ali, tamo todo mundo na boca ali desarmado, tipo ele ta desarmado aqui e eu e pablo tamo armado, e ele ta desarmado, e nos tamo armado... dai nos tamo trocando tiro com os contra, eles tão descendo nós tamo trocando tiro...e o cara ta desarmado no meu lado só, que ta naquelas só pra me dar uma força ai, me alcançar as coisas bagulhada, e pã... Dai os cara vão largar e com tempo vai passar dai tu vai trocando uma ideia e tu vai ve “ba o guri, os cara desceram e o guri firmo com nós ai, desarmado ele firmo com nós”... ele mostro que tá pela boca mesmo

P: Mas isso tu acha que é a mesma coisa que o espírito de liderança?

C: Sim porque tu ta mostrando que tu tem responsabilidade e aos poucos tu vai assumindo uma liderança entendeu? Dai dós vamos ver, “bá o guri é firmão, o guri é de firmar mesmo, vamos larga um ferro ali com ele pra quando os cara desce ele troca junto com nós”

P: Vocês concordam?

F: Claro, concordamo

P: E quais são os outros que vocês acham? Tipo, enfrentar incertezas?

C: É também tem isso... Enfrentar incertezas... tá dormindo? (em direção a um dos adolescentes)

P: Que tu acha (...) ? A gente começou antes perguntando que que os guris pensam sobre tráfico de drogas...

L: Ah é que eu não sei disso ai eu não...

P: Não mas tudo, mas pode ser coisa que tu já ouviu falar, não precisa ser alguma coisa que tu viveu, ou viu, ou que ouviu falar...O que tu souber..

L: Tipo o que?

P: Dai to fazendo algumas perguntas sobre isso, dai to pedindo pros guris relacionarem as competências com as atividades, dai isso que o charrete tava me explicando sobre o enfrentar incertezas.

I: A maioria aqui (inaudível) com roubo

P: ã?

I: A maioria é do roubo... saíram do tráfico e foi pro roubo

P: Mas igual pode ser o que vocês já ouviram falar, assim... Não precisa ser porque participaram

C: Enfrentar incertezas... Ah pode ser várias coisas... Enfrentar incertezas tem várias coisas... O que mais tem

P: Tem muita incerteza?

C: Tipo, enfrentar incerteza... Incerteza é uma coisa que tu acha que não pode dar certo como pode dar certo... Ah tem várias coisas, que nem o cara vai dar um atentado ali nos cara, tu não vai ter certeza que vai matar, tu sabe que tu vai pra matar ou pra morrer... E é uma incerteza né, ou tu vai matar ou tu vai morrer

I: Tem que ter fé

C: Vou pra atentado só olho pro céu e...

P: E por exemplo, comunicar-se e comunicar suas descobertas?

C: Isso não tem muito no crime...

P: Acha que não?

C: Fala ai...porque os cara não vão comunicar o que descobriram, ainda mais no crime né...
O crime é um jogo de quebra-cabeça, bá um jogo de xadrez

P: Não pode ficar falando?

F: Bá o cara falar demais tu já filma...sentença é morte

C: Tem que ficar sereno ali

P: E por exemplo, aprender a aprender, lembra que a gente relacionou com...

I: Aprender o cara aprende, desmontar uma...

C: Tu vai aprender várias coisas, ninguém nasce sabendo né...tu vai aprender a fechar a droga, tu vai ter que um pra te ensinar

F: Sempre vai ter alguém no crime que vai apostar em ti né

C: É verdade... sempre tem um

F: Ele vai (inaudível), “ah meu guri, meu gurizão”

P: Ai tu aprendeu com ele?

F: Claro, ele vai te ensinar...

C: Passa a faixa...Que nem na vila ali, o cara aposta em mim, vários ali desacreditam, mas vários acreditam... Aos poucos os cara foram vendo. Na primeira vez que eu me embolei já fiquei ali na volta dos guri, dai já comecei a andar com o patrão direto porque ele já me conhecia desde piá né... Quando vê os guris tinham tomado umas boca lá... Quando vê o patrão já me levou pra dar umas banda “não vamos, lá”... Quando vê já me largou um oitão, furioso, preto.

P: E lembra quando a gente falou, que eu perguntei “ah como que vocês acham que aprende a fazer um trabalho”, tipo, pessoa que nunca trabalhou naquilo, vocês me responderam que a pessoa tinha que olhar, tinha que ficar observando..aqui é parecido ou é outra lógica?

F: O cara sempre vai ver alguém vendendo ali..uma hora tu vai querer ta ali no lugar dele ali

C: Tem que primeiro observar né, tem que ver como funciona as coisas... não adianta tu chegar já passando os pés pelas mão...

P: Tem que fazer uma coisa de cada vez?

C: Ainda mais no crime né, o bagulho é grave, já chega já... No crime o bagulho é grave, já chega muito acelerado os cara já te cortam já teu embalo “não aquele ali ta muito aceleradinho”.

P: Tem que aprender uma coisa depois outra... E vocês acham que no trabalho por exemplo, tu que tinha trabalho, onde que era charrete?

C: Em lavagem de carro

P: E tu no TRF né? Vocês acham que era assim também, aprendiam uma coisa, depois outra...

I: Aprendi fazendo aquilo

P: Mas quando chegaram lá o cara falou pra tu fazer uma coisa...

C: Ahã ele foi me ensinando

P: Eno final, tu já sabia fazer tudo?

I: Sabia

C: Eu não tenho, o que os cara me manda fazer na rua eu sei... se mandar matar eu sei matar, se mandar fechar eu sei fechar... eu já fiz tudo isso já

P: Mas no início é um caso de cada vez assim?

C: Claro! Tem muitas coisas que eu não quero nem saber às vezes... Se passa entre os grandes do crime eu não quero nem saber o que se passa entre eles... Muitas coisas nem dá pra saber... Quando vê tu sabe, quando tu vê tu já sabe... Então nem é bom saber muitas coisas...

Eu sei só o que é importante pra mim... Só o que eu sei que vai ser bom pra mim eu sei... O que não é pra mim eu não quero nem saber...

P: E por exemplo, inteligências múltiplas? Que vocês acham?

(barulho, dispersão)

P: Tipo inteligências múltiplas vocês acham que se relaciona como? Tipo inteligências múltiplas é várias inteligências né... saber várias coisas

C: Não sei, não quero saber de crime mais... Vou até virar trabalhador na real

I: Imagine se vocês entrar no tráfico que que vocês iam fazer?

C: Vou arrumar uma namorada pra mim...

P: Como assim fazer o que?

I: Se vocês fossem entrar numa boca de tráfico pra trabalhar...

P: O que eu faria?

I: É. O que a senhora iria fazer? Traficar né... tem muitas boca que já fica de campana

C: Já desceu dentro de uma vila já?

P: Eles me perguntaram a mesma coisa... Eu já passei por algumas razões, mas eu falei pra eles que eu já vim até aqui e eles falaram que aqui não conta, que aqui não é Vila...

C: Aqui não é vila.. nunca entrou dentro dentro de uma vila?

P: Só passei acho, mas não entrei tão dentro.

C: Tipo se tu fosse desce na vila ali, dentro da favela, que tu ia pensar, primeiramente, que tu ia pensar?

P: Primeiramente, eu ia ter um pouco de medo porque eles não iam me conhecer

C: Se a Sra. quer se embolar... Dai a Sra. tá vindo e tá vendo nos tudo armado ali na esquina, vai ver nós, que tu vai falar pra nós...

P: Depende do que eu ia querer né... Se eu não falasse nada não ia ter razão

C: Tu chegasse no meu lado, parasse do meu lado eu já te guentaria na hora ali

P: Mas se eu te conhecesse...

C: Ah agora se eu te vejo na vila eu te chamo, eu te cumprimento, te dou um refri pra tu beber, uma água...

P: Mas se tu não me conhece?

C: Ah se tu vem e tu para do meu lado eu já me espio já, ah qual é que é, é da polícia já se não largo caminhando...

I: Já viro as coxa do campana...

C: Ah o bagulho da vila já?

I: Tu já entrou numa vila também?

C: (chama pesquisadora observadora)

PO: Já

C: Qual vila?

PO: Não sei se é bem uma vila, mas ali no Parque dos Maia

F: Ali no Parque dos Maia é vila sim..

C: Santa Tosa ali, ali é vila...

I: Santa Rosa, Dique ali,

C: São pesadão..

p: Ali é bala

C: Bala na cara.. ah a (...) jáa (risos)

P: Mas não é uma coisa que a gente sabe né... Nem todo mundo sabe... Vocês acham que todo mundo sabe?

C: Ah só quem sabe é quem ta envolvido mesmo, a polícia sabe...

P: Tu acha que a polícia sabe?

C: Claro, eles é que sabem...

L: Ah quem tem uma convivência com pessoas que nem nós assim, que é envolvido vai saber né..

P: E as pessoas que moram na vila sabem?

L: Sim são ciente

C: Bá, chega ali na vila tu pode perguntar pra uma criancinha de 3 anos, o que que ele é, ele já vai te falar “não é bala nos fulano”... meu irmãozinho pequenininho é um, eu falo pra ele que que é, minha mão dá uns tapão no ouvido dele, e ele “não é bala nos fulano”.. ele fala, é bala no fulano. Bem pequenininho, 9 anos... o bixinho já sabe, as criancinha pequenina sabe, convive com a gente.

P: Mas quem é de fora tu acha que sabe?

L: Sabe que ali vai rola né, qualquer vila tem isso ai...

C: Ela tá falando se sabe qual facção que é

P: Ou exatamente o que que acontece

C: Ah tráfico normalmente toda a vila tem né

I: Se a Sra. sair da sua casa e morar numa vila, a Sra. vai conviver, entendeu?

L: A Sra. vai saber que embolamento é ali, ai a Sra. já vai saber...

C: Que nem ali, a polícia vai descer ali na na vila onde eu moro ali e vai ver, ah tu é daqui? sou daqui mesmo... ele já larga ali naquele bagulho 24h do facebook, já larga “ah prendemo um da Vila Resbalo, integrante da facção do traficante tal tal”

P: Dai tu já vai ficar conhecido?

C: Claro.. a polícia toda sabe... a polícia que sabe né... bá, somos (inaudível)

P: Tá vou botar umas fotos aqui, eu queria saber se vocês acham que essas fotos se relacionam com isso que a gente tá falando, e porque? Calma um de cada vez..

L: Plantação de maconha

I: Uma plantação de fumo aqui ó...

C: Não tão armado ali?

P: Nem sei...

C: É no Rio né?

P: Mas que que é esse ai mesmo? Esses tão?

vários: Vendendo

P: E esse que tu tá na mão (...)?

I: Esse aqui é maconha que tem plantada... Os cara tão vendendo os fruto.

L: Esse é a droga pelos contaîner

P: Tipo um porto assim?

C: Será que isso aqui é de tráfico mesmo?

L: Os cara tão mandando de um país pro outro também

F: Claro que é tchê

P: Porque tu acha que não? Porque não tem arma?

C: Não, pode ser, de repente é...

I: De repente os cara disse “viu bota a camiseta na cara que nós vamos tirar uma foto”

C: É quando ve...

P: Pera ai um de cada vez

L: Eles viram que tavam sendo filmado, abaixaram os ferro e colocaram a camiseta na cara

C: É um largou até o binóculo aqui ó... Isso deve ser no Rio lá de cima do morro pra pegar os morro entrando la na entrada né...

P: E esse daqui como é que vocês acham que se relaciona?

L: Um escritório

I: Esse ai já é uma pessoa mais...

L: É um advogado, um corretor, um contador

I: Mas não pode falar que de repente também é traficante

L: Pode ser um estelionatário

C: É pode ser traficante também

P: Mas pode ser traficante também? O que que faz dai?

C: Ah vai saber, tem vários traficante que andam de terno e gravata...

L: Ah pode ser um estelionatário

C: Aquele ali é o traficante mesmo... é o pã né..

I: É o famoso 171

C: É o traficante mesmo

P: E vocês acham que isso assim... todas as fotos vocês acham que se relacionam com isso que a gente tá falando

I: Não é certo

P: E vocês acham que daria pra tudo ser no mesmo lugar? Ou cada foto é de um lugar diferente?

C: Não, cada foto é de um lugar diferente

L: Mas tipo ali pode ser também... Junto na favela, os cara pode ter

I: Isso daqui e isso daqui pode ser, isso daqui também

L: Plantação também pode ter...

F: Não acho que plantação não

C: Como é que vai ter plantação na favela?

L: Não, mas pode ser um campo, os cara pode plantar num campo...

C: Tá mas não é na favela

F: Ah mas tem que ser bem escondido pros homem não...

C: Ta louco, vem la...

F: Não adianta plantar o bagulho em qualquer lugar

C: Aqueles lado la que a droga vem.. vem a cocaína e a maconha lá de.. Paraguai e outro lugar né, vem la da daqueles lado da Colômbia

P: Pode ser

C: É da Colômbia, eles fazem plantação, eles vendem a cocaína pura...

P: Tá então não é do mesmo país isso?

C: Não é

P: E esses daqui? E esses dois, o porto e esses daqui? Eles tão aonde?

L: Isso é um porto

P: É ta vendo tem uns navio chegando de container

L: Pode chegar a cocaína...

C: Pode ter algo a ver

I: Pode ter carro clonado, pode ter tudo

L: Pode ter arma

C: É que nem aquela vez pegaram o bagulho do Morro do Alemão, pegaram um caminhão com 400 fuzis, AK47 tava chegando pro Morro do Alemão, nos traficante... imagina 400 fuzis, eles prenderam...

F: Caminhão de lixo eles prenderam arma também no caminhão de lixo

C: Bá os cara são louco

P: Tá então vocês acham que todos esses aqui fazem parte então...

L: Pode ser né... esse aqui já não pode ser...

P: Pode ser como pode não ter?

C: Mas tem algo a ver com o crime.. pode ter algo a ver com o crime

P: Gá e o que cada uma pessoa faz pro ciclo geral? Tá aqui não tem nenhuma pessoa, mas digamos que tivesse uma pessoa... o que que cada um deles faz? O que que é diferente que eles fazem e o que que é igual?

I: Um vende, outro colhe os fumo

C: Aqueles ali são só os pã...

y Aquele ali pode ser o segurança

L: Aquele ali pega a droga do país

C: É o que transfere a droga pro outro...

P: Qual esse daqui?

F: Não esse daqui

P: Do porto

L: Chega a droga ali...

C: Aquele ali é o traficante grande mesmo é o que só pega o dinheiro

P: E o que vocês acham que tem de bom ou de ruim de cada pessoa que faz cada atividade? quais são os riscos de cada um?

I: O ruim é que um pode morrer ou pode ser preso

C: Acho que aquele lá tem menos riscos do que esse daqui

L: É eu também acho que aquele ali pode ser um lugar, um escritório alguma coisa

C: Aquele ali acho que nem vê a droga, nem bota a mão... Ele nem vê, ele fica só com os telefone dele

I: Só fica com os telefone que é assim

P: E faz parte do tráfico igual vocês acham ou é diferente?

L: Pode ser ou pode não ser

P: Sim, pode ser ou pode não ser, mas digamos que se fosse...

L: Ia ser os pá dele..

C: Se ele fizesse o que te falei ali? só vendesse o telefone e bagulhada? bá ia fazer parte afu...

F: Ele vai ser o líder só que vai ter outro por ele ali

C: Vai ser o mentor de tudo

L: Mais responsabilidade né...

C: Mas que nem eu falei, esse daqui tem mais risco de ir preso e de morrer do que aquele lá... Porque aquele lá, bá já ta muito bem, aquele lá a polícia vai pegar e a polícia nem vai da flagrante, porque nem bota mão na droga

F: Paga uma fiança

C: É paga até uma fiança... ah os patrãozão não tão acostumado aos homem levar eles... chega ali na vila onde eu moro ali... (inaudível) os patrão pra ti ve na viatura, é cachorro leva... Na última vez que foram levar ele ali, ele mesmo queimou os outros...

P: E dai esses aqui tem mais risco então...

C: Claro, com certeza

P: E esses que vendem, é a mesma coisa?

C: Os homem vai guenta eles... que nem mesma coisa pegar eu ali na vila...Pega eu e dai pega meu patrão ali com a pistola na cintura, e pega eu do lado dele... ah o patrão “ah qual é que é leva o piá...”, eles já vão no patrão, já ganham um dinheiro

P: Tá então nesse ciclo faltou alguma coisa? faltou a polícia talvez?

L: Ou pode ser a polícia ali também

P: Esses daqui?

L: Tipo investigador...

C: É pode ser

P: Porque tá envolvido nisso daqui tudo?

C: Ahã

F: Pode ser um advogado também...

L: Pode ser delegado

P: Mas advogado tu acha que ta sempre envolvido?

I: Não é certo

L: Na maioria das vezes

C: Ah não é todo que são envolvido

F: Tem uns que não são, tem uns que são... Tem uns que já...

L: Tem quadrilha que tem vários advogados...

C: Tem advogado que é emboladissimo...Dá até tiro nos contra

P: Mas tem advogado que não?

C: Tem advogado que não... tem advogado que só quer ganhar o dinheiro

L: É tão pelo dinheiro deles... tá fazendo tua profissão

P: E o que vocês acham quais são as características... Acho que eu já fiz essa pergunta não me lembro... Lembra que a gente falou na outra vez que para fazer alguns trabalhos a pessoa precisava de algumas características, algumas coisas... Vocês falaram que a pessoa precisava se esforçar, que tinha que querer muito, etc... Aqui o que vocês acham que a precisa, de características da pessoa?

C: A qualidade que a pessoa tem que ter?

P: É

C: A qualidade que ela tem que ter pra participar...

P: É, de cada uma dessas

F: Responsabilidade, tem que ter responsabilidade em primeiro lugar...

C: Tipo, se tu for, que nem esses cara aqui, se eles tão ali só pra fazer a segurança da boca... Tu já vai ter que ter a tua qualidade da segurança da boca, tu já vai ter que saber da tiro. Bagulho é louco

P: E nessas aqui a mesma coisa?

C: Não ali não

L: Determinação, respeito

C: Várias coisas...

P: Vocês acham que tem alguma coisa a ver com auto-estima e valorização pessoal?

L: Tem pessoa que não se valoriza porque tá no crime né, porque não tá certo

C: É no crime tu já não tá muito te valorizando...

P: Sei, é tipo... Digamos que isso aqui se valoriza mais com quem trabalha do que com quem ta aqui?

L: Acho que sim né, acho que com quem trabalha
P: E auto-estima?
L: Vai ter teu prazer de ser né, trabalhador, ter teu dinheiro, conquistar o que eu quero, coisa assim.
P: E resolver situações-problema? Relaciona aqui?
C: Resolver situações-problema...
P: Não?
C: Resolver situações-problema... Vou saber, depende
P: Tipo, resolver um problema né?
L: Ah sim, nessa vida...
C: É no crime tem, situações problemas...
L: Tem um contra teu, tem lá pegar ele se não ele vai te pegar..
C: É teu problema tua situação, se não resolver de um jeito, na boa ou na ruim, se não aceitar na boa vai ser na bala...
P: E vocês acham que essa atividade de fazer as relações foi mais fácil aqui ou mais fácil quando a gente falou de trabalho na semana passada?
F: No crime na real acho que foi mais fácil
P: Porque?
F: Ah no tráfico o cara...
L: No trabalho o cara...
C: O cara sabe quase nada
C: O cara sabe mais do crime do que trabalho... nós somos mais do crime do que do trabalho
P: É mais difícil de entender, por exemplo, porque o espírito de liderança se relaciona com o trabalho, é mais difícil com o trabalho do que com tráfico? Ou não?
C: É...eu não saio mais do crime... eu não saio mais, só vou sair morto...
P: Isso que eu ia perguntar, por exemplo que uma pessoa que aprendeu alguma coisa que aprendeu... Vai olhando, vai aprendendo...
L: Cada dia que passa é uma experiência nova né
C: Só Deus sabe o dia de amanhã...
P: E vocês acham que os pais de vocês, ou pessoas que vocês conhecem que trabalham, vocês acham que quando eles começaram a trabalhar e tal, também era assim, no início era meio difícil e tal, até eles aprenderam o que tinha que fazer, até aprender o trabalho por completo assim? Ou já aprende de cara? Por exemplo, quando tu trabalhou no TRF, começou aprendendo uma coisa, depois outra, e assim foi indo?
I: Foi. Mas depois eu botei tudo fora
P: E o que mais incomoda no trabalho que faz as pessoas saírem?
C: Ah o patrão pagando uma pro cara muitas vezes...
L: Tem muita gente que não gosta de ser mandada né...Dai tem gente que já escolheu, prefiro roubar do que traficar
P: Mas e aqui não tem isso? De ser mandado?
C: No crime tem, é o que mais tem
I: Tu vai ser mandado pelo teu patrão e pelo teu gerente
L: Sempre vai ter um patrão em cima de ti...
C: Dai depois (inaudível) as pessoas falar, que saco
P: Ai o modo de falar muda?
C: Claro, o modo de falar muda...

I: O roubo é bom porque tu sabe o que tu vai fazer ou não,

I: Não tem ninguém ali...

C: É foda, o cara passa várias dificuldades no crime também, todo mundo começa de baixo... Eu sei que vários querem ser patrão, mas não esperam a hora certa, querem se antecipar, querem passar por cima dos cara... Dai acaba já... Ninguém quer ser mandado, mas não tem momento é momento. Vai ter que ser mandado, se o cara chegar em ti falar pra tu pegar uma e tu falar que não era, ele já vai vir monstro em ti, ele pegar o fulano ali vai matar o cara... Dai ele manda eu fazer outro bagulho, eu falo que não... Dai ele “não qual é que”... Dai o contra ta caindo la na faixa la e eu to armado ali e ele “não vai la e pega ele”, e eu “ah não era”... Já viu né, vai falar pro cara três vezes. Sorte minha que eu cheguei nas três

P: E vocês acham que o trabalhador que fala isso que não quer fazendo o trabalho, que aquilo ele não tava afim de fazer e que tem alguma coisa que ele faz que não era certo... o que que pode acontecer?

C: Tem vezes que ele é despedido né

p: Pode ser demitido

C: Às vezes eles dão a segunda chance... É que tudo depende do teu patrão também entendeu né, como no tráfico como no serviço, como no trabalho... tudo depende da pessoa, depende do humor da pessoa ali, depende de como a pessoa é...

P: Tá e então vocês acham que isso é parecido nas duas coisas? Mas o que que muda?

C: O que que muda? Tipo nessas coisas que eles mandam?

P: É

C: Muda os desafios que tu vai ter (inaudível) tipo no serviço ali, vamos dar um exemplo, se o cara mandar eu desmanchar aquele telhado, tipo vai mandar eu tirar o forro, se eu errar, ele vai gritar ali comigo, dai eu vou fazer de novo. Igual ele tá me mandando, porque la na boca eles vão mandar eu matar um e dai eu vou la dou uns tiro no cara e não mato, ai vou chegar na boca “po tu não mato o cara, qual é que é”... vou levar um xingão... O desafio só que muda

P: Se não é o mesmo?

C: Só os riscos que é maior

P: Tá eu trouxe uma reportagem que saiu num jornal de verdade, no jornal do globo, que diz assim: “jovens que trabalham para o tráfico estão há dois meses sem receber em morro do rio”

C: Sem receber?

P: Depois em baixo diz assim... “jovens que trabalham pro tráfico em morro da babilônia no leme, na zona sul do Rio estão sem receber há quase dois meses”... O que vocês acham de estranho, de diferente nessa frase?

C: Como assim sem receber?

I: Não tão ganhando...

C: Ta e eles eram parte?

F: Tão só vendendo o dinheiro do homi

P: Acho que sim, se tá dizendo aqui...

I: Dois meses vendendo pro homem, fala sério

C: Ah não..

P: Isso ai não acontece então?

C: Aqui não... acontece, acontece né, é só tu treinar na droga do homi, tu vai ter que te matar vendendo pacote até pagar o que deve, mas depende do cara né, depende se tu vai vender pacote também.

P: Mas o que é estranho é isso então...

C: Eles treinaram se não eles iam receber

P: Mas então vocês acham que tá certo utilizar a palavra trabalhar, os jovens que trabalham para o tráfico?

I: É a mesma coisa.. ta trabalhando pro Homi

C: É meu trabalho, é meu serviço ... (risadas) “vo la trabalhar la”. Muitas vezes o cara ta trocando uma ideia com um e quando ve tu já olha no relógio... ah tenho que trabalhar, tenho que partir, “pode cre”, os nego já sabe
(dispersão e risadas)

P: Essa aqui diz assim “polícia descobre tabela de cargos e salários no tráfico da favela de magé no RJ: vapores que são responsáveis pela venda de drogas recebiam 150 por semana, gerentes dos pontos ganhavam 700, comunidade movimentava 270 mil”. Vocês acham que ta certo isso daí?

C: Pode ler por favor?

P: Claro.. a manchete tu entendeu? Tá: “vapores que são responsáveis pela venda de drogas recebiam 150 por semana, gerentes dos pontos ganhavam 700, comunidade movimentava 270 mil”. Isso foi o que a polícia descobriu... vocês acham que é assim mesmo? Não to falando dos valores, mas do funcionamento

I: O gerente

C: Ba esse gerente ai ta fraco, 700 pila

I: Por semana... Ba ta sereno

L: Ta sereno, não faz nada

C: Ah isso ai é nó Rio né?

F: Ah no Rio não

C: Ah então melhor que no Rio então... Eu era menor, tinha 14, eu tinha 15 anos, eu gerenciava um biquinho ali de nada pro patrão, só largava os pacote e pegava o dinheiro e ganhava 500 por semana

L: Ali 150 só pra...

C: Ali ele ganha 700 la no Rio... Imagina, la no rio ele ganha 700 no bolso

I: Ba 150 por dia também

C: Ba la no Rio não ta sereno... E ali quanto o cara ganha? 150 por semana? O vendedor ganha 150 por semana?

L: Ta louco

C: Aqui tem vendedor que tira 1000 por dia, aqui no Crystal, uma boca que eu conheço... os cara vende pra caralho... 150 por semana vendendo droga... Ta loco

P: Vocês acham que isso é o principal então? É a quantidade de dinheiro que a pessoa ganha por dia que faz com que a pessoa...

C: Eu solto dessa biqueira

P: Pouco dinheiro não vale a pena? Ou vale igual?

L: Claro que não, vai te te arriscando pra nada

C: Não vale a pena, ainda mais no Rio

L: 150 o cara gasta num dia, ali numa tarde

C: Isso que o cara fala né... quando ve o momento já, nem mais é uma questão de dinheiro né... quando ve tu nem da mais bola pro dinheiro né... o bagulho é guerra, que nem nos tava falando

L: Ta louco vai passar fome

C: Que nem eu né, minha situação... que nem a dele lá... Nós já temo guerra la com os cara

P: Dai não é mais por dinheiro?

C: Dai já nem é dinheiro... é salvar nossa alma né...né? Só queremos defende a boca

P: E ai por exemplo que não tão ganhando, digamos que seja verdade que eles tão há dois meses sem receber... Vocês acham que eles vão continuar, ou vão dizer “sem dinheiro não vale a pena”

L: No caso tem que ter um motivo né

C: No crime já é considerado um traidor né... Se eles largar “ah são um bando de interesseiro tavam ai só por causa do dinheiro” Se voltarem de novo do no coco

F: Não se sabe também se foi o patrão que mandou fogo pra ver se eles vão largar ou se vão ficar

C: Quando ve é um teste

P: Tá então na verdade vocês tão me dizendo que o que faz entrar é o dinheiro, mas se não ganha, tem que ficar também...

C: Ah muitas vezes é obrigado a ficar, não tem... Depois que tu fechar com os cara tu vai ter que fechar até o final... Vai ter que tua responsabilidade, vai ter que ter tua palavra de homem...Eu to contigo

P: E vocês acham que quem não vive tudo isso compreende essa lógica que a gente ta falando aqui?

L: Ah tem gente que sim, tem gente que não

C: A maioria não, a maioria não... a maioria, que nem se eu chegar aqui na Dona (...) ou na Dona (...): “ah dona não posso sair do crime”, como tu não pode, tem curso pra ti fazer... Elas não entende que o bagulho é louco, elas não entende...

P: E como é que dá pra entender?

C: É só vivendo la com nós...

F: No momento que tu entrou ali tu já tem inimigo e tu nem sabe

C: Dá pra entender aqui, não tem como entender... tu só vai entender no momento que tu passar la na vila e ver o que nós tamos passando, dai tu vai entender, tu vai ver que o bagulho é real

P: E por exemplo, isso que a gente tava falando antes... pra saber uma atividade, pra começar a fazer ela, e pra ficar nela vocês falaram que a primeira coisa é o dinheiro que tu ganha, se não não vale a pena, e depois tu vai aprendendo observando o que o outro ta fazendo, vendo o que o outro ta fazendo. Aqui no Pescar vocês acham que é assim? Como que é aqui pra vocês aprenderem o que aprendem aqui?

L: É olhando que se aprende

C: Que nem ali, nós olhamo ali elas fazer o negócio nós já aprendemos ligeirinho né... Bem ligeirinho

L: Que nem o professor quando ta explicando as funções que tem que fazer na câmara ali

P: E vocês acham que o que vocês sabiam de antes vocês utilizaram aqui? Tipo assim, alguma coisa que vocês aprenderam antes foi útil pro curso ou não, são coisas diferentes?

L: É diferente acho

P: Mas teve alguma coisa que deu pra aproveitar do que vocês aprenderam antes?

C: Do curso?

P: Não

I: Dos cursos eu já sabia antes

C: Que dá pra aproveitar na rua? Ah várias coisas, os bagulho e edição de imagem e video dá

P: Não mas eu to dizendo ao contrário, que vocês trazem da rua pra cá... E dai quando chega aqui pra aprender, tem alguma coisa que já ajuda, que tu pensa, ah isso aqui eu já sei fazer...

L: Depende do que se trata dai né..

C: Eu não sei nada.. da rua que aproveita aqui

I: (inaudível) de montar e desmontar bicicleta, isso dai é eu já sei...

C: É isso dai o cara sabe

I: Porque eu mexo com motor de moto...

L: O negócio de câmara... é outra coisa... Nunca tinha pegado, pegar na câmara já peguei né, mas nunca fiquei mexendo, tirava foto e achava tava bom

P: Mas aqui todo mundo já trocou uma roda de bicicleta

C: Fizeram uma coisa mais...

L: Câmara é, nunca tinha feito, mexer numa configuração aqui e ali...

P: E o que vocês tão aprendendo aqui, do curso de edição de video e imagem, vocês acha que vão poder levar pra rua depois?

F: Claro, vamo poder levar pra rua, vamo poder ensinar outra pessoa..

L: Se quiser virar profissão... é uma profissão né

P: Entendi...então tá acho que é isso, tem mais alguma competência que vocês acham que dê pra relacionar?

C: Compreender atos, fatos e contextos

P: O que que a gente ta fazendo aqui? Não é compreender atos, fatos e contextos? Aqui to dizendo nessa conversa... É um pouco não é?

C: É... tem a ver com o crime tbm né

P: Tem?

C: Claro. Compreender atos, fatos... Tu vai ter que compreender as coisas né, não tem... não adianta tu querer teimar la as coisas, tu vai ter que compreender aquilo... tipo, bá que nem mataram meu amigo, eu vou ter que compreender aquilo ali né, o cara não vai mais voltar

L: Tem que aceitar

C: Vou ter que aceitar, já era, nós vamos matar dez, e ele não vai mais voltar, ele não volta mais

P: E no trabalho vocês acham isso também? que tem que compreender?

C: Sim

P: O que?

C: Tem que compreender o que o patrão te falou

L: O que ta ali pra tu fazer tu tem que fazer, não adianta tu querer fazer outra coisa sendo que ele...

C: É tem que compreender aquilo ali

P: Então tá, acho que era isso.. acho que falamos de todos né?

I: Já era falamos de todos

P: Aprender a aprender a gente falou... ser democrático, ético e cidadão... lembram que foi esse que no trabalho a gente não relacionou com nenhuma foto, porque a gente achou que não tinha muito a ver...

C: É verdade

P: E esse aqui também não, a gente deixou de fora... considerar o trabalho como valor moral humano. E o resto todo... e ser um profissional competente?

C: Nós falemo disso

P: E vocês acham que tem alguma coisa a ver aqui? ou não?

(silêncio)

P: E porque que vocês acham que foi mais fácil falar sobre isso do que falar sobre o trabalho semana passada... ou não foi?

F: Nós vivemo a realidade do crime... trabalho eu nunca trabalhei

P: Mas depois que tu pensa sobre, tu nunca trabalhou, mas tu já viu teus pais trabalhando, teus amigos... Dai tu consegue “ah verdade, faz sentido, ou não”... que nem uma outra coisa que tu nunca viveu, mas que tu imagina como seja, tu tem uma ideia, mas é mais difícil né, se tu nunca viveu...e vocês acham que é válido falar sobre isso? Pra vocês, ou não? Pra entender um pouco o que acontece? Ou vocês já sabem e não precisa falar? (silêncio)

P: Tu acha que é válido falar sobre isso ou não? Porque os guris me falaram que nunca tinham falado sobre isso aqui

I: Sobre tráfico? É sobre tráfico nunca falamos..

C: Nunca falemo. Falei la no ICS só sobre isso

P: E vocês acham que vale a pena?

F: Vale

C: Não sei, vai saber

F: Pra mim é sereno de falar

I: Nós aprendemos e vocês aprendem também com nós

P: Vocês acham que se as pessoas souberem por vocês faz alguma diferença ou não?

C: Como assim?

P: Tipo, digamos que agora vocês tão falando isso tudo, e isso tudo outras pessoas vão ficar sabendo né, vão entender qual a opinião de vocês sobre o assunto, vocês acham que isso ajuda alguma coisa...

F: Ajuda

I: Porque as vezes as pessoas não querem nem falar só julga

F: Tipo assim ó, ele era do crime dai mudou de vida, dai ele vai contar pra ti, dai tu vai olhar “olha ai ele ta uma pessoa diferente”, ta trabalhando, ta fazendo tudo certo agora... ai tu...

P: E se vocês falassem pro juiz, vocês acham que vale a pena?

C: Vale nada

F: Eu pra mim não vai valer nada, ele já me julgou

C: Minha vontade é chegar pra ele e dizer, eu não quero mais trabalhar, o bagulho é o crime mesmo...se eu te pegar na rua te dou monte de tiro na cara (risadas)

P: Ta mas to falando de falar o que aconteceu

C: O bagulho o crime, não tem falar que vai mudar, ele sabe que não

P: E tu acha que ele não ia entender, se a gente conversasse sobre tudo isso aqui...

C: A de repente sim né, de repente

F: É no caso ia entender até um pouco né

C: É de repente ia entender até um pouco né

L: (inaudível)

C: Não vai adiantar

F: O cara falando ou não falando ele vai condena o cara... é o serviço dele

C: É vai condena igual, é o serviço dele é condenar

F: Não adianta querer chorar ali na frente dele

C: Não adianta chorar, espernear, vai ter que pagar pelo erro que tu fez

P: E vocês acham que, a gente ta falando de uma coisa que é ilegal né, que é a droga... o que que muda nesse ciclo aqui, nessas fotos, nessas coisas que a gente conversou... o que que

muda a droga ser ilegal, se fosse legal ia ser igual ou ia ser diferente? Digamos que não fosse um produto ilegal, se fosse um produto legal, ia ser o mesmo funcionamento ou ia mudar... (silêncio)

P: Não sabe se fosse uma coisa que não fosse proibida

L: Ah ia ser mais fácil de lidar

F: Tipo maconha, maconha tem país que é liberado... Uruguai acho que é né...

P: Dai ia ser diferente aqui?

F: Lá eles vendem na farmácia

P: Dai o que que não ia ter dessas fotos?

F: Se fosse... é não sei

L: Se fosse legalizada

C: Se a droga fosse legalizada?

P: É se fosse um produto legal

L: Dai não ia ter boca de fumo né

F: Dai não ia ter mais tráfico nas vila, ia vender tudo em farmácia, nem ia ter esses cara aqui mais, esses cara não ia ta mais aqui, aqueles lá não iam ta mais lá...

L: Ia diminuir uma boa parte do crime né

C: Ia diminuir o crime porque ia vender em farmácia

L: Ia ficar mais ladrão

C: Se existisse droga em farmácia, nós não ia mais na vila...

P: E tem como acontecer isso?

C: Ah acho que não, os cara não vai liberar a cocaína e o crack né... Claro que não, quem é que vai deixar, é ilegal, as pessoas vão se matar usando isso

L: Mais a maconha ne

C: Nem sei como que liberaram a maconha, disse que é uma vitamina né...

P: No Brasil não né, mas em outros países eles já acharam que valia a pena liberar, mas cada país tem suas razões... então vocês acham que não é possível acontecer isso aqui?

C: Tudo é possível né, nada é impossível

P: Então tá, acho que era isso.

Transcrição Grupo B

Y: Eu seguro o celular...

P: Não mas é que se não ficar no meio...

Y: Aqui pega melhor na minha mão... Se eu for no banheiro nem te preocupa, que eu vou só fazer uma ligação...

P: E ai eu fico como aqui...

Y: Da nada, sereno

S: Celular via voltar, não vai fugir...

P: Tá, como eu disse na semana passada só pra ficar na gravação... Ta ali gravando pra depois eu poder ouvir... Semana passada vocês falaram uma hora, é bastante coisa, e tem umas partes que vocês falaram um por cima do outro que dai ficou difícil de entender, então vou pedir de novo que se um quiser falar, o outro dá a vez... Eu vou tentar organizar porque senão é difícil de ouvir depois. Mas é a mesma história, cada um fala o que quer, quem quiser não precisa falar... Pode falar o que sente em relação ao que eu vou perguntar, e a nossa temática

de hoje, como eu já tinha dito, vai ser o tráfico de drogas. Semana passada a gente falou de trabalho, eu vou fazer perguntas parecidas com as que eu fiz...

S: Somo profissional nisso...

(risadas)

P: Em relação ao trabalho, mas mais focada em relação ao tráfico. Vocês podem falar o que vocês já ouviram falar, o que vocês sabem, o que vocês querem, o que vocês não querem não precisam falar...

S: O patrão ali...

P: Dai falar com calma e cada um de uma vez, conforme eu já tinha dito... Dai pra ajudar, hoje a gente não vai fazer cartaz, porque eu achei que... enfim é mais legal se a gente só conversa e não precisa fazer um cartaz, e escrever, e tal. Trouxe de novo as mesmas competências, vou colocar elas aqui. Que são aquelas do Pescar, que a gente já trabalhou semana passada. Vou colocar elas assim, que dê pra todo mundo ler, qualquer coisa eu arrumo, e eu trouxe algumas fotos, mas depois eu mostro, primeiro vou fazer algumas perguntas pra não influenciar muito vocês.

P: A primeira então, quando vocês pensam então, a primeira coisa que vocês pensam quando pensam em tráfico de drogas, o que que é?

M: Vender droga

S: É um comércio de droga...ilícito

P: A imagem então é de uma venda, comércio?

B: Venda, roubo morte

Y: Guerra

S: Que gera violência

P: Tá então, relacionado diretamente com violência? Tem como não tá relacionado com violência ou não tem?

S: Hoje em dia não

M: Antes até era, hoje não

P: Porque?

M: Porque agora tá em guerra

S: Porque se eu to vendendo aqui e ele tá vendendo lá na dele, se ele vender uma peteca a mais que eu ou eu que ele, eu vou querer matar ele ou ele vai querer me matar

Y: Isso se chama ganância

S: Disputa, ganância

P: Em outros tipos de venda isso não acontece?

S: Não

M: Acontece também mas não que nem...

S: Vai dá uma discussão no máximo

Y: Mas não leva a morte... Pode ser trabalhando até, vai ficar mordida

S: Que nem aqueles cara que vende, lá no centro... vende cigarro, vende roupa..

Y: Até nisso eles querem se pegar

S: Compro outro, compro prata (risadas)

P: Mas ai é menos violência?

Y: Claro

S: Não, dai é totalmente diferente

Y: Não tem arma, não tem tiroteio

P: E o que vocês acham que o tráfico pode trazer de bom pra uma pessoa?

vários: Dinheiro!

S: Só o dinheiro mesmo

P: Só dinheiro?

M: Poder

P: Vocês acham que o dinheiro e o poder que quando uma pessoa pensa em participar daquilo é por causa dessas coisas?

Y: Se tu tem dinheiro, tu compra todo mundo. Dinheiro compra tudo hoje em dia

S: Dinheiro já traz poder junto já

T: Pessoal quer ir pra se vingar de uma pessoa também, que fez uma bronca pra tua família pra ti

Y: É só pagar outra pessoa que a outra pessoa vai matar, dá dinheiro pra pessoa e “ah vai lá rouba pra mim”...

S: Um carro, o cara vai lá e vai roubar

P: Tá, e o que pode trazer de ruim?

Y: Morte

M: Morrer, ser preso, ser baleado, ficar paraplégico

Y: Cadeia não é tão ruim porque tu vai tá vivo ainda, ainda dá pra ver a família, mas morte já era, só aquela última vez que tua família vai te ver no caixão ali e já era

S: E também na família dos outros que tão comprando a droga

P: Como assim?

S: Usuário né... Tem usuário de crack que tá gastando tudo empenhado, e (inaudível) tá comprando as coisas pros filhos

P: Então tipo pode acontecer coisas boas e coisas ruins pras mesmas ruins e pode acontecer coisas boas e coisas ruins pra pessoas que tão em volta?

S: Sim.. prejudica pra todo mundo

P: O que que de coisa boa...

S: Ou até na vila mesmo, pode ter um tiroteio e ter uma criança ali

Y: Prejudica até morador

S: Um inocente ou alguma...

M: Às vezes ajuda os moradores também, o morador não tem condição de comprar um gás, uma coisa assim, os caras vão lá dão dinheiro, não deixam roubar na vila... por esse lado é bom

S: Tem o lado ruim e o lado bom

P: E vocês acham que fazendo uma balança é elas por elas.. ou tem um que prevalece?

M: Tá louco é pior...

P: Mais ruim que bom?

S: Mais ruim que bom

Y: Se no crime tu tá fortalecendo isso aqui, tu treina nisso aqui, os caras pegam... Teu próprio embolamento. Tu fez um montão, mato, fez um bolo por eles daí tu fez isso aqui, os caras...

S: Depois que o cara não serve mais...

P: Não consideram?

M: Ai já era...

P: E o que que ... tipo, que tipo de atividade que tem que fazer pra participar do tráfico?

Y: Só chegar na biqueira, e falar “ah me vê uma mão aí”, é mais um que vai tá aí na volta

M: Na real que o cara tem que conhecer né.. não é assim o cara chegar e “me vê uma mão”, o cara tem que... sempre vai te uns conhecido ali na vila...

Y: Um parente

M: Ah o guri é de responsa, o guri vai vê a mão pra nós, sereno... ai largam o cara pra ver a mão

S: A maioria são os cara que já se criaram na vila, já conhecem tudo

Y: Ou senão são uma biqueira e “ah vamos toma outra lá”

S: Uma boca que se dá pra outra... ai vem os (inaudível)

P: Tá e dai depois que aconteceu essa apresentação e tal, o que vocês acham que a pessoa precisa saber, quais são as qualidades que a pessoa precisa saber pra continuar...

M: Ah tem que saber apanhar e ficar quieto, uma hora a polícia vai te pegar..

Y: Mas também nem tanto (risadas)

B: Tem que saber dá tiro e fazer conta (risadas)

P: Fazer conta?

B: Tem que saber dá tiro, mexer em arma

S: Tem que ser esperto, tem que respeitar os morador também...

Y: Tem que respeitar as regras do crime

M: Não ficar se aparecendo com arma pros morador

Y: De tarde não se anda com ferro na mão, só de noite. De tarde é na cintura

P: E vocês acham que alguma coisa que vocês aprenderam antes assim, ou na escola, em outro lugar que seja, não interessa, ajuda nisso? Vocês conseguem ver alguma coisa que vocês aprenderam antes que vocês utilizaram nessa atividade?

M: Matemática

S: Só matemática mesmo...

P: Mais alguma coisa?

Y: P resto vem da tua mente, ter maldade... Tem uns que são serenos, tem uns que estão na manha, tem uns que são mais ruizinho, não da boi pra ninguém, nem pra própria coroinha não dá boi

P: Tá e o que precisa pra participar vocês já me falaram né, pra entrar, mas pra continuar então, não só pra entrar, mas pra continuar depois...

Y: Pra continuar no crime tem que (inaudível), tem que dá tiro, tem que ser de fé, sabendo que naquele momento que estourar a guerra tu vai ta ali

P: Tem que...

S: Tem que ser de confiança

B: Morrer pela (inaudível)

Y: Tem que honrar tua camiseta, honrar tua vila... Saber que vai estourar aquela guerra lá com os cara, (inaudível)

S: Tem que botar um braço

Y: E não adiantar só querer vender, só querer botar o teu e não pensar na vila...Tem que pensar em ti, na vila e nos morador...

S: Tem que ter cabeça

P: Como vocês acham que faz pra aprender... como vocês acham que as pessoas aprendem isso? Esse tipo de coisa, aprende isso ou já...

Y: Vai olhando

M: Tu vai vivendo

S: Vivendo e aprendendo

M: É questão de momento

Y: Ninguém nasce sabendo

M: No crime todo dia é um momento, o cara vai aprendendo com o momento

Y: Cada hora, cada minuto

S: Tem que se virar na situação... Os homens vim vai te que tá esperto e vai te que fazer, se os cara vim, vai te que tá espero e vai te que fazer

M: Corre da tiro

S: É um segundo, dois segundo, ou tu morre ou tu cai preso

P: E vocês acham que isso tudo se aprende depois que tu já ta participando da atividade e não antes? Tipo vai aprendendo enquanto tá lá

Y: Também tu vai olhando e só de ta olhando tu já vai aprendendo

S: Desde piá o cara já vê os outros

M: O cara vai vendo os mais antigo da boca, vai se espelhando

Y: Eles vão falando pro cara “tem que ser assim, tem que fazer isso”

M: “Vai desse jeito que tu..”

Y: ‘Vai te dá bem”

M: Fica do meu lado

Y: Ou faz assim porque se tu for pelo outro lado tu vai te dar mal..

P: Ahã... então tem as pessoas mais guias, que são mais experientes ou que são mais velhos? Ou que são da mesma idade que vocês?

M: Tem uns da mesma idade e uns mais velhos. Tem uns que são da mesma idade que aprenderam só que começaram mais cedo que o cara.

Y: Pergunta a idade que cada um começou ai ó.. uns é com 12 outros com 13..

B: Comecei com 13 anos

S: Comecei a traficar com 12, hoje to com 18

M: Eu comecei com 12 pra 13

P: E a maioria é por aí vocês acham?

M: É quando o cara vai né

Y: Já começa a evoluir

M: O cara começa andar mais na rua, com as gurias..

S: Cada vez mais o cara vai se envolvendo mais...

Y: O cara nem ve e já ta evoluindo

M: Normalmente o cara quer dar uma banda com as gurias, quer ganhar um dinheiro, quer ter dinheiro na mão toda hora, gastar em besteira

S: Ter roupa cara, andar de carro e moto e coisa...

M: Vê os cara andar de moto “ah tenho que andar de motinho também”, vê andando de carro “não vo lá e vo busca um carro pra mim”

P: E vocês acham que tem como relacionar alguma dessas competência com tudo isso que vocês falaram?

Y: Resolver situações-problemas

P: Porque?

M: Porque tem muita situação problemática

Y: Às vezes tu ta lá o patrão liga pra ti.. vai lá e corre aquele morador

M: Enfrentar incertezas

B: Aprender a aprender

S: Espírito de liderança também

P: Tá vamos um de cada vez então... enfrentar incertezas porque?

M: Ah porque o cara não sabe se vai dar certo o que o cara tem que fazer... Tem vezes que o cara tem que roubar pra pum, pra comprar as drogas, pra fazer alguma coisa... Comprar arma! Dai o cara vai roubar e o cara não sabe se vai voltar ou não

P: Sim, é uma incerteza

Y: E inteligências múltiplas, é tu e nós vamos dar um atentado, nós temos que ir certo, nós temos que conhecer tudo

M: Tem que conhecer tudo, por onde é que nós vamos entrar, por onde que nós vamos sair

S: Tem que ser inteligente

Y: Qual beco tem que entrar, qual beco tem que ficar esperto, dá onde é que os cara vão vindo

P: E tu tinha dito qual?

Y: Heinh (...)

B: Ali aprender a aprender

P: Porque que tu acha aprender a aprender?

B: Porque tu vai aprender com os outros pra tu saber

P: Sim não nasce sabendo

B: É não nasce sabendo..

P: E qual tu tinha dito, samuel?

S: Espírito de liderança, trabalhar em equipe

P: Porque espírito de liderança?

Y: Porque líder é o chefe, é o homem, só liga e manda nois fazer

P: Mas e como é que escolhe quem tem o espírito de liderança?

Y: É que ele já fez o dele né, ele começou desde pequeno

T: Tem dinheiro, tem arma

M: Ele investiu, tem moral

S: Tem que botar respeito na vila, quando tu tá ali no teu horário tem que cuidar da vila

Y: O que o homem falar tem um braço direito dele, o que ele fala pro outro ali, o que ele disse tá dito. Se tu não fizer tu sabe né...

P: E espírito de liderança é uma coisa que vocês acham que aprende como?

S: De ti mesmo

M: Tu vai aprendendo sendo mandado

B: Ter dinheiro também, não adianta só...

P: Não adianta só o espírito

B: Ter dinheiro, casa

Y: Dinheiro e arma, porque tu sabe que se perder aquele ferro tu vai ter mais dinheiro pra botar em cima do outro

S: Trabalhar em equipe também...

P: Trabalhar em equipe porque?

S: Porque sozinho tu não consegue ficar ... segurar uma boca, tem que te vários

M: Sozinho...

S: Tem que ter o campana, tem que ter o vendedor, o gerente e o patrão

Y: Já dá uma equipe pra um atentado

P: Quanto é, quantas pessoas são uma equipe?

Y: De força

T: Vários, quatro pra cima

M: No caso é um carro né, são 4

Y: Um carro.. e bota mais dois carros, três, quatro
P: Tá e essa é uma equipe pequena, mas e quando vocês pensam em equipe...
Y: É um carro, bota um carro, o motora e os outros três (inaudível)
S: Às vezes tem atentado que vai 3 carro
M: A facção já é vários carro, vários nego... Mas dai é quando é pra tomar a boca e ficar. A equipe é só quando é pra ir ali pra tomar uns tiro pra eles ficar esperto
Y: E pega uns caindo
P: E tem algum que vocês acham que dê pra relacionar? Auto-estima e valorização pessoal por exemplo?
B: Trabalhar e produzir em equipe
Y: Auto-estima, o cara ta sempre sereno na vila ali
S: Tem que tá sempre feliz né, não dá pra se abalar
Y: Tem que tá sempre esperto
M: Comunicar-se e comunicar suas descobertas
Y: Claro
M: Foi desse jeito que os cara descobriram a pedra (risadas)
P: Porque?
S: Um comunica pro outro
M: (inaudível) como é que se faz
Y: O outro também fala se ta bom, se é ruim
M: O outro vende e já ganha dinheiro
S: Já manda espalhar já..
P: E porque tu tinha dito auto-estima e valorização pessoal?
Y: O cara tem que tá bem arrumado na vila... sereno
S: Senão não vale de nada o cara tá no crime
Y: É... só tocando o dinheiro fora, tem uns que só querem pra cheirar e dar banda... Pegar cem de pó aí já acaba no nariz de noite (risadas) ... Foi-se... quando ve no outro dia ta quebrado
M: Com o nariz estourado ainda
B: Tem que usar com moderação
P: Mas ai tem alguma regra de coisas que não pode fazer com dinheiro ou...
S: São, o dinheiro é teu né, só não vai gastar o que não é teu
Y: Mas tem patrão que não gosta que guri que cheire... Não goste que inaudível tá vendendo pra nada então sabe
S: Tem que se adiantar... qualquer hora pode cair preso
M: Se não tiver se adiantando não vale a pena ta ali entendeu? O patrão vai ta arriscando deixar o guri ali pra morrer, pro guri não se adiantar em nada, só usar droga
Y: Se não também ele pede e te avisa né.. não gosta nem
B: Deixando os malote...
M: É (inaudível) nas droga
Y: Pegando o que não é teu
S: Porque tu pega também né... O patrão vai perder um pouco de confiança em ti se ele sabe que tu usa droga: “não aquele guri ali é tranquilo, eu sei que ele não usa nada, posso largar uma coisa na mão dele que ele não vai gastar”
M: Que nem um pedreiro, tu não vai largar cem reais na mão do pedreiro pra ele ir no mercado

S: Porque ele não vai voltar
M: Ele vai ir e já era
S: Eu larguei cinco pila e o cara não voltou
T: Vai voltar com a metade... vai voltar mas vai tá só metade
M: E se voltar
S: E se voltar.. não volta mais
M: Quando vê aparece e não...
Y: Ai vem com aquela história, ai perdi, os homens levaram...
M: Ai já viu né
P: E dai vocês acham que isso...Pra pessoa saber que ela não pode fazer, ela sabe como? Porque os outros contam, porque os outros falam? Ou um vai dizendo pro outro “ah isso aqui tu não pode fazer”
M: Ah isso ai todo mundo sabe né... É a lei todo mundo sabe
Y: Sempre tem uns que...
M: É a mesma coisa que no teu serviço, tu não pode fazer tal coisa... A gente não pode fazer tal coisa
T: Se não tu é demitida
P: Tem tipo regras assim
M: É quase a mesma coisa... só muda que cada um tem seus riscos
P: As consequências mudam
Y: É, as consequências... tem uns que perde um braço
B: Perde um dedo, perde até a vida
S: São umas consequências que não tem mais volta
M: Se não perde o pescoço ta grande...
P: E dai faz diferença o que que a pessoa fez pra consequência...
Y: Ah te uns que já tomam tiro, tem uns que tomam paulada, pedrão na cabeça
P: Depende de que?
Y: Depende de..
S: Tem uns que só tomam um xingão e vão pra casa...
M: Depende do que tu fez
T: Se o cara que vai cobrar ta feliz ou ..
B: Depende do humor do patrão (risadas)
Y: É tem uns que falam “ah só vou dar um peguinha hoje”
B: É depende do humor do patrão
Y: Tem uns que dão aquela aqui ó já tão vendendo, e depois querem botar um monopózzinho ali no bagulho, ai o vendedor mesmo falou “ah tio peguei um monopol na biqueira”. No caso se ele fez isso eu mesmo vou ter que cobrar ele, é foda, se não o cara já não cobra, o cara ta ali do meu lado (inaudível)
P: E vocês acham que essas coisas que vocês falaram ai que tem que ter “confiança”, o cara tem que tá esperto, matemática, tudo isso que vocês falaram que precisam saber pra participar do tráfico, vocês usam isso em outros lugares por exemplo aqui no Pescar?
Y: Claro..
P: Como, por exemplo?
Y: No espírito de liderança, com a inteligência múltipla
S: Inteligência é pra vida inteira
M: Inteligência pra mexer nas câmara pra fazer os bagulho ali, senão o cara não vai

S: No crime o cara precisa ser esperto, precisa saber mexer nas coisas, nas tecnologias, pra roubar...

Y: Ah se não souber matemática...

S: Pra roubar carro hoje em dia tem um monte de coisa, tem rastreador...

Y: Se não souber contar

M: Trabalhar em equipe, aqui dentro tem muito trabalho em equipe

Y: Se não souber contar os cara te enrolam já, “(inaudível), ah que que faço agora”..

M: O cara te dá 100 reais e dai dá 50 pedra pro cara

Y: E ainda devolve os 100 reais
(risadas)

P: E vocês acham que tem alguma coisa dessas que atrapalha? Tipo, aprenderam alguma coisa e dai chegam aqui e dai atrapalha ficar aqui no Pescar

M: Ah o negócio de facção

Y: É sempre bom aprender coisa nova... Nunca é bom o cara aprender uma coisa e só querer saber aquela coisa... Tu ir aprendendo e aprendendo tu...

M: A única coisa que fica mesmo é esse lance de facção que os cara tem a treta, dá briga e dai fica assim

P: E tem alguma coisa que vocês aprendem aqui que faz vocês pensar assim, por exemplo, mexer no aparelho de foto, pensa assim “ah algo que eu fiz antes me ajudou a mexer nisso”

B: Tem que ser esperto

P: Ser esperto de uma forma geral ajuda o que vocês fazem aqui por exemplo ou um outro tipo de trabalho, sei lá?

M: Tem que usar a malandragem, tem que prestar atenção... O cara prestou atenção quando foi aprender a picar uma droga, prestou atenção no que que tinha pra fazer, não tem que picar de qual tamanho, ver ali que que deu, quantas gramas deu, pra ve se deu certinho... ai o cara vai la embala

Y: Tem que saber teu lucro

S: Balança e tudo

Y: Se o cara paga mil real no quilo, tem que lucrar 600 pelo menos em cima, 800... Dai tu já nem mexe já, espera... Eles te inaudível, paga um quilo e pega outro, e quando vê já pega dois

S: Tem que saber multiplicar

Y: Tem que saber mexer... Dai daqui a pouco tu ta pegando mais barato porque tu ta pegando a vista.. tá pagando um e tá pagando 800, 700...

M: Que nem o cara pega um quilo de pedra por 14mil e sai 50

S: Tu investe teu dinheiro, tu faz o dobro

Y: 500 gramas pega por 900, mil reais, no fiado...

S: Tu faz quase dois mil

Y: Dai se tu paga é 700, 800 a vista... dai tu já ta investindo, começa do zero...

P: E vocês acham que por exemplo quem que já trabalhou aqui? Tu na ava-jato né?

S: Eu também já trabalhei, na lavagem de carro

P: Lavagem de carro também.. Tinha mais alguém não?

B: Eu...No comunitário só
(risadas)

P: Ah no PSC... O que tu fazia mesmo?

B: Varria uns negócio lá e separava uns papel em ordem alfabética

S: Ah é serviço...

P: E vocês acham que essas coisas que vocês trabalhavam lá tinham coisas que vocês pensavam assim, algo que era muito chato, o que vocês não gostavam de fazer lá?

M: Ah de limpar carpete... que coisa mais chata

S: Carpete é chato

P: No geral assim o que que era mais...

S: Por dentro era sereno assim,

P: O que que fazia querer sair dali?

M: A o cara mandando, enchendo o saco...

S: Às vezes o cliente também..

M: “Ah tem que acelerar ali, tem que lavar mais quantos carros”

S: Tu tá terminando um, tem mais 4 te esperando, parece que nunca acaba (risadas)

M: Que nem eu, eu não gosto de trabalhar por pressão... Não dá pra mim trabalhar por pressão, tá me acelerando ali eu já faço tudo errado, fica feio e eu já me anojo

S: E tem que ser correria ali, porque quanto mais carro tu lavar, mais tu vai ter

Y: Ou não, ou tu pega e recebe por mês e quem vai mais ganhar vai ser o patrão

S: Mas a maioria é por semana

Y: Ou por carro, uma porcentagem de cada carro que tu ganhar...

P: Ah e tu trabalhou com teu pai também né? E lá nas mudanças o que que era que tu menos gostava?

Y: Ele, me enchendo o saco

P: Te dizendo pra fazer mais rápido e tal..

Y: Não ele ficava dizendo que eu era murcilha pra carregar peso... Enquanto ele já tava indo e voltando eu tava...

S: Ah de frete é chato mesmo, carregar

Y: E ele falava pro cara, bá o cara tinha que descer com peso pelas escadas aqui, ai mesmo que tinha que chamar os cara da empresa ele me chamava longe, eu e meu mano aqui... O cara mostra serviço pelos outros... Ele já pega pra ver se o cara não é vagabundo... Mas ah eu gostava, tinha vez que eu gostava que era na frente da baia, eu fazia correndo pra ir pra praia...

M: Ah ta valendo

Y: Mas quando não era perto da praia eu em murcilhava

M: Eu gostava porque era uma barbada, não fazia quase nada, lavava uns carro ali e ficava sentado... O problema era quando era dia de sol, tinha dia que não fazia nada, ficava ali sentada

Y: De vez em quando que aparecia um carro

M: Quando é dia assim é (inaudível)

P: E dentro do tráfico tem alguma coisa que vocês acham muito ruim de fazer?

M: Ficar vendendo, o cara se arrisca muito..

P: É a coisa mais chata de fazer...

S: É que tem mais risco né...

M: Fugir da polícia também

S: Tu ta correndo todos os riscos

Y: Tu ta vendendo e quando tu olha os cara tão em cima, dai como que tu faz? Se tu ta armado tu vai pro canto e queima os cara...

S: É tu que vai ser preso, é tu que vai tomar os tiro

T: Tem uns que gostam... Tem uns que gostam de ficar traficando, cada um gosta de uma coisa

S: Mas também o que vende ganha dinheiro mais rápido... Quanto mais tu vende mais tu ganha

P: Que que tu ia dizer bruno?

B: Eu gosto da adrenalina de vender ali e sair de pinote dos homem, pulando muro

M: Eu já não gostava, por isso que eu fechava a droga e recolhia o dinheiro e não fazia mais nada, não gostava de correr da polícia

P: E tu acha que a pessoa pode escolher o que ela gosta ou não tem muita escolha?

M: Não no começo tu faz o que tu não gosta

S: Tu vai ter que botar a cara afu pra ti ganhar uma moral

M: Até eles confiar em ti, te largar umas caminhada grande

S: Depois que os cara se perder, os que tão há mais tempo, que tem mais moral com os cara, ser preso...vai ter um espaço pra tu poder crescer mais... mas eu gerenciava e vendia também

Y: Ou senão tu pega as mão ali pros cara e assim tu vai né, vai pegando e daqui a pouco já vai ter teu espaço ali né.. Nem precisa vender

S: Às vezes tu nem precisa fazer nada, tu só tem teu nome e os cara trabalham pra ti

P: Mas demora pra acontecer isso?

M: Ah depende

Y: Vai de ti

S: Tem que ter sangue

P: E vocês acham que por exemplo numa lava-jato né, tu é empregado, tem que fazer o que o patrão manda, mas ai depois tu vai melhorando, tu vai te dedicando aquilo, tem chances de daqui a pouco fazer o que tu quer?

M: Só se o cara abrir a própria lavagem

P: E é muito difícil?

S: Abrir uma lavagem é meio caro né..

M: Só ter dinheiro

S: Uma lavagem de carro é meio caro né...

P: Como assim?

S: É mesmo caro, é só o lavador, o dono e as vezes, uma lavagem grande tem alguém pra ficar controlando

M: Dai é lavagem muito grande

S: Só se for sócio alguma coisa...

M: Ou investir o dinheiro

S: Mas é difícil

P: E com a coisa de tirar foto que vocês tão aprendendo aqui, vocês acham que tem como ser assim também, de começar no início fazendo algo que não gosta muito e depois ir crescendo?

S: Fotógrafo tu pode ser autônomo né...pode trabalhar em fazer casamento, aniversário, evento, ou tu pode trabalhar numa empresa também

M: Pode trabalhar na RBS num bagulho assim, e pode trabalhar com o cara né, tirando foto, vendendo as imagens

S: Depois tu investe o dinheiro e abre uma empresa pra ti

M: Que nem a gente viu um filme que os cara tiravam fotos da guerra, e fazia dinheiro com essas fotos... O cara sabendo tira umas fotos boa faz um dinheiro

S: Vende pro jornal

P: E dai vocês acham que tem como crescer nisso e daqui a pouco fazer alguma coisa que tu queira com as fotos?

S: Ter teu próprio negócio... tudo vem com tempo

P: Eu trouxe umas fotos e dai eu quero vê se a gente consegue relacionar com isso que a gente tá falando aqui, cada uma delas

M: Ali é o patrão e o gerente firmando as conta

P: Esses daqui?

M: É

P: Mas eles tão de terno assim ...

T: Ah mas tem bandido que fica de terno também

M: Ali é os cara vendendo na boca

B: Vapor

Y: Aqui acho que eles tão pegando pé de maconha

M: É ali eles tão colhendo a droga

S: Tão produzindo

Y: Tão produzindo..

T: Aqui eles tão trocando com os contra

Y: Tão produzindo pra trocar aqui pra chegar aqui ó...

P: Tá, vamo devagar... Aqui tá um porto? isso é um porto?

B: Sim, dai eles tão transferindo as drogas pra outros lugar

S: Ai aqui eles tão produzindo, e aqui eles tão mandando... dai chegou... ali chegou ja boca pra vender

M: Aqui eles tão vendendo

S: Ali chegou na boca pra vender

M: Ali eles tão administrando

S: Ali eles tão administrando...

B: Ali deu o atentado

M: E aqui dá a guerra

S: Aqui é a guerra...

P: Vocês acham então que isso tudo faz parte de um mesmo ciclo...

M: Claro

P: Tipo, produção

T: Produção, transporte

S: A venda... administração

T: Tão negociando pra ter isso aqui

S: E ali é a guerra

M: E vai girando pra fazer isso aqui (movimento circular com a mão)

Y: E esses dali são donos daqui e esses aqui podem saber que essa droga tá indo

S: E esses aqui pode ser os empresários que também são meio envolvido no tráfico, ganham o deles...

Y: Claro

P: Tá, mas tu acha que as pessoas que tão envolvidas na produção são as mesmas que tão aqui?

S: Não

P: Porque?

M: Porque as drogas vem de longe

S: Porque a produção vem de longe
P: Não são os mesmos então?
S: Não
P: E esses os empresários são os mesmos? que tão relacionados com os outros?
M: Quem sabe disso daqui tudo trabalha com quem sabe disso daqui...
P: E quem faz isso aqui?
M: Ah esse sempre tem uns laranja que vem na volta...
Y: Transporte, os caminhão...
M: Os malandro...
S: Que acabam... quando cai a empresa cai, cai tudo isso... tantas toneladas lá
P: Aqui é muita coisa?
S: Ai não sai mais
T: Mas também se eles conseguem passar eles ganham força
S: São os homem-bomba... são os homem-bomba
P: Não são os mesmos que tão vendendo ali?
M: Não, esses cara ganham muito mais dinheiro...
S: Esses caras ganham muito mais
P: Quem ganha mais, esses daqui?
S: É que o trabalho deles é evoluído né
P: Como assim?
M: É mais arriscado, é mais de confianç
S: É mais dinheiro
M: É muita coisa envolvida
S: É muita coisa, muita responsabilidade neles...
M: Duas toneladas de maconha, duas toneladas de pedra
S: É caminhão cheio... é muito dinheiro
Y: Bá duas toneladas de pedra é muito
S: Imagina, cada quilo de pedra por exemplo é 20mil... imagina uma tonelada, quanto dá de dinheiro
P: Tá e como uma pessoa chega nesse grau de confiança?
S: Bá, dai não sei explicar... também queria chegar lá
Y: Nós não chegemo nessa parte
P: Mas nem ideia?
S: Se envolvendo né, com as pessoas que faz esse negócio ai... Ai tu pede, experimenta uma vez, o cara vai te largar pouco né, porque não tem confiança em ti... ai foi lá, deu certo, fez tudo direitinho, ai vai indo cada vez mais... o evento já tá (inaudível)
P: Entendi...
S: Já pegou toda a confiança, é só ta trabalhando...
P: E vocês acham que a pessoa, por exemplo, que faz esse daqui ou esse daqui ou aquele lá, ela aprendeu a fazer isso da mesma forma que aquele lá?
Y: Pelo dinheiro
P: Tudo pelo dinheiro?
M: Às vezes não...
P: Como assim?
M: Ah é que é muito complicado, tem gente que herda

Y: Esse daqui precisa de dinheiro, dai a única oportunidade que apareceu pra ele ajudar a família dele

S: É que na vila, na vila é muito mais fácil tu te envolver no tráfico do que uma pessoa que tá pra fora...

P: Mas como é que se envolve então?

M: Os cara de fora entram na vila, eles vão investindo, vão botando casa, alugando casa, vão vendo como é que é a coisa, vão vendo os bico, esses negócio tudo... ai acabam botando as droga... ai largam nos piás ali pra vender... ai esses piás vão chamando os amigos, os amigos vão vendo, vai juntando toda aquela redondeza ali

S: Ai vai juntando dinheiro, vai evoluindo, evoluindo, evoluindo...

P: E vocês acham que qual é a influência pra tudo isso acontecer, do fato que a droga é ilegal?

S: Como assim?

P: A gente tá falando de um

S: Se a droga fosse liberada...

P: De um produto ilegal, e se fosse legal, como é que seria?

S: Não ia existir o tráfico

M: Não ia existir tráfico

Y: Ah uma coisa que eu não gostaria que fosse legal é a pedra porque pedra traz só...

S: Talvez ia ser melhor, talvez ia ser pior...

B: Mas a pedra e o pó é que dão o dinheiro!

Y: Mas o bagulho é que traz muita..

S: Mas destrói a pessoa né..

Y: Tem família ali que...

S: A cocaína e a maconha não destrói a pessoa, mas a pedra deixa a pessoa atirada na rua

M: Cocaína destrói...

Y: Tem família ali que é tri bem de vida e tem cara que começa a meter as coisas de dentro de casa pra fumar pedra

S: Mas não é tanto...

M: Eu já vi muita gente morrer por cocaína e pedra, mas até hoje eu nunca vi ninguém morrer por causa de maconha

P: Tá e dai então o fato de ser ilegal

Y: Eu já vi (risadas)

P: (inaudível) se fosse legal então vocês acham que iam ser outros tipos de fotos aqui ou ia ser parecido? Se isso aqui fosse, sei lá, outra coisa?

M: Ia ser um comércio... ia ser a mesma coisa que uma foto de uma loja de roupa

P: Sim mas o que que ia mudar nessas fotos aqui?

M: Tudo, não ia precisar disso aqui, não ia precisar disso aqui...

Y: Não ia precisar dessas embalagens aqui... a droga ia ta na farmácia

S: É a droga ia ta na farmácia que nem é lá no Canadá

T: Mas ai eles iam ter outras drogas pra vender...

S: Ai o tráfico ia ter imposto (risadas)

P: E vocês acham que isso ia ser bom?

M: Ta louco ia ser ruim...a gente ia perder dinheiro

S: Pra nós que somos envolvidos ia ser ruim

M: A gente ia perder dinheiro...

Y: Ta louco eu não sou envolvido (ironia)

P: E vocês acham que tem chance de acontecer isso um dia?
M: Só da maconha
B: Como é que vou saber...
S: Acho que o crack não tem chance... talvez a maconha um dia
M: Crack e o pó não...
Y: Eu acho que nem a maconha
M: Maconha já tem lugar que é liberado
Y: Em outros países, mas acho que aqui
S: Com o tempo, com o tempo quando vê eles conseguem né
M: Mas já tem muita gente fumando
S: E tem até remédio...
P: E aí vocês acham que ia ser ruim pra quem participa do tráfico?
M: Ia quebrar as pernas
P: E não ia ter outra coisa pra vender?
T: Ia ter
M: Ia ter o lança, balinha, aí ia começar a vender isso aí..
T: Sempre vai ter droga nova
S: É a droga não para
M: (inaudível) loló
Y: Olha o “apse”, mais forte que a pedra
M: A merla..
S: Tem tanta droga
P: Então na verdade, então sempre vai ter alguma coisa que não vai ser legal, que vai tá proibida?
(silêncio)
P: É impossível seja tudo legal?
Y: Ah é impossível, eu sou contra que a pedra seja legal
M: Se nós somos contra, pensa a sociedade
Y: Se a pedra for legal, pedreiro que rouba vai começar a roubar mais ainda... já rouba e aí não vai ter ninguém pra cobrar eles, porque se o pedreiro rouba dentro da tua vila morador chama a polícia, se morador chama a polícia já para o tráfico
M: Se parar o tráfico dá bote...
B: A polícia não dá conta de tudo, sempre tem que ter um outro pra cobrar...
S: A polícia também é envolvida
Y: Claro
P: Se eu botasse uma foto de polícia aqui tava certo?
S: Claro
P: E tá em que lugar do ciclo aqui?
Y: Pode tá em qualquer um desses
S: Pode tá no centro... a polícia pode tá envolvida com os mais grandes, ou com quem planta..
T: Porque tem policial que planta... que avisa outros policiais pra não dar barreira naquele caminhão, naquele lugar, pra passar as drogas, pra não ir na boca pra pegar os cara que tão vendendo
S: É, ela cobra daquele que tá vendendo ali, pra ficar sereno, pra não ficar incomodando ele..

M: Que nem eu, já me pegaram umonte de vez, traficando com droga com arma, levaram as droga, levaram a arma, mas não me levaram..

P: Taria aqui então?

M: É taria aqui taria ali, tarla em tudo... polícia tá em tudo

S: E tem polícia federal, polícia civil...

P: E faz diferença?

Y: E tem policial que até apoia o cara

S: Federal só trabalha com as coisas grandes

M: Antigamente na minha vila, antigamente.. o patrão que faleceu, ele pagava os policial pros policial nenhum dos guri que vendiam, que ficavam ali.. eles ficavam de colete, armado e os policial passavam e cumprimentavam os cara, bebiam cafezinho do lado dos cara, e não dava nada

Y: Tem policial que até apoia os cara

S: Policial que vende arma...

Y: Vende arma...

S: Pega de outra boca que não se dão e vende pra ti que eles se dão...

M: Ou pega até da delegacia mesmo

P: E porquê vocês acham que eles fazem isso?

M: Por causa de dinheiro

Y: Dinheiro

P: Ta isso tudo então por causa de dinheiro?

M: Tudo por causa de dinheiro

T: Tem policial também que mora a vila do tráfico...

S: Tudo na volta por causa de droga e dinheiro...

P: Não tem uma outra coisa que motive o cara que nã seja dinheiro?

M: Que que vai querer no crime sem ser o dinheiro? se arriscando ser preso, se arriscando morrer...

B: Tem cara que gosta da adrenalina, que gosta de ficar ali no meio ali...

Y: Mas quer o dinheiro

S: Tem que ser louco né.. quer adrenalina te dou (inaudível) de adrenalina

Y: (inaudível) tu vai ver o que é adrenalina

P: Mas vocês acham que então dinheiro e um pouquinho de outras coisas, mas fundamentalmente dinheiro?

T: Dinheiro, tudo gira em volta do dinheiro

Y: Até o...todo mundo gosta de dinheiro, até tu gosta

S: Quem não gosta

M: Andar de (inaudível), curtir os baile..

Y: Ter teu próprio carro, ter sua condição... poder ajudar teu filho, tua família, tuas vós teus pais, teu marido, tua namorada, te dá uns presentinho...uma coisinha, um celular...

S: Mas também trabalhando o cara consegue

P: Já que é só dinheiro que movimenta tudo, o dinheiro também pode ser encontrado em outro lugar, tipo como?

S: Trabalhando

P: Tá, a última coisa que eu trouxe aqui é duas reportagens, uma que é uma foto e que diz: “os jovens que trabalham para o tráfico estão há dois meses sem receber no morro do rio: os jovens que trabalham para o tráfico do morro da babilônio, no Leme, na Zona Sul do Rio

estão sem receber há quase dois meses”. Tem alguma coisa nessa frase que vocês acham estranha, ou engraçada?

M: Que eles não tão recebendo...

B: Tá louco... os cara ficar sem receber

M: Não existe!

Y: Se eles não tiveram recebendo é porque o homem..

B: Se eles não tão recebendo é porque não tão vendendo

S: É porque não tem gente vindo comprar

Y: Su senão é porque o homem também deve ta pegando dinheiro de todo mundo pra pegar mais arma

S: Também

Y: Dai mais arma... deu ruim, tamo precisando de mais arma, ai vou começar a colocar na caixinha dai depois que sobrar vou começar a dar pra vocês

T: Mas alguma coisa ele vai ta ganhando sempre

M: Mesmo assim, pelo menos cem real

S: É porque tu vai ter que alimenta

M: Uma maconha..

Y: Alguma coisa sempre tem...

S: Porque por exemplo nós aqui nós ganhamos por pacote. Nós ganhamos 50 real por pacote... tu vai vende 10 pacote no dia nós temos 500, 500 nosso

M: Fora por dia né. O cara ganha tanto por dia

S: Às vezes o cara trafica pra um cara, o cara pega por dia e ainda te dá mais por semana porque tu vê as mão certinha pra ele ali

M: Eu ganhava 40.. 70 reais certinho, por dia, mesmo se eu não vendesse nada e mais 40 reais de cada pacote que fosse vendido, entendeu? Ai sempre ia ter um dinheiro que o cara ia receber, se eu não vendesse nada eu ia ter 70 reais... ai eu ia ficar ali sentado, pra nada, de graça? Não existe

P: E quanto na lava-jato tu ganhava?

M: Era 25 a lavagem cada carro... 10 pila eu ganhava no carro

P: Era 25 e dai disso tu ganhava 10... E quantos por dia mais ou menos tu lavava?

M: Depende, as vezes 5, 6... tem dias que tu ganha mais, 13, 15, 16 carros

P: Dai pra ti não valia a pena tu acha? em termos de dinheiro?

M: Não valia porque não era um dinheiro certo... dependia do sol

P: E alguém aqui já tentou um emprego certo, de carteira assinada, sei lá, com tantas horas por dia?

B: Nunca trabalhei

P: Não?

B: Em nada

P: E de quem vocês conhece que trabalha, os pais de vocês e tal.. o que vocês olhavam e pensava: ah é muito chato isso?

M: Que a coroa do cara sofre porque ela trabalha o mês todo pra ter uma coisa que o cara consegue num dia... as coroinha dos cara tudo, trabalha o mês todo pra da uma camisa, pra dá um tênis pro cara. O cara vai ali em um dia e consegue, e sobra dinheiro ainda! e o cara escolhe ainda o tênis que quer, se quer de mil reais, se quer de 800... a coroa do cara não, temo que vê... É de 500 pra baixo, tem um limite

S: Se passar de 500 tu nem pensa em pedir

M: Se passar de 500 esquece né... e tem que ser 12x sem juros, se não...

S: Só aquele que tem que ter meu número (risadas)

M: Escolhe outro, pega outro, escolhe outro modelo, outro marca

Y: Ou tu nem escolhe e já chega lá...

M: Pega ali um chinelo e se contenta..

P: E vocês não acham engraçado, ou estranho ou porque vocês acham que o jornal escolheu essa frase “jovens que trabalham pro tráfico estão há dois meses sem receber”

Y: Isso ai eles tão mentindo... que nem eu te falei...

S: Se os cara não tão ganhando nada, os cara vão lá (inaudível) na boca

T: Ou quando vê porque os policial tão indo direto, dai os cara vão roubar, vão fica roubando e não traficando

S: Só se eles não tão traficando ali

P: E utilizar a palavra jovens que trabalham, vocês acham que...

S: Ta certo

M: Ta certo, é um trabalho, querendo ou não...

S: É ilegal mas é um trabalho

M: O cara tem que cumprir um horário...

S: Tem um horário..

Y: Das 9 as 9, das 7 as 7

S: Tem um horário, um cargo e um chefe (risadas)

P: Então os jovens que trabalham tá ok? É isso ai mesmo, se vocês fossem escrever essa notícia vocês iam usar essa frase (adolescentes fazem sinais de comunicação entre si)

P: Vou ler a última reportagem, na verdade só o título ali: “Polícia descobre tabela de cargos e salários em favela de Magé no Rio: vapores que são responsáveis pela venda de drogas recebem 150 por semana, gerentes dos pontos ganhavam 700, comunidade movimentava 270mil por mês”.

S: No bico..

Y: Ah até na biqueira aqui nois tem que anotar o que sai, cada pacote, to vendendo aqui...

M: Derem atrack no telefone

Y: Ah já era no caderno já... se agente tá vendendo aqui, e eles tão vendendo lá, tenho que anotar cada pacote... ah se dei um pacote pra ela, boto uma coisinha...

S: Bá 150 por semana, fala sério...

P: É muito ou pouco?

M: 150 por semana, o cara ganha em algumas horas...

S: É muito pouco!!

S: Algumas horas... 3, 4 horas

M: 3, 4 PC

S: 3 pacote que nos vendemos nós temos 150

P: E o resto dos valores também tá...

Y: Não entendi os 700 ali

P: Gerentes dos pontos de venda ganhavam 700

M: 700 limpo, fora os que ganham nos pacote...

S: Fora os pacote...

Y: Fora o que ele fechou...

S: Fora o fechado... Uns mil pila

Y: Fora o que ele fechou ali né.. “não fecha mil, fecha..”
B: Sempre fecha uma coisinha
M: É uns farelo que sobra
Y: 1.500
M: Os farelos que sobra já vai pra ele
S: Os malote
P: E o que que muda esses preços? porque que num lugar é menos e outro mais...
T: Qualidade
B: Cargo
Y: Responsabilidade
M: Depende quem é que tá também né
S: Depende da boca
M: Depende do gerente... Do que tá vendendo nem tanto, depende mais do gerente do que tá empacotando
P: Tá e a última questão... Porque que vocês acham, de tudo isso que a gente falou, dessas relações que a gente fez com essas, porque vocês acham, o que explica que é tão difícil sair do tráfico e tem tanta gente dentro do tráfico?
B: Dinheiro fácil
M: Porque entrou, fez contra..não adianta
S: Se acostumou com dinheiro fácil...
M: Se eu tiver ali na parada, trabalhando e os contra que eu dei tiro, ou que deram tiro em mim antes, vão me matar de qualquer jeito
Y: Mas tem gente que consegue, tem gente que...
M: Tem gente que se muda...
S: Se muda
P: O que que precisa pra conseguir?
Y: Querer, força de vontade
S: Se o cara não tem contra, aí é muito mais fácil pro cara sair
Y: Mas tem uns que sabem de mais, que o homem fica até espiado
S: Porque tu via querer te apartar? Tem que avisar os cara né
M: Logo agora que tu tá grande, tá ganhando bastante dinheiro
Y: É tu já sabe de umas mão que eu fiz que ninguém sabe
S: É dai vão investi no cara “será que tu não vai la pros outros cara”... Tu acaba sabendo demais, tu acaba te comprimento só por saber
Y: Ai tem que se mudar mesmo, pegar e.. já avisa a coroinha do cara, “amanhã 6h vai chega o caminhão de mudança, já bota as coisa”
S: É complicado o tráfico
P: E o que eu ia te perguntar... ah acho que é isso, te mais alguma coisa, algo que vocês achem que dê pra relacionar com aquilo, com as competências daqui... Lembram que a gente fez isso com o trabalho né? Vocês acham que é mais fácil relacionar aqui ou com trabalho?
S: Aqui
Y: Aqui
M: Porque nós conhecemos já
B: Experiência
Y: E vocês moram em vila?
P: Eu? não

(risadas)

P: Porquê tu quis saber?

Y: Pra saber se vocês conhecem alguma coisa

S: Se tem experiência

Y: Mesmo se não é envolvido, só de passar ali e ver o clima

S: Só no ver já sabe

P: Vocês acham que pra saber mesmo tem que tá lá?

Y: Claro tem pessoa que nem mora lá e fica julgando

M: Não adianta mora na cidade baixa e querer saber o que acontece no buraco quente

Y: Ou aqui na cruzeiro aqui ó...

P: Não tem como ai?

T: Sabe mas é mentira

Y: É sabe por cima “ah mataram esquartejaram”...cachorro, deram só uns três tiro na cabeça

P: Tu acha que tem muita mentira que rola assim?

M: Aumentam demais

T: Na TV é o que mais tem

M: Acontece do cara se picoteado, mas fez coisa muito grave

B: Tem um porquê não é por nada

P: E vocês acham que as pessoas que fazem a lei.. que podem mudar de alguma forma isso que a gente tava falando antes, vocês acham que eles tem que vir aqui saber o que é realmente?

M: Claro

P: Ou que vocês podem falar realmente o que pensam e eles escutarem de alguma forma?

M: Eles tem que escutar, não adianta a gente falar, entra por aqui e sai aqui... que nem eles falam pra nós... eles falam e a gente escuta aqui e sai aqui

Y: Vocês já chegaram a entrar em alguma vila assim?

P: Sim, por algumas razões... por exemplo, aqui na FASE vem por exemplo..

Y: Ah mas aqui não faz parte...

P: Não?

M: Não no fluxo, no fluxo mesmo

Y: Na biqueira

S: No meio dos beco

Y: Às vezes só de entrar vocês assim mulher...os cara (inaudível)

P: Vocês acham que é um lugar que as pessoas podem ir?

Y: Pode, pode

M: Poder todo mundo pode ... Todo mundo vai, não tem problema, os cara não vão fazer nada entendeu... ah não ser que tu ta dando a fita do cara...

Y: Eles vão perguntar... Ah qual é que é, não to fazendo uma pesquisa...Ah sereno. pelo mesmo onde é que eu moro é assim só não fica muito pro lado de onde os cara tão vendendo...

M: Que tá pesquisando tanto assim

S: Pesquisando o que? (risadas) pesquisando o tráfico... Não não é aqui

Y: Vem sempre pessoa dá oi ali

M: É esses cara ai já..

B: Cara da DMAE

M: DMAE, CEEE...

B: Já fala não não deixa assim, desce do poste...

Y: Mais da CEEE, que é a CEEE é tri tramposo

M: Tem as luz no poste, já pode soltar, não precisa arrumar nada...

P: Porque pode ser outra pessoa?

M: Pode ser P2, polícia...

S: Pode largar uma câmara ali o cara nem sabe

T: Pode ser até contra

Y: Pode botar até um grampo..

P: E vocês acham que por exemplo, vocês tinham falado, ah pesquisa e tal, vocês acham que tem como fazer uma pesquisa que ajude de alguma forma vocês?

M: Claro

P: Tipo como?

M: Mostrando a realidade de quem vive dentro da vila... Porque que vem de dentro da vila não tem as mesmas oportunidades de quem mora

S: E que o tráfico ajuda também a comunidade

M: Na vila não tem as mesmas oportunidades que tem as pessoas que mora no...

Y: Os bagulho bom que o tráfico traz eles não mostram... É que traz muita discórdia mas traz muita coisa boa

S: Às vezes é mais fácil tu arranjar uma cesta básica na boca que no governo... os morador...

Y: Arrumar um gás. Se falta gás e os cara pede pros brigadiano, os brigadianos vai dizer “vai trabalhar”

T: Já me pega ainda

Y: Ainda capaz de dá umas cacetada

M: Passando fome... criança passando fome

Y: Na hora o homem já vai apoia

M: Não é nem o homem, até os cara que vende... todo mundo precisa

P: E vocês acham que um patrão, por exemplo dos pais de vocês, se eles tão passando alguma necessidade, e eles pedem, eles ajudam?

M: Ta louco...

Y: Ah tem uns ajudam..

T: Mas vai ter que fazer alguma coisa pra ganhar aquele dinheiro

S: Vai emprestar né

Y: Meu pai ficou doente o patrão dele já mandou ele embora

S: Naquelas também né, ou já inventa alguma desculpa... Não, não tem condições agora...

M: O patrão do meu pai ajudou meu pai até abrir uma lavagem de carro... mas porque eles são amigos,

P: Então ele foi legal assim?

M: Foi legal por amizade, não porque... mas eu não acredito assim...

Y: Meu pai teve um AVC o patrão dele disse “não, vai te embora”, deu mil real pra ele achando que tava muito ainda... se meu pai fosse na vila pedir bagulho pros cara, meu pai não é desses mas, os cara iam apoiar, se meu pai tivesse precisando de alguma coisa...

M: Meu irmão já não, foi no patrão da boca lá, pediu um negocio pra ele pra não ficar trabalhando só em crime, crime... O cara foi lá e largou dinheiro na mão dele.. “quando tu tiver me paga, não te preocupa”. É uma diferença... meu coroa tá pagando, todo mês, ta pagando

Y: Ainda o patrão la do serviço, capaz de te emprestar e ficar te perguntando “ah da pra descontar esse mês”

M: Fica jogando na cara...

Y: Não dá pra descontar desse mês aquele dinheiro que eu te emprestei, toda hora vai fica te cobrando

M: Alguma coisa que tu faz de errado ali, uma coisinha assim que tu fez de errado já joga na tua cara “não te ajudei aquele dia e tu não tá me ajudando”

T: Vou falar pros outros bá ajudei aquele cara mas ele não paga

P: Mas então como vocês falaram, tudo, tanto no trabalho normal, quanto no tráfico, um pouquinho que faz de errado já tem consequências né

Y: Claro

M: Mas no tráfico é bem pior

Y: Bá no tráfico tu perdeu um PC, (inaudível) no segundo é umas paulada já

M: No terceiro...

Y: Bá no terceiro os nego já vão te...

P: Errar não é permitido então? Não pode errar em nenhum desses lugares?

Y: Os cara já vem querendo te machucar já..

B: Primeira vez é normal, segunda já é treinamento

Y: Na primeira ah acontece

M: Tudo bem, ve ai larga ai certinho, tranquilo... Na segunda já..

Y: Tem uns que largam aquela “não perdi os malote pros homem, tá valendo”

M: Ai na segunda tu já...”não vo te que te dá uma trotadinha pra não passar batido, pros cara não...” pros outros não faze a mesma coisa

B: Dai na terceira...

P: Tá e dai quando o patrão, por exemplo, dos pais de vocês, o que que ele diz?

M: Ah ele ameaça de demissão

P: Ou o que mais?

Y: No bagulho do crime, os guris já “não já era de embolamento” ninguém, nem dão pau em nós... Dai tu vai te que ve mão pros cara... Dai esse um já souber que tu não tem nada, dai já não se dá em boca nenhuma, dai tu vai ter que trocar de camiseta

M: E isso ai não se faz, isso ai é grave

Y: E se fizer já sabe, se te pegarem eu tenho pena...

M: Ai sim... (sinal de corte dos braços)

P: Dai não é exagero?

M: Não ... ai até corta a cabeça fora

P: Acho que era isso, vocês querem falar mais alguma coisa?

M: Sereno

Y: Tranquilo

M: Explicamo bem eu acho

S: Uma hora

APÊNDICE F - Fotos dos cartazes construídos pelos adolescentes

